

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

CLEUNICE TEREZINHA DA SILVA RIBEIRO

A PRÁTICA DA LEITURA DE POESIA PARA A FORMAÇÃO HUMANA
E CRÍTICA DO ALUNO NO ENSINO MÉDIO

GOIÂNIA
2015

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☒ **Dissertação** ☐ **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Cleunice Terezinha da Silva Ribeiro		
E-mail:	cleoterez@outlook.com		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	☒ Sim	☐ Não	
Vínculo empregatício do autor			
Agência de fomento:		Sigla:	
País:	UF:	CNPJ:	
Título:	A prática da leitura de poesia para a formação humana e crítica do aluno no Ensino Médio		
Palavras-chave:	Leitura. Poesia. Formação. Ensino Médio		
Título em outra língua:	The practice of poetry reading to human and critical development of high school's students		
Palavras-chave em outra língua:	Reading. Poetry. Training. High School.		
Área de concentração:	Ensino na Educação Básica		
Data defesa: (15 / 06 / 2015)			
Programa de Pós-Graduação:	Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica		
Orientador (a):	Dra. Célia Sebastiana Silva		
E-mail:	celia.ufg@hotmail.com		
Co-orientador (a):*			
E-mail:			

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Cleunice Terezinha da Silva Ribeiro Data: 15 / 06 / 2015
Assinatura do (a) autor (a)

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

CLEUNICE TEREZINHA DA SILVA RIBEIRO

A PRÁTICA DA LEITURA DE POESIA PARA A FORMAÇÃO HUMANA
E CRÍTICA DO ALUNO NO ENSINO MÉDIO

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós- Graduação em Ensino na
Educação Básica do Centro de Ensino e
Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade
Federal de Goiás para obtenção do título de
Mestre

Área de concentração: Ensino na Educação
Básica

Linha de Pesquisa: Concepções teórico-
metodológicas e práticas docentes (ou Práticas
escolares e aplicação do conhecimento)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Célia Sebastiana Silva

GOIÂNIA
2015

Ficha catalográfica elaborada automaticamente
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob orientação do Sibi/UFG.

Ribeiro, Cleunice Terezinha da Silva

A prática da leitura de poesia para a formação humana e crítica do
aluno no Ensino Médio [manuscrito] / Cleunice Terezinha da Silva
Ribeiro. - 2015.

217 f.

Orientador: Profa. Dra. Célia Sebastiana Silva.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Centro de
Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) , Programa de Pós-Graduação em
Ensino na Educação Básica (Profissional), Goiânia, 2015.

Bibliografia. Anexos.

Inclui siglas, fotografias, gráfico.

1. Leitura. 2. Poesia. 3. Formação. 4. Ensino Médio. I. Silva, Célia
Sebastiana, orient. II. Título.

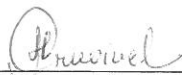
CLEUNICE TEREZINHA DA SILVA RIBEIRO

**A PRÁTICA DA LEITURA DE POESIA PARA A FORMAÇÃO
HUMANA E CRÍTICA DO ALUNO DE ENSINO MÉDIO**

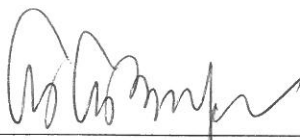
Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Ensino na Educação Básica**, aprovada em 15 de junho de 2015, pela Banca Examinadora constituída pelas professoras:



Profa. Dra. Célia Sebastiana Silva – Presidente
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação/UFG



Profa. Dra. Maria de Fátima Cruvinel – Membro Interno
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação/UFG



Profa. Dra. Albertina Vicentini Assumpção – Membro Externo
Pontifícia Universidade Católica de Goiás/PUC-GO

DEDICO

Aos meus pais Antônio Cardoso (*in memorian*) e Bárbara, pelo amor, carinho, incentivo e por me proporcionarem uma formação humana diferenciada.

Aos meus irmãos Antônio, Cecília (*in memorian*), Maria José, Cleusa e aos quatro das Letras: Célia, Lúcia, Leosmar e Aderson, pelos fortes laços de afetos que nos unem.

Aos meus queridos filhos Heloísio Filho, Clara Helisa e ao neto Gustavo Henrique, ficam os meus exemplos.

Ao José Wellington, meu marido, (*in memorian*), pela companhia no percurso de Morrinhos à UFG.

Ao amigo Wagner Roberto que me ajuda a reinventar a vida todos os dias.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me fazer persistir e lutar por meus sonhos e objetivos.

Às professoras Albertina Vicentini Assumpção e Maria de Fátima Cruvinel, pela valiosa contribuição com olhares cuidadosos e atentos no exame de qualificação.

Em especial à minha orientadora Prof.^a Dra. Célia S. Silva, por aceitar a tarefa árdua de orientar esse trabalho; por saber respeitar minhas incertezas, inseguranças e ansiedades ao longo desse percurso; pela competência, atenção, paciência, valorização de minhas potencialidades e pelo reconhecimento de meus limites. Também pelo carinho fraternal, profissionalismo e ética com que me recebeu e me orientou na realização desta pesquisa.

Aos meus pais Antônio (*In Memoriam*) e Bárbara, pelo exemplo de vida e ao meu esposo José Wellington (*In memoriam*) que me acompanhou em boa parte dos estudos do mestrado, sempre por perto me apoiando e acreditando que tudo daria certo; pelo amor incondicional, muito obrigada!

Ao Heloísio Filho, à Clara Helisa e ao pequeno Gustavo, pelas horas de descanso, pela compreensão nas horas de cansaço, mas, principalmente, pelos laços que nos unem.

A toda minha família, em especial a meus irmãos Célia, Leosmar, Lúcia e Aderson, por fazerem parte de minha vida, deixando-a mais feliz.

Ao Wagner Roberto pela ajuda valiosa na compilação dos dados da pesquisa e também pelo apoio.

À Profa. Dra. Solange Fiúza Yokozawa pela ajuda nos conhecimentos transmitidos na disciplina Literatura Moderna que utilizei para a realização deste trabalho, pela amizade e incentivo para que eu “reinventasse”, novamente, a vida num momento de muita dor.

Aos colegas do mestrado pelos olhares de conforto e consideração e à colega Maria da Anunciação, pela ajuda na realização do projeto no Colégio Estadual Dom Abel-SPL. Agradeço pela cessão das aulas.

Ao CEPAE- Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Educação Básica pela acolhida e atenção dos professores.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação Básica do CEPAE: Profa. Dra. Gene Maria Vieira Lyra-Silva, Profa. Dra. Elisandra Filetti, Profa. Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita e Profa. Dra. Maria de Fátima Cruvinel, pela compreensão e apoio por terem me estendido a mão quando precisei.

RESUMO

O presente trabalho constitui um estudo sobre a leitura de poesia para a formação humana e crítica do aluno de Ensino Médio. O objeto de pesquisa é a leitura de poesia de dois poetas modernos e dois contemporâneos, sendo eles: Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, José Paulo Paes e Paulo Leminski. Esta investigação discute o papel da poesia em sala de aula, considerando o processo de escolarização da leitura literária, bem como investiga como a poesia desses poetas pode contribuir para a formação humana e crítica de alunos no Ensino Médio. A parte prática da pesquisa consiste em uma coleta de dados em uma escola pública estadual, com uma intervenção nas aulas de Língua Portuguesa da primeira série do Ensino Médio; aplicação de questionários; produções dissertativas e confecção de um memorial de leitura, que contemplam as indagações da pesquisa. Como referencial teórico, são considerados os estudos de Jorge Larrosa (2000), Antonio Candido (2004), Todorov (2009), Octávio Paz (1993); e os documentos Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, 1996); Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1999); Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCPEM, 2006), entre outros. Os resultados deste estudo apontam para a mediação da leitura em sala de aula e a formação crítica e humana.

Palavras-chave: Leitura. Poesia. Formação. Ensino Médio.

ABSTRACT

This dissertation is a study about the poetry reading contribution to human and critical development of high school's students. The research subject is poetry reading of two modern poets and two contemporary writers, as follows: Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, José Paulo Paes and Paul Leminski. This research discusses the role of poetry in the classroom, considering the educational process of literary reading, as well as it investigates how the poetry of these poets can contribute to human development and critical students in high school. The implementation of the work follows the guidances of Bordini and Aguiar Recepcional Method (1993), with questionnaires, poetry analysis (didactic sequence), essay productions and a reading memorial construction. The research questions include the investigation of theoretical texts and official documents that deal with themes about poetry and humanization, poetry and criticism. In order to achieve this, it was recruited as a theoretical approach Jorge Larrosa (2000), Antonio Candido (2004), Todorov (2009), Octavio Paz (1993); and documents Education Law (*Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* LDBEN, 1996); *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs, 1999); *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (OCPEM, 2006), among others. The conclusions of this study point to the poetry reading mediation in the classroom and the critical and human development.

Keywords: Reading. Poetry. Training. High School.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1	
FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO	14
1.1 A formação como potencial emancipatório e considerações acerca da literatura em sala de aula.....	14
1.2 Uma educação pela poesia: a escola e a sala de aula como espaço de formação do leitor	22
1.3 O leitor que temos e o leitor que queremos na escola	30
CAPÍTULO 2	
ABERTURA DO LEITOR PARA O SENTIMENTO DO MUNDO	
2.1 A apropriação da poesia como experiência estética	37
2.2 Contexto da poesia moderna e contemporânea	41
2.3 Drummond e Bandeira: Itinerário para a sensibilidade poética	46
2.4 Viver poeticamente o conhecimento e o mundo com José Paulo Paes	53
2.5 Paulo Leminski: a razão de ser na poesia	57
CAPÍTULO 3	
UM OLHAR SOBRE A LEITURA DE POESIA EM SALA DE AULA	
3.1 Uma sequência de leitura de textos poéticos	62
3.2 Leitura de poesia em sala de aula:recepção, percepção e reação dos alunos	88
3.3 Outros dados de análise: questionários, memoriais, cartas, bilhetes	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS	135
ANEXOS.....	143

INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada com o título “A prática da leitura de poesia para a formação humana e crítica do aluno no Ensino Médio” propõe a potencialização da leitura de poesia na sala de aula para contribuir com a formação do jovem leitor. A leitura do gênero lírico merece uma atenção especial dada à sua relevância para a formação ética, estética e crítica do indivíduo, à medida que apresenta uma especificidade de linguagem que é um dos adequados meios de aquisição de saber que pode revelar um mundo mais crítico e sensível para os adolescentes bem como aproximá-los da leitura literária.

Para Antonio Candido, em seu ensaio “A literatura e a formação do homem” (1972), a primeira função da literatura diz respeito ao seu aspecto humanizador: revela o homem e age na sua própria formação. Ele apresenta, em três perspectivas, sua concepção sobre o valor e a função da literatura, a saber: a potencialidade que a literatura tem de atender à necessidade de ficção e fantasia do ser humano; a natureza formativa da literatura, que afeta o consciente e o inconsciente dos leitores de maneira bastante densa e dialética, como a própria vida, em oposição ao caráter pedagógico de outros textos; e o potencial de oferecer ao leitor um conhecimento mais acurado do mundo, tal qual faz, por outra vertente, a ciência. O crítico ainda acentua que a literatura é uma das modalidades mais ricas, e a fantasia presente nela quase nunca é pura, pois se refere invariavelmente a uma determinada realidade.

O ensino de literatura no Ensino Médio, em geral, ainda pauta-se pela historicização das escolas literárias e pela caracterização delas, embora a crítica a essa abordagem na escola já ter sido colocada em xeque desde a década de 1960. Em mudanças neste quadro, alguns autores como Costa Lima (1995), Zilberman (1989 e 2008), Malard (2007) e os PCNs desenvolvem estudos que apontam essa problemática com críticas severas acerca do problema. Tais estudos contribuem também para a percepção de que o texto literário não pode assumir papel secundário nas aulas, uma vez que uma prática voltada tão somente para leitura de fragmentos de textos ou de resumo de obras não desencadeará a formação leitora. A consequência mais grave desse fato é que os estudantes brasileiros estão entre os que têm

menor nível de compreensão de leitura no mundo, segundo dados da Unesco (1996) ¹e os últimos dados do Pisa, aplicado em 2012.²

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006) reconhecem a gravidade da situação. Revelam que a prática escolar privilegia atividades de metaleitura e aspectos da história literária, bem como características de estilo. Assim, a leitura dos textos literários propriamente dita fica em segundo plano.

O desafio dos profissionais do ensino de literatura será o de levar o jovem à leitura de obras do patrimônio literário, sejam elas recentes ou clássicas, que tenham sido legitimadas como obras de reconhecido valor estético, capazes de propiciar uma fruição estética, mediante a qual o aluno terá acesso a uma outra forma de conhecimento de si e do mundo para melhor usufruir de uma leitura realizada.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ensino Médio (1999) sugerem a promoção da estética da sensibilidade, isto é, ressaltam o enobrecimento dos sentimentos como fator preponderante para a formação humana dos jovens. Logo, uma educação pela poesia, como aqui se propõe defender, pode desenvolver ações que colaborem para a evolução do pensamento crítico, da consciência, do espírito humano e da afetividade. Sendo assim, o documento destaca que o trabalho com poesia “estimula a criatividade, o espírito inventivo, a curiosidade pelo inusitado, a afetividade, para facilitar a constituição de identidades capazes de suportar a inquietação, conviver com o incerto, o imprevisível, o diferente” (PCN, 1999, p.75).

Por fim, a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, 1996), no inciso III do Capítulo 35, orienta que a escola precisa promover, além do pensamento crítico e da autonomia intelectual, a formação humana e ética dos educandos.

Tomando por base, principalmente a LDBEN, um objetivo fundamental que norteará o presente trabalho é o de investigar como o texto literário, especificamente a poesia, pode contribuir para a formação humana e crítica do aluno no Ensino Médio. E o que seria formar um leitor crítico e autônomo? Para responder a esse questionamento, recorre-se a Ezequiel

¹ O aumento na taxa de escolarização, aliado aos progressos obtidos nos índices de aprovação no ensino fundamental, que evoluíram de 60,6% em 1988 para 72,6% das matrículas em 1996, melhorando o fluxo escolar, repercutiu nas taxas de analfabetismo e de escolaridade média da população e na evolução da matrícula no ensino médio em 52,2% entre 1991 e 1996. (Informe Estatístico, 1996, MEC/Inep).

² Em 2012, na prova de leitura, a média do país foi de 410 pontos, o que levou à 55ª posição.

Teodoro da Silva (2002, p.26) quando ele faz a defesa da criticidade como elemento básico da leitura. O estudioso esclarece que é pela leitura crítica que o leitor abala o mundo das certezas. Ora, leitura crítica e autonomia caminham juntas. Silva (2002) ainda assevera que esse mesmo leitor “elabora e dinamiza os conflitos, organiza sínteses”. Ele é o que “combate assiduamente qualquer tipo de conformismo, qualquer tipo de escravidão de ideias referidas pelos textos”.

A escolha do gênero lírico se deve ao fato de que é um gênero pouco lido na escola. Além disso, a poesia é dotada de uma elaboração estética que mais diretamente se liga aos sentidos em razão de seu caráter mais subjetivo e que, pelo menos aos olhos de leitores que a frequentam menos, parece ter os sentidos mais cifrados. Assim, o objetivo deste estudo é refletir sobre a importância da poesia para a formação crítica e a formação humana, num mundo marcado pela tecnologia e pela massificação, de modo a se buscar uma sociedade mais reflexiva, sensível e crítica. Como a poesia é um tipo de texto mais cifrado em metáforas, elipses, jogos sonoros, semânticos e outros vários recursos de que se constitui, ela tem o poder de instigar mais o leitor criticamente na busca da produção de sentidos. Isso pode colocar o gênero a frente de outros textos na formação de um leitor mais autônomo.

O *corpus* de análise escolhido para a intervenção em sala de aula será a produção poética de dois poetas modernos, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, e de dois contemporâneos, José Paulo Paes e Paulo Leminski. A escolha desses quatro poetas se deve ao fato de que a produção poética deles, numa linguagem cotidiana e esteticamente bem elaborada, tocam os dramas humanos vividos pelos adolescentes em formação. E a opção por uma seleta de poemas do conjunto das obras de cada poeta justifica-se pelo fato de que se ampliam as possibilidades de escolha de poemas mais pertinentes à faixa etária para a qual se destinará a presente pesquisa; por uma questão metodológica relativa à intervenção a ser feita em uma sala de aula de Ensino Médio e pela impossibilidade mesma de se esgotar uma obra de cada um dos quatro poetas selecionados.

Em vista de que são ainda incipientes os estudos teóricos, quanto à preocupação com a autonomia e criticidade dos adolescentes como receptores do texto literário, de forma específica do texto poético, o propósito desta dissertação é investigar tal intento em uma sala de aula da 1ª série do Ensino Médio, com 20 alunos, do Colégio Estadual Dom Abel-SPL (Setor Pedro Ludovico).

Este trabalho se justifica, portanto, pela força das orientações dos documentos oficiais, pelo apoio de teóricos preocupados com a condição humana e com uma formação escolar mais humanizada e mais crítica e, principalmente, com a urgência de se promover uma melhor formação dos alunos como leitores.

Ao pretender contribuir para a formação de leitores de poesia na sala de aula e, nesse âmbito, desenvolver estudos e leituras sobre a relação entre poesia e humanização, poesia e criticidade, estabelece-se como proposta metodológica uma intervenção em sala de aula, a partir da execução de uma sequência didática de leitura de poesia a ser aplicada na supracitada escola pública no município de Goiânia. Além disso, pretende-se coletar dados acerca da percepção dos alunos do Ensino Médio sobre poesia antes e depois do trabalho a ser desenvolvido com eles. Serão aplicados questionários e a produção de um memorial de leitura cujas propostas se conformam com os objetivos da investigação; aplicar-se-ão, também, atividades de análise crítica de alguns poemas; bem como se pretende problematizar o ensino de literatura na escola e a leitura de poesia na sala de aula; motivar a leitura e a interpretação de textos poéticos como fundamentos de compreensão de mundo e construção de conhecimento e da cidadania; possibilitar a vivência de emoções, o exercício da fantasia, da imaginação e da criticidade; proporcionar ao aluno leitor, por meio da leitura, a oportunidade de alargamento dos horizontes pessoais e culturais, avalizando a sua formação crítica e emancipadora.

O aporte teórico se dará por meio de autores como Jorge Larrosa (2000), Antonio Candido (2004), Adorno (1995), Todorov (2009) e documentos oficiais: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, 1996); Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1999); Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCPEM, 2006).

O trabalho se dividirá em três capítulos: no primeiro capítulo, serão feitas algumas abordagens sobre a formação como potencial emancipatório e considerações acerca da literatura em sala de aula, mais especificamente sobre a poesia e a abordagem da formação, segundo Adorno (1995), Jorge Larrosa (2000), Regina Zilberman e Ezequiel Theodoro da Silva (2008).

No segundo capítulo, o foco será a apropriação da poesia como experiência estética e o espaço do leitor na sala de aula e na escola. Nesse capítulo, será feita uma problematização buscando-se explorar a leitura de textos da literatura moderna e contemporânea, a partir dos

anseios do jovem leitor, em direção a algumas possibilidades. Também será traçado um itinerário para se ler a poesia de Carlos Drummond de Andrade e de Manuel Bandeira, a partir poemas cujos recursos estilísticos lhes dão um caráter singular na modernidade lírica brasileira e cujos temas tocam os dramas humanos, possibilitam ativar a sensibilidade e, conseqüentemente, colaborar para a formação humana. Após situar no contexto da produção literária esses dois poetas modernos, abordar-se-á a contemporaneidade de José Paulo Paes, que apresenta uma poética marcadamente irônica e concisa, com poemas concretos que podem contribuir significativamente para a formação do leitor crítico, e de Paulo Leminski Filho, que apresenta a irreverência, a concisão e o cunho libertário em seus poemas.

Por fim, no terceiro capítulo, serão apresentados os resultados da pesquisa aplicada e da receptividade dos alunos nas aulas de poesia. Tal tópico tem caráter interpretativo, pois, a partir dos dados coletados, serão apresentados relatório e análise das atividades de leitura de poesia desenvolvidas no ambiente escolar pesquisado, assim como a apresentação dos participantes da pesquisa. Concomitantemente a isso, tecer-se-ão comentários e reflexões teóricas acerca do ensino de literatura, especificamente, de poesia na escola.

Dessa forma, este trabalho visa discutir e analisar a relação docente na escola e a funcionalidade da leitura, com professores mediadores, coordenadores pedagógicos e alunos leitores. Então, buscar-se-á desenvolver o trabalho voltado para a prática da leitura, tendo em vista que se acredita que a voz do aluno precisa ser levada em consideração para que se possa compreender o processo de recepção do texto literário e, para, a partir de então, consolidar a formação dos jovens leitores de literatura mediada pela escola.

De acordo com algumas pesquisas acerca da formação do leitor, como de Regina Zilberman (1989), Bordini (1991), Maria de Fátima Cruvinel (2010), entre outros, é possível perceber que alguns jovens até podem ter noção da compreensão de uma leitura, sabem distinguir a boa e a má qualidade de um vídeo, de um programa ou de uma música, todavia, a maioria desses jovens não tem a formação necessária para desenvolver o senso crítico, por isso se torna um leitor passivo que não avalia, nem questiona o que está sendo lido.

De tudo o que se expôs, salienta-se que a leitura de poesia é uma proposta de trans(formação), tem caráter sistêmico, que busca otimizar e melhorar a prática leitora numa abordagem mais abrangente para a modificação do trabalho realizado em torno da formação do leitor de poesia.

CAPÍTULO 1

FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

“[...] a poesia é irredutível às ideias e aos sistemas. É a outra voz. Não a palavra da história e da anti-história, mas a voz que, na história diz sempre outra coisa – a mesma desde o princípio. [...] Basta ouvi-la para reconhecê-la”.

(PAZ, 1976)

1.1 A formação como potencial emancipatório e considerações acerca da literatura em sala de aula

O filósofo e sociólogo alemão Theodor Adorno (1903-1969) apresenta contribuições relevantes à educação em seus ensaios sobre os processos de formação do homem na sociedade. Para ele, a crise da Educação é a mesma da formação cultural da sociedade capitalista de forma geral. O estudioso defende que o ensino contribui para a formação da consciência crítica e que isso possibilita à pessoa a descoberta das contradições de uma coletividade. Dessa forma, o ideal seria um projeto pedagógico que pudesse livrar o ser humano da opressão e da massificação, classificada por Adorno como semiformação. E para retirar o sujeito desse estado de semiformação, o grande desafio, sobretudo na sociedade contemporânea, é alcançar um projeto de formação cultural que possa ampliar outros processos formativos. Nesse ponto, a escola e dentro dela o ensino de literatura tem um papel fundamental para levar o educando a caminhar com autonomia e chegar à emancipação, pois, como afirma Adorno (1995, p.169) “A exigência de emancipação parece ser evidente numa democracia”.

O teórico considera ainda que a alienação pode explicar a gravidade da barbárie viva na sociedade. No ensaio, *Educação após Auschwitz*, ele aponta o holocausto e os campos de concentração como símbolos máximos da selvageria humana que ultrapassa a tragédia dos campos de extermínio e representa a perda da experiência formativa, da capacidade de fazer experiências humanizadoras. Assim, o sentido de que Auschwitz não se repita traz consigo a necessidade de pensar uma educação contra a barbárie “o centro de toda educação política deveria ser que Auschwitz não se repita” (ADORNO, 1995, p.137).

A autonomia sobre o mal-estar da civilização é abordada como fator preponderante da educação. E, nesse texto, Adorno (p.125) define o que é a emancipação: “O único poder

efetivo contra o princípio de Auschitz seria a autonomia, para usar expressão kantiana; o poder para a reflexão, autoderminação, a não participação”. É, então, a partir de acontecimentos como Auschwitz, que o pensador discute possibilidade de saídas para uma educação emancipatória.

Ao se discutir sobre essa formação para a autonomia e uma formação humana, é importante discutir como se deve conceber “autonomia intelectual” e “pensamento crítico”, quais as possibilidades de se formar pessoas críticas e autônomas no contexto atual e quais os alcances e limites da formação escolar.

A formação escolar está configurada como um processo que faz dos sujeitos pessoas passivas e conformadas diante da realidade em que vivem. Adorno já entrevê uma educação que possibilita às ao ser humano a reflexão sobre sua própria condição e à resistência a esse conformismo e passividade. Logo, ao se falar em formação humana, pressupõe-se, primeiro, a autorreflexão crítica dos fatores que possibilitam a emancipação e a autonomia intelectual e política “[...] a educação tem sentido unicamente dirigida a uma autorreflexão crítica” (ADORNO, 1995, p. 121). Para Adorno, a educação é responsabilidade para que a humanidade sobreviva e ela é também estratégia para a constituição de um novo ser que tenha mais compromisso com o social.

O teórico alemão apresenta, portanto, uma concepção bem definida de educação, ao considerá-la como um caminho para a formação da pessoa autônoma e como modo, talvez o mais viável, de resistência à instrumentalização da técnica, da razão, de resistência, enfim, de resistência à coisificação. Em sentido semelhante ao pensamento adorniano, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) em vigor, no Art. 35, elenca, dentre outros objetivos, o “aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. Por meio de uma educação mais emancipatória, o aluno, aqui colocado como elemento central desta pesquisa, pode realizar escolhas conscientes; fazer uma análise do mundo externo com o mundo interno e, assim, ter autonomia para decidir, para resistir, para afirmar-se como sujeito. Compreendendo a educação, no âmbito específico do ensino de Língua Portuguesa, no que se refere à leitura, Ezequiel Teodoro Silva (2002) defende como elemento básico à criticidade na leitura como se constata a seguir:

[...] pela leitura crítica o sujeito abala o mundo das certezas (principalmente as da classe dominante), elabora e dinamiza conflitos, organiza sínteses, enfim combate assiduamente qualquer tipo de conformismo, qualquer tipo de escravização às ideias referidas pelos textos. (SILVA, 2002, p.26)

É relevante, então, enfatizar que a pessoa não dominada combate esse conformismo e escravidão de que fala Silva (2002).

Nessa discussão ainda sobre a formação do sujeito no espaço escolar e o papel da leitura literária nesse processo, Jorge Larrosa, em seu livro *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*, diz:

a ideia tradicional de formação tem duas faces. Formar significa, de um lado, dar forma e desenvolver um conjunto de disposições preexistentes. Por outro lado, levar o homem até a “conformidade” em relação a um modelo ideal do que é “ser humano” que foi fixado e assegurado de antemão. Minha aposta seria pensar a formação sem ter uma ideia “prescrita” de seu desenvolvimento nem um modelo normativo de sua realização. Algo assim como um devir plural e criativo, sem padrão nem projeto, sem uma ideia prescritiva de seu itinerário e sem uma ideia normativa, autoritária e excludente de seu resultado, disso a que os clássicos chamavam “humanidade” ou “ser plenamente humano”. (LARROSA, 2000, p.12)

Ao conceber essa definição de formação, Larrosa ressalta a autonomia do ser humano, subvertendo a concepção tradicional de educação que sempre se propôs a formatar as pessoas de acordo com os valores e modelos de uma sociedade hierárquica e burguesa ou que se “conforma” a um projeto de ser humano ideal. Na relação entre literatura e escola, percebe-se um papel preponderante na autonomia do aluno para formar-se, conforme esse “devir plural e criativo” a que se refere Larrosa (2000). Para ele, uma prática de leitura literária como acontecimento da pluralidade e da diferença, como aventura rumo ao desconhecido e como produção infinita de sentido poderia contribuir para um pensamento mais aberto sobre formação, especialmente, se for para confirmar, em consonância com o pensamento adorniano, a formação de um sujeito “que cria as próprias leis” (nomos) “para si mesmo” (auto).

A leitura estimula o diálogo, por meio do qual se trocam resultados e se confrontam gostos. Não se trata de uma atividade egocêntrica ou narcisista, se bem que, no começo, exercida solitariamente; depois, aproxima as pessoas e as coloca em situação de igualdade, pois todos estão capacitados a ela.

Isto posto, é pertinente defender que a poesia, nesse âmbito, contribui, de forma significativa, para a formação humana e crítica do aluno, porque o indivíduo, na escola,

assume o papel de um leitor que contrapõe ao olhar ordinário para o mundo o olhar poético, conforme Larrosa (2000):

a conversão do leitor só se cumpre plenamente quando ergue o olhar, mostra a transformação de seu olhar e experimenta o mundo de outra forma. [...] A experiência da leitura é, no poema, uma conversão do olhar que tem capacidade de ensinar a ver as coisas de outra maneira. A experiência da leitura converte o olhar ordinário sobre o mundo num olhar poético, poetiza o mundo, faz com que o mundo seja vivido poeticamente, torna realidade a expressão heideggeriana: “poeticamente habita o homem na terra”. (LARROSA, 2000, p.105-106)

Para o autor converter o olhar é uma das condições para que o leitor se construa como sujeito livre e independente daqueles que o estão formando como ser humano capaz de ver as coisas de outra maneira. Logo, a prática de leitura literária promove o aluno para que ele adquira a capacidade de autoconduzir o seu processo formativo, porque a leitura possibilita a conversão do olhar que deve tornar-se crítico e sensivelmente poético. E é essa a dimensão mais visível e prática, que coopera para estender a aptidão da pessoa para olhar, perceber e compreender as coisas para se reconhecer na percepção do outro, para constituir a sua identidade, para distinguir as semelhanças e diferenças entre si e o mundo das coisas, entre si e os outros sujeitos.

Também Candido (2004) ressalta o papel da Literatura na construção da personalidade e na capacidade que esta tem de alterar a visão de mundo daqueles que a utilizam. Assim, expõe:

entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2004, p. 180)

Essa capacidade de humanizar, de tornar o indivíduo mais aberto, mais compreensivo, mais afinado em suas emoções, mais bem disposto para com o seu próximo faz, portanto, da leitura literária um instrumento poderoso de formação e de educação (Candido, 2004), em sala de aula e em outros espaços da escola. Para isso, os mediadores devem ter o entendimento de que um texto literário exige uma leitura que considere as suas especificidades, isto é, a mediação deve ser feita por meio de estratégias que permitam entender o texto e interpretá-lo a partir do que ele apresenta no aspecto formal e no modo de arranjar as palavras. Como

ressalta Candido (2004, p.178) “o conteúdo só atua por causa da forma” e é ela que traz em si virtualmente a capacidade de humanizar devido à ordenação que recebe de seu produtor. Sendo assim, diz-se que o texto e o modo como a leitura é feita são aspectos relevantes e que não podem ser ignorados pelo mediador da leitura literária, quando se coloca em contato o aluno leitor e com o texto lido. Logo, por se tratar de uma prática escolar em que mediadores de leitura são os professores e, às vezes, o bibliotecário, ela merece destaque. Especialmente em razão da citação de Antonio Candido e também de Umberto Eco que alerta para o modo como o texto literário é lido e para as ambiguidades da linguagem:

As obras literárias nos convidam à liberdade de interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambiguidades da linguagem e da vida. Mas para poder seguir neste jogo, no qual cada geração lê as obras literárias de modo diverso, é preciso ser movido por um profundo respeito para aquela que eu, alhures, chamei de intenção do texto. (ECO, 2003 p.12)

Em se tratando do aluno de Ensino Médio, para o qual já não cabem mais as “leituras anárquicas”, como referem as Orientações Curriculares (2006), o olhar para o texto literário deve ser mais do que de simples leitor apreciador, como expõe Ezequiel Theodoro Silva (1998, p. 33). Para o autor, ler criticamente um texto “é raciocinar sobre os referenciais de realidade do texto, examinando cuidadosa e criteriosamente os seus fundamentos”. Nesse aspecto, o contato dos alunos com o texto literário deve ser tão profundo e significativo, a ponto de eles perceberem fundamentalmente os elementos estéticos que o compõem bem como as outras possibilidades da literatura.

A esse respeito, Candido (2004) diz que a linguagem poética se distingue pelo modo como utiliza a linguagem, valendo-se de diferentes recursos estilísticos e estratégias discursivas para que conteúdo e forma se complementem, ao levar em consideração os aspectos que caracterizam o texto poético (rima, ritmo, jogos estilísticos, figuras e sonoridade). Para ele

Quando recebemos o impacto de uma produção literária, oral ou escrita, ele é devido à fusão inextricável da mensagem com a sua organização. Quando digo que um texto me impressiona, quero dizer que ele impressiona porque a sua possibilidade de impressionar foi determinada pela ordenação recebida de quem o produziu. (CANDIDO, 2004, p.178)

A proposta de dar sentido ao texto, de que fala Candido (2004), está na forma; é o “arranjo especial das palavras” que impressiona o leitor e o faz se organizar no caos. A possibilidade de humanização estaria, assim, justamente, na transformação do caos originário,

isto é, do material bruto da palavra em uma forma, que a ordena e que permite atuação da mensagem. Logo, nessa dinâmica de leitura com proposta humanizadora, não há dúvida sobre o potencial humanizador e o papel formador da literatura na educação escolar, conforme apontado por Candido (2002). O que cabe questionar é que tipo de formação se espera da educação escolar.

Dessa maneira, ler apenas fragmentos de cada obra, sem compreensão e sem a interação com o sentido do texto, não contribui para que o aluno leitor seja capaz de elaborar suas próprias análises e, desse modo, seja autônomo e leia o mundo de forma singular. É preciso, conforme os PCNs, que o aluno “compreenda a leitura em suas diferentes dimensões: o dever de ler, a necessidade de ler e o prazer de ler” (BRASIL, 1998. p. 51). Caso contrário, a noção de arte literária, de estética do texto e de linguagem passa despercebida pelos alunos leitores. Nessas três dimensões, o professor como mediador deve permitir que seu aluno compreenda a leitura como uma atividade importante no contexto escolar e também na sua vida fora da escola. Primar pela formação de uma postura crítica que não se dá isoladamente do contexto em que se vive. Nesse sentido, o livro literário deveria ser um aliado do professor e do aluno, por meio de leituras desafiadoras para contribuir com sua formação, mas, via de regra, ele passa a ser elemento central na sala de aula, o que, de algum modo, ocasiona certa superficialidade no trabalho com a leitura literária.

Por essa razão, a proposta aqui apresentada não é a de ensinar sobre poesia, mas a de mediar a leitura dela, isto é, dar ao leitor a oportunidade de, primeiro ler, depois sentir e observar a construção do texto poético, compreender efetivamente o seu sentido, bem como o seu processo de construção.

No Brasil, observa-se grande preocupação de pesquisadores sobre formação do leitor, sobre a importância da leitura em geral e da leitura literária especificamente e sobre os meios para sua promoção em diversas instâncias da sociedade. Para citar alguns estudos: *Literatura e pedagogia*: ponto e contraponto, de Regina Zilberman e Ezequiel Theodoro da Silva, *Poesia na sala de aula*, de Hélder Pinheiro, *Literatura: a formação do leitor*, de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar, *A leitura literária na escola*: a palavra como diálogo infinito e *A literatura no ensino médio*: uma experiência do Cepae - UFG, ambos de Maria de Fátima Cruvinel e outras tantas. Essas pesquisas sobre a formação do leitor literário na escola começam com as questões acerca da aquisição da escrita, depois permeiam outros campos do

saber e chegam à teoria da literatura, que desenvolve uma investigação concernente a processos de leitura e de formação do leitor.

Entende-se, parafraseando Zilberman em entrevista à revista *Nova Escola* (2007), que, na escola, acontece a formação do leitor. Nesse ambiente acontece o contato desse leitor com os livros, mas, também, o espaço escolar é o da “perda da magia trazida da infância”, lugar onde era feita, pelos pais e professores “a transmissão original de histórias como contos de fadas, poemas, cantigas de ninar e os gêneros orais”. Portanto, a escola é esse ambiente que deve ser acolhedor da leitura, onde o educando adquire autonomia intelectual e jamais pode ser aquele que retrai “minimizando seus intercâmbios com o universo da cultura”. Nas pesquisas mais atuais, há margens para estudar o impacto da leitura literária na formação do leitor, no âmbito dos estudos literários, especialmente entre os jovens que frequentam o Ensino Médio, considerado, ainda, como território mapeado superficialmente.

Dessa forma, não é exagero ressaltar que se pode entender porque os “ombros” do professor “suportam o mundo”, visto que lhe são delegadas diferentes atribuições: alfabetizar, facultar o domínio do código escrito pelo aluno, formar leitores qualificados de textos literários. Talvez por serem muitas as tarefas e as condições de trabalho provavelmente precárias, escola e professores raras vezes alcançam resultados satisfatórios.

Regina Zilberman (1991) discorre acerca da formação de leitores e destaca que o Brasil desdobra esforços com o objetivo de difundir o gosto pela leitura e pela literatura. Então, na visão dela, o exercício da função de formar leitores

[...] é delegado à escola, cuja competência precisa tornar-se mais abrangente, ultrapassando a tarefa usual de transmissão de um saber socialmente reconhecido e herdado do passado. Eis porque se amalgamam os problemas relativos à educação, introdução à leitura, com sua consequente valorização, e ensino da literatura, concentrando-se todos na escola, local de formação do público leitor. (ZILBERMAN, 1991, p.16)

Conforme propõe Zilberman, a escola desperta o gosto pela leitura, mas não é função “tão somente” dela, visto que a responsabilidade cabe também aos pais, à família e aos membros de uma sociedade. Assim, entende-se que a leitura do texto literário é indispensável ao aluno em formação, mas não se pode culpar o professor quando o aluno manifestar aversão à leitura.

A escola estimula pouco o aluno para o exercício da leitura, a não ser quando condicionado a tarefas de ordem pragmática. Acerca disso, ressalta-se que a escola tem

também como objetivo preparar os alunos para o ingresso no ensino superior. Nesse intuito, o currículo escolar deve atender às novas correntes de cada uma das áreas de ensino e, por isso, passar por modificações. Em *A Literatura em Perigo*, Todorov discorre sobre o ensino de literatura que, regulado pelas tendências universitárias não atende diretamente a seus acadêmicos, mantendo uma abordagem descabida para esta faixa etária das atribuições do ensino de literatura na escola: “A tradição universitária não concebia a literatura como, em primeiro lugar, a encarnação de um pensamento e de uma sensibilidade, tampouco como interpretação de mundo” (TODOROV, 2009, p. 38). O desafio é promover o encontro entre a literatura e a escola sem que a escolarização da literatura transforme o discurso literário em discurso pedagógico.

Tem-se, ainda, uma visão de que o ensino de literatura restrinja-se ao estudo das características dos períodos literários e dos principais autores de cada época. Isso, há muito, já foi questionado, mas continua sendo uma prática. Uma possível solução para se contrapor a esse modo ineficaz de formar leitores é partir primeiro da leitura do texto e do que ele pode produzir de sentido para depois situá-lo em seu contexto histórico, político, social, cultural. Acresce-se a isso o fato de a literatura ser utilizada como pretexto para o ensino de outros saberes. Não há um “debruçar-se” sobre o sentido do texto literário em todas as suas potencialidades estéticas, mas sim uma subutilização desses textos com atividades de cunho linguístico, por exemplo. E o que se pergunta, então, é: assim se forma um leitor?

A maior crítica ao estudo da poesia na escola do passado referia-se ao uso desse gênero para o enaltecimento de valores, datas comemorativas e outros. Denunciavam-se os “usos e abusos da literatura na escola”, o “ensino pela literatura”, o “texto como pretexto” (LAJOLO, 1979; 1982). Sobre isso, Marisa Lajolo afirma: “Ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer das nossas aulas” (LAJOLO, 1982, p.15).

Diante do exposto, observar a construção do texto poético e fazer o leitor interagir com o dito também nas entrelinhas é fator preponderante. Então, a principal ação é ler os poemas para quebrar a resistência dos alunos em relação à poesia. Assim, propõem-se mudanças a serem implementadas porque a poesia, além de ter poder humanizador, como ressaltam os estudiosos citados nessa pesquisa, ela pode formar para a criticidade. Daí a necessidade de que haja mudança nos paradigmas metodológicos do ensino de literatura nas

unidades escolares, tornando-as capazes de repensá-lo e de buscar uma nova dinâmica de leitura, voltada para suas mais diversas interfaces. Dessa forma será possível despertar no aluno de Ensino Médio, o prazer de ler, sustentáculo importante para a atividade de leitura.

1.2 Uma educação pela poesia: a escola e a sala de aula como espaços de formação do leitor

Para se discutir o papel da escola e do espaço da sala de aula na formação do leitor, sobretudo, do leitor do texto poético, reitera-se nesta seção, o que o crítico Todorov (2009) diz sobre como o ensino de literatura privilegia conceitos de estilos, escolas, tradições, estudos gramaticais em detrimento do texto em si. Não que estes aspectos não tenham importância, mas o estudo não deve recair sobre a disciplina e sim sobre o objeto, que é o texto. Nesse sentido, o professor precisa ser aquele que faz o nível de interação permitido entre o objeto de estudo e o aprendiz ficar interessante e significativo, isto é, mediar a leitura com o que aprendeu na universidade. O autor acrescenta ainda que o papel do professor é o de “interiorizar o que aprendeu na universidade, mas, em vez de ensiná-lo, fazer com que esses conceitos e técnicas se transformem numa ferramenta invisível” (TODOROV, 2009 p. 41).

Nesse aspecto, o que Todorov propõe é que os estudantes de Letras aprendam tão bem o que estudaram na universidade que sejam capazes de, na atividade pedagógica, mediar a leitura literária com os seus alunos, sem deixar sobrepor a teoria, os conceitos e as técnicas. Interessante se faz ressaltar que, sem querer minimizar a teoria, a historiografia, matéria, sem dúvidas, para estudantes de Letras, pois o que mais fica guardado na memória são as experiências de leitura, os textos em si e os debates realizados em sala de aula. Logo, o professor aprende muito com sua experiência de leitura e com sua prática em sala de aula.

A leitura do texto poético tem papel importante no contexto da formação do leitor, mas aparece muito escassamente na sala de aula. Isso advém da falta de se trabalhar com os alunos no sentido de formar uma consciência sobre a sua importância, no contexto educacional e social, bem como a necessidade de efetuar uma reflexão crítica com relação à cultura.

É perceptível a ausência de motivações e interesses que correspondam à personalidade e ao desenvolvimento intelectual do leitor, porque há uma resistência por parte dos

mediadores de leitura, principalmente dos professores, em inserir em suas práticas pedagógicas a leitura de poesia em sala de aula. Isso se dá em razão da pouca familiaridade de muitos deles com a prática da leitura deste gênero. Talvez pela herança da educação básica, pela falta de tempo para ler mais ou até mesmo por fragilidade do curso de Letras. A poesia fica, então, relegada a um plano secundário, funcionando tão somente como pretexto para o ensino da gramática normativa e a produção de texto mais mecanizada ou até mesmo para que dela se extraia algum tema a ser discutido, quando se sabe que a possibilidade de formar o leitor está muito mais em permitir que ele explore suas potencialidades como construção, como linguagem, como estrutura, como elaboração estética.

Nesse ponto, o comprometimento com a literatura deve preencher um sentido educativo, auxiliando o estudante a ter mais segurança relativamente às suas próprias experiências.

Desse modo, para Todorov (2009), antes de tudo, é preciso criar uma postura crítica em relação ao ensino de literatura. E, nesse aspecto, não se pode ter a intenção de usar a leitura de poesia apenas como “pretexto” de captação do interesse do aluno, ela tem um papel próprio a cumprir no contexto escolar e traçar esse itinerário, o percurso da leitura e da formação do leitor literário, nos currículos, é desafio de professores e de demais profissionais da escola no seu trabalho de mediar a leitura de poesia para a formação humana como se pode observar em Candido(2004):

a função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório, mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a podemos distinguir pelo menos três faces: 1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; 2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; 3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. (CANDIDO, 2004, p.176)

A escola de que precisamos é aquela que cria condições para que mais alunos se tornem capazes de usar a língua para a produção de suas mensagens, para manifestar suas emoções e sua visão de mundo, com consciência de seu eu e de seus limites diante do próprio discurso e do outro, libertando-se, pela linguagem, das amarras da manipulação a que estão sujeitos nos embates do jogo social. Ensinar a ler poesia com sensibilidade, instigando o aluno a perseguir os sentidos de um texto, a saber interpretar um poema, a vivenciá-lo, a senti-lo e estar no mundo com ele, também, é tarefa imprescindível. Como explicita Paz, “Cada poesia é única. Em cada obra lateja, com maior ou menor intensidade, toda a poesia. Portanto, a

leitura de um só poema nos revelará, com maior certeza do que qualquer investigação histórica ou filológica, o que é a poesia” (PAZ, 1982, p.34). A poesia é isto: um estado de espírito, uma admiração profunda, um grito de liberdade e muito mais, conforme aponta Paz (1982).

O trabalho com o texto literário do gênero poético em sala de aula deve ter por objetivo levar o aluno a ter uma visão mais crítica da realidade. Para que isso aconteça, o professor deverá ser, antes de tudo, um bom leitor, um leitor maduro, crítico, que tenha bastante intimidade com os mais variados textos. Professor mediador do texto literário não é o que apenas consome superficialmente o texto, mas é aquele que lê o texto não só considerando o que ele diz, mas, sobretudo, o modo como diz, considerando-se os conceitos de leitor vítima e leitor crítico, propostos por Eco (1989) e que serão explicitados adiante. Dessa forma, o texto poético pode contribuir com a formação humana de quem lê e também de quem incentiva a leitura. Isto é, ambos se beneficiam dessa prática.

Para elucidar o que se disse, é interessante que se faça a seguinte consideração: condições devem ser criadas para que o leitor atinja uma emancipação na formação humana. E, nesse aspecto, a leitura de poesia possibilita tais condições, uma vez que, quem a lê, via de regra, torna-se mais habilitado para ler outros gêneros textuais. Frantz(1998) comenta:

Mesmo sabendo da importância da poesia na vida dos seres humanos, muitas escolas esqueceram-na, principalmente nas séries iniciais, dando mais espaços, entre aspas, para coisas mais importantes e mais sérias, como também para textos em prosa, privando os alunos dessa experiência inigualável. (FRANTZ, 1998, p.80)

A poesia especificamente corrobora para formar um leitor literário tanto nas séries iniciais, quanto em qualquer série, porque se caracteriza pela plurissignificação de linguagem, pela originalidade; é marcada por uma linguagem conotativa, possibilita vários níveis de leitura, diferentes modos de ler e seu tratamento na escola necessita respeitar suas peculiaridades, sua função estética, suas especificidades na produção de sentido, na dialogia e na interação que estabelece com o leitor.

Para se cumprir o objetivo de ler e ler bem, portanto, não se deve sobrecarregar o aluno com informações sobre épocas, estilos, características de escolas literárias e outros, como até hoje tem ocorrido em muitas salas de aulas, apesar de os PCNs adotarem uma perspectiva dialógica e interativa de linguagem, ao defenderem uma aprendizagem que

[...] vai além da memorização mecânica de regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário. [...] o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competência que possam ser mobilizadas nas inúmeras situações de uso da língua com que se depara, na família, entre amigos, na escola, no mundo do trabalho. (PCN, Brasil 2002, p.55)

Trata-se, prioritariamente, de formar o leitor literário, melhor ainda, de “letrar” literariamente o aluno, fazendo-o apropriar-se daquilo a que tem direito. Evidentemente, qualquer pessoa comprometida com a educação considerará que compete à escola formar leitores críticos e esse deve ser o objetivo a se perseguir nas práticas escolares, efetivamente, amparadas pelos discursos dos teóricos da linguagem e pelos documentos oficiais. Logo, partindo-se do princípio de que é necessário iniciar os leitores nos protocolos da leitura literária dentro do espaço escolar, resta criar meios efetivos para que isso aconteça. Notam alguns avanços no ensino, nas últimas décadas, como mais compra de livros literários pelas escolas, projetos de incentivo à leitura desenvolvidos, formação de professores mediadores, porém, tais avanços ainda não acontecem de forma efetiva em toda a educação e nem são amplamente divulgados.

Há a necessidade de se buscarem práticas e espaços para que o prazer de ler possa fundir-se ao dever e à necessidade de ler. Não há receitas perfeitas e infalíveis para conseguir tal intento, no entanto, o mediador de leitura, seja ou não professor, poderá valer-se da criatividade para organizar ações leitoras que ultrapassem a decodificação dos signos linguísticos, supere a barreira do didatismo e transforme a mera rotina de ler em práticas mais eficazes de formação leitora. Importante destacar, nesse sentido, muitos professores não têm a leitura literária como prática efetiva, em razão de várias implicações, principalmente a falta de tempo. Logo, talvez pela pouca experiência com a apreciação de textos tal prática não é tão recorrente. Acerca desse assunto vale observar a contribuição que as pesquisas de mestrados profissionais em ensino podem dar aos interlocutores principais: os professores³.

Como resultado, ao indagar se a escola forma leitores é importante observar que Regina Zilberman e Ezequiel Theodoro da Silva (1990) trazem posições semelhantes sobre a literatura: “A literatura está ligada à escola”. E completam: “a literatura não é somente um objeto histórico, mas crítico e que deve ser associado ao ensino escolar”. Mas advertem: “a literatura não é como um espelho onde o indivíduo se espelha para formar”. (ZILBERMAN;

³ Acerca dos mestrados profissionais salienta-se que tal abordagem requer uma pesquisa mais detalhada.

SILVA, 1990, p.16). Isso quer dizer que é, pela literatura, que o aluno leitor aprimora seu conhecimento e torna ampla a sua visão de mundo. A literatura trabalha com o ser humano e suas relações com o mundo.

Nesse contexto, Todorov expõe (2009) complementarmente:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (TODOROV, 2009, p.76-77)

Como se pode observar, a literatura não possui uma única função, por isso é mais coerente se falar em função plural da literatura, mesmo que ela nos faça viver experiências singulares. “O escritor não faz a imposição de uma tese, mas incita o leitor a formulá-la: em vez de impor, ele propõe, deixando, portanto, seu leitor livre ao mesmo tempo em que o incita a se tornar mais ativo”. (TODOROV, 2009 p. 78)

O teórico ainda acrescenta acerca da riqueza da literatura

A literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. (...) A literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (TODOROV, 2009 p. 23-24)

Essa ideia de formação aqui referida por Todorov se dá em justaposição com as ideias de Larrosa, Candido e Adorno, descritas anteriormente, acerca da emancipação e da autonomia.

Por conseguinte, a leitura revela outro ângulo educativo da literatura: “o texto artístico talvez não ensine nada nem se pretenda a isso, mas seu consumo induz algumas práticas socializantes, que estimuladas, mostram-se democráticas porque igualitárias” (ZILBERMAN; SILVA, 1990, p.19).

Para a leitura vir a ser fator de emancipação, espaço para a transformação contínua das estruturas de construção de sentidos, a educação literária precisa ser entendida em um processo educacional amplo. E, assim, o leitor entra em contato com a linguagem escrita, o que lhe favorece o “poder” de argumentação e autonomia, possibilitando o sucesso em sua vida acadêmica e social. Nesse sentido, Zilberman (1986) completa

[...] a leitura, se é estimulada e exercida com maior atenção pelos professores de língua e literatura, intervém em todos os setores intelectuais que dependem, para sua difusão, do livro, repercutindo especialmente na manifestação escrita e oral do estudante, isto é, na organização formal de seu raciocínio e manifestação. (ZILBERMAN, 1986, p.7)

Espera-se desta discussão levantada acerca do espaço do leitor de poesia e, especificamente, do texto poético no ambiente escolar que ela motive a reflexão de mediadores de leitura sobre a função e importância do texto poético na sala de aula e possa se unir a outros trabalhos movidos pela mesma preocupação, concorrendo para a transformação da realidade no que diz respeito à leitura de poesia na escola.

Todorov (2009) ressalta que antes de tudo é preciso que se crie uma postura crítica quanto à leitura do texto literário e que se apresente ao leitor as várias possibilidades sociais e culturais que um texto literário pode propiciar. Logo, quanto à promoção da leitura do gênero poético na sala de aula, o desafio é levar o aluno de Ensino Médio a acessar obras do cânone, sejam mais clássicas ou mais contemporâneas, que tenham sido legitimadas como obras de reconhecido valor estético, capazes de propiciar uma fruição mais apurada, mediante a qual terá acesso a uma outra forma de conhecimento de si e do mundo. Analogamente, na perspectiva da teoria literária, nem sempre a leitura de poesia, como experiência estética, frui de modo espontâneo. Há pontos de resistência por parte do aluno leitor como, por exemplo, seu repertório, os lugares-comuns em que se assenta sua experiência de leitor, como há tensões de difícil desvendamento em certos textos, especialmente, o poético. A esse respeito, Paz (1993) faz uma discussão importante com relação ao papel da poesia no decorrer dos tempos, chegando aos dias atuais. O autor defende a leitura da poesia como um texto poético, diferente de um texto informativo, por exemplo. Para Paz (1993)

o poema lido como um texto literário difere de lê-lo como um documento histórico, psicanalítico ou social. Na prática isto significa que precisamos reaprender a ler poemas como textos poéticos, pois a poesia necessita ser declamada para que possamos promover a união entre som e sentido, característica essencial do poema. (PAZ, 1993, p. 102)

Torna-se relevante, então, reforçar que a literatura apresenta-se complexa porque sua função não é apenas referencial, não está centrada somente na mensagem, no conteúdo. O texto poético se preocupa também e principalmente com a forma.

É certo realçar, ainda, que a literatura, em suas diferentes manifestações, é capaz de desenvolver um ser mais criativo, autônomo e apto a visualizar diferentes soluções para

problemas que possam surgir durante o curso da vida do aluno de Ensino Médio. Aliada a esse fato, a sensibilização promovida pela vivência e pela apreciação da leitura do texto poético apresenta-se como uma porta para a emergência de um leitor mais perceptivo, capaz de perceber a si e ao mundo de forma a superar o senso comum, o que pode se refletir em sua postura profissional e influir de forma positiva na sua relação com o conhecimento.

Ora, se a literatura humaniza, colabora e contribui para a edificação da pessoa humana, pois, como afirma Todorov (2009), ela pode nos modificar a partir de dentro, muitas ações, atitudes e valores também poderão ser mudados, porque isso nos fará compreender melhor o mundo e, talvez, sermos mais compreensivos com os nossos semelhantes. Por esse ponto de vista, não seria ela uma importante contribuição para evitar, pela via da educação, que uma barbárie como foi Auschwitz não se repita, como quer Adorno (1995).

Nesse sentido, formar um leitor de poesia humanizado é formar um leitor que, a partir da apreensão dos elementos estéticos intrínsecos ao texto poético (um jogo sonoro, uma ambiguidade, uma ironia, um deslocamento sintático, um estranhamento, uma subversão do lugar comum) e que contribuem para o seu efeito de sentido, possa inserir isso na sua prática de vida (prática social - como se diz na teoria do letramento) e ser uma pessoa, um cidadão, um aluno que, em várias ações e situações cotidianas demonstre "uma boa disposição com o próximo" (CANDIDO, 2004).

A respeito do que já foi apresentado, ao defender uma educação pela poesia, Iser (1996) também apresenta contribuições relevantes aos estudos literários, pois concebe a leitura como um ato de comunicação, um diálogo de vozes que se entrecruzam na leitura: a do autor, do texto e do leitor. O leitor, nesse processo, torna-se atuante, visto que, ao interagir com a estrutura do texto literário, além de sofrer seus efeitos, age sobre eles. Dessa forma, para o leitor de poesia, esse efeito é de suma importância, já que nessas vozes entrecruzadas, possivelmente, o aluno leitor será submetido à humanização de que fala Candido (2004).

O aluno, de certa forma, se liberta das amarras da luta pela sobrevivência ao se submeter a essa humanização de que fala Candido (2004), considerando-se a realidade social e a da escola pública. Eventualmente, quando ele se deparar com alguém que precisa de alimento, de remédio, de roupa, de água e de outros bens essenciais, e se sensibilizar com isso, vai afinar as emoções e, sobretudo, perceber o outro como alguém, por mais diferente que seja dele, que depende de coisas semelhantes, que tem os mesmos direitos, que precisa ser

respeitado tanto quanto ele deve ser. Cabe-se salientar que isso não ocorrerá como “num passe de mágica”, mas poderá sim refletir melhor suas ações e aprender a pensar diferente.

Nesse aspecto, deseja-se que o aluno leitor de poesia passe pela experiência da prática do "exercício da reflexão, da aquisição do saber, da boa disposição para com o próximo, do afinamento das emoções, da capacidade de penetrar nos problemas da vida, do senso da beleza, da percepção da complexidade do mundo” e dos seres, o cultivo do humor, conforme defendido por Candido (2004).

Quanto a esse estudo de poesia, estudiosos como Lajolo (1994), Octávio Paz (1984) Célia Silva (2009), Cruvinel (2001), entre outros, perceberam a forma equivocada com a qual se tem trabalhado o gênero lírico no Ensino Médio, e, por conseguinte, a pouca presença de leitura do texto poético em sala de aula. Quando se refere à leitura efetiva do texto literário, enfatiza-se que o trabalho desenvolvido nas salas de aula, quase sempre, utiliza-se dos textos de livros didáticos, muitas vezes fragmentados e elaborados com interesse comercial, apenas fornecem dados que os elaboradores consideram relevantes para as séries a que são destinados.

Diante desse problema, os professores precisam ter uma compreensão de que o texto poético é plurissignificativo, permite diversas leituras justamente por ter parte de seus sentidos em aberto, fornecendo ao leitor uma gama muito maior de significados. A polissemia nele contida é um campo de várias possibilidades para o leitor, embora conserve sempre um ponto de partida e um de chegada, o que não ocorre com outros textos como os científicos ou técnicos. Daí provém o prazer da leitura literária, uma vez que ela mobiliza mais intensamente a consciência do leitor, desobrigando-o de se manter nas amarras do cotidiano.

Logo, educar pela poesia requer do mediador de leitura e também do aluno leitor um engajamento na leitura como produção de sentido, isto é, como interação entre autor/texto/leitor, e assim, esse leitor chegará à compreensão e interpretação ao assimilar os significados do texto.

1.3 O leitor que temos e o leitor que queremos na escola

Ao se discutir o papel do leitor na escola, é importante que se compreenda como esse leitor se caracteriza. A partir da década de 1960 estudos de diferentes correntes teóricas passam a falar do leitor e a discutir o seu papel. Dentre esses estudos está o desenvolvido por Umberto Eco.

O trato com o texto literário implica a consciência do uso de estratégias enunciativas e formar um leitor que não se deixa vitimar pelo texto é formar um leitor consciente de tais estratégias, pronto para reconhecer o modo como elas podem levá-lo à condição de vítima. Esse é o tipo de leitor que queremos na escola, no entanto, o que encontramos, no mais das vezes, é o leitor vítima. O nome de Umberto Eco é, sem dúvida, ponto de referência no campo de estudos do leitor. Em *Obra Aberta* (1962), ele iniciou a discussão sobre o papel do destinatário na atualização e interpretação do texto. Assim, ele lembra que todo texto demanda a participação de quem o lê. Segundo ele, não havia, naquele momento, ainda, instrumentos suficientes para analisar teoricamente a estratégia textual: como o texto estimulava e regulava a participação do leitor. Para Umberto Eco, há dois tipos básicos de leitor: “o primeiro é a vítima, designada pelas próprias estratégias enunciativas, o segundo é o leitor crítico, que ri do modo pelo qual foi levado a ser vítima designada” (ECO, 1989, p. 101). Quer dizer, leitor vítima, em princípio, seria aquele mais interessado em “o que” o texto diz, uma vítima do enunciado, e o leitor crítico em “como” o texto fala, também interessado no modo de enunciação. Entretanto, pode-se ser simultaneamente tanto um tipo quanto o outro, e ainda muitos outros dentro do arco, dependendo das situações e das finalidades da leitura. Em outros termos, leitor vítima preocupa-se com o conteúdo do texto, enquanto que o leitor crítico se preocuparia com a questão formal, com o “como” o texto diz. Não se trata de descartar as leituras “mais leves” ou “gastronômicas”, escolhas que por vezes levam os leitores a esquecer das mazelas do cotidiano. Logo, ressalta-se que o leitor crítico pode deixar-se ser vítima quando quer, sendo que o contrário, no entanto, não acontece. Dessa maneira, a questão mais importante do ensino de literatura seria, portanto, fornecer as condições necessárias para que os alunos pudessem tornar-se leitores críticos.

Nesse contexto, reforça-se a importância da leitura como parte integrante das estratégias do estudo dos significados do texto, “um texto requer movimentos cooperativos,

conscientes e ativos da parte do leitor” (ECO, 2004a, p.36). Isto é, o leitor como componente constitutivo do jogo textual. Indo mais adiante, ressalta-se que o leitor-modelo é o que queremos na escola e, na visão de Eco, é aquele que consegue fugir das falsas pistas e encontrar uma significação realmente válida para os signos deixados para trás pelo texto. Tal leitor “aceita as regras do jogo”, é obediente nesse sentido, mas desfruta de certa liberdade, já que o jogo da leitura do texto proporciona várias alternativas. Logo, ele interage com o texto passando a ser seu próprio suporte, a peça fundamental de sua estratégia de interpretação. Os leitores-modelo surgem com o texto e nele se aprisionam, de modo que desfrutam apenas a liberdade que o texto lhes permite (ECO, 2004c, p.22). E, para completar o raciocínio, “o autor-modelo é aquele que, como estratégia textual, tende a produzir certo leitor modelo” (ECO, 2004b, p.15).

A literatura da contemporaneidade expõe que autor e leitor escolhem seu próprio universo de referências, suas afinidades, seu conjunto de conhecimento pessoal que orientará o direcionamento de sua leitura.

[...] autor e Leitor-Modelo, sempre entenderemos, em ambos os casos, [como] tipos de estratégia textual. O Leitor-Modelo constitui um conjunto de condições de êxito, textualmente estabelecidas, que devem ser satisfeitas para que um texto seja plenamente atualizado no seu conteúdo potencial. (ECO, 2004a, p.45)

Formar para o gosto literário, conhecer a tradição literária local e oferecer instrumentos para uma penetração mais aguda nas obras são, tradicionalmente, objetivos da escola em relação à literatura. Tais objetivos são, portanto, pertinentes e inquestionáveis, mas questionados devem ser os métodos que têm sido utilizados para esses fins.

Com efeito, é interessante como exercício levar o leitor à percepção das estratégias textuais, mas não se pode restringir-se a isso, sob pena de se acreditar que o sentido do texto é dado somente pelo autor. Eco tem clareza disso ao considerar: a intenção do autor, do texto e do leitor. Ele expõe acerca do leitor-modelo (2004) e diz que esse tipo de leitor preenche, pelas entrelinhas, os vazios do texto na leitura, ele surge como uma estratégia textual na tentativa de lidar com as intenções do enunciado. Na construção da ideia de autor-modelo permeiam elementos de intenção de leitura, como explica Eco, ao dizer que a feição do autor-modelo, para ele, depende, desta forma, não apenas das linhas textuais, mas também “do que está atrás do texto, atrás do destinatário e provavelmente diante do texto e do processo de

cooperação (no sentido de que depende da pergunta: ‘Que quero fazer com este texto?’)” (ECO, 1988, p. 49).

Quando se diz que é preciso questionar os métodos para penetrar as obras, é importante ressaltar que ainda não se atingiu um patamar que esse leitor-modelo poderia percorrer. Também, talvez não fosse o caso de questionamento, mas de sugestão de alternativas a serem elencadas. Sendo assim, vê-se que se o autor produz um texto, ele faz uma hipótese sobre como este será lido e que caminhos o leitor deve percorrer para lê-lo. Logo, ele faz uma previsão de como será esse leitor. Eco o denomina leitor-modelo. Ele deve se mover no nível da interpretação da mesma forma que o autor o fez no nível relativo à geração. Para tanto, estratégias são tomadas. Para organizá-las, o autor "deve assumir que o conjunto de competências a que se refere é o mesmo de seu leitor" (ECO 1986, p. 58). Eco enfatiza que não se trata de esperar que o leitor-modelo exista, mas trabalhar o texto de forma a fazer com que ele se construa.

Nessa reflexão, pode-se pontuar que as dificuldades de alunos de Ensino Médio para a realização de uma leitura madura, bem como para elaborar uma leitura que demonstre senso crítico ainda são muitas. Nesse sentido, Silva (1998, p. 38) propõe que a escola tenha como meta o exercício da leitura crítica. Assim, esse leitor, a que se chama proficiente, vai além: relaciona conteúdos e experiências de vida; retira inferências do que lê de forma a construir a sua própria autonomia leitora porque problematiza e critica o que lê, antecipa e prevê outras leituras, estabelecendo extratextos a partir do que leu.

Dessa forma, considerando todas essas observações, fica claro que a escola tendo caráter formativo, constitui-se num ambiente privilegiado para a formação do leitor. Zilberman expõe que há uma afinidade entre escola e literatura e atinge também a formação da personalidade: “De fato, tanto a obra de ficção como a instituição do ensino estão voltadas à formação do indivíduo ao qual dirigem” (ZILBERMAN, 2003, p.25).

Importante acentuar que o leitor que se quer na escola deve ser capaz de compreender o que lê e de processar as informações contidas no texto, formulando e verificando hipóteses, refletindo sobre o que leu, construindo antes, durante e depois da leitura a significação global do texto, própria da fruição da leitura. Importante lembrar que ler significa “ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios” (MARTINS, 1994, p. 34).

Como já dito, a leitura crítica se justifica por vislumbrar um meio de transformação da realidade, pois ela pode levar o aluno a compreender suas raízes históricas de contradições e buscar, pelo conhecimento e conscientização, uma sociedade mais justa na qual os privilégios não estejam restritos a poucos, porque colocar os alunos em contato com a linguagem poética e com a leitura de poesia pode colaborar para traçar o perfil do leitor que queremos formar na escola. Aqueles leitores comprometidos com a literatura e com sua capacidade de melhor fruição da leitura.

É preciso que o professor ou mediador da leitura tenha um real envolvimento e compromisso com o livro, com a literatura e com o tipo de desempenho que pretende dos seus alunos, pois, inclui-se a leitura crítica de todos os tipos de texto, seja em linguagem verbal ou em linguagem não verbal, a capacidade de ler, separar, categorizar e transformar a informação em novo saber. A esse respeito, Silva e Zilberman (2008) explicam que o problema não está com a literatura e nem com a educação, mas com o ensino da literatura e, de forma específica, com as pedagogias que, “conforme são acionadas pelos professores, tentam (mas não conseguem) sustentar a formação de leitores no contexto das escolas (ZILBERMAN; SILVA, 2008, p.55).

Iser considera que a obra literária deveria levar o leitor a uma nova consciência crítica de seus códigos e expectativas habituais. Uma das principais premissas teóricas de Iser (1996) é o leitor implícito, entendido como uma estrutura textual que oferece “pistas” sobre a condução da leitura. Esse leitor só existe na medida em que o texto determina sua existência e as experiências processadas, no ato da leitura, são transferências das estruturas imanentes ao texto, isto é, o leitor passa a ser percebido como uma estrutura textual (leitor implícito) e como ato estruturado (a leitura real), dessa forma, “o ponto comum de referências, no entanto, não é dado enquanto tal e deve ser por isso imaginado. É nesse ponto que o papel do leitor, delineado na estrutura do texto, ganha seu caráter efetivo” (ISER, 1996, p.75).

Iser desenvolveu a Estética do Efeito, que valorizava o efeito produzido no leitor no momento da leitura de uma obra. Esse efeito que pode variar em cada destinatário só é possível porque o texto possui vazios que o leitor deve ocupar, os quais possibilitam uma ruptura previsível. Iser (1996) aborda o conceito de perspectividade que é fundamental para que se compreenda a relação texto/leitor. Segundo ele, o texto é um sistema perspectivístico em que os elementos textuais são selecionados através das estratégias e combinados por meio

do repertório. Se, de um lado, a obra de arte supõe a livre intervenção interpretativa dos leitores, de outro, apresenta características estruturais que estimulam e controlam a ordem das suas interpretações. Estas lacunas constituem o que Iser chama de “estrutura de apelo do texto”, pois são vazios que se oferecem para a ocupação do leitor (ISER, 1979).

O texto oferece diferentes visões do objeto, por meio dos vários pontos de vista apresentados, isso ocorre “porque cada perspectiva não apenas permite uma determinada visão do objeto intencionado, como também possibilita a visão das outras” (ISER, 1996, p. 179).

Nesse sentido da visão mais ampliada, o desempenho da leitura com mais propriedade, dentro do contexto de um pensamento mais elaborado e com as análises voltadas para um tipo de leitor que opina e interfere, precisa tomar corpo. Desse modo, esse leitor já se posiciona de forma diferente para ler um poema e interagir com ele, situando-se como leitor desejado. O mais importante a destacar é que esses leitores devem ser retirados de sua atitude de inércia e de passividade que muitas vezes acompanha a leitura. Por esse viés, Iser (1996, p.75) diz que “o papel do leitor representa, sobretudo, uma intenção que apenas se realiza através dos atos estimulados no receptor. Assim entendidos, a estrutura do texto e o papel do leitor estão intimamente ligados”. Sobre isso, como já enfatizado, a qualidade estética de uma obra está na “estrutura de realização” do texto e na forma como ele se organiza, visto que as estruturas do texto é que possibilitam experiências reais de leitura.

Em face dessa contingência, Bakhtin (2006) expõe que é preciso perder a ingenuidade diante do texto e compreender sua significação; perceber, numa visão de mundo, um universo de valores e uma intenção.

O essencial na tarefa de descodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la num contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular. Em suma, trata-se de perceber seu caráter de novidade e não somente sua conformidade à norma. Em outros termos, o receptor pertencente à mesma comunidade linguística, também considera a forma linguística utilizada como um signo variável e flexível e não como um sinal imutável e sempre idêntico a si mesmo. (BAKHTIN, 2006, p. 96)

Logo, quando o leitor ler e debruçar-se na interpretação de um poema, por exemplo, ele passa a adquirir enunciação particular, saindo da inércia e da passividade. Tendo em vista as especificidades, é válido ressaltar que não se deve expor ao aluno uma leitura estética que se centre no sentido primeiro das palavras, mas sim uma leitura que abra vazios, que

oportunize a criação, recriação e a crítica por meio do que foi lido. Sem dúvida, esse tipo de leitura forma um leitor crítico e reflexivo, que passa a desenvolver a capacidade de agir e interagir na sociedade, ao permear a autonomia. E, de forma sensível, tal leitor terá noção dos seus direitos e deveres e estará mais preparado para intervir naquilo em que estiver atuando, quando se fizer necessário.

Assim, fica evidente que essa interação requer maturidade ao construir/reconstruir interpretações. A ausência de uma proposta de ensino interdisciplinar gera desafios ao professor para que esse não prejudique o fluir da literatura como arte indispensável à vida. Essa interação deve partir da escola e ultrapassar limites que impedem que o trabalho seja planejado e realizado no ambiente escolar para que esse se propague. Aliás, como explicita Eco (2005, p. 40), o receptor ocupa um lugar privilegiado, já que a cada fruição o intérprete produz “uma interpretação e uma execução, pois em cada fruição a obra revive dentro de uma perspectiva original.” É justamente a falta de o aluno leitor e até o mediador entender o “como” o texto poético diz que provoca o seu afastamento da leitura desse gênero literário.

Nesse aspecto, a mediação da leitura deve ocupar lugar significativo no ambiente escolar. Rodrigues (2000, p. 84) define esse termo como um processo de “interlocução ou interação entre os membros de uma comunidade, pelo qual se estabelecem, alimentam ou restabelecem laços de sociabilidade”.

Some-se a isso o realce do papel do professor como mediador que, em conformidade com Lajolo, (1997, p. 108), “precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê”. Além dessa pesquisadora, muitos outros discutem o papel do professor mediador, como Ezequiel Theodoro Silva (2012, p.111) que ele chama de “mediador privilegiado de leitura”; Michèle Petit (2008), ao afirmar que

um mediador de leitura deveria pouco a pouco lutar contra essa demanda por um modelo, por uma pequena lista básica, idêntica por todos, semelhante ao modelo escolar. E que deveria poder dar, a cada leitor, uma oportunidade de encontros singulares com textos que possam lhe dizer algo em particular. (PETIT, 2008, p.184)

E Maria de Fátima Cruvinel (2001) que assim expõe:

Dada a sua condição de leitor mais experiente ou com leitura prévia do texto a ser trabalhado, o professor pode assumir o papel de mediador da experiência do leitor com o texto, facultando ao seu aluno a percepção das cenas de leitura e permitindo lhe preencher os vazios textuais. (CRUVINEL, 2001, p.128)

Diante dessas afirmações, enfatiza-se que o professor mediador é o intermediário que aproxima o leitor da leitura e do livro por meio de sua relação mais amadurecida com o objeto lido. E, ainda nesse contexto da mediação, especifica-se o mediador do leitor de poesia, conforme a pesquisadora Célia S. Silva, num relato de experiência, assevera

[...] a eficácia na formação do leitor de poesia está em viabilizar uma familiaridade do leitor com o texto poético e, em sala de aula, cabe ao professor o papel, não ensinar (sobre) poesia, mas de mediar a leitura e, condição salutar, este professor deve ser fundamentalmente um leitor de poesia. Aliás, para formar leitores de poesia ou de quaisquer outras modalidades de texto literário, deveria haver uma lei básica: ler e ler com certa sensibilidade. (SILVA, C.S., 2009, p.4)

Diante dessas observações, nota-se que pesquisadores estão preocupados com a mediação da leitura em suas interfaces e nos vários âmbitos da palavra, uma vez que, o mediador é aquele que toma o texto como uma obra de arquitetura que precisa ser explorado, olhado, analisado, e desconstruído se necessário, para que possa emergir a voz, a compreensão singular daquele que lê.

O leitor que há na escola, muitas vezes, é entusiasta e de conveniência, quer dizer, é aquele que aplaude ou reprova o texto sem nenhuma reflexão, ou aquele que lê apenas para reproduzir conhecimento, sem a postura crítica do que leu. Contudo, o leitor pretendido é um tipo de leitor que será sempre o construtor da diferença; aquele que, além do corpo do texto, busca entender e refletir sobre o texto em sua profundidade e possa preencher os vazios da obra, bem como por às claras o universo do que está atrás do texto e de todos os seus elementos, ou seja, o leitor crítico é aquele que consegue interpretar o texto de forma bem sucedida e com coerência e, sobretudo, buscar os sentidos do texto por meio da enunciação, ou do modo “como” ele é construído, para retomar o conceito de leitor crítico, proposto por Eco (1989). Ele conhece todos os artifícios do texto, fazendo as leituras das entrelinhas; portanto, recorre a níveis diversos de fruição. Dessa forma, tornar um leitor crítico leva a possibilidades de leituras maiores e mais eficazes.

CAPÍTULO 2

ABERTURA DO LEITOR PARA O SENTIMENTO DO MUNDO

Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lê.

(...)

Mário Quintana

2.1 A apropriação da poesia como experiência estética

Neste segundo capítulo, a discussão será dividida em cinco seções. Na primeira seção, será abordada a apropriação da poesia como experiência estética. Na segunda seção, tem-se uma abordagem sobre poesia moderna e contemporânea e o jovem leitor envolvido no processo de leitura literária no ambiente escolar. Já na terceira, os poetas Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, serão situados em seus contextos e, por fim, na quarta e quinta seções, a abordagem será sobre outros dois poetas contemporâneos José Paulo Paes com uma poética marcadamente irônica e concisa, com poemas concretos que levam a formação do leitor crítico e Paulo Leminski Filho, que apresenta a irreverência, a concisão e o cunho libertário em seus poemas.

A formação do leitor literário é uma construção que deve ter legitimidade na educação escolar. Rildo Cosson (2012) ganha notoriedade, no cenário das produções brasileiras acerca dessa temática, pois elabora um estudo que une teoria e prática. Segundo o autor,

a prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana. Por essa exploração, o dizer o mundo (re) construído pela força da palavra, que é a literatura, revela-se como prática fundamental para a constituição de um sujeito da escrita. Em outras palavras, é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos. (COSSON, 2012, p. 16)

Quando a prática se refere às questões de leitura e escrita, tão importantes no ensino em geral, os questionamentos são ainda mais enfáticos. Como trabalhar a leitura e a escrita no Ensino Médio? Como formar jovens leitores? Como despertar o gosto pelo texto literário? Como trabalhar texto literário com os jovens?

Ao responder essas questões, necessário se faz ampliar, na escola, a divulgação e circulação de poemas e poetas, como em jornais, revistas (impressos e digitais), mesmo em outros meios audiovisuais, quem sabe buscando novas formas de circulação social de poemas o que permitiria ver e entender a leitura de poesia como uma prática social integrada à vida cotidiana.

Parafraseando Jorge Luis Borges (1981), o encontro entre livro (objeto) e o leitor é um fato estético. O caminho percorrido pelo poeta para justificar a afirmativa de que a literatura, assim como a linguagem, é uma experiência estética, consiste em pensar suas múltiplas definições. Isso significa que as palavras têm peso, forma, ritmo, beleza e feiura que, no fundo, são expressões ou sentimentos transcritos em letras e atingem diferentes interpretações quando se trata de literariedade. Nessa relação leitor-texto, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (p.60) afirmam que “quanto mais profundamente o receptor se apropriar do texto e a ele se entregar, mais rica será a experiência estética, isto é, quanto mais letrado literariamente o leitor, mais crítico, autônomo e humanizado será”.

Na perspectiva da experiência estética, para Jorge Luis Borges, a intenção do poeta não é outra senão expressar uma sensação que também é sentimento, isto é, implica um desejo, diz ele: “se os senhores não sentem a poesia, se não têm sentimento de beleza, se um relato não os leva ao desejo de saber o que ocorreu depois, o autor não escreveu para os senhores” (BORGES, 1981, p.107).

Ao mencionar sobre a estética, o grande nome a teorizar sobre este conceito é Hans Robert Jauss, o inventor da estética da recepção. Essa teoria procurava valorizar o leitor como sujeito fundamental no processo de leitura. Ela divide-se em duas vertentes, sendo a primeira defendida por Jaus (1978) ao se preocupar com o “como” o texto é lido nos vários contextos históricos, com o intuito de reconstituírem as condições históricas responsáveis pelas reações provocadas pela literatura; já a outra vertente é a de Iser (1976), responsável pelos estudos voltados para as reações dos leitores pelo efeito estético e que pode ser entendida como a interação entre texto e leitor. Jauss critica a forma como a teoria literária aborda a história da literatura, considerando os métodos de ensino, até então, tradicionais.

Logo, importante se faz citar Jauss:

a atitude estética exige que o objeto distanciado não seja contemplado desinteressadamente, mas que seja co-produzido pelo fruidor à semelhança do que

se passa no mundo imaginário, em que entramos como co-participantes – como objeto imaginário. (JAUSS, 1979, p. 75)

Jauss (1994) ressalta que a história da literatura, ao seguir um cânone ou descrever a vida e obras de alguns autores em sequência cronológica, deixa de reverenciar a historicidade das obras, desconsiderando, portanto, o lado estético da criação literária, uma vez que

a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório no desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade. (JAUSS, 1994, p.8)

As concepções defendidas por Jauss, por meio da Estética da Recepção, foram importantes para uma reforma das questões literárias de caráter estético dentro da história, que atribuiu ao leitor a tarefa de estabelecer os parâmetros de recepção de cada época:

a História da literatura é um processo de recepção e produção estéticas que se cumprem na actualização dos textos literários, através do leitor que lê, do escritor que produz e do crítico que reflete.

[...]

O contexto histórico em que aparece uma obra literária não consiste numa sucessão de acontecimentos, factual e autossustentada, que poderia existir de modo independente, sem a necessidade de um receptor. [...] só se torna um acontecimento literário para o seu leitor, que lê [...] esta obra [...] com a memória de [...] obras anteriores, que aprecia sua especificidade por comparação com essas e outras obras já conhecidas e que ganha, a partir daí, um novo critério de apreciação a partir do qual poderá apreciar obras futuras. (JAUSS, 1993, p. 62-63)

Jauss defende o horizonte de expectativa do diálogo entre obra e público. Segundo o teórico, somente assim se constrói uma continuidade, rompendo a oposição entre aspectos históricos e aspectos estéticos. Nesse sentido, explica-se que o processo de recepção e de seus pressupostos devolve a dimensão histórica da pesquisa e muda o paradigma da investigação literária e discursiva, ao sublinhar o duplo horizonte do ato da leitura: o horizonte implicado pela obra e o horizonte projetado pelo leitor de determinada sociedade.

A ideia não é abordar temáticas e elaborações estéticas da mesma complexidade e sim oferecer leituras que gerem o crescimento do leitor, aos poucos, com o propósito de educar pela poesia e estabelecer lugar privilegiado da poesia na sala de aula e na escola. Assim, necessário se faz superar a expectativa do aluno de Ensino Médio, trabalhando com temas e linguagem que este domina, introduzindo, gradativamente, obras mais complexas, romper e questionar, desta forma, esse horizonte, fazendo com que o mesmo seja ampliado, com estudos de textos interessantes.

Assim, tudo isso pode provocar uma maior realização do leitor, quando ele descobre o que está nas entrelinhas do texto e preenche os vazios que ele traz.

A literatura, segundo Iser (1996), possui uma estrutura apelativa, uma comunicabilidade com o leitor que, articulada com suas experiências, constrói significação. O teórico acredita que:

a interpretação da literatura, orientada pela estética da recepção, visa à comunicação, por meio da qual os textos transmitem experiências que, apesar de não familiares, são, contudo compreensíveis. [...] através desses textos, acontecem intervenções no mundo, nas estruturas sociais dominantes e na literatura existente. (ISER, 1996, p.13-14)

De fato, os textos literários transmitem experiências que possibilitam a interação do indivíduo com o mundo e os seus acontecimentos, principalmente nos dias atuais, quando muitos valores se perdem com a volatilidade do tempo. Isso acontece porque a literatura é indispensável no sentido de corresponder a uma necessidade humana que existe desde os tempos primórdios, a saber: a fabulação. Nas palavras de Candido (2004, p.176): “assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura”. Como meio de comprovação dessa afirmativa, para Candido (1952), cabe à literatura antes uma função humanizadora a uma função educativa. Segundo o crítico, ela satisfaz a necessidade universal de fantasia, contribui para a formação da personalidade e faculta uma maior compreensão da realidade, pois o leitor incorpora à sua experiência humana o que lhe é oferecido na leitura literária.

O aluno leitor pode se apropriar da poesia não apenas com um propósito específico, como o de despertar a sensibilidade ou humanizar-se (isso seria uma consequência), mas como experiência estética, e ela se dá pela apreensão e compreensão dos elementos da poesia, o adentramento nos sentidos, na sugestividade sonora, semântica, morfossintática, estilística.

Nesse sentido, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio contribuem:

a experiência construída a partir dessa troca de significados possibilita, pois, a ampliação de horizontes, o questionamento do já dado, o encontro da sensibilidade, a reflexão, enfim, um tipo de conhecimento diferente do científico, já que objetivamente não pode ser medido. O prazer estético é, então, compreendido aqui como conhecimento, participação, fruição. (ORIENTAÇÕES CURRICULARES EM, 2006, p.55-62)

No texto poético, a sugestão, as ambiguidades, os recursos fonéticos, morfológicos, sintáticos, estilísticos, semânticos são muito mais explorados que na prosa e que nos outros

gêneros discursivos. Segundo afirma Umberto Eco (1995) no processo de leitura, cabe ao leitor cooperar com a construção dos sentidos do texto. Dessa maneira, considera-se que a leitura/interpretação está intimamente ligada à atividade de tradução, conforme aponta Octavio Paz (1984, p. 98-99): “a leitura é uma tradução que transforma o poema do poeta em poema do leitor”.

Diante disso, Adorno (2003) propõe a análise da forma de expressão do eu lírico e também a própria forma de dar forma à história. Nesse sentido, seria encontrar a história no que há de mais frágil na lírica, por exemplo, o verso, a cadência, a escolha das palavras, recuperando o inconsciente histórico da obra. E assim diz:

Por isso, a lírica se mostra mais profundamente assegurada, em termos sociais, ali onde não fala conforme o gosto da sociedade, ali onde não comunica nada, mas sim onde o sujeito, alcançando a expressão feliz, chega a uma sintonia com a própria linguagem, seguindo o caminho que ela mesma gostaria de seguir. (ADORNO, 2003, p. 74)

Desta forma, nota-se que o texto possui marcadamente a valorização sensorial, principalmente a visual, tendo como destaque o recurso da plasticidade poética.

2.2 Contexto da poesia moderna e contemporânea

Nesta seção, serão apresentadas algumas reflexões sobre a poesia moderna e contemporânea brasileira, a fim de discutir as transformações que ela pode causar no jovem leitor.

Desse modo, apresenta-se um viés de que a poesia é considerada por vários estudiosos como instrumento poderoso de formação e consolidação da literatura. Portanto, pensar a modernidade compreende verificar em que medida os limites fixos da tradição literária são flexibilizados por uma atitude contestadora, muitas vezes, rebelde. Esta situação faz com que o poeta/artista moderno apresente novas saídas estilísticas para a tradição, sem, contudo, empreender sua negação unilateral ao propor a transformação de procedimentos segmentados estilisticamente ao longo da tradição.

Nesse aspecto, ao apresentar as categorias negativas da lírica moderna, Friedrich (1991) admite entre os caminhos estéticos e temáticos desta lírica a contestação ao passado, mas, ao mesmo tempo, entende o sentido de aproximação à tradição como resultado de um diálogo tenso. Para ele, “a junção de incompreensibilidade e de fascinação pode ser chamada

de dissonância, pois gera uma tensão que tende mais à inquietude que à serenidade” (1991, p. 15). Para o crítico, as categorias negativas denunciavam a relação conflituosa do sujeito após o século XVIII face às transformações sociais agravadas pelo esgotamento da fidelidade estética aos padrões clássicos.

Em *A estrutura da lírica moderna*, Friedrich (1991) caracteriza a lírica moderna como hermética e incondizente por apresentar mais inquietude do que serenidade. Para o crítico, Baudelaire inicia o movimento da poesia moderna, o que culmina em Mallarmé com o banimento da representação na modernidade.

Também, ao se abordar sobre poesia moderna, interessante inserir nela o acontecimento no Brasil do movimento modernista, iniciado com a Semana de 22, marcada pela liberdade de criação e expressão como nos fragmentos de “Poética”, transcritos a seguir, de Manuel Bandeira que emprega várias imagens para iniciar o processo de negação dos valores poéticos do passado e depois de defesa de um lirismo libertador:

Poética (fragmentos)

Estou farto do lirismo comedido

do lirismo bem comportado

[...]

Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de
[um vocábulo]

Abaixo os puristas

[...]

Não queremos mais saber do lirismo que não é libertação.

O poeta faz referências ao “lirismo comedido e bem comportado”, “lirismo que para e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo” e questiona os puristas para manifestar uma insatisfação acerca dos valores estéticos formais de composição, típicos da estética parnasiana, a qual a rigidez controla a criação poética e faz com o que o poeta suspenda seu processo criativo para verificar um vocábulo no dicionário. Como este, há, na poesia moderna, vários poetas que usam paradigmas da estética modernista como bandeira de luta por uma atualização poética.

Ao se trabalhar com a poesia de dois poetas brasileiros modernos e dois contemporâneos, tendo como foco as diversas tradições literárias revisitadas, é importante lembrar a multiplicidade de vozes e estilos da poesia. E essas características não se limitam a

uma estética unívoca, mas por meio das novas formas de pensar, agir e comunicar que surgem na sociedade, tecendo novas conexões, significações e sentidos.

No ensaio “Caminhos recentes da poesia brasileira”, o crítico Antônio Carlos Secchin (1996) aponta que não seria possível considerar a poesia após 1960, sem levar em consideração Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, João Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira e Cassiano Ricardo. Conforme referencia Secchin,

seria falha uma avaliação da poesia brasileira a partir de 1960 que não levasse em conta obras como *Lição de coisas* (1962), de Carlos Drummond de Andrade, *Estrela da tarde* (1963), de Manuel Bandeira, *Jeremias sem chorar*, de Cassiano Ricardo, *A educação pela pedra* (1966), de João Cabral de Melo Neto, *Convergência* (1970), de Murilo Mendes. (SECCHIN, 1996, p.104)

Esses poetas marcaram a tradição da poesia no Brasil. Assim, as ressonâncias da estética moderna e modernista se desdobram nos poetas da atualidade que se distinguem pela multiplicidade de vozes e expressões. Há uma retomada que marca a literatura de hoje, pois, na perspectiva eliotiana: “as passagens individuais da obra poética podem ser aquelas em que os poetas mortos, seus ancestrais, revelam mais vigorosamente sua imortalidade” e, por excelência, “o passado orienta o presente e o presente modifica o passado” (ELIOT, 1989, p. 38-40). Ele identifica a crítica como sendo um dos elementos inerentes ao homem, destacando o papel do crítico em insistir para o apelo individual como característica principal da obra de um determinado poeta.

Secchin (1996) considera que a poesia brasileira das últimas décadas é múltipla. Ela se desloca alternativamente num e noutro sentido entre a vanguarda, a tradição e a contradição. Nesse estudo, o crítico expõe acerca do que fala e a quem fala o poeta de hoje. É a crise à qual se reportou a poesia, inclusive com “decretações de morte” (SECCHIN, 1996, p. 110).

A época moderna foi o período da crítica. Era preciso criticar a tradição, para que assim se avançasse. Por todos os lados, revoluções foram desencadeadas, pois compunha, na política, a mudança. Em síntese, a época moderna foi uma ruptura com a tradição e a busca por algo que fosse inovador. Dessa forma, o legado da ruptura foi a tese mais conhecida de Octavio Paz. Como seu ser reside em negar o que veio antes, após negar a tradição clássica antiga, a modernidade precisou passar a negar tudo o que ela mesma produzia.

Se a ruptura é destruição do vínculo que nos une ao passado, negação da continuidade entre uma geração e outra, pode chamar-se de tradição àquilo que rompe o vínculo e interrompe a continuidade? E há mais: inclusive, caso se aceitasse que a negação da tradição por extenso poderia, pela repetição do ato através das

gerações de iconoclastas, constituir-se uma tradição, como chegaria a sê-lo realmente sem negar-se a si mesma, ou seja, sem afirmar em um dado momento, não a interrupção, mas a continuidade? A tradição da ruptura implica não somente a negação da tradição, como também da ruptura [...]. (PAZ, 1984, p. 17)

Assim, por meio da tradição de ruptura, a modernidade pode negar-se a si mesma. Isso significa que a poesia moderna, como crítica da crítica, busca fundar um princípio anterior à modernidade e contrário a ela:

a poesia moderna quer ser ela a voz de um princípio anterior à história, a revelação de uma palavra original e de fundação. A poesia é a linguagem original da sociedade –paixão e sensibilidade –e por isso mesmo é a verdadeira linguagem de todas as revelações e revoluções. (PAZ, 1993, p. 362)

Segundo Paz, a poesia moderna é essencialmente crítica e não deixa de ser produto da época em que surge. Nessa medida, o primeiro movimento estético da modernidade foi o Romantismo.

Parafraseando Octávio Paz, em *Os filhos do Barro* a distinção entre a modernidade atual e a de outras épocas é a celebração do novo e surpreendente e muito mais o fato de ser uma ruptura: crítica do passado bem mais recente e rompimento da continuidade. Como ele diz: “A arte moderna não é apenas uma filha da idade crítica, mas é também crítica de si mesma” (PAZ, 1984, p. 20).

No cerne desse discurso, Paz (1984) cogitou sobre tais questões envolvendo a modernidade que surgiu no momento em que houve uma negação do passado e um rompimento da continuidade, uma vez que ao “moderno” subjaz a ideia de progresso, mudança e interrupção. Tal rompimento com os modelos do passado é concretizado a partir de releituras críticas ou não dos mesmos, já que

o moderno não é caracterizado unicamente por sua novidade, mas por sua heterogeneidade. Tradição heterogênea ou do heterogêneo, a modernidade está condenada à pluralidade: a antiga tradição era sempre a mesma, a moderna é sempre diferente. [...] Tradição do moderno: heterogeneidade, pluralidade de passados, estranheza radical. [...] O moderno é autossuficiente: cada vez que aparece, funda sua própria tradição”. (PAZ, 1984, p.18)

Antes da introdução dos poetas Paulo Leminski e José Paulo Paes, necessário se faz entender o contemporâneo, que Agamben (2009, p. 62) define como “aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro”. Esse “perceber o escuro” é uma habilidade de neutralizar as luzes que provêm da época para descobrir suas trevas, o seu escuro especial. Em outras palavras, Agamben afirma:

a contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. (AGAMBEN, 2009, p.59)

Agambem diz que pouca inovação há nessa poesia que vem após o modernismo e que se convencionou chamar contemporânea. Assim, parafraseando Agambem sobre definição de contemporâneo: Pertence realmente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo aquele que não coincide com este, nem se adéqua a suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual. Mas, justamente por isso, a partir desse afastamento e desse anacronismo, é mais capaz do que os outros de perceber e de apreender o seu tempo. Nesse âmbito, a contemporaneidade é uma relação singular com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, toma distância dele. Mais exatamente, é "essa relação com o tempo que adere a este, por meio de uma defasagem e de um anacronismo". Dessa forma, aqueles que condizem de um modo demasiado pleno com a época, que concordam sublimemente com ela, não são contemporâneos, porque, por causa disso, não conseguem vê-la, não podem manter o olhar fixo nela.

Na contemporaneidade, cada poeta carrega consigo uma enorme lâmina de diferentes influências, por isso mesmo, não se objetiva aqui, criar rótulos literários para a poesia contemporânea. Assim, é importante apenas uma breve análise das várias tendências poéticas contemporâneas ou, como preferem alguns críticos, famílias poéticas, já sabendo que essa separação ou aglutinação de poeticidades pode ser, no mínimo, enganosa, pois raros são os poetas que se mantêm em apenas um estilo de texto.

Dentro dessas famílias poéticas, importa dizer que, por causa do grande número de poetas brasileiros, sobretudo após a uniformização da comunicação por meio da internet, essa tarefa torna-se, a cada dia, mais difícil; todavia, alguns poetas ganham proeminência nos meios de comunicação, na crítica ou no próprio ambiente virtual. Além disso, também porque é extremamente difícil fazer uma análise de qualquer estrato do tempo em que estamos inseridos.

A esse respeito é importante indagar como a poesia sobrevive em uma sociedade capitalista de consumo. Ressalta-se, assim, que o homem está sem voz e a sociedade o tornou anônimo. A poesia possibilita restaurar esse homem e a sua individualidade. Em todo esse

contexto, há um visível aumento de publicações de poesia em meios virtuais, em pequenas e médias editoras e até edições financiadas pelo próprio autor.

Por se tratar de uma breve análise, não serão citados nomes de poetas, mas as principais tendências contemporâneas da poesia brasileira que provavelmente, dizem respeito às produções feitas a partir da década de 1950 até a atualidade. Muito do que foi e do que é produzido vem representando mudanças que ocorreram na sociedade, na política e nas tecnologias atuais. Tais tendências são mencionadas por Fábio Cavalcante de Andrade (2010) em quatro tendências, a saber:

1. Poesia Marginal, surgida como resposta direta ao clima opressivo do regime militar, buscando espontaneidade e o retratismo do cotidiano político;
2. Poesia Visual, herdeira e continuadora de determinados procedimentos do concretismo, bem como de outras vanguardas;
3. Poesia de Renovação das formas tradicionais e do cotidiano, indicando obliquamente uma forte presença de poéticas como as de Drummond e Manuel Bandeira, mas onde também se pode encontrar certo classicismo;
4. Poesia Hermética, acrescentando ao cânone brasileiro uma série de poetas difíceis, obscuros, apresentando ainda grande parentesco com valores da alta modernidade. (ANDRADE, 2010, p. 54)

No terreno da poesia, as tendências estão ligadas à estrutura de um tempo e não à constância da experiência do mundo (natureza, realidade concreta, mundo exterior, ou o que se queira chamar) por parte do poeta, tornando-se baluarte de uma realidade passível de ser moldada pela vontade humana.

É importante, também, acentuar que a poesia contemporânea direcionada aos jovens leitores renova-se por meio do hibridismo e da releitura da tradição poética. Seja na base papel, seja na base digital, essa produção mostra-se sustentada por duas grandes vertentes, o lírico e o lúdico. Assim, a poesia lírica e/ou lúdica tem se marcado pela capacidade inventiva de absorver as novas propostas estéticas advindas do Modernismo, dialogando tanto com as formas clássicas quanto com o repertório popular.

2.3 Drummond e Bandeira: Itinerário para a sensibilidade poética

A abordagem sobre dois poetas modernos Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira é importante nesse trabalho de pesquisa, porque, numa linguagem cotidiana e esteticamente bem elaborada, eles desenvolvem poemas que tocam os dramas humanos, muitos deles vividos pelos adolescentes em formação. Além disso, a proposta de leitura da

poesia de ambos toma como desafio levar o jovem à leitura de obras da tradição poética brasileira, seja ela recente ou clássica, que tenham sido legitimadas como obras de reconhecido valor estético, capazes de propiciar uma fruição⁴ mais apurada, mediante a qual o aluno terá acesso a uma outra forma de conhecimento de si e do mundo.

Dessa forma, torna-se válido adentrar um pouco no contexto da produção poética de cada um desses poetas para que seja entendida, pelo leitor, a razão do itinerário para a sensibilidade poética.

A poesia de Carlos Drummond de Andrade é grande pelo potencial lírico e também pela qualidade técnica dos poemas. Pode-se enxergá-la pela sensibilidade enquanto debruçar/aproximação/revolta perante a condição humana e também pela sensibilidade sob a forma de uma percepção aguçada que permitiria “enxergar” além do olhar comum.

O poeta Carlos Drummond de Andrade nasceu em 1902, em Itabira, cidade do interior do estado de Minas Gerais. Foi, além de escritor, funcionário público. Faleceu em 1987, na cidade do Rio de Janeiro, onde passou a maior parte de sua vida.

Um de seus livros, publicado em 1940, *Sentimento do mundo* traz inquietudes que antecederam a segunda guerra mundial, no contexto da ascensão dos governos totalitários (Getúlio Vargas e o Estado Novo no Brasil, Hitler na Alemanha, Mussolini na Itália, Franco na Espanha).

Nele, ocorre a passagem da poesia centrada no “eu”, presente em *Alguma Poesia* (1930) para uma poesia que se abre para o mundo. Esse mundo dominado por uma realidade não muito animadora, que exige o engajamento do poeta. Para ele, a poesia social não era um tema, mas, sim, uma necessidade da época. Drummond, com maestria e criatividade, influenciado pelos modernistas de 22, renovou a literatura brasileira do século XX. Retirou as pedras do meio do caminho com perspicácia e habilidade, fato que possibilitou um salto de qualidade na poesia brasileira moderna e contemporânea, porque suas obras conseguiram aliar o respeito da crítica à admiração dos leitores, por isso elas têm valor inestimável, marcadas pela relevância intelectual e riqueza humana. Na verdade, a poesia é uma forma de viver o

⁴ O sentido de FRUIÇÃO usado neste trabalho não corresponde ao prazer estético no sentido de atividade lúdica simplesmente, mas a apropriação que o leitor faz do texto literário, à medida que participa da construção dos significados desse mesmo texto, conforme definem as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006): “a fruição de um texto literário diz respeito à apropriação que dele faz o leitor, concomitante à participação do mesmo leitor na construção dos significados desse mesmo texto”.

poético e amenizar a dura realidade; daí vivê-la poeticamente. Dessa forma, pode-se dizer que Drummond apresenta uma preocupação diante de uma sociedade que oprime e devora seus sonhos e anseios.

Alguns importantes ensaístas e críticos literários como Antonio Candido, José Guilherme Merquior e Haroldo de Campos comentam sobre a experiência da linguagem em Drummond.

Em *Vários escritos*, de Antonio Candido (2004), há o ensaio “Inquietudes na poesia de Drummond.”, em que o crítico expõe:

A força poética de Drummond vem um pouco dessa falta de naturalidade que distingue a sua obra, por exemplo, da de Manuel Bandeira. O modo espontâneo com que este fala de si, de seus hábitos, amores, família, amigos, transformando, qualquer assunto em poesia pelo simples fato de tocá-lo, talvez fosse uma aspiração profunda de Drummond para quem o eu é uma espécie de pecado poético inevitável, em que precisa incorrer para criar, mas que o horroriza à medida que o atrai. O constrangimento (que poderia tê-lo encurralado no silêncio) só é vencido pela necessidade de tentar a expressão libertadora, através da matéria indesejada. (CANDIDO, 2004 p. 68-69)

No poema que dá nome ao livro *Sentimento do mundo*, os versos de Drummond “tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo” revelam a visão de mundo do poeta: não é alegre, antes, é cheia da realidade que assusta o leitor, porque, por mais que se sonhe, a realidade geralmente é dura e demais desafiante. O eu lírico mostra sua pequenez como matéria, mas acredita numa forma de transformação social, que se mantém ainda em estágio rudimentar.

Enfim, a poética de Carlos Drummond de Andrade insere-se no tema do cotidiano social de forma literária notável numa poesia de tom coloquial, fazendo com que o leitor reflita acerca das questões sociais do cotidiano, causadoras da fragilização do ser humano que vive perdido e solitário na multidão, acerca do mundo moderno, seja em poemas longos ou curtos.

A poesia drummondiana apresenta uma mistura de ironia com melancolia em poemas líricos e também narrativos. O conteúdo dos poemas de Drummond, somado à forma⁵, sensibiliza, faz emocionar, refletir e pensar sobre a rotina de um mundo em caos.

⁵ Candido (2004, p.178) “o conteúdo só atua por causa da forma”.

Além desses aspectos, particulariza-se a ironia como eixo de toda a obra do escritor mineiro, o elemento unificador de todos os movimentos de sua poesia. Drummond aperfeiçoou esse mecanismo em favor da produção de uma poesia meditativa, que serviu como fundamento para pensar não somente a posição e a função do sujeito lírico no interior do poema, mas também para pensar a própria máquina interna do poema, sua lógica interior de construção e desenvolvimento.

No poema *Mãos dadas*, também da obra *Sentimento do mundo* (1940), o poeta revela a inalcançável solidariedade humana.

Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, do tempo presente, os homens presentes,
a vida presente.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do Mundo*. Rio de Janeiro, Record, 2000.

O poeta é considerado como um ativista dos direitos humanos e, não raro, nega a influência do mundo moderno em sua obra. Porque ele foge do individualismo tão presente na vida moderna e parte para o que é coletivo, para a solidariedade ao dizer: “Estou preso à vida e olho meus companheiros”. O fato de olhar os companheiros e não querer se afastar deles: “Não nos afastemos muito” e também de não querer ir sozinho: “vamos de mãos dadas” é fator que comprova isso.

Ora, conforme Candido (2004) diz acerca desse poema:

A poesia consistia em trazer em si os problemas do mundo, manifestando-os em espécie de ação pelo testemunho, ou de testemunho como forma de ação através da poesia, que compensa momentaneamente as fixações individualistas do eu todo retorcido. (CANDIDO, 2004, p.79)

Duas obras são exemplares da poesia social de Drummond, *Sentimento do mundo* (1940) e *Rosa do povo*. Esta última publicada em 1945 é considerada a mais extensa, num

tempo obscuro de dor, sentimento e agonia de seu tempo. Foi a primeira obra madura e a de maior expressão do social e modernista. Já em *Sentimento do mundo* o escritor foge do individual e mira o coletivo, a solidariedade, o social. Outra vez, Candido assevera:

Na fase mais estritamente social (a de Rosa do povo), notamos, por exemplo, que a inquietude pessoal, ao mesmo tempo que se aprofunda, se amplia pela consciência do “mundo caduco”, põe o sentimento individual de culpa encontra, senão consolo, ao menos uma certa justificativa na culpa da sociedade, que a equilibra e talvez em parte explique. (CANDIDO, 2004, p.80)

Esse talvez seja o itinerário para a sensibilidade poética num sentido mais amplo e uma via alternativa para a formação humana e crítica do leitor. É isso que justifica a escolha deste poeta como *corpus* de leitura da presente pesquisa.

Drummond é considerado grande pelo lirismo associado à técnica – e os efeitos de sentido que eles provocam -, ou seja, sua estética, que inclui também sua escolha temática e a abordagem decorrente de sua visão de mundo.

Esse poeta mineiro absorveu intelectualmente as influências do passado classicista ao poetizar a máquina do mundo. Silviano Santiago (1989) mostra bem como se dá essa releitura da tradição, no texto “A permanência do discurso da tradição no Modernismo”:

[...] um poeta feito como Carlos Drummond, o poeta do tempo presente, da vida presente, dos homens presentes – estará fazendo em 1949, um *remake* do tema clássico da máquina do mundo. O canto nono de *Os Lusíadas* trata da máquina do mundo e Vasco da Gama, e Drummond dele faz o que talvez seja o primeiro *remake* do modernismo. (SANTIAGO, 1989, p. 97)

Logo, ao tentar disseminar o novo, os poetas precisam romper com o passado. Porém, o passado emerge para confirmar o presente como se lê em *Os filhos do barro* (1984), de Octavio Paz:

[...] o passado é um tempo que reaparece e que nos espera no final de cada ciclo. O passado é uma idade vindoura. Dessa forma, o futuro nos oferece uma dupla imagem: é o fim dos tempos e o seu recomeço, é a degradação do passado arquétipo e é a sua ressurreição. O fim do ciclo é a restauração do passado original. (PAZ, 1984, p. 28)

A poesia está dispersa no mundo e, ela pode ser desentranhada das coisas mais simples. Essa afirmação é de Manuel Bandeira, o outro poeta modernista a ser trabalhado aqui. Em outra parte, o poeta ainda diz mais: “A poesia está em tudo – tanto nos amores como nos chinelos, tanto nas coisas lógicas como nas disparatadas”, de *Itinerário de Pasárgada* (1984, p.19). Isso traduz a ideia de que a poesia é o caminho para a sensibilidade poética. E o que vem a ser essa sensibilidade poética? Como provocá-la e deixar que o viver poético

amenize a dura realidade? Essas são questões que, de certa maneira, exigem do ser humano uma reflexão e a constatação de que o contato com os sons, ritmos, formas, combinações de palavras e a fruição de significados é um estímulo que contribui para a efetivação da leitura e também na formação humana de jovens leitores de poesia e estimula a emoção, o espírito de solidariedade, de amor.

Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho, poeta, crítico literário e de arte e professor de literatura, nasceu em 1886, em Recife e faleceu em 1968. Ele possui estilo simples e direto com abordagem de temáticas cotidianas e universais. A tuberculose (doença considerada fatal na época) foi um impasse na vida do escritor, que estava sempre na perspectiva de morrer a qualquer momento. Isso implica repetir a máxima "toda a vida que podia ter sido e que não foi". Como produção poética publicou em 1917, a primeira obra *A Cinza das Horas*, e a segunda *Carnaval*, de 1919. Depois, *Libertinagem*, de 1930, *Estrela da vida inteira*, de 1936 entre várias outras.

O livro *Itinerário de Pasárgada* foi publicado em 1954 e se insere no contexto de autobiografia canônica, segundo Davi Arrigucci como

um relato de uma experiência poética: uma longa e lenta viagem em que o vivido , transmuda em poesia [...]

É um livro extraordinário, muito peculiar no quadro da literatura brasileira, não apenas pela qualidade da prosa, mas pela forma rara em que se realiza enquanto gênero, transformando uma espécie de autobiografia confessional também na revelação sem pose de uma teoria da poesia. (ARRIGUCCI, 1990, p. 124).

A poesia bandeiriana aponta traços indicadores de uma sensibilidade romântica, sobretudo de um profundo desalento, aliado à desilusão e à melancolia. A confissão de seu estado de espírito, a presença de um “eu” mais pessoal e da morte (que de fato rondava o poeta) como motivos poéticos mais frequentes conferiram ao poeta pernambucano uma aura romântica e ainda a extrema ternura e paixão pela vida.

Arrigucci diz que, sem dúvida, a experiência na relação entre a vida e a morte “deixou traços profundos em sua atitude e em seu próprio modo de conceber o poético, sem falar no temário inevitável e recorrente da morte” (ARRIGUCCI, 1990, p. 259).

Isso pode ser percebido no poema “A Morte Absoluta”, incluído em *Lira dos cinquent’anos* (1948).

A Morte Absoluta

Morrer.
Morrer de corpo e de alma.
Completamente.

Morrer sem deixar o triste despojo da carne,
A exangue máscara de cera,
Cercada de flores,
Que apodrecerão — felizes — num dia,
Banhada de lágrimas
Nascidas menos da saudade do que do espanto da morte.

Morrer sem deixar porventura uma alma errante...
A caminho do céu?
Mas que céu pode satisfazer teu sonho de céu?

Morrer sem deixar um sulco, um risco, uma sombra,
A lembrança de uma sombra
Em nenhum coração, em nenhum pensamento,
em nenhuma epiderme.

Morrer tão completamente
Que um dia ao lerem o teu nome num papel
Perguntem: “Quem foi?...”

Morrer mais completamente ainda,
— Sem deixar sequer esse nome.

BANDEIRA, Manuel. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951.

Por outro lado, destaca-se que a poesia de Bandeira não cultua apenas o tema da morte, como parece ser. Há outros temas peculiares na abordagem poética dele como a infância, o amor, a solidão, a paixão pela vida. Ele usava o cotidiano e todas as coisas simples da vida para compor a sua poesia. O poeta também criou um mundo fictício para que pudesse fugir da realidade. É o mundo de Pasárgada:

Vou-me embora para Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Vou-me embora pra Pasárgada

Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

[...]

BANDEIRA, Manuel. *Bandeira a Vida Inteira*. Editora Alumbamento, Rio de Janeiro, 1986.

Nota-se que, tanto Drummond quanto Bandeira captam, do reino das palavras, aquilo que querem, a seu tempo. Drummond é ponto máximo da realização nacional no âmbito da lírica moderna, encarna a tensão brasileira e a eleva ao princípio de composição lírica, na busca de uma forma e Manuel Bandeira parece o homem cordial que alia a forma moderna do poema à melancolia da infância. Assim, a literatura brasileira se compõe como um sistema ativo e forte e, no caso específico da poesia, tem-se a lírica moderna brasileira, em suas diferentes vozes, como Bandeira e Drummond.

2.4 Viver poeticamente o conhecimento e o mundo com José Paulo Paes

O fazer literário de José Paulo Paes é semântico. E como já bastante abordado nessa pesquisa, a forma contribui para que Paes manifeste-se de forma criativa nos campos fonológico, morfológico, sintático significativamente para a compreensão do conteúdo de seus poemas. O arranjo com as palavras é feito com maestria e assume a forma pretendida, gerando, assim, variações de jogo verbal. Ao elaborar o texto poético, o autor utiliza comparações, repetições e inversões, assumindo papel fundamental para a dinâmica do texto, e, dessa forma, gera conhecimento e possibilita a vivência de um conhecimento do mundo.

José Paulo Paes, paulista, nascido em 1926, na cidade de Taquaritinga-SP, encantou-se com a poesia pré-modernista de Augusto dos Anjos, teve contato com a produção literária de Machado de Assis e com trabalho de Edgar Allan Poe. Isso contribuiu, de algum modo, para a construção poética do referido autor. Além disso, ele contraiu amizade com Mário de Andrade, Drummond e outros, o que é relevante no seu percurso de escritor. Foi com

Augusto dos Anjos, autor de *Eu e outras poesias*, que José Paulo Paes diz ter percebido o que é a poesia:

A poesia como linguagem de descoberta e apropriação do mundo; como fala inaugural diante da surpresa da vida, a vida de fora e a vida de dentro; como a fundação do ser pela palavra referida por Heidegger a propósito de Hölderlin, o poeta dos poetas. (PAES, 1991, p.183)

Como leitor voraz, ele amava a literatura, assim como os demais mencionados aqui, mas, apesar de seu amor pelas Letras, Paes tinha formação técnica em química que era também uma de suas paixões. Foi um poeta que se voltou para os diversos rumos da literatura, a saber: foi tradutor, ensaísta, crítico literário. Também mostrou diversas influências desde a poesia engajada de caráter contestador até a poesia infantil. Assim, a poesia paesiana volta-se para o leitor, ao considerá-lo, respeitá-lo e apostar na sua inteligência.

O escritor expõe uma qualidade literária que não se prende a uma só vertente literária ou a uma modalidade de língua. Ele está entre os autores que trabalham artesanalmente a palavra e, dessa forma, procura possibilidades para permear a linguagem e, de forma quase mágica, abre um mundo e a mente do ser leitor.

Ao elaborar a poesia convite, o poeta convida para a ludicidade verbal, conduzindo o leitor de qualquer idade a participar da brincadeira.

Convite

Poesia
é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.
Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar se gastam.
As palavras não:
quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.
Como água do rio
que é água sempre nova.
Como cada dia
que é sempre um novo dia.
Vamos brincar de poesia ?

PAES, José Paulo. *Poemas para brincar*. 12ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

Davi Arrigucci Jr. comenta acerca da poesia de Paes e diz que ela revela “o irônico testemunho de seu mundo, de seu tempo e de si mesmo...” (ARRIGUCCI, 1999, p.60). Também, ao investigar o epigrama, forma poética da Antiguidade Clássica buscada por ele

essa ideia da forma incisiva, voltada para o comentário irônico ou corrosivamente satírico da vida pública (...), José Paulo retoma, sem dúvida, essa tradição da forma epigramática, mas refaz o molde à sua maneira, ajustando-o, é claro, às necessidades expressivas de nosso tempo e de sua própria personalidade poética. (ARRIGUCCI JR., 1998 p. 05)

Na verdade, Arrigucci explicita a ironia combinada ao molde epigramático que aparece na poesia paesiana no sentido mais abrangente. Importante lembrar, nesse sentido, que a poesia de José Paulo Paes contribui para a formação crítica do leitor, uma vez que, além de uma elaboração estética que instiga o leitor, Paes também coloca algumas cifras que exigem de quem lê um conhecimento extratextual. Um exemplo disso é o poema “Dúvida revolucionária” da série datas comemorativas, na obra *Calendário perplexo*:

31 de março/1º de abril
DÚVIDA REVOLUCIONÁRIA
ontem foi hoje?
ou hoje é que é ontem?

PAES, José Paulo. *Calendário perplexo*. São Paulo: Ficções, 1983.

Ao analisar o poema, o leitor precisa da informação sobre o que aconteceu na data citada. Como se sabe, o primeiro ato do Golpe militar se deu em 1º de abril e, para não ter o fato relacionado com o dia da mentira, os militares antecederam a comemoração para 31 de março. Esses dados permitem entender a ironia feroz e a alfinetada satírica na política desta fase da história do Brasil.

O poeta põe em miniatura, cômica e poeticamente, o complexo mundo que o circunda. Assim, o leitor descobrirá, com a ajuda de um mediador da leitura, se for o caso, o expressivo procedimento de elaboração poética: o primeiro dia é o do golpe militar de 1964, o segundo é o dia da mentira. Sendo assim, o deslocamento dos vocábulos “ontem” e “hoje” – respectivamente, do início do primeiro verso para o fim do segundo, e do fim do primeiro para o início do segundo – sugere que tanto um como o outro podem ser mentiras.

O mesmo acontece no poema:

1º de maio
ETIMOLOGIA
no suor do rosto
o gosto
do nosso pão diário
sal: salário

PAES, José Paulo. *Calendário perplexo*. São Paulo: Ficções, 1983.

Nesse texto, o leitor notará que a presença do “S” sibilante é destacada, que perpassa o poema, como o dinheiro (\$) perpassa a vida. Trata-se de um eu poético que, no primeiro dia de maio, dia do trabalho, recupera o significado original da palavra salário, que deriva de sal, aliando-a ao gosto do suor produzido pelo esforço duro do trabalho para a obtenção do “pão diário”, metonímia de alimento, e instaurando uma relação em que um se impregna do outro: o gosto do suor está na raiz da palavra que justifica o trabalho, o sal-salário. Assim, como em todos os poemas de *Calendário perplexo*, podem-se verificar que há uma preocupação em que se projeta a coerência entre os títulos, as datas e o texto, como traço de positividade em relação à tradição poética que, certamente, um leitor desperto conseguirá perceber.

Por fim, evidencia-se que, mesmo sendo versátil e ousado, José Paulo Paes não é um poeta tão conhecido e celebrado como João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Mário Quintana, Cecília Meirelles, Jorge de Lima. A razão de sua relativa “obscuridade” talvez se explique, segundo Carlos Felipe Moisés,

por sua aversão à chamada ‘vida literária’, aquela aura mundana, feita de vaidades exacerbadas, golpes de oportunismo e tráfico de influências, que cerca o objeto propriamente literário que é o livro impresso. Parte por temperamento, parte por princípio, José Paulo sempre se manteve à distância das confrarias do elogio mútuo, responsáveis por tanta glória efêmera, preferindo arcar com o ônus de uma atividade rigorosamente ética. Para ele, a recepção da obra literária deve prescindir da promoção publicitária, sobretudo a autopromoção; o livro deve oferecer-se ao leitor tal como é e não como o estrelismo do autor e as injunções do momento o imponham ao imediatismo do consumo. (MOISÉS, 1996 p. 125)

Resumindo, é importante destacar que José Paulo Paes também parece propor a percepção, em nível de detalhes, do contexto em que se dá a gênese de sua poesia para que o leitor possa viver poeticamente o conhecimento e o mundo, pela ironia, jogos de palavras, aliterações, ousadia e senso crítico. Diante disso, ressalta-se que a concisão sempre atraiu o poeta em questão e, como ele mesmo disse, “Desloco o centro de atenção do verso para a palavra, numa espécie de virada intraverbal, para os ‘semas’, unidades elementares da palavra” (Paes, 1990, p.31). Em sua obra, também o chiste, que com humor e sagacidade, é

responsabilizado por condensar, unificar e metaforizar o mundo. Assim, o poeta diz muito com muito pouco.

2.5 Paulo Leminski: a razão de ser na poesia

A poesia é uma arte e como tal ela expressa algo de vital ao leitor, uma vez que é feita de valores essenciais para a existência humana, é um meio de descobrir o mundo para a humanidade, tirar o véu que torna a vista do leitor opaca ao olhar para ele mesmo e para o mundo.

Paulo Leminski filho, poeta curitibano, nasceu em 1944 e morreu aos 44 anos em 1989. Sua poesia possui elementos que influenciaram, de forma direta, a poesia brasileira a partir dos anos 1990. As palavras de sua poesia são adequadas a uma forma, e ele não as dispersa; usa muitas elipses e trabalha com a sintaxe ou com a quebra como recurso poético; usa a metalinguagem; explora as camadas sonoras em alguns versos, o que remete ao simbolismo e, também, no aspecto formal, a visualidade de alguns poemas remete à poesia concreta. Leminski, poeta de grande vendagem, faz parte de uma geração que privilegiou a caixa baixa nos poemas, isto é, a escrita em letras minúsculas no início de frase, a ausência de pontuação, o uso de rimas em construções rápidas, objetivas, a melancolia disfarçada de bom humor. É também Leminski que coloca em xeque a questão da vanguarda no Brasil.

O poeta joga com os sentidos das palavras em suas poesias, provoca múltiplos significantes e estimula a imaginação do leitor a participar do jogo de interpretação. Leminski possui certa aversão à padronização da forma de se fazer poesia.

Nesse sentido, o caráter lúdico do poema movimenta o leitor a fazer um jogo com os significantes em busca de uma possível significação, como se estivesse frente a um mistério de múltiplas respostas. O poema passa a ser o tabuleiro, campo de significância que é o texto, e convida o leitor a jogar de forma ativa, fazendo seus lances de interpretação, suas escolhas. Como se pode ler em “Sem budismo”

Poema que é bom
acaba zero a zero.
Acaba com.
Não como eu quero.
[...]

LEMINSKI, Paulo. *Toda Poesia*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Logo, é interessante que o leitor saiba que a poesia possui formas peculiares. Assim, passar para os sujeitos leitores noções sobre versificação, metrificação, rimas, sons e ritmos, fatores ligados à linguagem característica do poema é um fator básico e que poderá ser feito à medida que a leitura for acontecendo. Por ser a poesia arte nutrida de palavras, por meio delas nasce um universo autônomo de dimensões diferentes, ela é abertura do ser-autor, onde este se inaugura através da linguagem. Na poesia, a palavra deixa de ser signo representacional para se tornar um sinal vocativo de aceno e apelo.

Na grande maioria, os poemas de Leminski são escritos em letras minúsculas, o que causa sensação de descaso do poeta com a forma, isso por fugir do método padrão que é o de iniciar frases com letras maiúsculas. Além desses aspectos seus poemas são pequenos e instantâneos. E isso não quer dizer que eles sejam fáceis de serem interpretados, pois ele cria metáforas e ambiguidades que instigam o leitor na busca de sentidos para o texto. Com a influência dos haicais o poeta consegue sintetizar um pensamento ou uma imagem em um poema muito curto.

Figuras de linguagens como assonâncias, aliterações, ecos, paranomásias e paralelismos, elementos que constituem os recursos sonoros e semânticos também são encontrados nas poesias de Leminski. É, ainda, característica da poesia desse poeta misturar, de modo equilibrado, gírias e expressões sofisticadas. A alma de sua poesia é a liberdade de escrever do jeito que se fala. Segundo Vaz, seus poemas são “poemas curtos, sem títulos, apenas com numerações, todos formatados em caixa baixa e sem muita pontuação que ele considerava uma prática parnasiana” (VAZ, 2009, p. 79).

Segundo informações do livro *Haicais Brasileiro*, de José Araújo (2014), Leminski é adepto do Haikai – “Haiku”, nome original Japonês, “que se caracteriza pela brevidade da sua forma. É um pequeno poema de três versos, de cinco, sete, cinco sílabas,

respectivamente” (ARAÚJO, 2014, p. 5). No entanto, quando ele passou a ser cultivado em outros países, essas regras são seguidas com menos rigidez e em outras podem ser até mesmo ignoradas, dependendo de cada poeta. E Leminski representa a melhor e a mais conhecida realização de haicais no Brasil, mesmo já tendo havido poetas adeptos dessa modalidade, como Afrânio Peixoto, Guilherme de Almeida, Haroldo de Campos, Millôr Fernandes, entre outros.

Em seus poemas, Leminski constrói um eu lírico que não tem a subjetividade radical das poesias do Romantismo, Parnasianismo e Simbolismo. Ele bebe das fontes modernista, surrealista, concretista e psicanalítica, mas não se prende a um princípio absoluto específico. Ele mostra também a sua angústia e a sua influência em textos curtos e concisos, mas cheios de sentido em seu aparente sem (ou pouco) sentido, como pode - se notar no seguinte texto do poeta:

Nuvens brancas
passam
em brancas nuvens

LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.101.

Ao embasar na análise de Luiz Camilo Lafalce, da Revista Pandora Brasil – (Nº 22 - Set. 2010), percebe-se que nesse haikai, há um jogo verbal, uma inversão do sintagma nominal “nuvens brancas”, encaixada no sintagma do terceiro verso “em brancas nuvens”. Logo, dois sentidos são atribuídos ao texto: um diz respeito ao movimento das nuvens do céu, isto é, as nuvens brancas que em sua dança eólica (e erótica), fundem-se a outras nuvens brancas; o outro, que as nuvens brancas do céu passam despercebidas, de forma especial para aqueles que, longe da infância e/ou da atitude contemplativa, vivem estressados nas grandes cidades. Marcas do verbo “passar” projetam-se de forma lúdica na configuração espacial do texto, no deslocamento à direita do terceiro verso, uma ocorrência que pode-se chamar de representação, estabelecendo-se um jogo entre palavra e figura. Mas essas unidades mínimas da significação de uma palavra associam-se à palavra *transformação*, realizado magistralmente no jogo de significantes que corresponde à inversão dos termos do sintagma: assim como as nuvens em movimento se transfiguram, da mesma forma os termos se deslocam sugerindo a mudança e produzindo a outra possibilidade do sentido: em brancas

nuvens = despercebidas. A “linguagem” das nuvens reflete-se na linguagem verbal. Mas o poema também fala de si mesmo: no jogo da linguagem, o significante “nuvens brancas” *reflete-se* no significante “brancas nuvens”. Logo, na função referencial da linguagem um pode “passar” pelo outro mantendo o significado de base informativa.

Particularidades de seu processo criativo, como observador neste poema, é que fazem com que Paulo Leminski seja considerado um dos poetas que melhor conseguiu sintetizar a sincronia, proposta por Octavio Paz e Haroldo de Campos, em referência a uma tradição moderna. Leminski propõe, dessa forma, que a vanguarda não só se compatibilize com o “já-feito”, como tenha condições de localizar o que ela traz de “permanentemente novo”. E vai ao encontro de Giorgio Agamben, quando este assevera que “a vanguarda, quando é consciente, não se dirige jamais ao futuro, mas é um esforço extremo para encontrar uma relação com o passado” (2005, p. 163).

Por fim, elucida-se que a razão de ser na poesia advém das várias vozes poéticas do tempo de Paulo Leminski (1986), que se tornou ícone de sua geração por meio do caráter inovador de suas poesias e também por valorizar a concisão, a força da imagem e a linguagem coloquial, recursos que, derivados de sua atuação como jornalista, explicam de maneira direta o processo criativo de seus poemas.

O poema, a seguir, compõe o livro *Distraídos Venceremos* (LEMINSKI, 1987, p. 133):

Razão de ser

Escrevo. E pronto.
Escrevo porque preciso
preciso porque estou tonto.
Ninguém tem nada com isso.
Escrevo porque amanhece.
E as estrelas lá no céu
Lembram letras no papel,
Quando o poema me anoitece.
A aranha tece teias.
O peixe beija e morde o que vê.
Eu escrevo apenas.
Tem que ter por quê?

LEMINSKI, Paulo. *Distraídos venceremos*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Tal poema é formado por doze versos dispostos em uma única estrofe. A postura adotada pelo poeta é a escrita, que, para ele, é ponto pacífico de sua caminhada e (“ninguém tem nada com isso”, verso 4). O poeta faz da poesia o verdadeiro sentido da existência e não apresenta estados de incerteza ou insegurança, declarando que escreve porque precisa, apenas escreve. Para o eu poético, escrever não tem que ter por quê. Ele adota uma forma mais voltada para o Concretismo, cuja característica é a objetivação da poesia através da abolição do verso tradicional, muito embora na visão de Leminski, os simbolistas foram tão concretos quanto os “concretos”. Em “Razão de Ser” os elementos simbólicos estão também relacionados ao processo de criação.

Dessa forma, cabe ao leitor em formação perceber todas as unidades significativas do poema e considerar o jogo de palavras, a ironia, a construção de ritmos para encontrar a razão de ser, conforme escreve Leminski. Com base nisso, podem-se estabelecer as relações verificando-se os elementos de metapoesia, assimilação, modificação e renovação presentes em seus poemas.

CAPÍTULO 3

UM OLHAR SOBRE A LEITURA DE POESIA EM SALA DE AULA

“Para entender nós temos dois caminhos: o da sensibilidade que é o entendimento do corpo; e o da inteligência que é o entendimento do espírito. Eu escrevo com o corpo. Poesia não é para compreender, mas para incorporar. Entender é parede: procure ser uma árvore.”

(Manoel de Barros, 1982)

3.1 Uma sequência de leitura de textos poéticos

Este terceiro capítulo objetiva relatar uma experiência de leitura de poesia brasileira moderna e contemporânea proposta para efeito da presente pesquisa, e desenvolvida na sala de aula do 1º ano do Ensino Médio, com 20 alunos em uma escola pública estadual no município de Goiânia. O relato abrangerá considerações e análises feitas durante a pesquisa bibliográfica e está embasado principalmente em Todorov (2009); Antonio Candido (2004); Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, 1996); Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1999); Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCPEM, 2006), entre outros.

As produções poéticas de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Paulo Leminski e José Paulo Paes serviram de *corpus* de análise para o desenvolvimento da experiência de leitura realizada com os alunos.

Para atingir os objetivos propostos nesta pesquisa, utilizou-se o método hipotético-dedutivo (cf. MARCONI; LAKATOS, 2010), que se caracteriza por partir de um problema ao qual se oferece uma solução provisória, passando-se pela crítica da solução para eliminar possibilidades de erro e, por meio de testes, chegar a uma conclusão possível. O problema da pesquisa, como já se tem discutido, é verificar se a leitura de poesia contribui para a formação crítica e humana do aluno. A hipótese provisória é de que a poesia contribui sim para formar o aluno de Ensino Médio nesses dois aspectos. Essa hipótese será confirmada ou não neste capítulo por meio de testes/instrumentos de pesquisa aplicados ao grupo.

Os instrumentos de pesquisa utilizados foram: aplicação de uma sequência didática

(SD)⁶ pela pesquisadora, com leitura de poemas dos poetas já mencionados anteriormente; produções textuais dissertativas; aplicação de um mesmo questionário em dois momentos diferentes (antes das aulas de leitura de poesia e depois das aulas); produção de um memorial de leitura para verificar qual a visão dos alunos sobre a necessidade ou não da poesia na formação do leitor e a produção de cartas solidárias e de bilhetes de agradecimentos pela oportunidade de execução do projeto. Em relação à aplicação dos dois questionários, foi possível verificar se a opinião deles sobre poesia mudou ante o trabalho desenvolvido. O segundo questionário foi elaborado com base nos dados do primeiro. A aplicação das atividades de análise crítica de alguns poemas foi necessária para verificar se o trabalho com poesia contribuiu para o desenvolvimento de seu pensamento crítico. O memorial de leitura, que é uma escrita livre, em que o escritor expõe memórias vividas acerca da leitura, foi produzido pelos participantes da pesquisa que tiveram como parâmetro toda a trajetória de leitura deles até o momento final do projeto executado. O memorial teve sua importância na pesquisa porque, por meio desse instrumento, manifestam-se no texto movimentos, flutuações, instabilidades e seletividade. Para Pollak (1992), “a memória é um fenômeno constituído individualmente e coletivamente.” Já as cartas e os bilhetes para a equipe da escola tiveram o objetivo de funcionar como um tipo de agradecimento pelo trabalho desenvolvido, mesmo assim tiveram certa importância para o resultado da pesquisa.

O capítulo está dividido em três seções. Nesta primeira seção, está exposta a aplicação da SD e seus resultados. A aplicação da SD foi analisada na íntegra, mas, para fins de relato nesta dissertação, apenas parte dela será exposta, uma vez que ela foi sequenciada com 33 aulas, o que torna impossível registrar aqui todo o trabalho desenvolvido. Apenas as partes mais significativas serão utilizadas como amostragem. No ANEXO 1, porém, o leitor pode encontrar a SD na íntegra. A segunda seção trata da receptividade dos alunos às aulas, cujo objeto de leitura literária foi a poesia, bem como a experiência com os poemas. Na terceira seção, os relatos serão acerca da análise de dados da aplicação dos dois questionários que foram comparados. No primeiro questionário, o foco foi uma sondagem sobre as preferências de leitura dos alunos e como ela deveria ser conduzida. Já no segundo, pretendeu-se apurar o

⁶ Doravante, a sigla SD será usada para a designação de Sequência Didática.

efeito do trabalho com a leitura de poesia na turma pesquisada, bem como um enfoque especial na mediação da leitura a partir dos resultados nas respostas dos alunos. Por fim, na quarta seção, foram analisados alguns instrumentos que contribuíram para a mediação da leitura, a saber: a produção de um texto de opinião sobre o trabalho com a poesia, produção de cartas, bilhetes e, depois, a produção do memorial de leitura. Isso feito, foi realizada uma conclusão geral e considerações sobre os resultados obtidos com o desenvolvimento do projeto.

Antes, porém, de iniciar a análise propriamente dita da aplicação da SD, algumas informações acerca do espaço em que a pesquisa foi realizada, de seus participantes, do *corpus* de textos poéticos etc. são relevantes.

A pesquisa foi realizada no Colégio Dom Abel-SPL da rede estadual de ensino do estado de Goiás, situado em Goiânia. Nele, há o Ensino Médio no turno matutino e escola de tempo integral no período diurno para o Ensino Fundamental de 6º ao 9º anos. No período noturno, há o Ensino Médio de 1º ao 3º anos. A pesquisa seria desenvolvida, inicialmente, no turno matutino. Isso, no entanto, não foi possível, porque a professora regente não pode ceder as aulas. Assim, as aulas de leitura de poesia aqui relatadas direcionaram-se a uma turma do 1º ano do turno noturno. Como havia três turmas dessa série, a selecionada foi a do 1º ano “D” por corresponder aos critérios definidos como necessários para o desenvolvimento da pesquisa, dentre eles: ser do Ensino Médio, ser uma turma em que os alunos apresentassem episódios de indisciplina e alguma dificuldade de aprendizagem.

Importante enfatizar que, por ser período noturno, a dificuldade em executar a sequência didática foi bem maior, em razão do horário mais reduzido de cada aula e a falta de aulas durante o semestre por vários fatores inerentes ao cotidiano de uma escola pública. Além disso, os alunos do turno noturno, em geral, são trabalhadores com carga horária média de oito horas diárias de trabalho. Com isso, é perceptível que a maior parte dos alunos do noturno justifica a pouca dedicação aos estudos à falta de tempo disponível, pois muitos deles possuem alguma outra atividade durante o dia. De algum modo, o limite de tempo disponível para estudo por tais alunos compromete-lhes o desempenho nas leituras. Assim, pode-se constatar também que o índice de reprovação é maior no ensino noturno quando comparado ao diurno, segundo dados da coordenação pedagógica. Concomitante a isso, ficaram notáveis, por meio deste trabalho, as reais necessidades e dificuldades que os alunos do turno noturno

encontram para conseguir concluir o Ensino Médio, tais como: falta de tempo para dedicar-se aos estudos e à leitura; cansaço diário após um dia de trabalho; falta de um projeto inovador direcionado à leitura em geral e à leitura de poesia, em específico, como também o desestímulo com a educação escolar. Diante desses apontamentos, coletados em conversa informal com a coordenação da unidade de ensino, parece ser necessária maior inovação no fazer pedagógico para promover melhores condições de ensino para professores e alunos, especialmente, os do turno noturno.

A instituição de ensino escolhida como local da pesquisa fica localizada na região sul de Goiânia, no setor Pedro Ludovico. Essa região possui várias escolas e é considerada uma área privilegiada por ser de fácil acesso ao centro e a outros bairros. A equipe educativa da escola pesquisada acolheu e apoiou o projeto com incentivo aos alunos, desde o primeiro momento, o que facilitou a entrada da pesquisadora e a receptividade dos alunos.

Durante o tempo da pesquisa, que ocorreu de maio a novembro de 2014, os professores de outras áreas foram solícitos e colaboraram com a cessão de algumas aulas. A professora de Língua Portuguesa, titular da turma, apoiou todas as ações do projeto, cedeu duas aulas semanais, colaborou em vários aspectos, inclusive com a preparação de material pedagógico, que, nem sempre, esteve por completo à disposição.

Pequena e com poucas salas de aula, a escola conta também com sala de informática, uma quadra poliesportiva e uma biblioteca não muito grande, mas com livros de literatura de boa qualidade, porém, pouco frequentada para leitura literária. Os alunos sempre buscam livros didáticos na biblioteca para uso em sala de aula, uma vez que, atualmente, eles não são mais levados para casa. São guardados na biblioteca, porque o aluno não se lembra de levá-lo para a escola, ou até mesmo porque vai direto do trabalho para a instituição de ensino.

Durante os meses em que a pesquisa foi desenvolvida, houve aula em que os alunos puderam ler, interpretar, dialogar, compartilhar e externar suas experiências de leitura, seus gostos, seus hábitos, suas preferências. Puderam experimentar o fruir da leitura, a relação com as coisas, com a poesia e com o mundo.

Para o *corpus* analítico-crítico, ante a necessidade de fazer uma seleta de poetas e de textos, foram escolhidos dois nomes mais representativos do Modernismo Brasileiro e dois contemporâneos que, em geral, foram bem aceitos para o público leitor que figura como participantes desta pesquisa. O fato de não escolher uma obra específica de cada um deles

deve-se à possibilidade de, num universo maior de obras desses autores, selecionar aqueles textos que pudessem ser mais pertinentes ao objetivo da pesquisa, qual seja, evidenciar como a poesia contribui para a formação humana e crítica do aluno do Ensino Médio. Pela razão já aludida e pela qualidade estética das obras, optou-se, conforme já mencionado no capítulo 2, para serem apresentados os textos dos poetas Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Leminski e José Paulo Paes, exatamente nessa ordem.

No contexto educacional da unidade de ensino em questão, foi comum o discurso a respeito da inexistência do prazer dos alunos pela leitura literária e da dificuldade de eles se dedicarem adequadamente à escrita. Sem dúvida, percebeu-se que os alunos apresentaram, de fato, dificuldades, mas o incentivo para que o trabalho da pesquisadora se realizasse, por parte de educadores e responsáveis, acarretou um processo contínuo de aproximação da pesquisadora com os alunos, dos alunos com os alunos, com os poetas, com os textos e com os livros.

Após esse momento de situar o contexto da pesquisa realizada, necessário se faz analisar essa sequência de leitura de textos poéticos. A organização dessa sequência se deu com a escolha de poemas que não seguiram uma sequência cronológica dos autores e começou-se com o poema de José Paulo Paes para introdução do assunto poesia. Assim, apresentou-se o poema “Convite” que configurou-se para os alunos como realmente uma brincadeira lúdica, conforme sugere o próprio poema, para apresentar a proposta. Além desse poema, foi trabalhada a música “Gentileza”, de Marisa Monte (2000), para explicar o objetivo da pesquisa e a intenção de se trabalhar com a poesia, pois como diz Manuel Bandeira (1984, p.19), no livro *Itinerário de Pasárgada*: “a poesia está em tudo – tanto nos amores como nos chinelos, tanto nas coisas lógicas como nas disparatadas”. Logo, a poesia “Convite”, de José Paulo Paes, é um convite para a leitura que se faz não somente às crianças, mas também ao leitor em geral. Ele utiliza-se de imagens poéticas que integram o cotidiano infantil - assim como integram, em alguns casos, parte do cotidiano adulto.

Convite

Poesia
é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.
Só que
bola, papagaio, pião

de tanto brincar
se gastam.

As palavras não:
quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.

Como a água do rio
que é água sempre nova.

Como cada dia
que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?

PAES, José Paulo. *Poemas para brincar*. São Paulo: Ática, 2011.

Gentileza

Apagaram tudo
Pintaram tudo de cinza
A palavra no muro
Ficou coberta de tinta
Apagaram tudo
Pintaram tudo de cinza
Só ficou no muro
Tristeza e tinta fresca
Nós que passamos apressados
Pelas ruas da cidade
Merecemos ler as letras
E as palavras de gentileza
Por isso eu pergunto
A você no mundo
Se é mais inteligente
O livro ou a sabedoria
O mundo é uma escola
A vida é o circo
“Amor: palavra que liberta”
Já dizia o profeta.

MONTE, Marisa & LINDSAY Arto. Marisa Monte - Cd "*Memórias, Crônicas e Declarações de Amor*". Intérprete: Marisa Monte. Estúdios de Gravação Ilha dos Sapos (Salvador-BA). Mega, c2000. 1 CD. Faixa 10.

A música “Gentileza” foi apresentada aos alunos em áudio, em que se ouvia a voz de Marisa Monte cantando-a, e por meio de vídeo, com imagens do ‘profeta’ Gentileza. O intuito foi sensibilizar os alunos para o trabalho realizado e também indagar e discutir sobre o conceito de poesia. Durante a discussão, o aluno B.L.R.R. disse: “merecemos ler as letras e as

palavras de gentileza. Hoje, não há mais gentileza, por isso precisamos ser mais humanos e solidários”.

O depoimento do aluno de que ‘precisamos ser mais humanos e solidários’ está em consonância com o que Antonio Candido (2004) afirma sobre o poder que a ordenação formal e rítmica do texto literário provoca no leitor.

Quando digo que um texto me impressiona, quero dizer que ele impressiona porque a sua possibilidade de impressionar foi determinada pela ordenação recebida de quem o produziu. Em palavras usuais: o conteúdo só atua por causada forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere. (CANDIDO, 2004, p.178)

Em “Gentileza”, na forma do texto, há uma sonoridade inicialmente provocada pelo paralelismo dos dois primeiros versos, formado por verbo caracterizador de sujeito indeterminado, mais um complemento verbal indicado pelo pronome indefinido “tudo”, “tudo de cinza”, que constituem o refrão do texto e provocam uma indagação no leitor, que não tem clara a informação sobre quem apagou e o que foi apagado. Aliado a isso, o ritmo vai se definindo ainda pelas rimas mais complexas, posto que coincidentes apenas nas vogais: tinta/cinza; tudo/muro; pergunto/mundo; liberta/profeta e também por aliterações como nas recorrências dos sons “p” e “t”, “ss”: “tristeza e tinta fresca”; “passamos apressados” [grifamos]. Toda essa elaboração estética é o que provavelmente tenha “impressionado” os alunos na recepção desse texto e é também ela, conforme quer Candido, o que possibilita a humanização. À parte isso, fica, no nível do conteúdo, apenas a história de alguém que presencia uma cena prosaica de cidade que, em nome de sua assepsia, tem apagados do muro os escritos filosóficos do profeta Gentileza.

Em relação ao poema “Convite”, os alunos disseram que José Paulo Paes concebe e encara a poesia como um brinquedo. Esse brinquedo distrai e dá prazer, portanto, a poesia é como algo inusitado e é preciso sempre olhá-la como algo novo diante dos olhos. Essa percepção dos alunos se alinha à própria concepção de Paes de que a “poesia é revelação” (PAES, 1996, p.34), tal como o poeta diz ter aprendido com Drummond e Bandeira.

O método recepcional, proposto pelas Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio (2008), embasado na Estética da Recepção, foi utilizado nesta pesquisa, quando da apresentação dos textos aos alunos. Esse

método tornou as aulas de leitura mais aprazíveis, pois a leitura como fruição é um dos princípios da Estética da Recepção. Segundo Campos (2006):

O método recepcional é contrário às tradicionais teorias dominantes, uma vez que o ponto de vista do leitor é fator imprescindível, e defende a ideia do relativismo histórico e cultural, que se apoia na mutabilidade do objeto, assim como da obra literária dentro de um processo histórico. Trata-se, portanto, de um método eminentemente social, pois há uma constante interação das pessoas envolvidas, considerando-as sujeitos da História. A obra literária é uma estrutura linguístico-imaginária, constituída por pontos de indeterminação e de esquemas de impressões sensoriais, que – no ato da criação ou leitura – serão preenchidos e atualizados, transformando o trabalho artístico do criador em objeto estético do leitor. Estamos diante, portanto, de um ato de comunicação entre escritor-obra-leitor. CAMPOS, 2006, p. 42)

Considera-se que, por meio desse método, pode-se chegar ao aluno de forma mais efetiva, uma vez que o professor é mediador entre aluno e obra. Esse momento é essencial ao processo de aprendizado, pois é ele que tira o estudante da inércia e o coloca em posição ativa diante do conhecimento, dando-lhe aporte para uma leitura mais completa, que será construída passo a passo. Aos poucos, o aluno vai se habituando com os poemas, poetas e livros e descobrindo que a leitura é fruição, pode não ser vista como obrigação.

As aulas de leitura de poesia deram ao texto literário lugar privilegiado, de tal modo que se tomou o cuidado de não tratar esse gênero como pretexto para fazer teatro, jogral, produzir texto a partir de outro.

Antes de qualquer atividade, a primeira aula da sequência funcionou como uma espécie de aplicação do método recepcional, ao ser utilizada a linguagem poética para uma discussão sobre a importância da poesia e onde ela é encontrada. Foi importante apresentar o contexto histórico do poema de Paes, comentar a diferença entre poesia e poema, com base em distinções feitas por Otávio Paz (1982), em *O arco e a lira*, e falar sobre a proximidade das cenas descritas no texto com a realidade, com a oralidade. Comentou-se também sobre a necessidade de se considerar a relação forma e sentido no poema: os jogos sonoros, as aliterações e assonância, a disposição das palavras, organização em versos e estrofes e utilização de rimas e como tudo isso contribui para a produção do sentido do texto. Isso foi feito quando da leitura do texto de Marisa Monte. É necessário apreciar a musicalidade do texto, as emoções suscitadas, a linguagem utilizada, enfim, a maneira de ver o mundo construído pelo poeta para representar o mundo de tantas pessoas e, assim, elas poderem se identificar no texto.

Os alunos, ao participarem da aula, disseram que a poesia está em diferentes lugares. Também, evidenciaram que ela não está apenas no poema ou nas letras de músicas, mas na fotografia, na pintura, na paisagem, nas obras literárias, na dança. A aluna A.A.S.L. disse que a “poesia está entre elementos que nos cercam e emocionam”. Tais respostas foram possíveis porque a turma foi questionada com as seguintes questões: “O que é poesia para vocês? Onde vocês veem poesia?”.

Uma das atividades que causou prazer estético nos alunos foi a leitura do *Poema tirado de uma notícia de jornal*, de Manuel Bandeira, transcrito a seguir:

Poema Tirado de uma Notícia de Jornal

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num
[barracão sem número
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

BANDEIRA, Manuel. Obras completas. V. I e II. Rio de Janeiro, 1958.

Nesse texto, o poeta se apropria de uma linguagem de jornal e sustenta com os três versos mais ritmados o tom poético e a preparação para cena dramática ao final: “Bebeu/cantou/dançou.” O poema nos destina a uma incerteza social e até mesmo existencial, referente do ser poético João Gostoso, isto é, no poema, ele não traz um sobrenome oficial, - no jornal, provavelmente teria - mas popular, um apelido. Há uma inominação do sujeito em detrimento do nome do bar que se denomina “Vinte de Novembro”, sendo enfática a maior importância do espaço físico em relação à individualidade humana. Isso acontece também em “Morte do leiteiro”, que será analisado mais adiante, pois o nome da rua “Namur” aparece e não o do leiteiro.

Ao lerem o poema de Bandeira, muitos não tinham familiaridade com gêneros literários e, por isso, tiveram dificuldades de associá-lo a um texto literário e até de concordarem que o texto tratava-se de um texto poético.

O gênero tido como preferido da turma é o narrativo como romance, crônica, histórias em quadrinhos e o gênero lírico ocupa a outra extremidade. Logo, não foi difícil gostar do texto "Poema tirado de uma notícia de jornal", por seu caráter narrativo.

Diferentemente do texto de Bandeira, o poema "José", de Drummond, também lido com os alunos, já não foi tão apreciado pela turma, talvez por ele tratar de um momento de crise existencial comum a todos que experimentam o incomensurável gosto da existência. José é o homem que vê a morte cumprimentando a vida. Isso é muito comum no cotidiano das pessoas, mas não é uma realidade próxima, quase carnal, dos alunos. E como hoje, quase tudo é encarado como “normal” nos fatos, caracterizados como fatalidade, assim os alunos não se comoveram com o personagem José e sua crise existencial.

Para a execução de uma atividade extraclasse, foi pedido aos alunos que fossem à biblioteca da escola e escolhessem algum poema preferido de Manuel Bandeira ou de Drummond, já que esses dois poetas foram bastante comentados nas aulas. Apenas um dos alunos fez a escolha e os demais não apresentaram nenhum poema da preferência deles. Esse aluno trouxe o poema *Certas palavras*, de Drummond e afirmou ter gostado tanto do poema que chegou a copiá-lo no caderno. Ao referir-se ao poema, B.L.R.R. disse ser incentivado a ler pela mãe, pelo pai e pelo avô. Já o restante da turma não sabia citar nenhum autor preferido. Os alunos reconhecem, em sua maioria, a importância da literatura em suas vidas, mas não se preocupam em aprofundar na busca de construir sentidos e se aventurar por leituras mais complexas.

Em outra aula, na leitura do poema “Verbo ser”, de Carlos Drummond de Andrade, transcrito a seguir, houve uma leitura, primeiramente silenciosa, depois uma discussão em pequenos grupos e, finalmente, com toda a turma, o que provocou certo estímulo vivencial e formativo. Tal poema é parte dos volumes I e II de *Boitempo*, livro de poesias de caráter memorialístico, publicado em 1979.

Verbo Ser

Que vai ser quando crescer?
Vivem perguntando em redor. Que é ser?
É ter um corpo, um jeito, um nome?
Tenho os três. E sou?
Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito?
Ou a gente só principia a ser quando cresce?

É terrível, ser? Dói? É bom? É triste?
Ser; pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas?
Repito: Ser, Ser, Ser. Er. R.
Que vou ser quando crescer?
Sou obrigado a? Posso escolher?
Não dá para entender. Não vou ser.
Vou crescer assim mesmo.
Sem ser Esquecer.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética*– 12ª edição - Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, p. 108 e 109.

Como forma de aplicar o método recepcional (BORDINI; AGUIAR, 1988), inspirado na estética da recepção e contribuir para a ampliação do horizonte de expectativas do leitor, a professora mediadora instigou a discussão do texto, perguntando os alunos sobre a relevância de ‘ser’, sobre a delimitação temporal estabelecida socialmente para ‘ser alguém’ e sobre os projetos pessoais dos alunos. Durante a discussão, foi possível perceber que boa parte do grupo de alunos pesquisados pareceu sonhar pouco, ter pouca ou quase nenhuma perspectiva de crescimento ou procura saber o que quer ser profissionalmente. Eles têm sonhos, mas o sonho parece estar escondido, cimentado pelo medo e pelo sentimento de inferioridade. Talvez porque os alunos já consideram que o ser que são contempla suas expectativas ou que ‘ser’ é ‘ser’ agora, no momento presente e não no futuro.

As questões sobre o poema continuaram sendo discutidas. A professora pesquisadora esclareceu, em linguagem apropriada, que o poeta, partindo de uma pergunta aparentemente despretensiosa, dirigida de forma quase lúdica a um interlocutor possivelmente criança –“Que vai ser quando crescer?”–, lança as bases para especulações em torno dos processos de “ser” e “crescer”. Valendo-se da semelhança fônica que aproxima os dois verbos (foneticamente, “ser” está contido em “crescer”), Drummond manifesta, em tom pueril, uma série de dúvidas que põem em perspectiva a condição humana e a compreensão do que é ser. Seguindo-se às questões-matrizes que nos interessam de forma mais específica (“Que é ser?; E sou?”), essas perguntas (“Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito? Ou a gente só principia a ser quando cresce? Que vou ser quando crescer?”) revelam, também no significado semântico-poético, a íntima relação entre “ser” e “crescer”, já apontada no nível fônico. Todavia, a associação entre “ser” e “crescer” não se resolve, no texto, a partir da previsível interdependência entre os dois termos.

Por se tratar de alunos do primeiro ano do Ensino Médio, que saíram do Ensino Fundamental e passarão por um “rito de passagem” para escolher o curso da faculdade que poderá decidir seu futuro profissional, a análise do texto de Drummond tornou-se interessante, porque houve identificação dos leitores com o que o poema enuncia.

Ainda sobre o poema, segundo os alunos, a escolha profissional vai decidir o “ser” e o que vai ser quando “crescer”, porque, na sociedade, o trabalho tem uma conotação bastante ambígua. Pode ter um caráter punitivo para o indivíduo: “ganharás o teu pão com o suor do teu rosto” ou um caráter estruturador do sujeito, do ser em formação que está saindo da adolescência para a fase adulta: “o trabalho dignifica o homem”. Nesse momento, não se quis discutir qual seja a percepção do trabalho na sociedade, pretendeu-se apenas reafirmar que este é um dos eixos da civilização e que define o ser e o crescer de um ser humano, já que, cada vez mais, apenas o *status* profissional em si não é suficiente para estruturar um indivíduo.

Logo, na discussão em sala, quando a pesquisadora instigou o verso: “que vou ser quando crescer? Sou obrigado a? Posso escolher?”, o aluno B.L.R.R. disse que “não é obrigado a ser alguma coisa, mas é preciso ter sonhos, senão ficamos parados no tempo”. Ele está no primeiro ano, mas já faz cursinho pré-vestibular e quer treinar o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) em 2015 e 2016, assim como fez a aluna A.A.S.L.

Para Teixeira (1981), o rito de passagem da fase de adolescente para a de adulto, na atual cultura, também se dá nos moldes da escolha da profissão. A fase de decisão se iniciaria no final do Ensino Médio, quando os estudantes começam a ser afastados do convívio social para se dedicarem ao estudo para o vestibular. Hoje, com novas exigências, essa obrigação de posicionamento se dá ainda mais cedo e, desde o primeiro ano do Ensino Médio, os alunos, em geral, já querem definir o que vão escolher como profissão. Ao serem questionados sobre o que queriam ser, muitos não sabiam dar uma resposta. Alguns dos alunos mostraram-se preocupados com a concorrência e se acharam não aptos e nem dignos para um curso de medicina, de advocacia, de odontologia. Disseram que, por serem de escola pública, seria mais difícil. No entanto, após alguns momentos de discussão do poema, partindo para uma reflexão existencialista e também filosófica, aos poucos, foram surgindo sonhos como profissões para serem psicólogos, dentistas, advogados, professores, coordenadores pedagógicos e outros. A discussão, enfim, engrandeceu os sujeitos da pesquisa.

Em outro momento, dentro do bloco de aulas de leitura da SD, a leitura do poema “Morte do leiteiro”, de Carlos Drummond de Andrade, publicado em *A rosa do povo* (1945), foi umas das atividades mais marcantes, segundo os alunos da turma.

O poema, transcrito a seguir, insere-se num contexto literário que abarca os anos 30 e 40, época em que o poeta sente a necessidade de posicionar-se diante de acontecimentos como a expansão do fascismo, a guerra de Espanha, a Segunda Guerra Mundial.

Candido, em análise da poesia de Carlos Drummond de Andrade, afirma que

a poesia social de Drummond deve ainda a sua eficácia a uma espécie de alargamento do gosto pelo quotidiano, que foi sempre um dos fulcros de sua obra e inclusive explica a sua qualidade de excelente cronista em prosa. (CANDIDO, 1970, p.108)

Merquior (1975), por outro lado, analisando o poema “Morte do Leiteiro”, aponta aspectos da forma que contribuem para aliar ao projeto estético o projeto ético do poeta:

a expressão econômica, o emprego da linguagem coloquial, o adjetivo e o símbolo organicamente ligados ao sujeito (a noite geral; o valor simbólico da aurora atribuído à mistura do leite com o sangue), a marcha hábil da narração em redondilha maior, o verso popular por excelência em português, asseguram o mais alto nível poético a essa banal tragédia urbana. (MERQUIOR, 1975, p.109)

Tanto Candido quanto Merquior consideram que a poesia drummondiana é de alto nível. Isso porque o poeta consegue aliar conteúdo (falar de cenas do cotidiano, por exemplo) e expressão (linguagem coloquial, adjetivo e símbolo organicamente ligados ao sujeito, etc) de forma surpreendente. Como já foi dito, o texto narra o cotidiano da cidade grande que engole o ser humano e suas várias facetas na passagem dos dias que parecem sem solução. A “aurora”, porém, garante o surgimento de um novo dia. Assim, em “Morte do leiteiro”, o poeta não está só, visto que o problema atinge a todos. Segue o texto:

Morte do Leiteiro (A Cyro Novaes)

Há pouco leite no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há muita sede no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há no país uma legenda,
que ladrão se mata com tiro.

Então o moço que é leiteiro
de madrugada com sua lata
sai correndo e distribuindo
leite bom para gente ruim.
Sua lata, suas garrafas
e seus sapatos de borracha
vão dizendo aos homens no sono
que alguém acordou cedinho
e veio do último subúrbio
trazer o leite mais frio
e mais alvo da melhor vaca
para todos criarem força
na luta brava da cidade.

Na mão a garrafa branca
não tem tempo de dizer
as coisas que lhe atribuo
nem o moço leiteiro ignaro,
morador na Rua Namur,
empregado no entreposto,
com 21 anos de idade,
sabe lá o que seja impulso
de humana compreensão.
E já que tem pressa, o corpo
vai deixando à beira das casas
uma apenas mercadoria.

E como a porta dos fundos
também escondesse gente
que aspira ao pouco de leite
disponível em nosso tempo,
avancemos por esse beco,
peguemos o corredor,
depositemos o litro...
Sem fazer barulho, é claro
que barulho nada resolve.

Meu leiteiro tão sutil
de passo maneiro e leve,
antes desliza que marcha.
É certo que algum rumor
sempre se faz: passo errado,
vaso de flor no caminho,
cão latindo por princípio,
ou um gato quizilento.
E há sempre um senhor que acorda,
resmunga e torna a dormir.

Mas este acordou em pânico
(ladrões infestam o bairro),
não quis saber de mais nada.
O revólver da gaveta
saltou para sua mão.
Ladrão? se pega com tiro.
Os tiros na madrugada
liquidaram meu leiteiro.
Se era noivo, se era virgem,
se era alegre, se era bom,
não sei,
é tarde para saber.

Mas o homem perdeu o sono
de todo, e foge pra rua.
Meu Deus, matei um inocente.
Bala que mata gatuno
também serve pra furtar
a vida de nosso irmão.

Quem quiser que chame médico,
polícia não bota a mão
neste filho de meu pai.
Está salva a propriedade.
A noite geral prossegue,
a manhã custa a chegar,
mas o leiteiro
estatelado, ao relento,
perdeu a pressa que tinha.

Da garrafa estilhada,
no ladrilho já sereno
escorre uma coisa espessa
que é leite, sangue... não sei.
Por entre objetos confusos,
mal redimidos da noite,
duas cores se procuram,
suavemente se tocam,
amorosamente se enlaçam
formando um terceiro tom
a que chamamos aurora.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. 56 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 178.

Depois de lido o texto com os alunos, a professora pesquisadora entregou-lhes uma atividade escrita para que a respondessem. Nesse momento, os alunos relataram suas dificuldades. Disseram que não conseguiam responder às questões propostas na atividade, porque se tratava de um poema muito complexo e que Drummond também era um poeta complexo.

Concernente a isso, é de suma importância reiterar, de forma bem marcada, a inquestionável necessidade de mediação do professor, uma vez que, diante das questões, os alunos afirmaram a incapacidade de responder. Isso ilustra exatamente o que comenta Cruvinel (2001):

Ainda para avaliar o papel do professor, pode-se tomar uma situação corrente em sala de aula mesmo de ensino médio, numa atividade de leitura, a da manifestação dos alunos: “Agora sim, professora! Depois que você leu nós entendemos.” Situação tão corriqueira quanto irrelevante, podem pensar alguns, mas que certamente nos vale para algumas conclusões. (CRUVINEL, 2001, p.129)

Foi feita, então, uma releitura do texto com o objetivo de esclarecer alguns aspectos formais: o poema é composto por oito estrofes que, embora com versos brancos, a sonoridade é extremamente bem trabalhada, apresentando-se em alto grau por meio das repetições (1ª e 6ª estrofes, por exemplo), de assonâncias e de aliteraões recorrentes em todo o poema. As estrofes apresentam uma métrica em redondilha maior (7 versos), o que dá um ritmo mais rápido na narração e na caminhada do leiteiro rumo ao seu destino. Ressalta-se que a redondilha maior tem o ritmo característico dos poemas (e canções) populares e isso leva o poema para mais perto da cotidianidade da estória narrada.

Quanto à linguagem, foi observado durante a leitura que ela é direta, objetiva, e entrelaçada com uma linguagem figurada. Nas imagens, há o retrato da cidade (sociedade) habitada por homens. Homens leiteiros, que trabalham, suam, sofrem, são ignaros e ignorados pela sociedade.

Os versos são iniciados com orações sem sujeito “Há pouco leite no país”. Os verbos no tempo presente e os gerúndios criam o efeito de algo que ocorre no mesmo instante em que se fala. Foi constatado pelos alunos que o poema tem tom narrativo e o personagem leiteiro não é nomeado por meio de um substantivo próprio, mas pela palavra que lhe indica a função na divisão do trabalho. O movimento do leiteiro se dá pela percepção do leitor nos verbos imperativos, nos versos 36 a 40: “avancemos por esse beco/ peguemos o corredor/ depositemos o litro” porque o moço leiteiro não tem voz. Objetos inanimados como a “lata”, a “garrafa” e os “sapatos de borracha” anunciam a chegada dele que tem “passo maneiro e leve” (verso 42). Algumas adjetivações também evidenciam subjetividades que foram interpretadas, como: “último” subúrbio, leite mais “frio”, “melhor” vaca, luta “brava”, leite “bom”, gente “ruim”. Também as antíteses dão significado ao conteúdo poético, como em leite “bom”, gente “ruim”.

No entanto, ao conversar sobre o texto, ler novamente o poema com os alunos, tirar possíveis dúvidas, muitos deles se enterneceram com a situação do leiteiro. Alguns disseram que o poema apresentava uma história comovente. Mais uma vez, ressalta-se a relevância da mediação da leitura.

A análise dos elementos formais e de conteúdo contribuiu para se perceber que o sujeito lírico (narrador) parece andar ao lado do leiteiro e começa retratando a imagem de uma cidade que ainda “dorme”. Os moradores ainda estão dormindo, durante a madrugada, não se

importam com aquele que traz o alimento diário às suas portas, no caso, o leiteiro. E, como numa premonição, antecipa: “Há no país uma legenda,/ que ladrão se mata com tiro”. O leiteiro na sua pressa de distribuir “leite bom para gente ruim” não tem tempo de compreender sua situação, “ignaro”. Ele nada sabe de si, pouco se sabe dele, de onde ele é, que nome tem. Como bem observado por A.A.S.L., o personagem sequer fala. Há a voz do narrador, a voz do assassino e uma terceira voz, mas o leiteiro apenas cumpre com sua obrigação. Ele é apenas um corpo, como se nota nos versos “E já que tem pressa, o corpo / vai deixando à beira das casas”. No entanto, essa tarefa é cumprida maquinalmente. A sua função é entregar o leite de forma mais rápida possível. E ele o faz. O moço leiteiro é apenas uma peça da engrenagem social.

O enunciador do texto toma de empréstimo vozes que defendem a conformação social. Segundo essas vozes, o leiteiro deve agir sem incomodar a ordem social. Não deve fazer barulho. “que barulho nada resolve”, isto é, nenhuma luta de classe pode existir contra o sistema vigente.

O engajamento social de Drummond se dá por meio da palavra. O verso “que barulho nada resolve” estabelece semelhança com um outro poema “A flor e a náusea”. Nele, também do livro *A Rosa do Povo*, o sujeito lírico denuncia a realidade opressora ao mostrar que uma flor furou o asfalto e nasceu na rua, furando também o tédio, o nojo e o ódio. Como se vê, a batalha por meio da palavra deixa a sua marca, já que desestabiliza a ordem social de alguma forma.

Ao terminar o poema, o poeta reveste os versos com um lirismo que, para o momento, parece ser descabido, visto que houve um assassinato. Há uma dramaticidade na tragédia narrada. Por outro lado, o mundo das imagens revela a nuance de uma poesia dotada da liberdade linguística das temáticas cotidianas e plasticidade de palavras como também de subjetividade. A concisão, a fluidez, o efeito estético dominam os versos finais. O leitor é incitado a brincar com as palavras e com a visão perplexa da cena: no vermelho do sangue o branco do leite. O branco do leite no vermelho do sangue. Mistura. Enamoramento. Fusão. Surge nova tela, novos tons, novas cores. O enunciador deixa as palavras mostrarem que a união entre os tons, ou seja, o conflito entre vida e morte se dá “suavemente”, “amorosamente”.

É preciso que haja nova ordem das coisas. “Toda obra literária pressupõe esta

superação do caos, inferida do arranjo especial das palavras e fazendo uma proposta de sentido. (CANDIDO, 2004, p.178). Isso acontece em “Morte do leiteiro”. O caos é superado com a aurora.

No entanto, tendo em vista os outros elementos constitutivos da estrofe e de todo o poema, lemos o verbo “chamamos” no presente, o que implica dizer que tudo continuará como estava, quando surge a aurora, metáfora do nascimento de um novo dia, da renovação da esperança. Há, nos versos finais, uma gradação e também um paralelismo “duas cores se procuram/ suavemente se tocam/ amorosamente se enlaçam”.

Ao reler o texto, J.M.C. deu um tom recitativo ao poema, o que chamou a atenção dos demais colegas. Depois, a pesquisadora foi questionando os alunos a cada estrofe lida novamente. Assim, muitos foram percebendo que se tratava de um poema que envolvia a temática do engajamento político e social. A percepção deles deu-se quando leram os versos: “que alguém acordou cedinho / e veio do último subúrbio”. A reação dos alunos nessa leitura foi a de dizer que o pobre está sempre servindo o rico e que o pobre do subúrbio sempre “leva a pior” como disse K.C.S. em um comentário sobre o poema. Ante as descobertas linguísticas e de conteúdo do texto, alguns alunos disseram que o poema explora a temática do medo da violência das cidades, mas que fica clara a questão da luta entre as classes sociais. Quanto ao caráter lírico/narrativo, foi unânime o gosto pelo poema, após a compreensão, porque disseram que por ser uma história contada em versos, o entendimento foi facilitado. Quando a mediadora alertou para a poeticidade dos versos finais, a aluna A.A.S.L. acrescentou que aquela estrofe parecia um quadro e descreveu: “É como se fosse uma janela aberta e alguém vendo a cena do lado de dentro bem de manhazinha, com o dia nascendo e... não sei explicar, mas parece um artista pintando um quadro”.

Além do que foi analisado em “Morte do leiteiro”, foi possível fazer comparações com o poema de Manuel Bandeira “Poema tirado de uma notícia de jornal”, porque o primeiro aspecto que salta aos olhos na leitura é a similaridade entre a identificação dos personagens. Tanto o leiteiro quanto João Gostoso se apresentam como trabalhadores que nada valem, colaboradores de uma sociedade hipócrita e descomprometida com homens solitários e sem esperança. Ambos fazem seus trabalhos e não são reconhecidos pela sociedade. Ser leiteiro e carregador de feira livre não são profissões distintas e nem mesmo confortáveis, haja vista que exige esforço físico, despertar cedo para trabalhar e, principalmente, não poder almejar uma

ascensão profissional. A aproximação que os alunos fizeram entre os textos de Drummond e de Bandeira permitiu que a professora pesquisadora esclarecesse que, como os dois poetas viveram mais ou menos na mesma época, a poesia deles revela as tendências do período. Cenas do cotidiano e denúncia social são, portanto, tendências do período literário chamado Modernismo. Veja-se que se partiu do texto para se chegar ao período literário e não o contrário, já que a proposta não é dar aula de historiografia da literatura e sim de leitura, de desenvolvimento das habilidades leitoras dos alunos.

Considerando-se as atividades propostas na SD, em outra aula, o poema “Tragédia Brasileira” foi trabalhado com os alunos. Segue o texto e posteriormente o relato/análise.

Tragédia brasileira

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade, conheceu Maria Elvira na Lapa – prostituída, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura... Dava tudo o que ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranjou logo um namorado.

Misael não queria escândalo. Podia dar uma surra, um tiro, uma facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bom Sucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, Encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos...

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

BANDEIRA, Manuel. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951.

Por se tratar de um poema narrativo poético, sua leitura foi mais uma atividade apreciada pelos alunos, que puderam apontar diferentes opiniões acerca do fato narrado poeticamente. Além disso, conheceram, mais uma vez, a forma como o poeta mescla o gênero lírico, o narrativo e o dramático em seu texto, ao apresentar cenas do cotidiano carioca.

Os alunos conseguiram perceber que, assim como “Poema tirado de uma notícia de jornal”, o poema em prosa “Tragédia brasileira” pode ter nascido de uma notícia de jornal. A história trata o drama existencial das relações humanas que são lidas todos os dias nos jornais.

No entanto, tais jornais impressos e também os televisivos não são capazes de impor ao leitor a reflexão de um poema como o de Bandeira.

Interessante ressaltar que a leitura do texto permite ao leitor supor que está diante de uma página policial, visto que o poema relata um assassinato e seus motivos. O discurso apresenta-se sem lirismo aparente, em terceira pessoa (quando talvez se exigisse a primeira pessoa, mais lírica) pela escolha da narrativa e da prosa e pela ausência do verso. Os alunos puderam fazer uma leitura crítica ao dizerem que era um acontecimento cotidiano e que o poeta inseriu personagens de classe média como Misael, com um nível de instrução maior e, portanto, de grau mais elevado do que Maria Elvira, que era de classe baixa. O nome Misael soa com miséria, estado em que se encontrava Maria Elvira. Miséria no lugar de onde ela veio, a Lapa e miséria no corpo já sofrido, cansado, doente e prostituído. Dessa forma, os alunos foram instigados a refletir que isso leva as pessoas a perceberem compromisso com questões políticas e sociais.

Ao notar a participação dos alunos, seu envolvimento com a leitura e ânsia em descobrir mais, também se faz perceber a formação crítica evidente e a formação humana, porque, como na proposta da catarse grega, é possível que, vendo retratado no texto um drama humano, muitos deles possam entender melhor conceitos como respeito, desespero, limitações. Além disso, os alunos participaram de algumas atividades que contribuíram para o envolvimento deles com a leitura do poema, posto que, durante a leitura e a análise, surgiu-se a ideia de representar um júri simulado. Isso partiu dos próprios alunos, uma vez que, nas discussões, cada um tomou um posicionamento em relação aos personagens. Como disse A.A.S.L. “Misael cometeu um crime passionai porque Maria Elvira não deu valor às regalias oferecidas por ele. Além disso, ele aguentou muito”. Já o aluno B.L.R.R. defendeu Maria Elvira: “Ela não pediu para ser retirada da vida e além do mais, talvez ela não tivesse tido a chance de ter um namorado porque era prostituta”. Outro colega K.C.S. disse: “Ora, esse tipo de crime acontece todos os dias e Misael é culpado sim! Nada justifica a ação dele! Ele sabia das condições dela. E por que não separou dela, então?”. Nessa atividade, eles levantaram argumentos em favor do personagem Misael e contra Maria Elvira; depois, argumentos contra Misael e em favor de Maria Elvira; Isso permitiu que se desenvolvessem as habilidades argumentativas da turma.

Também, eles fizeram a produção de notícia jornalística, expondo como fatos os dois poemas bandeirianos lidos “Tragédia brasileira” e “Poema tirado de uma notícia de jornal”. Tal atividade possibilitou a percepção da alteridade entre a construção do poema e a notícia de jornal.

Em outro contexto de aula, a leitura do poema “Congresso internacional do Medo”, de Drummond, causou nos participantes da pesquisa certo grau de interesse e também de sentimento, sobretudo, de “sentimento do mundo”. Durante a reflexão sobre o poema lido, alguns alunos perceberam que o Eu e o Mundo estão intimamente relacionados e que muitas vezes, ao falar de si, o poeta está falando do mundo e, ao abordar os problemas do mundo, ele está, de fato, procurando compreender seu próprio universo interior. Segue-se o poema:

Congresso internacional do medo

Provisoriamente não cantaremos o amor,
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,
não cantaremos o ódio porque esse não existe,
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,
depois morreremos de medo
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

A mediação pesquisadora/pesquisados deu-se de forma a contribuir com uma interpretação voltada para a formação crítica e também humana. O poema fala de amor, ódio, medo. Tais sentimentos são inerentes e comuns aos seres humanos. Dessa forma, em “Congresso internacional do medo”, o sentimento de medo que se alastra pelo mundo e paralisa os homens impedindo-os de se rebelarem contra a ordem estabelecida, a guerra, pode ser percebido pelos alunos durante a leitura.

Conforme disse B.L.R.R.: “pelo título “Congresso Internacional do Medo”, dá a entender que o medo não é somente no Brasil, mas no mundo todo porque é internacional e, por isso, o poeta decide fazer um “Congresso” para anunciar o medo, que é o tema central do poema”. Já a aluna A.A.S.L., sempre expressando de forma coerente disse: “Existe também o medo de estar no mundo. E isso causa uma apreensão em relação ao mundo como um todo. Afinal, o poeta repete muito a palavra “medo” em todo o poema”.

A aula em questão gerou discussões consideradas como material enriquecedor para a formação crítica dos jovens. No contexto social do poema, o período que tinha como pano de fundo o clima de Guerra mundial, palavras como: tumulto, morte, dor, sofrimento e muito medo dão conotação de guerra. Embora os alunos não soubessem dessa informação, puderam inferir a guerra. Além disso, nos primeiros versos “Provisoriamente não cantaremos o amor,/ que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos” o pronome “nós” implica na cumplicidade do poeta com o leitor. Entre eles a enorme realidade. Esse “nós” aparece oculto como forma também de mostrar o medo, assim como a cor amarela das flores do tumulto.

E esse medo tem tal força que esteriliza os braços e os abraços, paralisa a força humana. O momento é de um mundo que estava em caos: com ditadores, soldados, mortes e todos esses fatores deixam as pessoas desequilibradas e apavoradas.

Já na leitura do poema “Os ombros suportam o mundo”, também de Drummond, os alunos tiveram um pouco mais de dificuldades para comentar e entender o texto:

Os ombros suportam o mundo

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais: meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.
És todo certeza, já não sabes sofrer.
E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
provam apenas que a vida prossegue
e nem todos se libertaram ainda.
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,
preferiram (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, sem mistificação.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do Mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Durante as aulas de leitura desse poema, houve discussão dos versos que foram analisados, assim como nos textos anteriormente trabalhados, de forma detalhada, uma vez que os alunos leram por bloco de versos e tentaram entender cada verso separadamente. Tiras de papel, contendo cada uma um verso do texto, foram distribuídas e cada aluno compartilhou a leitura com a turma, momento em que todos podiam opinar e depois entender o poema. Por exemplo: “as guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios/provam apenas que a vida prossegue”. Sobre esses versos, uma das alunas disse que o poeta descreve um mundo em que não há mais espanto com nada: nem com a fome, nem com a guerra, não há mais amor, nem sentimento algum. Outro aluno disse que “tudo é mecanizado e acontece igualzinho”. Essa realidade, entretanto, pouco pesa sob os ombros, já que a vida ordena que se prossiga, ainda que velho e solitário. No entanto, embora sozinho e nada mais esperando da vida, o poeta parece enxergar uma luz de esperança na escuridão.

Durante a aplicação da SD, numa atividade escrita e com questões mais direcionadas ao entendimento do texto, foi possível perceber a formação crítica dos alunos, por meio das respostas dadas às questões acerca do poema “Os ombros suportam o mundo”. De igual maneira, procedeu-se com o poema “Mãos dadas” também de Carlos Drummond. Nele, há a utópica e festiva solidariedade humana, como denominam alguns estudiosos; e Drummond, como um ativista dos direitos humanos, não raro, nega em sua obra, a influência do mundo moderno. Ele foge do individual e olha para o coletivo e para a solidariedade, porque seu compromisso é com a “vida” e os “companheiros”; é essa a atitude que se quer que o aluno do Ensino Médio tenha. Percebeu-se, assim, que a maioria dos alunos mostrou-se participativa e receptiva ao trabalho proposto.

Na sequência de leitura de poesia, houve a apresentação do poeta, e crítico literário Paulo Leminski Filho, que produz poesia visual, que é um tipo de produção poética que se vale da imagem plástica associada ao verbo. Essa foi uma das aulas que fez com que os alunos sentissem, vivessem, fruissem, de fato, o texto poético. Paulo Leminski, em sala de aula, no livro *Toda poesia*, pareceu aos alunos como um poeta consciente e dotado das melhores ferramentas para escrever versos, segundo a opinião dos pesquisados. Houve algo peculiar na apreciação do autor pelos jovens leitores, pois muitos deles ficaram vislumbrados com as poesias apresentadas e também quando estiveram com o livro *Toda poesia* em mãos.

Os poemas a seguir e muitos outros que não aparecem transcritos foram lidos e apreciados pela turma pesquisada. Tais poemas foram fotografados porque o seu projeto visual influencia sobremaneira na produção de sentidos do texto na leitura.

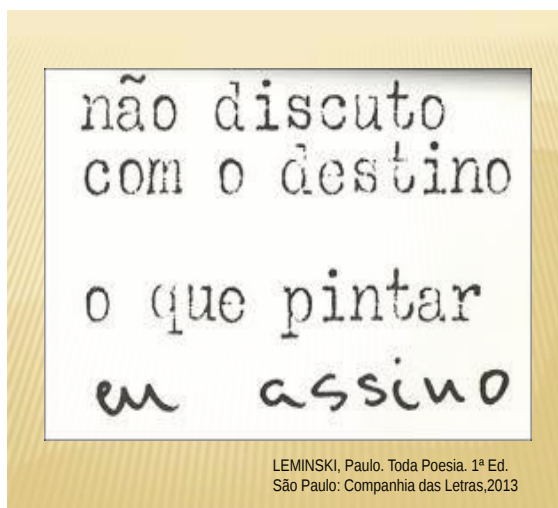


Figura 01: Foto do livro Toda poesia.



Figura 02: Foto do livro Toda poesia.

Em relação ao poema da figura 01, os alunos disseram, depois de lerem os textos, que esse “eu” do poema é uma pessoa que não tem medo de nada e “topa tudo”. É como se ele fosse aventureiro e louco, talvez. O aluno G.A.R. percebeu que a grafia do verso “eu assino” é semelhante a uma assinatura e que isso mostra a personalidade desse sujeito que é decidido, é positivo e que enfrenta tudo sem se abater pelas dificuldades.

No poema da figura 2, as imagens se verbalizam e os pesquisados, sem a mediadora, sentem dificuldade para descobrir. “Como assim, professora? Solte o sol?” T.O.S.A. A imagem deixa a palavra “sol” vaziar. Um ícone repleto de signos verbais e que levam o leitor a outras verdades. “Será que alguém não pode ver o sol? Estaria preso? O sol voltará a brilhar para esse alguém?”. Essas discussões levaram os pesquisados à reflexão e, posteriormente, a tecerem opiniões acerca do poema. O jogo com as palavras, com os signos, conduz a leituras capazes de despertar gosto pelo poético. Diante disso, muitos se impressionaram na leitura do poema da figura 2, argumentando que esse jogo que o poeta faz com as palavras, a criatividade e significado desse jogo provocam, no leitor, certa inquietação e a possibilidade e desejo de aprofundar a análise e também de ler outros poemas.

O livro *Toda poesia* foi passado de mão em mão na sala de aula do primeiro ano do Ensino Médio. Muitos dos alunos encantaram-se com as poesias curtas, numa linguagem acessível aos leitores jovens e, inclusive, alguns deles perguntaram o porquê de alguns poemas começarem com a letra minúscula. Outro aspecto que os alunos notaram foi que o livro pode ter a leitura iniciada por qualquer página. É relevante também explicitar a irreverência e a crítica do poeta ao construir seus poemas.

Como se vê, Paulo Leminski causou impacto, uma vez que além da observação dos aspectos formais dos dois poemas, foi pedido aos alunos que comentassem também seus gostos em relação aos poemas lidos. O intuito era o de produzir material para a análise. Porém, a investigação apurou que, na verdade, antes eles não gostavam de ler poesia, justificando o não gosto pela complexidade da linguagem poética, conforme alguns depoimentos e análise de dados expostos neste trabalho. Por outro lado, os participantes da pesquisa observaram, nos poemas do poeta em questão, os elementos que conferem musicalidade ao poema, a possibilidade de expressão da subjetividade nas palavras e até mesmo a concisão e precisão do texto poético. Tais características foram bastante apreciadas pela turma. Essa constatação apontou para o principal obstáculo que impedia a aproximação entre os alunos e a boa poesia brasileira: a falta de mediação de leitura.

De acordo com Terra (2008):

os hábitos de leitura do professor são determinantes para desenvolver interesses e hábitos de leitura nos alunos. Ao colocar-se em sala de aula no papel de leitor, compartilhando com os alunos textos que por um motivo ou outro lhe foram relevantes, o professor cria uma situação de leitura mais próxima das práticas sociais de leitura. (TERRA, 2008, p.55)

Observa-se, assim, que professor precisa ser agente da ação de ler para que seu aluno desperte o gosto pela leitura. Mas somente ser um leitor não basta, é necessário que esse professor seja um bom leitor e que torne a leitura uma prática efetiva na sala de aula.

Dando-se sequência à leitura de poemas visuais, trabalhou-se o poema "Anatomia do monólogo", transcrito a seguir, de José Paulo Paes. O texto possibilitou uma leitura crítica e também a pesquisa de alguns termos, pois o autor recorre à intertextualidade e, assim, contribui para que o aluno reflita sobre o assunto tratado e saiba identificar quais textos são lembrados no poema:

Anatomia do monólogo

ser ou não ser?

er ou não er?

r ou não r?

ou não?

onã?

PAES, José Paulo. *Poesia completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Mesmo havendo uma apreciação dos alunos por poemas concretos, como ocorreu com os poemas de Leminski, ao ler os poemas paeseanos alguns alunos expressaram desinteresse e depois justificaram que eles são difíceis de serem entendidos porque muitos levam a outros conhecimentos que eles não possuíam e que deveriam pesquisar para saberem. Assim, a professora pesquisadora lembrou-os da famosa frase da obra de *Hamlet*, de Shakespeare, “ser ou não ser”. Nesse momento, os participantes da pesquisa lembraram o poema “Verbo Ser”, de Drummond, analisado anteriormente, uma vez que, em ambos, há a redução do vocábulo: “Ser, Er, R”.

O aluno B.L.R.R. percebeu que, no poema, a existência é questionada no primeiro verso. Já no segundo verso, a palavra “ser” perde a letra “s”, transformando “ser” em “er”. E o que pode significar “er”? “Poderia ser o personagem bíblico do livro de Gênesis, professora?” Perguntou A.A.S.L. A aluna referiu-se ao personagem Er, filho de Judá, do livro de Gênesis (38:6-8).

Depois, ao visualizar a redução da frase até se criar “onã”, outro personagem na história bíblica, denotando a existência ou não de um ser, A.A.S.L. explicou que tanto Er quanto Onã foram destruídos por Deus porque o que eles fizeram era mau aos olhos do Senhor. Dessa forma, o sentido do poema denota que Er e Onã não foram nada e nem quiseram ser. Deus queria fazer deles uma grande nação, mas eles se recusaram. Isso se conforma com o poema, que começa com uma frase maior e vai diminuindo palavra por palavra, letra por letra a cada verso.

Depois das inferências bíblicas feitas pelos alunos, eles, com a ajuda da pesquisadora, concluíram que o poema trata de uma dúvida existencial fazendo referência a Hamlet e a uma passagem de Gênesis que sugere a falta de grandiosidade do ser. Como dito pelo aluno

B.L.R.R., “o ser é maior do que o não ser, ou seja, quando se escolhe ser, temos que ser absolutos, completos e grandes”. Isso levou o aluno K.C.S. à lembrança de um outro verso: “para ser grande, sê inteiro: nada /Teu exagera ou exclui”. Frase de Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa (2000). Essa frase foi mencionada, propositadamente, pela pesquisadora, no início do trabalho com a leitura em sala, para enfatizar a importância da participação de cada um no processo de leitura de poesia e no envolvimento inteiro deles. No entanto, outras possibilidades de leitura de “Anatomia do monólogo” não foram descartadas.

O objetivo da SD consistiu em oferecer oportunidades de leituras variadas aos alunos, a fim de desenvolver suas habilidades de compreensão e de interpretação de textos poéticos capazes de levá-los à reflexão, à aprendizagem e principalmente à formação crítica e humana. Pelo que se percebeu, parece que o objetivo foi atingido.

3.2 Leitura de poesia em sala de aula: recepção, percepção e reação dos alunos

A leitura dos poemas em sala de aula realizou-se em três momentos: no primeiro, a recepção da poesia; no segundo, a leitura oral e os comentários sobre o contato com os textos e, por último, a escritura da opinião dos alunos sobre o entendimento dos poemas.

A produção do texto de opinião contribuiu para que a maior parte dos alunos defendesse a posição de que o ato de ler é importante e expressasse gosto pela leitura. Uma pequena parcela dos alunos afirmou não ter interesse em ler.

A escola pode ser facilitadora do processo de leitura e pode elevar a importância de um ensino criativo e que possa formar para a sensibilidade (AVERBUCK, 1988, p. 67). No entanto, não basta que poemas sejam lidos. Eles precisam constituir ato e exercício crítico. Com a evolução das aulas de leitura de poesia, esse ato foi quebrando as resistências por parte dos alunos e houve maior receptividade do texto poético lido em sala de aula.

A poesia está na linguagem da vida, está além da linguagem poética. Por causa disso, há uma importância de se trabalhar com ela, uma vez que é pouco difundida e que deixa uma lacuna entre as séries iniciais e as subsequentes que continuam sem ver a poesia na sala de aula. Como explicita Drummond (1974), que defende uma educação do ser poético:

a escola enche o menino de matemática, de geografia, de linguagem, sem, via de regra, fazê-lo através da poesia da matemática, da geografia, da linguagem. A escola não repara em seu ser poético, não o atende em sua capacidade de viver poeticamente o conhecimento e o mundo [...] O que eu pediria à escola, se não me faltassem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas, e depois como veículo de informação, ação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo, criativo, que se identifica basicamente com sensibilidade poética. (ANDRADE, 1974)

Desse modo, a poesia não pode soar como pretexto para a formação de cidadãos críticos. Ela será utilizada por toda a vida do aluno, não só na vida escolar, como fora dela também para “viver poeticamente o mundo”, como diz Drummond.

Sendo a poesia considerada um dos gêneros mais distantes da sala de aula, percebeu-se na escola-campo a necessidade de se buscar formas de aproximar os alunos da poesia. Para Pinheiro (2000, p. 23), “a leitura do texto poético tem particularidades e carece, portanto, de mais cuidado do que o texto em prosa”. Para aproximar os alunos da poesia foi necessário, então, um planejamento prévio detalhado, considerando suas variáveis que poderiam contribuir para a eficácia do trabalho.

Ainda para Pinheiro (2000, p. 24), se um professor não é capaz de se emocionar com uma imagem, com um esboço, com o ritmo de um poema, ele não conseguirá revelar, na prática, que poesia vale a pena, que a experiência simbólica condensada naquelas palavras é eixo em sua vida. Durante o planejamento, houve a preocupação de se escolher os poemas que possuíam significado também para a professora pesquisadora.

Desde a primeira aula da SD, trabalhou-se plano e conteúdo dos poemas. Temas revestidos de figuras foram pouco a pouco se revelando no processo analítico com a mediação da professora pesquisadora. Os alunos se mostraram receptivos, num primeiro momento. Depois, opinaram acerca de alguns poemas e disseram que a dificuldade advinha do vocabulário e da “complexidade” de alguns poetas como Drummond. Mesmo assim, não foi difícil continuar as leituras das aulas seguintes, pois houve uma considerável aceitação nessa primeira etapa, porque o exercício poético desenvolveu nos alunos uma percepção mais detalhada da realidade, aumentou a familiaridade com a linguagem literária e desenvolveu a sensibilidade. Isso porque, ao planejar as aulas, tomou-se como princípio a consideração de José Paulo Paes (1993) em seu livro *É isso ali*: a poesia não é mais do que uma brincadeira com as palavras e, nessa brincadeira, a palavra significa: isso aí é também isso ali, isto é, mais

de uma coisa ao mesmo tempo. Ele ainda acrescenta que toda poesia tem que ter uma surpresa. Se não tiver, não é poesia: é papo furado.

Na primeira etapa do trabalho com a leitura de poesia, o horizonte de expectativas dos alunos foi avaliado utilizando-se um questionário semiestruturado com questões objetivas e outras dissertativas relacionadas às suas vivências, visando detectar suas preferências e interesses pela leitura. A análise desses dados está na próxima seção.

Ao constatar a recepção positiva dos alunos ao trabalho desenvolvido e às leituras realizadas, necessário se faz adentrar a análise da recepção aos questionários 01 e 02 aplicados durante a execução da sequência didática, parte da próxima seção. Tais questionários tornaram-se instrumentos importantes para o delineamento dos resultados da pesquisa, uma vez que a materialidade da leitura pode ser comprovada neles.

Frente ao exposto, ficou notável a descoberta dos alunos acerca de quantos tesouros podem ser encontrados nos livros, que aguardam por leitores sedentos de descobri-los por meio da leitura. Essa consideração de Todorov (2009, p.39) foi feita em uma entrevista, quando o autor ainda diz que “as crianças não têm ideia da riqueza que podem encontrar num livro porque ninguém mostrou a elas”. Dessa forma, é importante refletir e fazer a seguinte pergunta: e os adultos, como as crianças, ainda continuarão esperando por esta apresentação?

3.3. Análise dos questionários, do memorial, dos textos dissertativos, das cartas e dos bilhetes

Nesta última seção, um pouco maior do que as demais, são apresentados alguns instrumentos que revelaram dados para se atestar a motivação deste trabalho de pesquisa: a poesia contribui para a formação humana e crítica do aluno? Logo, algumas atividades foram instrumentos facilitadores de tal processo, a saber: respostas ao primeiro e segundo questionários, produção de memorial de leitura, redação de cartas, bilhetes e textos dissertativos.

Antes, porém, da exposição da análise de tais instrumentos, o enfoque primeiro cabe à mediação da leitura de que trata alguns estudiosos. Isso porque, durante a pesquisa, percebeu-se que muitos alunos liam apenas decodificando significado das palavras, sem que

explorassem, de fato, os efeitos de sentido produzidos pelos variados elementos componentes do texto poético. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001),

a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir de seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita [...]. (PCNs, 2001, p.53)

Pensando nessa orientação dos PCN, procurou-se desenvolver nos alunos habilidades de observação dos campos semânticos, do trabalho com a linguagem, de jogos de palavras, do jogo intertextual, da postura dialógica dos poetas, dos efeitos de sentido criados no texto, da transformação de temas em figuras, da construção da metáfora, dos processos de constituição de sentido.

Nesse tocante, observou-se que, para que o aluno se interessasse pela leitura, não foram poucas as implicações que se entrelaçaram na composição dos instrumentos de leitura. Foi necessário que tanto a própria professora titular da turma quanto a pesquisadora fossem leitoras e mostrassem entusiasmo pela fruição do texto. Assim, é inegável que o aluno apreende do mediador o gosto com que ele lê, comenta e sugere leituras, o entusiasmo com que se refere à atividade leitora como possibilidade de lazer, de fruição. É constatado também que, em muitos contextos escolares, esse trabalho vem sendo feito e o resultado tem ajudado na fruição da leitura, contudo, ainda há muito a ser feito no âmbito escolar para que esse caminho seja percorrido. Não existem fórmulas mágicas, mas as escolhas dos textos e a forma de conduzir o processo de leitura influenciam bastante. Candido (1995) considera, nessa direção, que não acreditar na fruição da literatura é negar a nossa humanidade, pois, para ele, a literatura é uma imprescindibilidade universal, que molda a personalidade, que dá forma aos sentimentos e à visão de mundo; ela condiciona e tira o ser humano do caos e, portanto, humaniza-o. “A literatura desenvolve em nós a cota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 1995, p. 249).

Análise do primeiro questionário aplicado aos sujeitos de pesquisa e sua reaplicação

Uns dos instrumentos importantes para a presente pesquisa foi a aplicação de questionários. Aplicou-se no início, um primeiro questionário semiestruturado (ANEXO 2) , composto por seis questões. Ao final da SD, este mesmo questionário foi reaplicado e, logo

após, aplicou-se o segundo questionário com oito questões. A seguir, apresenta-se o primeiro questionário aplicado e, na sequência, a análise dele.

Leia as questões a seguir, depois responda cada uma delas de acordo com a sua história de leitura até o presente momento.

- 1) De que tipo de leitura você mais gosta?
- 2) Qual a utilidade da leitura da literatura na sua vida diária?
- 3) Para você, o aluno deveria ser consultado pelo professor sobre assuntos de seu interesse sobre o que gostaria de ler antes de começar a estudar literatura? Por quê?
- 4) Na primeira série do Ensino Médio, o livro didático apresenta, em cada unidade, um poema referente ao conteúdo a ser explorado. Você aprecia tais poemas?
- 5) Com que frequência você lê poesia em sala de aula? Explique.
- 6) Algumas vezes você fica sem compreender o poema?
() sim () não () por quê?

A questão 01 do questionário

Em relação à primeira questão, a maior parte dos alunos não soube identificar com clareza o gênero de leitura de que gosta. As respostas foram: arte, aventura, biografia, crônica, gibi, história em quadrinhos (HQ), romance, saga. HQ teve 30% de preferência, seguido de 20% para romance e 10% para crônica e ação. Isso se deve, possivelmente, ao fato de esses gêneros serem de mais fácil acesso, mais baratos, mais próximos da realidade socioeconômica do aluno. Os demais percentuais ficaram nas outras modalidades de leitura, obtendo 5% cada.

Entre os gêneros listados pelos alunos, poesia não apareceu. Por outro lado, ao comparar os resultados antes do trabalho com a poesia e depois do trabalho desenvolvido, o resultado já surpreendeu, pois, no mesmo questionário reaplicado ao final da sequência didática, a poesia conquistou 25% de preferência, seguida de 18,75% para romance e 18,75%, ficção; 12,50% para HQ e os demais 6,25% para história, conto, leitura dramática e Leminski. Como pode ser observado, apareceu Leminski como preferência, que mesmo não se tratando de um gênero, subentende-se tratar de poesia, já que os alunos o conheceram por meio da SD.

Os gráficos 01 e 02, a seguir, mostram os percentuais relativos à questão 01 na primeira e na segunda vez em que foi aplicada.

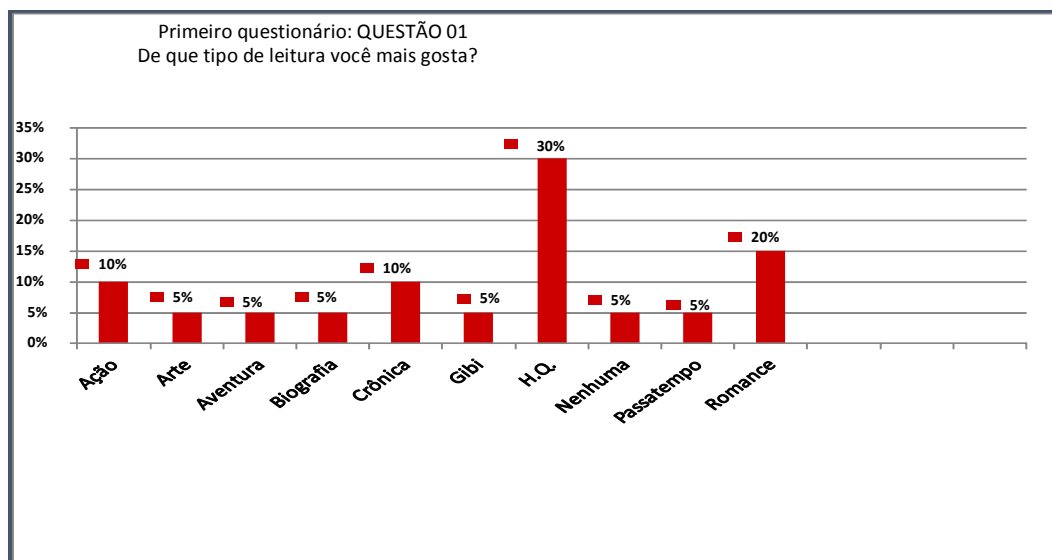


Gráfico 01: primeiro questionário.

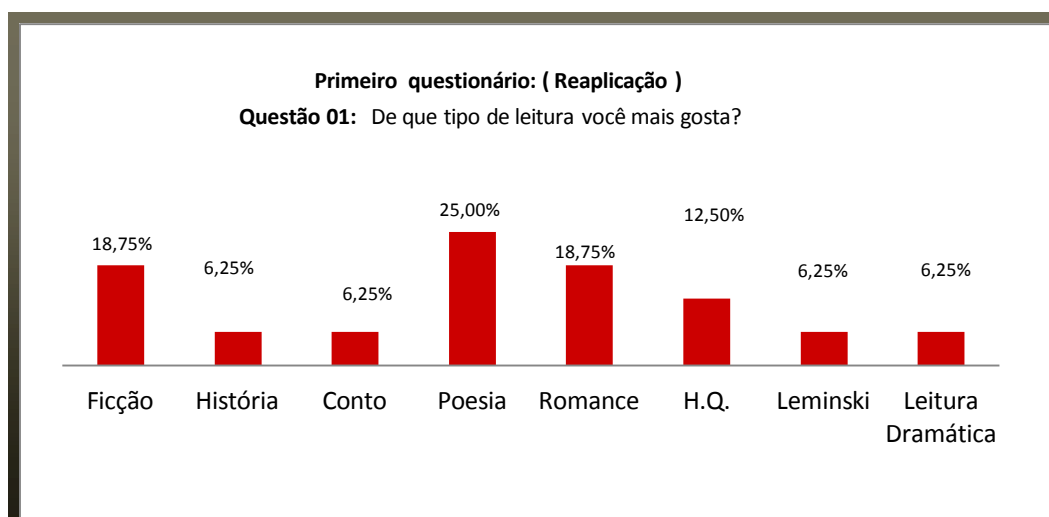


Gráfico 2: reaplicação do primeiro questionário

Entre os dados de um questionário e outro, no que se refere à ausência da poesia e a sua presença respectivamente nos gráficos 01 e 02, há indícios de que o trabalho surtiu efeito.

Qual a utilidade da leitura da literatura na sua vida diária?

A questão 02 do questionário

Já na segunda questão, que questiona *Qual a utilidade da leitura na sua vida diária?*, pode-se observar que houve mudanças. No entanto, o número de alunos que respondeu ao segundo questionário foi bem menor do que o número de alunos que respondeu ao primeiro,

visto que, por estarem no final do último bimestre do ano, muitos já não estavam mais frequentando as aulas. Algumas respostas valem ser ressaltadas. Destaca-se a resposta de T.O.S.A. que, no primeiro questionário, respondeu que não há “nada de interessante na leitura”. Porém, na reaplicação do questionário, disse:

(1) a leitura representa muito na minha vida do meu dia a dia. (T.O.S.A.)

Tal mudança advém possivelmente da participação ativa da aluna nas aulas. O mesmo aconteceu com o aluno B.L.R.R., que recusou-se a responder ao primeiro questionário. Disse que não queria se envolver na pesquisa. Na reaplicação, porém, disse que a leitura o “ajuda a tirar o estresse do dia a dia da cabeça, viajar entre as palavras”. Importante registrar também que o aluno, após alguns dias como ouvinte das aulas de leitura de poesia, resolveu participar e fez o seguinte depoimento num texto dissertativo:

(2) de começo eu achei meio chata a poesia, mas também eu era um pouco arrogante. Ao todo, eu gostei e abriu mais ainda a minha mente. Os autores de poemas, um deles é Carlos Drummond de Andrade que me faz pensar nos meus atos do dia a dia. (B.L.R.R.)

Outro aluno que chamou a atenção também foi G.A.R., pois ele foi classificado pela professora regente como um aluno que apresentava dificuldades cognitivas. As respostas dele às questões propostas, porém, eram sempre coerentes:

(3) a leitura tem tudo a ver, ensina a falar corretamente, melhorar a leitura e escrever corretamente, ensinando, às vezes, palavras que você ouviu falar, mas não sabe como escreve. (G.A.R.)

Isso indica que, para ele a leitura serve a outro fim, que não ela mesma. Na reaplicação, G.A.R. respondeu à mesma questão dizendo:

(4) a leitura é uma coisa que ensina você a ter mais conhecimentos e até mesmo escrever corretamente as palavras e ter mais diálogo. (G.A.R.)

Conforme se pode notar, antes, boa parte da turma, assim como G.A.R., preocupava-se com respostas mais racionais, voltadas para o conteúdo, para a interpretação, para o desenvolvimento linear da leitura, aspectos formais, relacionados a vocabulário e a gramática. Depois, as respostas adquiriram tom mais ligado à emoção, ao sentimento estético provocado pela leitura do texto poético, à mudança de comportamento, à maneira diferente de ver as coisas do mundo. Houve, também, os que mesclaram declarações racionais e emotivas.

Além desses alunos, há A.A.S.L., que disse que a leitura tem a função de “informar e atualizar, ajuda na escrita, vocabulário”. Isto é, a leitura com utilidade prática, em que se

coloca em foco o desenvolvimento cognitivo. Quando da reaplicação, A.A.S.L., na mesma questão afirma que a leitura:

(5) é de suma importância, pois através dela passamos a conhecer outras culturas, aprendemos também a escrever sem erros de gramática. (A.A.S.L.)

Embora A.A.S.L. ainda considere a contribuição da leitura para “escrever sem erros de gramática”, ele aponta o fato de que a leitura ajuda a “conhecer outras culturas”, o que amplia a gama daquilo para o que a leitura pode contribuir.

A opinião de I.A.A. sobre a utilidade da leitura e da literatura: “escrever bem, ver o mundo diferente, ficar informado” é fator importante para os resultados dessa pesquisa, uma vez que “ver o mundo diferente” implica ver o ser humano como social e histórico, pois o conhecimento é um patrimônio coletivo e, por isso, deve ser socializado. O conhecimento acerca de poesia não foi levado pronto, sistemático e acabado ao aluno, antes, ele foi socializado. A construção do conhecimento se deu num ensinar e aprender por meio de um processo de troca de experiências histórico-culturais.

No que se refere ao universo da leitura literária, as múltiplas interpretações de um texto e a plurissignificação de uma palavra permitem ao leitor emergir em um universo infinito de possibilidades, sonhos e desejos, permitindo sua interação com épocas, sociedades e culturas diferentes. Logo, ao dizer que a leitura ajuda a “[...] ver o mundo diferente”, I.A.A. se aproxima do que diz Todorov (2009 p.23):

a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. (TODOROV, 2009, p.23)

A leitura também é mecanismo de transformação das relações entre os seres humanos. Umberto Eco (2001) considera que a literatura mantém a língua em exercício e, sobretudo, a língua, por definição, “vai para onde ela quer, nenhum decreto superior, nem político nem acadêmico, pode interromper seu caminho nem desviá-lo para situações que se pretendem ótimas”. A língua, portanto, não se reduz a um código, “não é uma entidade simples, mas, frequentemente, um complexo sistema de regras” (p. 56). Provavelmente, G.A.R., ao dizer na questão 02, na reaplicação do questionário, que “a leitura e a literatura é uma coisa que ensina você a ter mais conhecimentos sobre leitura e até mesmo escrever corretamente as palavras e ter mais diálogo”, esteja se referindo a esse contato com ‘o complexo sistema de regras’ que a leitura e a literatura proporcionam, muito embora a função da leitura e da literatura não se resume a isso.

L.S.N., por outro lado, afirma que a leitura e a literatura o “faz passar o tempo, distrair minha cabeça”, dando-se destaque para a função lúdica e entretenedora da leitura. Ainda no campo do entretenimento, mas com desenvolvimento cognitivo, está a resposta de J.M.C. que disse:

(6) *a literatura enriquece o vocabulário, desenvolve o raciocínio e é lazer. (J.M.C.)*

No primeiro questionário, contudo, J.M.C. havia respondido que “a literatura me ajuda a compreender o mundo dos sentidos, ajuda a interpretar questões de provas, vestibulares e a me expressar melhor.” E o que seria compreender o mundo dos sentidos? Na visão de J.M.C. e da pesquisadora, numa aula posterior, isso significa que não basta apenas saber ler; é preciso aprender com o que se lê: interpretar, analisar e discutir os conteúdos para atribuir significado a eles. Logo, a leitura, como exercício de inteligência, cumpre o seu papel. Nesse sentido, a interpretação não é um ato mecânico de juntar letras e formar palavras e frases, mas a produção de diálogo entre leitor/autor/texto (cf; BAKTHIN, 1999).

Ainda sobre literatura, alguns alunos se manifestaram de maneira positiva em relação ao assunto. B.L.R.R. enfatizou que literatura

(7) *é para abrir uma possibilidade para o novo, para o diferente, para o inusitado, para fugir da mesmice, para fugir do que é passageiro; literatura para constituir singularidades, para convocar sentimentos afetivos; literatura para quebrar a lógica racional. (B.L.R.R.)*

Tal aluno estava sempre opinando de forma reflexiva. Isso certamente deve-se ao fato de pertencer a uma família de pais e avós leitores e professores. No entanto, vale lembrar que esse aluno é o que, no início da pesquisa, recusou-se a participar, mas frequentava as aulas de poesia como ouvinte. Como ele próprio admitiu, era do tipo “meio arrogante”. Somente depois percebeu que poderia participar.

A questão 03 do questionário

A questão 3 indaga: *para você, o aluno deveria ser consultado pelo professor sobre assuntos de seu interesse e sobre o que gostaria de ler antes de começar a estudar literatura? Por quê?*, 87,50% das respostas foram “sim” e 6,95 responderam “não”. De maneira semelhante, ocorreu na reaplicação: 83,34% dos alunos disseram “sim” e 8,33% disseram “não”. As justificativas também são coerentes e ressaltam o maior interesse e interação do aluno com o texto, com a leitura e com a aula. Portanto, a maioria considera importante a participação na escolha dos textos a serem lidos. Consideração de que a sua opinião é válida

e contribui para o interesse pela leitura. Esses resultados podem ser visualizados nos gráficos a seguir:

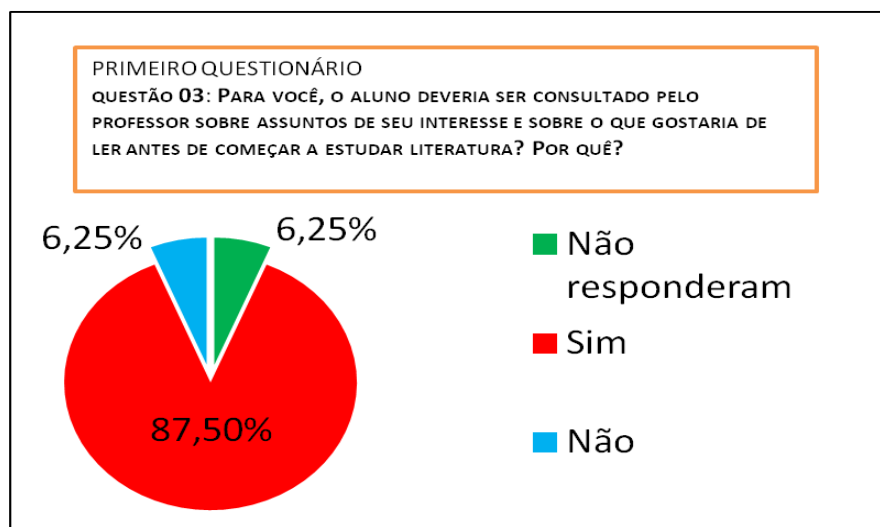


Gráfico 3: Primeiro questionário.

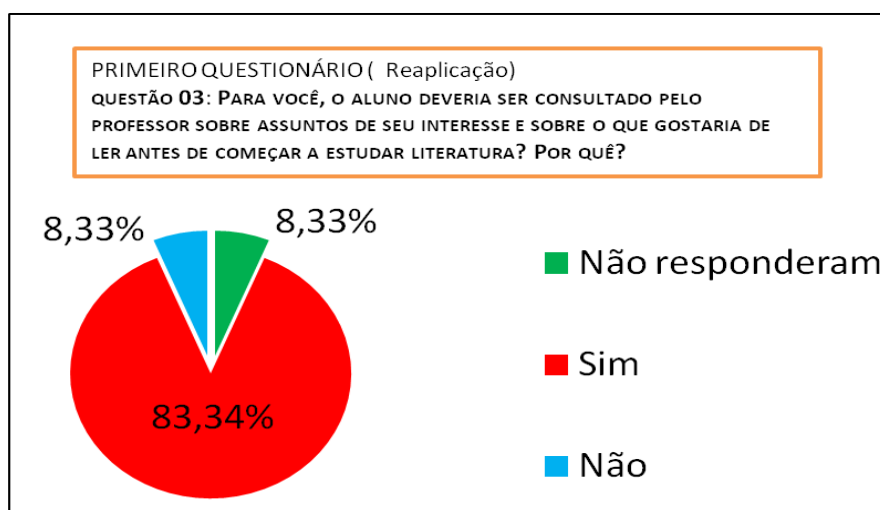


Gráfico 4: Reaplicação do Primeiro questionário.

Alguns aspectos dessa questão merecem ser comentados, pois dentre as respostas da maioria, o aluno K.C.S. deu resposta diferente tanto no primeiro questionário, quanto na sua reaplicação:

- (8) *A professora saberá o tipo de leitura que o aluno quer fazer; Sim. Eu acho que é muito importante o professor escolher porque tem vários alunos que a matéria não interessa, mas perde o foco na matéria e na sua leitura. (K.C.S.)*

Logo, tal aluno deve ter analisado que o foco deve estar naquilo que o professor definir, porque o profissional, mais que o aluno, sabe de que tipo de leitura a sala precisa.

Além desse aluno, também G.A.R. deu resposta contrária à maioria na primeira aplicação do questionário:

- (9) *o professor é o melhor exemplo e sabe do melhor e você estará no caminho certo. (G.A.R.)*

Já na reaplicação, G.A.R. concorda que o aluno deve ser consultado:

(10) sim, porque alguns alunos querem que o professor pergunte o que deveríamos realmente ler, fazer perguntas ao aluno vendo o que ele gostaria de ler e fazer na aula de literatura trazendo mais conhecimentos.

Na primeira resposta – e parcialmente na segunda –, o aluno deixa entrever que o professor é um profissional que se compromete, no âmbito de uma organização educacional, a apoiar os que visam alcançar determinado resultado. O professor é aquele que assume responsabilidades de analisar, juntamente com seus alunos, as situações inesperadas e, então, redireciona seus planos pedagógicos de ação sempre que necessário. Vale sempre a perspicácia do mediador ao optar pelo bom senso quando aplicar uma atividade, com atenção aos interesses da turma e também ao que for relevante para a formação leitora de cada um. G.A.R. expressa maturidade ao dizer que o professor é exemplo e deveria mesmo ter atenção e percepção sobre as necessidades dos alunos como fator fundamental para conduzir o processo de leitura e outras habilidades. Mais do que isso, esse profissional precisa ter visão, comprometimento, comunicação, integridade, realidade e intuição. Sobre isso, Nóvoa (1992, p. 27) afirma que “é preciso investir positivamente os saberes de que o professor é portador, trabalhando-os de um ponto de vista teórico e conceitual”. Nesse sentido, é interessante que esse profissional também saiba ouvir seus alunos e dar a eles a oportunidade de opinar, escolher o que querem ler. Somente depois é que ele poderá fazer um planejamento que contemple as expectativas dos alunos e também as suas. Nóvoa (1992, p.7) afirma ainda que “não é possível separar o eu pessoal do eu profissional”. Para tanto, é importante que haja afetividade e interação entre professor e aluno. Para Piaget (1995, p.37), “o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: o cognitivo e o afetivo”. Piaget (1995, p.37) ainda defende que toda ação e pensamento comportam um aspecto cognitivo, representado pelas estruturas mentais, e um aspecto afetivo, representado por uma energética, que é a afetividade. G.A.R. refere-se ao professor como uma pessoa que, além de cumprir sua função estabelecida socialmente que é promover o desenvolvimento cognitivo, compõe o universo afetivo do aluno ao consultá-lo sobre suas preferências leitoras.

A questão 04 do questionário

Sobre a questão 4, na primeira série do Ensino Médio, o livro didático apresenta, em cada unidade, um poema referente ao conteúdo a ser explorado. Você aprecia tais

poemas?, as respostas variaram e apresentaram divergências, como mostram os gráficos 05 e 06, a seguir:

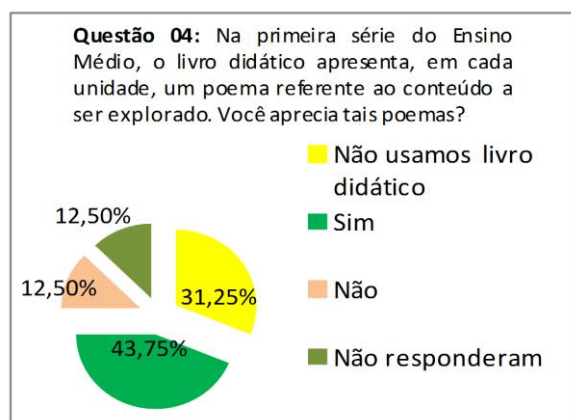


Gráfico 5: Primeiro questionário aplicado.

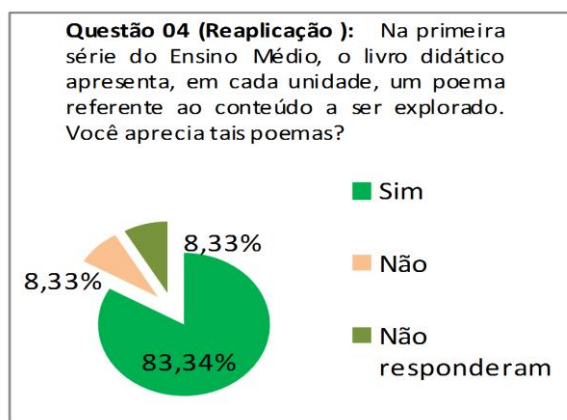


Gráfico 6: Primeiro questionário (Reaplicação).

Na aplicação do questionário pela primeira vez, 43,75% disseram que apreciam os poemas contidos nos livros didáticos; 31,25% disseram que não usam o livro didático; 12,50% disseram não apreciar os poemas e 2,50% não responderam a questão. Na reaplicação, 83,34% disseram que sim, apreciam os poemas, enquanto apenas 8,33% disseram que não apreciam. Os 8,33% restantes não responderam. Os dados revelam que, além de o livro didático ainda continuar sendo um dos principais suportes pedagógicos para professores e alunos, é por meio dele que o discente tem algum acesso ao texto poético. Para Lajolo e Zilberman (1996), porém, o livro didático é o “primo-pobre da literatura”, texto para ler e botar fora, descartável porque anacrônico: ou ele fica superado, dado os progressos da ciência a que se refere ou o estudante o abandona por avançar em sua educação. O estímulo à leitura não se resume apenas a fazer com que os alunos leiam, mas que esse ato seja um exercício crítico. Para tanto, o livro didático não contribui como deveria, mas quando o texto poético está lá, melhor que ele seja bem explorado.

O depoimento de T.O.S.A, na questão 4 sobre a apreciação de poesia, coloca em evidência a formação humana:

(11) sim, tem alguns que tocam a gente e se coloca em reflexão. (T.O.S.A.)

A pesquisa parece ter provocado em T.O.S.A. a sensação de que a poesia toca e faz sentir, deixa o ser colocar-se em reflexão. Para Bakhtin (1998, p.48), “é só na poesia que a língua revela todas as suas possibilidades, porque há alto grau de exigências que lhe são feitas e seus aspectos são intensificados ao extremo”. Tanto Bakhtin (1998) quanto outros estudiosos disseram que, se não existissem as obras literárias, haveria empobrecimento dos

conceitos formulados e da dialogia do pensamento. Isso também significa dizer que o estudo da memória cultural, social e histórica, resultado desse pensamento dialógico, amplia a visão a respeito do presente para que o ser se torne mais humano.

Antonio Candido (1995) reforça esse poder humanizador da literatura e incita a compreensão de que a insuficiência do saber literário na vida do ser humano revela um pouco da questão socioambiental do país, da sua desigualdade social e das relações de conflito entre as situações humanas, já que a propensão a subordinar tudo ao interesse adota a política de cada um por si. O relato de I.C.D.S., que retrata gosto, afeto, formação humana, parece direcionar-se para a afetividade:

(12) Sim, poemas mais amorosos que tem conteúdo. (I.C.D.S.)

Segundo Novaes (2005), ao se considerar a dialética entre o pensar e o sentir, Carlos Drummond de Andrade projeta o ser humano ao sentimento do mundo, porque poesia e mundo se relacionam por escaramuças, reciprocamente excludentes e includentes. É na perspectiva desse pensar-sentir o mundo a que se refere a poesia drummondiana que permite outras reflexões sobre a formação humana no fortalecimento da identidade dos alunos de Ensino Médio. Neste entrelace, destacam-se as proposições de autores que consideram a possibilidade de transcendência do ser humano pela essência da palavra poética, considerada “amorosa”, por I.C.D.S.

A questão 05 do questionário

Para a quinta questão, *com que frequência você lê poesia em sala de aula?*, foram dadas respostas bastante diversificadas, o que dificultou a análise. No entanto, pode-se considerar a resposta “algumas vezes e quase sempre”, como média geral entre os alunos. Os gráficos, a seguir, mostram as respostas da questão 05 do primeiro questionário e da reaplicação.

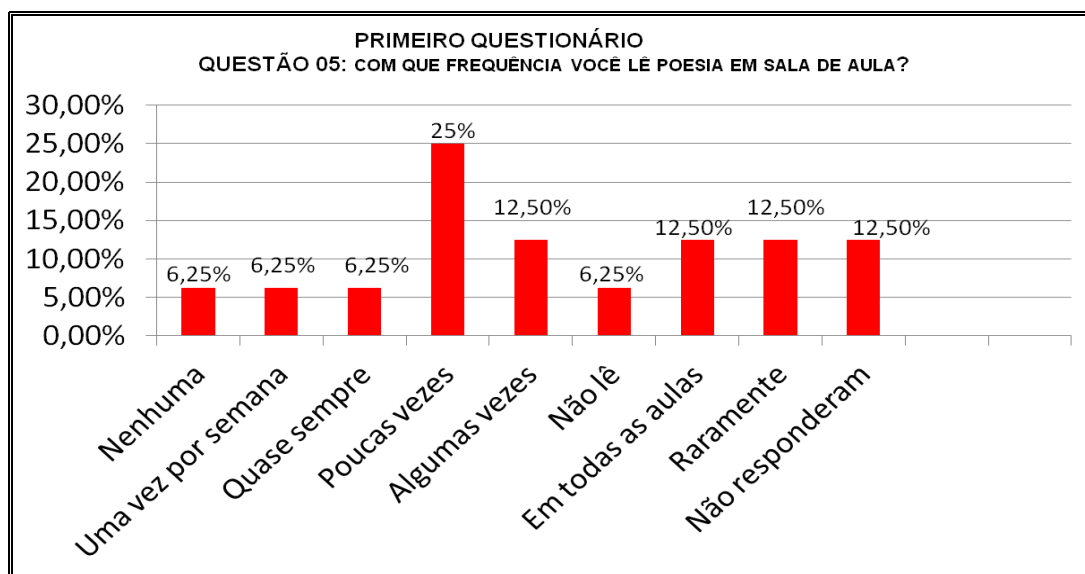


Gráfico 7: Questão 05= Primeiro questionário.

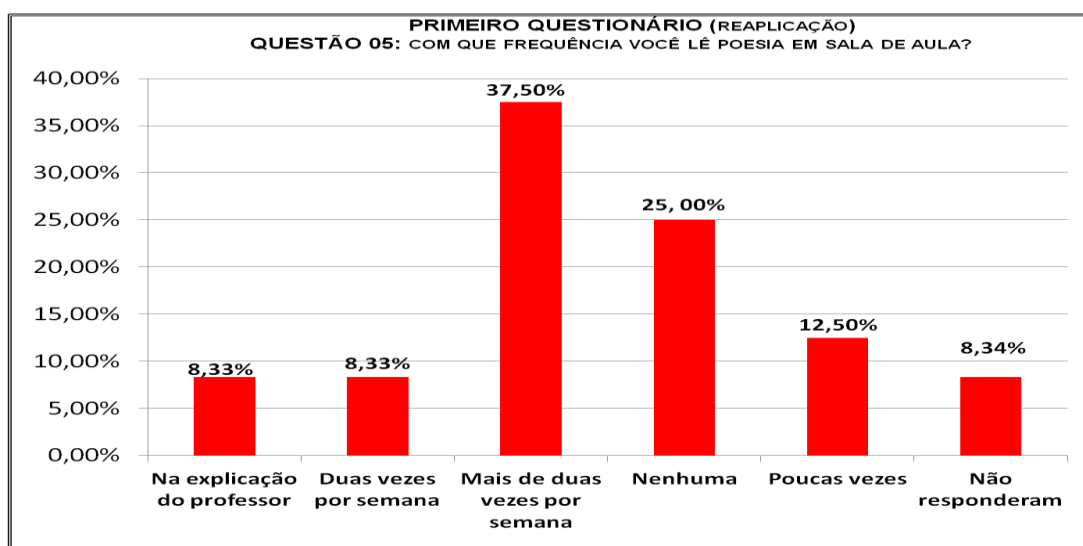


Gráfico 8: Questão 05 (Reaplicação do primeiro questionário).

Os dados revelam que houve destaque para a resposta “poucas vezes” (25% das respostas), enquanto que as demais porcentagens variam entre 12,5% e 6,25%.

Na reaplicação, houve três opções: Mais de duas vezes por semana, nenhuma e poucas vezes. A opção “mais de duas vezes por semana” obteve o maior percentual: 37,5% das respostas. Conclui-se que houve aumento na leitura, visto que mesmo havendo pouca diferença de porcentagem nas duas opções, as outras opções “duas vezes por semana”, “na explicação do professor” e “poucas vezes” superaram o item “nenhuma”.

Quanto às justificativas da questão 5, a da aluna D.O.B.: “acho que deveria ter mais leitura” mostra que a discente sente falta de leitura e seu depoimento se assemelha ao

resultado do questionário. Já a aluna I.C.D.S. explicitou o nome do poeta com o qual se trabalhou: “a frequência que o professor explica Carlos Drummond”, relatando que apenas naquele momento do desenvolvimento das aulas havia leitura.

Silva (2000 p. 156) afirma que a compreensão do texto acontece quando ativa-se uma determinada parte do conhecimento de mundo, especificamente, a que for mais relevante para a leitura proposta, por isso, é imprescindível promover um ensino/aprendizagem de leitura que necessite fazer inferências das mais básicas às mais complexas. A interação com a poesia é uma das estratégias pedagógicas responsáveis pelo desenvolvimento completo da capacidade linguística do leitor em formação por meio do acesso e da familiaridade com a linguagem conotativa, além do refinamento da sensibilidade para a compreensão de si e do mundo; a poesia deve ser vista como uma prática social incorporada à vida cotidiana, como indicam as Orientações curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006 p. 60): “quanto mais profundamente o receptor se apropriar do texto e a ele se entregar, mais rica será a experiência estética, isto é, quanto mais letrado literariamente for o leitor, mais crítico, autônomo e humanizado será”.

A questão 06 do questionário

Sobre questão 06, *algumas vezes você fica sem compreender o poema?* () Sim () Não . *Por quê?*, pode-se constatar que é significativo o resultado de 81,25% que disseram sim e 18,75% disseram não, conforme comprovam os gráficos relativos à primeira e à segunda vez em que o questionário foi aplicado:

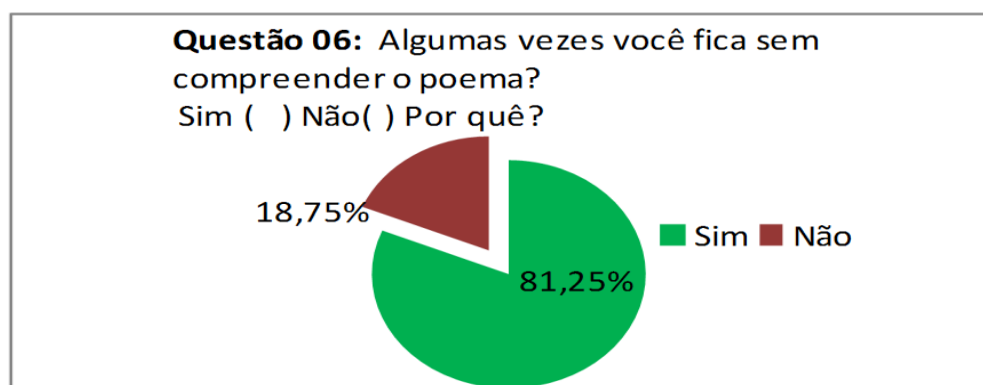


Gráfico 9: Aplicação do 1º questionário.

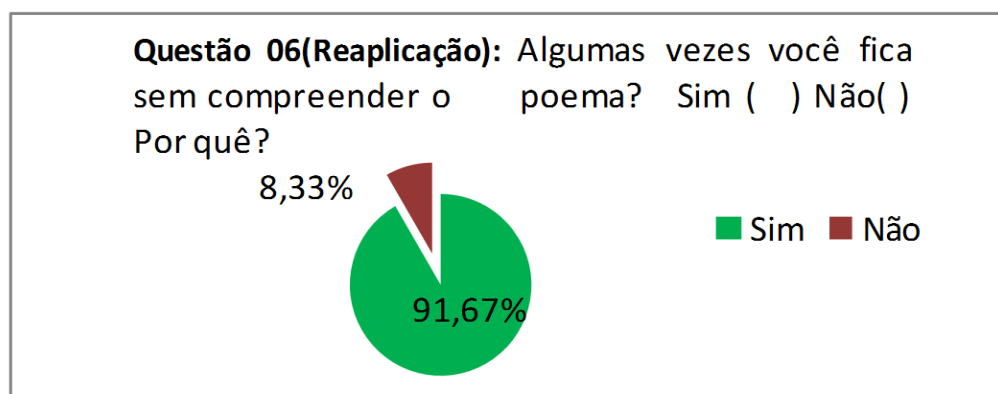


Gráfico 10: Reaplicação do 1º questionário.

A dificuldade dos alunos de se entender um poema sugere, como afirmam alguns pesquisadores, que a leitura em sala de aula carece de mediação. Isso se dá em muitas escolas. Não é, portanto, característica específica da escola-campo, pois, na sala de aula, a leitura de poesia precisa tornar-se uma prática efetiva, tal como afirma Cunha (1986, p. 95): “se o professor não tiver o hábito da leitura de poemas, se ele, [...] não se sensibilizar com o poema, dificilmente ele conseguirá emocionar seus alunos [...]”.

Como dito anteriormente, os dados apresentam-se com pouca alteração, visto que houve um crescimento do aluno para a compreensão do poema de apenas **10,42%** em relação ao antes e depois do trabalho realizado. Dessa forma, isso significa que a leitura constante nas aulas de poesia durante a pesquisa contribuiu para o entendimento do texto poético, mas não foi o suficiente.

A aprendizagem da interpretação da poesia compreende desenvolver o processo de coordenar conhecimentos dos vários sentidos que um texto poético proporciona. Sendo assim, é importante que haja melhoria na aprendizagem que perpassa pela aproximação constante da poesia, como também a utilização do conhecimento prévio. Tal conhecimento inclui o conhecimento linguístico, que compreende fundamentalmente o uso da língua.

Merece destaque o depoimento da aluna A.A.S.L., sobre a referida questão, como também dos demais alunos que concordaram em dizer que compreender um poema é difícil por causa da linguagem. A.A.S.L. afirma:

(13) devido à complexidade das palavras, às vezes o vocabulário pouco usado fica difícil de entender nos dias de hoje. (A.A.S.L.)

Como se vê pelo depoimento do aluno, a prática de cinco meses de leitura de poesia não foi suficiente para que essa opinião mudasse, visto que há uma lacuna acentuada que não foi preenchida durante todos os anos de escolaridade pelos quais os alunos passaram. Faltou

prática de leitura de variados gêneros para que tais alunos tivessem uma formação leitora capaz de levá-los à compreensão de um texto.

Diante disso, percebe-se que o domínio instrumental da leitura é necessário para garantir ao aluno autonomia no contato com o texto, porque a leitura acontece quando se produz o sentido e quanto mais informações se tem, mais consciência na formação de sentido terá o leitor, porque além dos sentidos explícitos é preciso entender, fundamentalmente, os implícitos.

Análise do segundo questionário aplicado aos sujeitos de pesquisa

Outro instrumento facilitador da busca pela formação humana e crítica do aluno foi a aplicação do questionário 2 (ANEXO 3). Tal instrumento contou com respostas favoráveis ao objetivo do presente trabalho, porque evidenciou uma recepção positiva da leitura de poesia em sala de aula. Seguem as perguntas do questionário 2:

- 1) O trabalho com poesia, realizado em sala de aula, tem ajudado você a compreender melhor o poema?
() Sim () Não Por quê?
- 2) O que você considera que seria importante para ajudá-lo a compreender melhor os significados do poema e conseguir ser mais crítico? Cite exemplos.
- 3) Com relação à leitura de poemas, alguns dos analisados, em nosso trabalho, trouxe alguma contribuição para você? Ele provocou mudança em seu ponto de vista? Mexeu com suas emoções e te sensibilizou? Qual? Em que sentido?
- 4) Em sua opinião, a leitura de poemas, em sala de aula, tem ajudado a maioria de seus colegas, do alunado a gostar de literatura e apreciar o texto poético? Se sim, por quê?
- 5) Quando você lê poemas, na sala de aula ou em casa, essa leitura causa em você alguma sensação em que mereça ser relatada? Se sim, cita-a.
- 6) Como a poesia pode contribuir para a sua formação humana e crítica? Você consegue dizer se você ficou mais solidário, mais sensível e mais crítico? Ou você acredita que nada mudou?
- 7) Quais são os fatores positivos do estudo dos poetas estudados (Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Leminski e José Paulo Paes) e qual a contribuição deles para a sua formação e a de seus(as) colegas?
- 8) Uma das finalidades da arte em geral e da arte poética na educação é de propiciar uma relação mais consciente do ser humano no mundo, contribuindo para a formação de pessoas mais abertas ao sensível, mais críticas, criativas e passíveis de atuar na transformação da sociedade. Você concorda ou discorda dessa afirmação? Por quê?

A questão 01 do questionário

Considerando-se a primeira pergunta, *o trabalho com a poesia, realizado em sala de aula, tem ajudado você a compreender melhor o poema?* Sim () Não(). Por quê?,

observa-se que 100% dos alunos receberam bem o trabalho com poesia. Isso pode ser observado no gráfico a seguir:

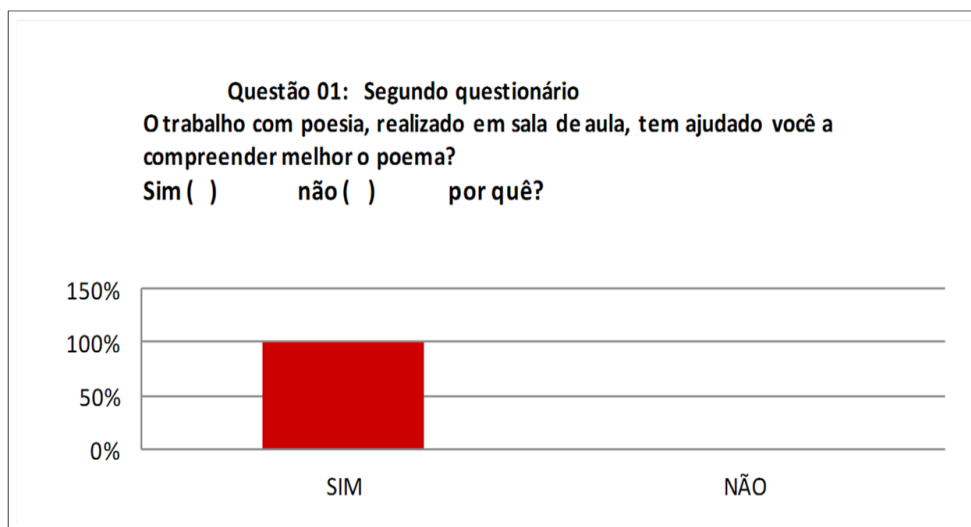


Gráfico 11–Questão 01: Segundo questionário

Antes, porém, de analisar os dados, é necessário que haja uma comparação entre a porcentagem da questão 6 do questionário 1 com a primeira do questionário 2, uma vez que as perguntas se assemelham. Houve divergência nos resultados, sendo que 91,67% disse sim, que algumas vezes fica sem entender o poema. Enquanto que nessa questão 100% disseram que a leitura de poesia em sala de aula tem ajudado a entender melhor o poema.

A seguir, foram transcritas algumas justificativas dos alunos em relação à resposta “sim” à primeira pergunta.

Porque:

“Alguns poemas tem palavras complicadas e em sala de aula a professora faz com que a gente compreenda mais”. D.O.B.

“... pelas explicações feitas, os exercícios”. Y.R.L.

“Há poemas muito bons, mas difíceis de entender”. I.C.D.S.

“O poema, muitas vezes, é em sentido figurado, usa palavras pouco usadas de um vocabulário difícil de compreender, então praticando, conseguimos desenvolvê-los.” A.A.S.L.

“Através do poema a leitura fica mais legal, mais prazerosa”. K.C.S.

“Com a ajuda da professora a gente vai entender melhor o poema e a poesia com palavras difíceis e crítica”. L.B.S.

“Tem ajudado a formular respostas melhores nas perguntas das tarefas, trabalhos e provas”. B.L. R.R.

“Com ele eu aprendo melhor a entender que o poema quer passar para a gente”. G.R.V.B.J.

Fonte: Depoimentos dos alunos na questão 01 do segundo questionário.

A questão 02 do questionário

Ao analisar a questão de número 02, *o que você considera que seria importante para ajudá-lo a compreender melhor os significados do Poema e conseguir ser mais crítico? Cite exemplos*, foi possível perceber que, em muitos aspectos, os pesquisados reconheceram positivamente a importância do trabalho realizado. As respostas enaltecem a significação do poema e da leitura dele em sala, conforme se constata nos depoimentos a seguir:

“O trabalho que vem sendo feito já está bem completo, com muitos exercícios que são os mais importantes para leitura”. Y.R.L.

“O poema me ajuda a compreender várias coisas. Eu gosto muito de poema e ajuda a ser crítico”. T.O.S.A. (*Interessante que, no questionário anterior, essa mesma aluna disse que não gostava de leitura nenhuma, não havia nada de interessante na leitura e que não gostava de ler em sala de aula.*)

“Poemas mais intelectuais.” D.O.B. ;I.C.D.S.

“É nós exercitarmos nosso cérebro, pegarmos o ritmo, desenvolvermos e aprendermos mais o vocabulário, e nós raciocinarmos. O poema exige isso”. A.A.S.L.

“A linguagem do poema desenvolve muito a gente a falar melhor, compreender os significados importantes”. L.B.S.

“Assistir melhor as aulas para aprender a compreender melhor!”. G.R.V.B.J

Fonte: Depoimentos dos alunos na questão 02 do segundo questionário.

Alguns desses depoimentos merecem ser destacados, porque dois dos alunos sentiram falta de um trabalho com a leitura ao dizerem: “o colégio ter uma biblioteca melhor e ter um horário do dia da semana para leitura e fazer uma descrição do livro, algum trabalho”. B.L.R.R; “Mais tarefas e prática”. K.C.S. Além disso, constata-se, mais uma vez, que a mediação é fator preponderante para o processo de aprendizagem e aquisição da prática leitora. Isso fica claro no depoimento de G.A.R.: “com a ajuda de um professor, a gente consegue entender mais e ter mais conhecimento do poema”. Também, no de I.A.L. ao dizer: “antes não conseguia compreender direito os poemas, mas com a aula me ajudou sim, hoje consigo compreender”.

Outro aspecto importante constatado foi que os demais depoimentos fazem referência ao vocabulário e à compreensão. Dessa forma, vê-se que é importante que o estímulo e a mediação da leitura, pois, assim, a aquisição do vocabulário (que, embora muito ressaltado pelos alunos, talvez nem seja o mais importante para a formação leitora) acontecerá naturalmente desde os anos iniciais. Além disso, focar vocabulário e compreensão é a operação metacognitiva que o aluno consegue fazer naquele momento de sua formação.

Outros aspectos não foram enfocados porque não são especialistas em literatura nem em linguística para expô-los com a propriedade que esses profissionais teriam.

Por fim, importa destacar que os professores mediadores da leitura precisam estar aptos a aceitar os desafios das novas exigências da sala de aula e das tecnologias midiáticas no ensino de literatura, procurando apreender as peculiaridades das diferentes linguagens utilizadas em cada suporte veiculador dos textos literários e também fazer com que o livro não seja esquecido, mas valorizado e, conforme disse B.L.R.R. em seu depoimento, que o espaço da biblioteca seja utilizado. Dessa forma, é necessário criar um ambiente facilitador do acesso dos alunos aos livros e à leitura, além de construir um meio que estimule a imaginação, alimente o sonho e a fantasia, os quais, paradoxalmente, são necessários para enfrentar os desafios reais aos quais todos têm que responder, conforme comprova a afirmação de Candido (2004):

Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar vinte e quatro horas sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. [...] E durante a vigília a criação ficcional ou poética [...] está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, causo, história em quadrinhos. (CANDIDO, 2004, p.174-5)

É, pois, na biblioteca, que se devem propor instrumentos inovadores de acesso e desafios na relação entre texto e leitor para que essa fabulação aconteça. As propostas de leitura desenvolvidas nesse ambiente encontram respaldo na formação do leitor, se forem formadas por experiências mediadas pelos dinamizadores de biblioteca e pelos professores mediadores.

Conforme Soares (2003), exigências sociais de habilidades de leitura são diferentes das praticadas na escola. As exigências sociais preveem um leitor com maior autonomia, que a escola precisa criar condições para formá-lo:

[...] na vida cotidiana, eventos e práticas de letramento surgem em circunstâncias da vida sociais ou profissionais, respondem a necessidades ou interesses pessoais ou grupais, são vividos e interpretados de forma natural, até mesmo espontâneas; na escola, eventos e práticas de letramento são planejados e instituídos, selecionados por critérios pedagógicos, com objetivos predeterminados, visando à aprendizagem e quase sempre conduzindo a atividade de avaliação. (SOARES, 2003 p. 106-107b)

Muitas unidades escolares têm desenvolvido a autonomia dos alunos com práticas planejadas de leitura que funcionam bem e devem ser reconhecidas, no entanto, uma grande maioria desses planejamentos fica apenas no papel, sem desenvolvimento. A efetiva apropriação de texto, muitas vezes, pressupõe que o leitor tenha um mediador, antes de exercer de forma autônoma a prática de leitura. Logo, o depoimento de I.A.A., ao responder a

questão 2, justifica-se: “a professora nos ajuda mais a compreender lendo com a gente e nos mostrando os “peguinhas”.

Acerca desse assunto, mediador é um aliado do leitor, é o movimento da partilha ou da troca em direção a esse outro, como assevera Petit (2009):

Do nascimento à velhice, pensamos unicamente em resposta ao que nos foi lançado por outros, ainda mais quando desconfiamos de que eles sabem de alguma coisa, um segredo, ao qual não temos acesso. Sem o outro, não existe sujeito. Em outras palavras, o gesto da partilha ou da troca, a relação, está na origem mesma dessa interioridade, que não é um poço onde se mergulha, mas que se constitui entre dois, a partir de um movimento em direção ao outro. Está também na origem mesma da identidade (se é que esta existe, o que pode ser discutido), que se constitui em um movimento simultaneamente centrífugo e centrípeto, em um impulso em direção ao outro, um desarraigamento de si, uma curiosidade – uma vontade também, por vezes feroz. Na origem mesma da cultura. (PETIT, 2009, p. 51)

Ainda sobre mediação e impulso em direção ao outro, Petit (2008) acrescenta que o mediador “para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor” (PETIT, 2008, p. 145). Afirmar que o professor deve ser leitor e estimular seu aluno à leitura é reconhecer que ele é também esse que ajuda a entender o texto, conforme também afirmou o aluno G.R.V.B.J.: “com ele eu aprendo melhor a entender que o poema quer passar para a gente”. Em outro depoimento, agora do aluno G.A.R., ele afirma: “ensina tudo sobre um poema bem detalhado, ensinando a escrever melhor, com parágrafo, dando mais conhecimento de grandes autores poéticos”.

Mesmo que se torne repetição, é válido enfatizar ainda nessa questão o depoimento de T.O.S.A.: “o poema me ajuda a compreender várias coisas. Eu gosto muito de poema e ajuda a ser crítico”. O que chama a atenção nessa justificativa é que a aluna, no primeiro questionário, foi enfática na negação do gosto pela leitura: “Nada de interessante na leitura”; “não gosto de ler em sala de aula não”; “não leio porque não gosto de ler, mas não tenho nada contra, até gosto”. Como se nota, há uma mudança de postura da aluna e a afirmação de que “gosta muito” de poesia e de que o texto poético a ajuda a ser “crítico” comprova que a leitura proporciona a formação crítica e humana que aqui se defende. Isso pode ser afirmado, porque essa aluna apresentava episódios de indisciplina; saía da sala constantemente sem permissão; não se interessava pelas discussões das leituras e, depois de algum tempo, isso foi mudando. Com o interesse e a participação da aluna, ao ser aplicado o segundo questionário, ela chegou a esta resposta: “o poema me ajuda a compreender várias coisas. Eu gosto muito de poema e ajuda a ser crítico”. Outro dado que comprova o desinteresse inicial e a mudança de atitude da aluna é que, no primeiro questionário, algumas das questões não foram respondidas por ela.

A questão 03 do questionário

A questão 03 do segundo questionário merece destaque de algumas respostas, pois a pergunta direciona-se, de forma mais específica, à realização do trabalho desenvolvido e ao efeito que a leitura de poesia proporcionou aos sujeitos da pesquisa. Torna-se interessante transcrever as respostas à seguinte pergunta: *com relação à leitura de poemas, algum dos analisados, em nosso trabalho, trouxe alguma contribuição para você? Ele provocou mudança em seu ponto de vista? Mexeu com suas emoções e o sensibilizou? Qual? Em que sentido?*

“Vários poemas passados na aula mexeram sim, são explicantes, muito bons!”
D.O.B. ; I.C.D.S. (Essas duas alunas sempre dão a mesma resposta)

“Trouxe uma melhor interpretação dos poemas que são muito complexos. O modo como cada autor aborda os fatos causa, muitas das vezes, um sentimento de melhora em nós mesmos”. **Y.R.L.**

“Trouxe sim e é sempre bom aprender mais sobre coisas. Sim, mudou o meu ponto de vista. Não muito, mas mudou!” **I.A.L.**

“Uma delas é a Morte do leiteiro, que conta a nossa realidade, um fato que traz à tona problemas da nossa sociedade que acontecem todos os dias, mas que passam despercebidos”. **A.A.S.L.**

“O poema é uma coisa que pode mudar totalmente o sentimento de uma pessoa, criando um sentimento mais forte. O poema é uma poesia que ao ler já se sente a diferença”. **G.A.R.**

“Gostei de todos os poemas e acho gostoso de se aprender, aprendemos e aprofundamos na matéria”. **K.C.S.**

“A leitura é muito importante para nossa vida, porque a gente ler mais vai entender melhor”. **L.B.S.**

“Sim, serviu para perceber melhor as coisas ao meu redor”. **B.L.R.R..**

“Ele não mudou nada no meu ponto de vista. Só mexeu com as emoções. O poema do leiteiro por ter morrido fazendo coisa boa”. **G.R.V.J.**

Fonte: Depoimentos dos alunos na questão 03 do segundo questionário.

Com exceção do último depoimento, em que o aluno disse não ter mudado o ponto de vista, os demais disseram “sim” às indagações e, dessa forma, a contribuição da leitura de poesia para a formação humana e crítica novamente se confirma, uma vez que muitos mencionam nas respostas expressões como: “sentimentos”, “nossa realidade”, “perceber/entender melhor”.

Embora no depoimento G.R.V.J., o último da sequência, o aluno afirme que “[o poema] não mudou seu ponto de vista”, ele afirma logo em seguida que “só mexeu com as

emoções. Cita o poema “Morte do Leiteiro” e se comove com a situação de alguém que morre fazendo o bem. Essa sim constitui, nos dados, importante prova de que a poesia promove algum tipo de alteração interior, seja no campo da racionalidade, da subjetividade ou de ambos.

A questão 04 do questionário

Já na questão 04 do segundo questionário, *em sua opinião, a leitura de poemas, em sala de aula, tem ajudado a maioria de seus colegas, do alunado a gostar de literatura e apreciar o texto poético? Se sim, por quê?*, as respostas foram favoráveis, conforme comprova o gráfico da questão:

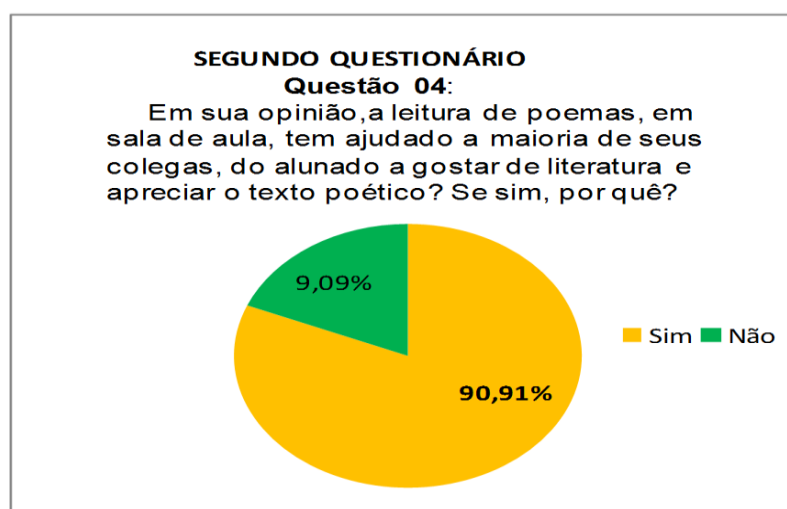


Gráfico 12 – Questão 04 – segundo questionário.

Nota-se que, dos que responderam, 90,91% disseram ‘sim’. Apenas 9,09% disseram ‘não’. Dessa forma, vê-se que a mediação da leitura, mais uma vez, tornou-se significativa e que o distanciamento entre texto e leitor foi reduzido. As justificativas também deram importância ao resultado, visto que elas comprovam a apreciação do texto poético, conforme transcrições a seguir:

“Textos explicantes e ajudou as pessoas a compreender as coisas mais difíceis”. D.O.B.; I. C. D.S.

“Os poemas tem um modo diferente de abordar os temas causando grande curiosidade e expectativa”. Y.R.L.

“Bom... Quando há aula de leitura de poemas tem alunos que se interessam e acho que ajuda sim todos nós”. I. A. L.

“A minoria começou a olhar a poesia com outros olhos, vendo o seu valor, de poder interpretá-la e entender o que o autor quis dizer. Mas, infelizmente, muitos não têm interesse”. A.A.S.L.

“É... A maioria da sala está ficando mais interessada na leitura. Eu gosto muito de poema; é bom ler, mas também é muito difícil de se interpretar poema”. T.O.S.A.

“Tem ajudado sim, porque todos nós gostamos das aulas”. K.C.S.

“Porque a gente lê os poemas em sala de aula. Os alunos vão gostar mais de ler e aprender”. L.B.S.

“Porque ajuda a perceber melhor que tipo de resposta dar para o colega do colégio, o jeito de falar e escrever”. B.L.R.R.

“Muitos deles não se interessam”. G.R.V. J.

Fonte: Depoimentos dos alunos na questão 04 do segundo questionário.

Interessante notar que T.O.S.A., no primeiro questionário, questão 01 disse: “nada de interessante na leitura”. Já, nessa questão 04 do segundo questionário, disse: “é... A maioria da sala está ficando mais interessada na leitura. Eu gosto muito de poema; é bom ler, mas também é muito difícil de se interpretar poema”. Depois, na reaplicação do primeiro questionário, a mesma aluna disse que a leitura: “representa muito na minha vida do meu dia a dia”. (T.O.S.A.). A esse respeito, foi constatada a evolução da aluna durante a pesquisa.

A questão 05 do questionário

Na questão de número 05, *quando você lê poemas, na sala de aula ou em casa, essa leitura causa em você alguma sensação que mereça ser relatada? Se sim, cite-a*, as respostas estiveram dentro do esperado e, como na questão 04, os valores foram exatamente iguais, conforme nota-se no gráfico a seguir:

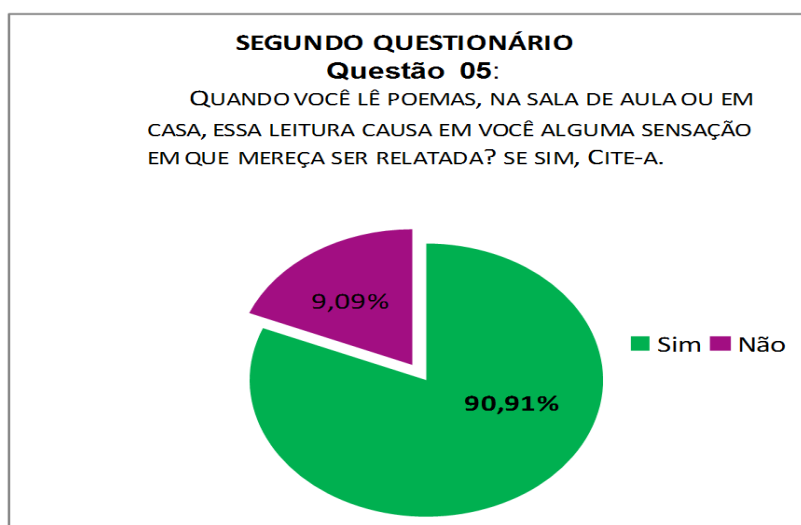


Gráfico 13 – Questão 05 – segundo questionário.

As justificativas também não surpreenderam. No entanto, o depoimento de T.O.S.A. merece atenção: “me causa sensação sim. E poema é muito bom e aprendemos muita coisa

com isso". Nesse relato, percebe-se que a aluna continua gostando de poemas e dá o devido valor a esse gênero, visto que antes revelou não gostar de leitura e nem de poemas. Conforme, Pinheiro (2003, p.62) “a poesia só será um dos gêneros mais apreciados no ambiente escolar quando se compreender seu valor inerente”. A resposta da aluna é enfática e, por se tratar de uma pessoa que apresentava questões disciplinares conturbadas, o depoimento se destaca como surpreendente entre os demais.

Isso implica dizer que a mediação da leitura, assunto já bastante enfatizado até o momento, faz-se necessária em diferentes contextos da sala de aula, porque mais uma vez, conforme Pinheiro (2002, p.17) afirma “é muito importante trabalhar a poesia no contexto escolar com o apoio do professor, visto a sala de aula ser, antes de tudo, um território da inventividade e na maioria das vezes também lugar onde se instiguem as possibilidades de criação e inovação”.

Interessante também é o que expressou Y.R.L.: “sensação, às vezes, de alívio, às vezes tristeza, em outros momentos tira vários suspiros”. Sensação de alívio e de tristeza e de “tirar suspiros” revelam emotividade, sensibilização durante a leitura. Quanto a esse assunto, interagir com a poesia implica desenvolver algumas habilidades do ser pertencente a uma sociedade.

A questão 06 do questionário

As referidas habilidades estão implícitas na questão 06: *como a poesia pode contribuir para a sua formação humana e crítica? Você consegue dizer se você ficou mais solidário, mais sensível e mais crítico? Ou você acredita que nada mudou?* Solidariedade, sensibilidade e criticidade são algumas características que se pretende que o aluno obtenha ao longo de seus anos escolares, além de conhecimento e da formação integral para a cidadania, de um pleno desenvolvimento nas dimensões afetivas, artísticas, espirituais, éticas, corporais, intelectuais. Alguns pontos ressaltados pelos alunos em suas respostas sugerem que as artes e, no caso específico, a poesia, podem ser importantes aliados nessa empreitada.

A análise das respostas dos sujeitos da pesquisa nessa questão permite destaque para o depoimento de Y.R.L.: “um pouco mais crítico, pois mostra o quanto o mundo largou de ser “positivo” faz tempo”. Essa maior criticidade e possibilidade de ver o lado negativo parece sugerir uma penetração mais aguda nos problemas da vida e uma maior disposição para o próximo, que são duas características apontadas por Candido (2004) como elementos essenciais de humanização. Ao explicar essa resposta, em uma discussão em sala, Y.R.L.

disse: “fico triste com tanta violência, tanta pobreza e tanta corrupção na sociedade”. De igual forma, aconteceu com o depoimento de G.R.V.B.J.: “fiquei mais crítico, pois aprendi a analisar mais a situação antes de julgar os personagens”. Vê-se, nesse argumento, que evitar julgar antes de analisar a situação remete também a um olhar mais humano para o outro.

Os demais depoimentos comprovam que os pesquisados ficaram mais críticos e explicitam isso em seus depoimentos, acerca da contribuição da poesia para a formação humana e crítica:

“Em partes mudaram sim, pois ajudam a interpretar as poesias e nos dá uma visão mais crítica mesmo”. I.A.L.

“Muda sim o nosso modo de pensar sobre nosso mundo; muitos deles falam da nossa realidade. Um poema que eu gosto muito e que nos faz refletir é o de Manuel Bandeira, “O bicho”. A.A.S.L.

“Mudou muita coisa porque fiquei mais crítico e mais solidário com alguns poemas que realmente são muito bons”. G.A.R.

“Fiquei mais sensível sim”. T.O.S.A.

“A importância da poesia, acho que fiquei mais focado e mais solidário”. K.C.S.

“Mudou a forma de conviver mais com o poema e poesia e por isso, fiquei mais crítico”. L.B.S.

“Fiquei mais crítico e perceptivo”. B.L.R.R.

Fonte: Depoimentos dos alunos na questão 06 do segundo questionário.

A questão 07 do questionário

Ao analisar a questão 07, *quais são os fatores positivos do estudo dos poetas estudados (Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Leminski e José Paulo Paes) e qual a contribuição deles para a sua formação e a de seus(as) colegas?*, constatou-se que nem todos responderam à questão, conforme se verifica no gráfico:

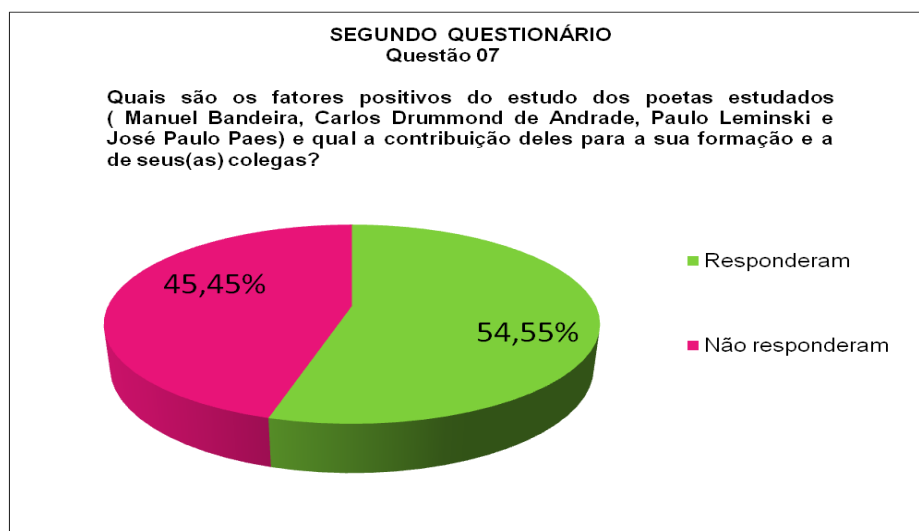


Gráfico 14 – Questão 07 – segundo questionário.

Nesse gráfico, nota-se que quase a metade dos que responderam ao questionário não respondeu à questão 07, deixando-a em branco. Isso se deve ao fato de que, no início da pesquisa, esses 45,45% não estavam totalmente envolvidos com as leituras e análises e, por isso, não souberam opinar sobre os poetas trabalhados, visto que essa pergunta foi mais direcionada e mais específica. Por outro lado, os 54,55% respondentes argumentaram que:

“Sim, o estudo da poesia está me ensinando a ser uma pessoa mais crítica”. Y.R.L.

“Foram grandes poetas que viveram em outras épocas, mas que são tão atuais quanto a nossa. Usam palavras diferentes, difíceis, porém nos fazem refletir e aprender novos vocabulários”. A.A.S.L.

“Queremos conhecer mais sobre suas poesias e também aprender mais com eles, ter mais conhecimento da leitura e da poesia”. G.A.R.

“O mais estudados foram Manuel Bandeira e Paulo Leminski. Eles foram os mais lidos na sala de aula”. L.B.S.

“Ajudou a nos tornar pessoas mais sensíveis, críticas e menos ignorantes a vários tipos de assuntos”. B.L.R.R.

“Eles ajudaram a gente a mudar nosso ponto de vista”. G.R.V. B.J.

Fonte: Depoimentos dos alunos na questão 07 do segundo questionário.

Acredita-se também que a questão não foi totalmente compreendida pelo destinatário, o que impossibilitou a resposta, uma vez que muitos dos alunos, no momento de responder a essa questão, pediram ajuda para compreendê-la. Sendo assim, ela foi lida mais de duas vezes para muitos dos alunos. Outra hipótese para a não resposta a essa questão pode ser porque a turma não estava acostumada a questões que levam a uma dissertação. O fato de retomar a memória para leituras já feitas e ter que falar de “poetas tão complexos”, na visão de muitos deles, causou certo receio para opinar.

Por outro lado, alguns dos que responderam assumiram que estariam “aperfeiçoando a capacidade crítica e interpretativa de texto”.

A questão 08 do questionário

A questão 08, a última do segundo questionário, foi a seguinte: *uma das finalidades da arte em geral e da arte poética na educação é de propiciar uma relação mais consciente do ser humano no mundo, contribuindo para a formação de pessoas mais abertas ao sensível, mais críticas, criativas e passíveis de atuar na transformação da sociedade. Você concorda*

ou discorda dessa afirmação? Por quê? O cenário da porcentagem de respostas mudou, em relação à questão 7 como mostra o gráfico:

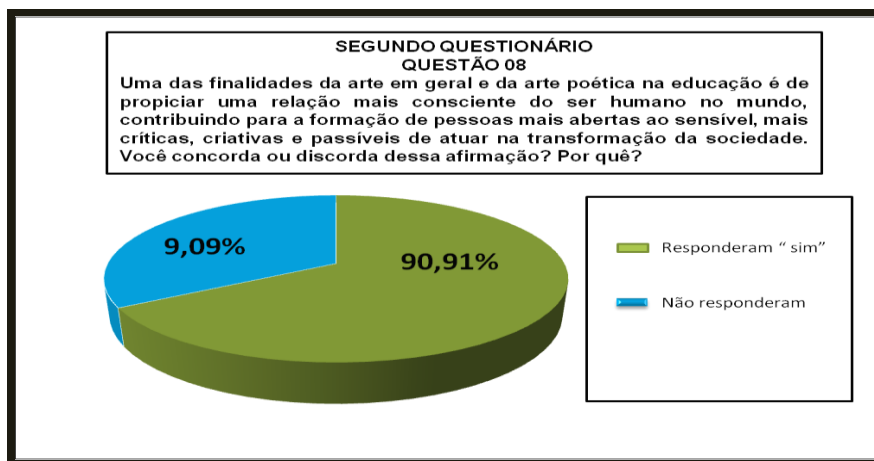


Gráfico 15 – Questão 08 – segundo questionário.

Tal mudança mostra que 90,91% concordaram com a afirmação e argumentaram que:

“Mudanças na sociedade eu concordo porque a sociedade deve mudar muito”. D.O.B.; I. C. D.S.

“Ajuda e muito; abre nossas mentes para estarmos pensando e analisando o mundo de hoje”. Y.R.L.

“Porque você lendo te dá mesmo tipo e abre sua mente, te ajudando em sua vida”. I.A.L.

“Concordo plenamente. Elas nos fazem refletir, pensar e, com isso, podemos discernir o que o autor queria dizer. E isso nos ajuda a sermos mais criativos no trabalho e em várias situações da vida”. A.A. S.L.

“Porque é um meio de se expressar melhor fazendo com que as pessoas possam ter mais conhecimento desse tipo de leitura, com esses escritores.” G.A.R.

“Contribui muito para a criatividade das pessoas”. K.C.S.

“Porque a arte, em geral na educação crítica, nos seres humanos, no mundo e na sociedade a transformação é melhor”. L.B.S.

“É para tornar a sociedade mais sensível que nos convivemos melhor”. B.L.R.R.

“Ajuda muito na compreensão de textos e poemas”. G.R.V. B.J.

Fonte: Depoimentos dos alunos na questão 08 do segundo questionário.

Diante de tais afirmações, constata-se que os alunos pesquisados apresentaram criticidade diante das leituras de poesia desenvolvidas na sala de aula, ampliando o horizonte da mera compreensão para uma análise mais elaborada e utilizando as estratégias de leitura

apreendidas para melhor percepção da poesia. É a partir deste núcleo significativo que se desenvolve o discurso crítico. Percebeu-se, neste caso, o uso das estratégias de processamento do texto adquiridas tanto pelos elementos extralinguísticos (conhecimento de mundo) quanto pelos aspectos intralinguísticos (estrutura textual e linguística da poesia), conforme distingue Kleiman (1992).

Ao finalizar a análise desses dados, as respostas aos questionários 1 e 2 foram subdivididas em categorias como forma de melhor classificar os resultados, porque houve alunos que apresentaram respostas mais racionais, voltadas para o conteúdo, para a interpretação, para o desenvolvimento da leitura e outras, num total de 32,26% dessas respostas. Em outra categoria, tem-se os alunos que apresentaram respostas mais ligadas à emoção, ao sentimento estético provocado pela leitura do texto poético, à mudança de comportamento, à maneira diferente de ver as coisas do mundo; no entanto, faz-se necessário ressaltar que um aluno que consegue perceber a elaboração estética do texto é crítico em potencial, bem como é sensível, ao mesmo tempo que ser sensível não é suficiente para se ter uma boa formação humana. Nessa categoria, há um percentual de 37,10% das respostas. E, na última categoria, chegou-se a 30,64% daqueles alunos que mesclaram declarações racionais e emotivas nas suas respostas.

O memorial de leitura

Nesta parte do terceiro capítulo, os dados foram analisados à luz das considerações levantadas no capítulo de fundamentação teórica. Ao tratar de uma pesquisa que versa sobre o trabalho em sala de aula com a leitura de poesia, a análise dos dados centra-se agora no memorial como uma atividade de expressão do histórico de leitura dos alunos de Ensino Médio pesquisados.

O memorial de leitura produzido pelos alunos do 1º ano do Ensino Médio foi uma proposta feita, logo depois dos questionários, para que eles expusessem o impacto do trabalho realizado com as aulas de leitura de poesia. Tal proposta tinha como objetivo analisar o antes e o depois desse trabalho. Portanto, algumas aulas foram necessárias para que o gênero memorial fosse entendido pelos alunos. A professora pesquisadora explicou que o memorial é um gênero textual autobiográfico, em que o autor narra as experiências relevantes na sua vida pessoal, escolar, acadêmica ou profissional. No caso específico, o foco deveria ser a leitura. O gênero possibilitou que os alunos escrevessem suas memórias, refletissem sobre suas leituras desde a infância até o momento presente.

O estudo da narrativa autobiográfica permitiu ao pesquisador conhecer e compreender aspectos importantes do histórico de leitura dos alunos. Não se pretendia desenvolver um estudo sobre memorial de leitura, antes procurou-se vestígio da formação leitora dos alunos e da movimentação deles no papel de leitor de poesia durante a efetivação da pesquisa. Ficou evidente que o memorial, por ser uma narrativa reconstrutiva e seletiva, em que ocorre um jogo entre lembrar e esquecer, alguns dos envolvidos não quiseram aceitar o desafio e nem se empenharam em entender a proposta.

Dessa forma, foi preciso dar exemplos de memoriais clássicos como “Memórias póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis, entre outros. Ao lembrar a ficção, com utilização de textos mais conhecidos, foi possível exemplificar melhor o que seria um memorial e como ele poderia ser iniciado. Ao explicar que a volta ao passado seria por meio dos instrumentos do presente, o entendimento tornou-se mais fácil e, em consequência disso, uma resignificação da história de leitura de cada um. Portanto, ao trabalhar com o memorial, como narrativa de natureza autobiográfica, os alunos tiveram a constatação, de que desse modo, a interpretação do narrado é sempre uma construção de significados. Conforme Maluf (1995), esse tempo vivido e sentido é que deve ser organizado:

“[...] o trabalho de rememoração é um ato de intervenção no caos das imagens guardadas. E é também uma tentativa de organizar um tempo sentido e vivido do passado, e finalmente reencontrado através de uma vontade de lembrar – ou de um fragmento que tem a força de iluminar e reunir outros conteúdos conexos, ‘fingindo’ abarcar toda uma vida”. (MALUF, 1995, p. 29)

Antes de iniciar com uma exemplificação, julga-se necessário fazer duas observações. Primeiramente, não está entre as propostas a análise de todos os memoriais produzidos, uma vez que a visão teórica que embasa a pesquisa não tende à exaustividade analítica, em sua extensão ou completude, pois o que não foi dito diz respeito às diversas facetas da linguagem e ultrapassa todo o dito; “[...] é subsidiário ao dito. De alguma forma, o complementa, acrescenta-se”. (ORLANDI, 2005, p.82). Segundo, o número de memoriais analisados tem como parâmetro o alcance dos objetivos propostos. Também, por este motivo, conforme indicado no capítulo de metodologia, algumas aulas da SD foram excluídas da análise.

O primeiro memorial a ser analisado é o de K.C.S. Esse aluno participou de todas as atividades propostas, mesmo apresentando dificuldades para se expressar por escrito.

Memórias

Memórias que vieram, que passaram e que não voltam mais...Tem algo melhor: experiências de poesias que me ajudaram, que ensinaram e desenvolveram a minha mente para melhoras da vida e de leitura.

Com a leitura a pessoa aprende mais e gosta de ler coisas importantes. O diálogo é a base da estrutura e quem lê sabe dialogar facilmente.

A leitura faz o leitor viajar, sonhar e imaginar e pode lutar: ir além do possível. Não sou de ler, mas adoro ler Carlos Drummond de Andrade. Ele faz o poema do leiteiro que achei muito legal. Descobri que a leitura não tem fim, mas passa de fase a fase cada vez mais que lemos desenvolvemos mais.

José Paulo Paes também tem bom histórico de poemas. Gosto muito de ler quando esses poetas entram em cena eu gosto.

Estou aprendendo muito com os poemas e espero que possa aprender mais e sempre. K.C.S.

Fonte: Atividade produzida pelos pesquisados.

Em termos estruturais, o texto foge um pouco do gênero memorial. Talvez seja um texto de opinião e que, pela dificuldade com a linguagem escrita, o aluno não deu corpo de memorial ao texto. Por outro lado, mesmo sendo uma escrita com poucas palavras, o autor expõe suas ideias de forma livre e espontânea, ao dizer: “[...] quando esses poetas entram em cena eu gosto”. Tal aluno conseguia opinar sobre todos os poemas lidos e guardou na memória o poema “Morte do leiteiro”. Esse fato faz diferença para o resultado da pesquisa, pois quando comenta: “não sou de ler, mas adoro ler Carlos Drummond de Andrade. Ele faz o poema do leiteiro que achei muito legal”. Na verdade, não é “achar legal” a morte do leiteiro; o aluno explicou que a linguagem com que o poeta tece o poema entenece o leitor.

Esse jogo torna-se ‘legal’ na visão do aluno, porque a mistura de narração, poesia, morte e a crítica social contribuem para a reflexão do leitor. Ele categoriza “Morte do leiteiro” como um “poema muito inteligente por parte do autor”. Em outros depoimentos, o aluno relatou que “a poesia contribui muito para a criatividade das pessoas”; também que: “a importância da poesia, acho que fiquei mais focado e mais solidário”.

O outro memorial analisado foi o da aluna L.B.S. que, como os outros alunos, não apresentou uma sequência lógica de memorial em seu texto. Contudo, ouvir história contada pela avó perpassa pela memória de muitos, como transcrito a seguir:

Lembranças de quando eu era criança

No tempo quando eu era criança o que mais me marcou foi de ler muito em casa poema, texto e poesia. Esse momento a gente nunca esquece de brincar, correr, tomar banho no rio e ouvir história contada pela minha avó.

Embora, às vezes, possa parecer que não faz diferença, porque faz parte da vida dessas pessoas, simplesmente os problemas e a existência já é um presente para muita gente e você não precisa ser mais do que você mesma.

Tudo mudou na minha vida. Morava em Palmas e me mudei para Goiás e por fim gostei dessa cidade e é uma capital muito boa de morar. Hoje, tudo é bem mais fácil na vida da gente. A minha lembrança que eu já gostava de ler a história do chapeuzinho vermelho.

O momento da vida é ir atrás do objetivo, para conseguir uma coisa melhor e vencer o que vem no futuro, por isso que a gente nunca pode desistir do sonho que cada um de nós tem.

“Ontem eu tive a impressão que Deus quis falar comigo/ não lhe dei ouvidos / quem sou eu para falar com Deus? Deus que cuide dos seus assuntos/eu cuido dos meus.” Essa é uma lembrança de Paulo Leminski.

A leitura é um objetivo de você ler mais ainda e gostar de poesia e estudar no começo de maio eu estudei muito com esses autores: Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Leminski e José Paulo Paes. Eu gostei muito de ler os poemas desses poetas. L.B.S.

Fonte: Atividade produzida pelos pesquisados.

A aluna faz o movimento lembrar e esquecer, mas não apresenta uma sequenciação de fatos transcorridos no decorrer do tempo. Além disso, pode-se constatar que a escassez de leitura durante os nove anos do Ensino Fundamental não permite que tais alunos apresentem um texto bem estruturado e avancem na lógica descrita. Por mais que a proposta tenha sido explicada e exemplos tenham sido dados, o processo de leitura e a aquisição de saber não se apresentam num patamar desejado. Um exemplo disso é o poema de Leminski solto no corpo do texto.

Durante as aulas, a aluna opinava pouco e sempre pedia ajuda para entender um poema lido e as atividades escritas. No depoimento sobre poesia, afirma: “com a ajuda da professora a gente vai entender melhor o poema e a poesia com palavras difíceis e crítica”. Em outro depoimento diz: “porque a arte, em geral na educação crítica, nos seres humanos, no mundo e na sociedade a transformação é melhor”. Como se vê, falta sentido para que o discurso seja completamente compreendido. Interessante notar que, mesmo havendo esse problema de estrutura, a aluna tenta obedecer à proposta e conta fatos da vida, cita Leminski e fecha o parágrafo falando da importância de ter lido os poemas de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Leminski e José Paulo Paes.

O terceiro memorial é o de G.A.R., aluno esforçado, mesmo sendo considerado aquele que apresentava dificuldades cognitivas, segundo o corpo docente. O texto transcrito, a seguir, mostra a preocupação do aluno ao tecer seu memorial e obedecer à proposta:

MEMORIAL

Lembro-me das aulas sobre grandes poetas como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Leminski e José Paulo Paes, uns dos maiores poetas que marcaram nossos corações com suas poesias de sucesso.

Desde maio/2014 estamos estudando as poesias desses poetas que vão sempre estar renovando a cada dia, ano, que vamos continuar aprendendo com eles, passando de geração em geração, incentivando e tocando corações de muitos jovens, adultos, avós e até mesmo crianças; pessoas que nunca ouviram ou leram, ao ler pela primeira vez não querem mais parar, sempre querendo mais, ir mais profundamente na leitura de saber mais e aprender mais.

A poesia é uma coisa que está até mesmo no dia a dia de uma pessoa, pode até ser da minha vida. Para outras pessoas saberem mais sobre mim, nasci em Palmas, no Tocantins, morei cinco anos na fazenda de um tio meu. Daí meu pai casou com minha mãe e fomos embora para o Maranhão, cidade pequena com o nome de Paraíso, tranquila e sem violência, sem barulhos de carros e motos porque

não tem BR e as ruas são pequenas e de pouco movimento, onde crianças são livres como pássaros, ou seja podem brincar livremente, deixando os pais despreocupados e tranquilos sem eles estarem falando “menino, sai da rua, olha o carro, você não tá vendo a moto passar?” Então, é uma cidade que gosto muito e não vou deixar de gostar, não para morar mas sim para passear nas minhas férias de verão.

Atualmente moro em Goiânia e de Goiânia não quero sair. Aqui tenho um futuro maior, um sonho de aumentar minha casa e da minha família, com mais recursos quero trabalhar bem aqui para ajudar minha família.

Então é isso. Se for para falar da minha vida, vou estar sempre lembrando de coisas boas, podendo até escrever um livro falando da minha infância até chegar o dia em que fiz 18 e tirei minha carteira. G.A.R.

Fonte: Atividade produzida pelos pesquisados.

G.A.R. apresentou uma memória e fez referência às leituras feitas durante o trabalho desenvolvido. Por outro lado, a dificuldade de produzir um texto mais caracterizado e com mais elementos informativos advém da falta de tempo e de empenho desses alunos, porque o fato de estudar no turno noturno dificulta a produção de um texto mais longo e que requer concentração para a elaboração de ideias que deveriam ser coletadas no mais íntimo da memória: a experiência leitora de cada um. Além disso, se eles não tiveram essa experimentação, dificilmente iriam conseguir produzir algo nesse sentido. Logo, isso é um dado a ser pensado, pois não se pode falar do que não se vivenciou e nem se pode exigir propriedade de linguagem para falar de uma experiência de apenas cinco meses.

Outro memorial que merece destaque é o de A.A.S.L., que, mesmo produzindo um memorial resumido, consegue expressar sua trajetória de leitura e revelar a repercussão do trabalho realizado. Segue o texto:

Leitura – Uma visão de mundo

Desde que me entendo por gente, a leitura sempre foi tratada com muita importância em minha família. E essa atitude de nos mostrar que a leitura é fundamental para nosso crescimento na sociedade, veio através de minhas irmãs mais velhas.

Quando ainda era bem jovem, lembro-me de minha irmã lendo livros de português da escola e também outros tipos de livros que contavam histórias. E, desse modo, passei a conhecer escritores famosos mesmo sem ter aprendido a ler e quando aprendi, foi mais incrível. Passava a tarde inteira lendo diversos livros. Gostava de ler sobre Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, dentre outros.

Confesso que depois de um tempo, parei de ler os poemas e as poesias. Não conseguia entender o que eles queriam dizer, e tomei um rumo novo na leitura. Passei a gostar de ler contos, contos de terror; um escritor que eu apreciei muito ler suas histórias e o Edgar Allan Poe.

Quando me mudei para Goiânia, passei a morar junto com minha irmã, que é a mais velha de todas nós. Junto com ela passei a estudar a Bíblia com os Testemunhas de Jeová.

Depois de um tempo, fui morar com outra irmã minha que já morava aqui em Goiânia. Em casa, no início, não havia absolutamente nada para se fazer; foi então que comecei a procurar livros para ler, ou alguma coisa para passar o tempo. Foi então que achei uma caixa cheia de discos de vinis e livros, sendo alguns desse Edgar Allan Poe. Gosto muito de uma história que li dele com o título: “O retrato oval”. É uma história incrível, muito envolvente, que te faz sentir no local descrito.

Mas com o tempo, as dificuldades de se manter me desprivaram do tempo que eu tinha para ler. E , de novo, voltei a persistir, a lutar pelo que é meu direito, voltei a estudar e passei a relembrar das coisas que tinha visto no passado. Achei muito interessante as poesias que estudamos com a professora Cleunice, nunca mais me esquecerei do personagem Gentileza, algo que ele faz é pequeno e para muitos sem sentido, mas que faz toda a diferença, nos faz pensar nas coisas mais simples que as vezes passam despercebidas por nós.

Agradeço a ela por nos mostrar essas poesias, por nos ajudar a interpretar os poemas, a interpretar o que esses poetas querem nos dizer. Isso tudo nos prepara para a vida, e isso não é nem o princípio do que está por vir. Muito obrigada! A.A.S.L.

Fonte: Atividade produzida pelos pesquisados.

É interessante a história da leitura dessa aluna. É evidente que, devido a isso, ela se destacou entre os demais colegas, uma vez que perguntava, participava e contribuía com as leituras realizadas. O fato de ter lido Poe certamente contribuiu para esse desenvolvimento. A aluna evidencia em seu memorial a importância da mediação do professor ao dizer: “agradeço a ela por nos mostrar essas poesias, por nos ajudar a interpretar os poemas, a interpretar o que esses poetas querem nos dizer”. Nesse caso, ela pode não ter noção do que significa a palavra “mediação”, mas sentiu os efeitos dela e sentiu-se instigada a continuar lendo e tentando analisar as poesias.

Mesmo que não se queira enxergar, o ensino da leitura e, particularmente, a importância da literatura para a formação pessoal e intelectual do ser humano encontram pouco espaço nos programas de formação inicial. Como isso é processo contínuo, tem-se buscado, no universo escolar, a formação que resulte não apenas em acréscimo de conhecimentos científicos e desenvolvimento cognitivo, mas na mudança de hábitos e valores com relação à leitura e seu significado. Nesse aspecto, acrescenta Regina Zilberman (2003):

Sabe-se que a literatura é um processo de continuo prazer, que ajuda na formação de um ser pensante, autônomo, sensível e crítico que, ao entrar nesse processo prazeroso, se delicia com histórias e textos diversos, contribuindo assim para a construção do conhecimento e suscitando o imaginário. (ZILBERMAN,2003,p.16)

A afirmação de Zilberman, nesse trecho, reforça a ideia de que a formação integral do ser confirma a capacidade de construir conhecimento e ser o leitor modelo, do qual fala Umberto Eco (1996). Dessa forma, a situação revela a necessidade de ressignificação do ato de ler.

As cartas produzidas

Outros instrumentos pedagógicos facilitadores da busca pela formação humana e crítica foram destaques, neste trabalho, a saber: a confecção de cartas e produção de texto de opinião. Tais atividades foram desenvolvidas dentro da SD, já comentada no primeiro

subcapítulo. Esses instrumentos contribuíram de forma significativa e colaboraram mais efetivamente para o processo de compreensão dos efeitos da leitura mediada atividade de intervenção junto aos sujeitos da pesquisa.

A proposta para a produção da carta, transcrita no enunciado a seguir, provocou certo prazer nos alunos, ao escreverem, uma vez que mexeu com suas emoções, provocou o espírito de solidariedade e, conseqüentemente, a boa disposição para com o próximo:

O poeta Manuel Bandeira (1984, p.19), no livro *Itinerário de Pasárgada* diz: “a poesia está em tudo – tanto nos amores como nos chinelos, tanto nas coisas lógicas como nas disparatadas”.

Com base nessa consideração do poeta, imagine que você possui um amigo/a que está passando por problemas e precisa da sua ajuda.

Escreva-lhe uma carta reconfortando-o/a. É fundamental que você indique-lhe a leitura de uma ou mais poesia para que ele/ela possa melhorar. Dentre os poetas estudados - Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Paulo Leminski e José Paulo Paes - diga qual dos poemas você indicaria ao/a seu/sua amigo/a e o porquê. Tente convencê-lo/a da importância da leitura do texto poético, já que Todorov (2009) diz que a literatura é “revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro”.

Fonte: Proposta de produção de carta – atividade da sequência didática.

Após a leitura, explicação e entendimento da proposta, muitos sentiram prazer ao escreverem as cartas. Algumas transcritas a seguir revelam os efeitos do “afinamento das emoções” e a “capacidade de penetrar nos problemas da vida”:

Querida amiga,

É...querida amiga, você é muito sofrida na vida e por isso estou escrevendo essa carta porque não dou conta de te ver mais assim chorando pelos cantos sem querer viver a vida. Quero falar para você que você é muito linda, carinhosa e alegre. É gente boa e legal. Não tem o porquê ficar assim.

Vamos viver, pois a vida é tão linda, tão bela. Você, amiga é querida e amada por mim. Também você é muito importante para mim. Eu vou reconfortar você com um poema que vai melhorar a sua autoestima e você viverá mais feliz com a vida.

Vou reconfortá-la com poema Memória:

Memória

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão

Mas as coisas findas
muito mais que lindas,
essas ficarão.

Enviado por: T.O.S.A.
Para: A. P., minha querida amiga.

Fonte: Atividade produzida pelos pesquisados.

Nessa carta, T.O.S.A. reconforta a amiga ao elogiá-la e elevar-lhe a autoestima. Ao oferecer o poema “Memória”, de Carlos Drummond de Andrade, a aluna preocupa-se com a amiga ao não querer vê-la “chorando pelos cantos”. Mesmo sendo um poema difícil de interpretação, como disse a aluna, ela afirma: “o que importa é que o poema é lindo, causa uma emoção bonita e a minha amiga vai ficar feliz”.

Outra carta que apresenta um conteúdo de admiração e respeito pela poesia e pelo trabalho realizado é a da aluna J. M.C., transcrita a seguir:

Goiânia, 14 de novembro de 2014.

Minha amiga,

Há tempos, tenho acompanhado sua vida de solidão e tristeza, tenho observado que seus relacionamentos começam com uma incrível rapidez, mas, com dia e hora previstos para sofrerem substituições. Deste modo, você fica mais sozinha que acompanhada.

Resolvi compartilhar contigo uma sugestão:

Leia Carlos Drummond de Andrade em sua poesia “Não deixe o amor passar”. Dê atenção aos trechos: “Preste atenção nos sinais”...Se você não consegue imaginar, de maneira nenhuma, um futuro sem a pessoa ao seu lado...Muitas pessoas encontram um amor verdadeiro...e, por não prestarem atenção, nesses sinais, deixam o amor passar...”

Poderia eu, querida J. muito lhe agradecer, porém sugiro que leia, além deste poeta, Manuel Bandeira ou talvez José Paulo Paes. Saiba que a literatura é capaz de nos fazer ver a vida com sabedoria, transformando-nos de dentro para fora.

Ass. J.M.C.

Fonte: Atividade produzida pelos pesquisados.

A aluna foi uma das que mais participou das aulas de leitura e opinava com perspicácia e sabedoria. Dessa forma, contribuiu significativamente para o desenvolvimento das leituras. No entanto, J.M.C. afastou-se da unidade escolar por quase dois meses. A carta foi datada em 14/11, enquanto que os demais alunos produziram-na no dia 14/10. As autoridades escolares não souberam informar nada a respeito do que aconteceu com a aluna. Depois de algum tempo, a pesquisadora notou a diferença das aulas sem a presença dela. Após indagar seus colegas da classe e mandar recado de que sentia sua falta, ela voltou, quis

fazer as atividades atrasadas e disse que estava tomando remédios controlados contra uma terrível depressão e, por isso, seu psiquiatra a afastou da escola.

A carta de J.M.C. denuncia certa tristeza e solidão. Porém, ela cita um poema que não foi trabalhado em sala de aula, apesar de ser leitora assídua e saber argumentar acerca das leituras realizadas. O poema sugerido, apesar de parecer drummondiano, pode não ser de Drummond. No entanto, provavelmente, este "Não deixe o amor passar" tenha sido uma dessas obras "apócrifas" do autor, ou seja, foi recolhida de algum artigo ou outra publicação esporádica.

A aluna, em resposta ao segundo questionário (respondido quando voltou do afastamento) argumentou: “fomos abençoados por conhecer estes poetas, que nos ajudaram a desenvolver o senso crítico, contribuindo também com nosso aprendizado em matérias de Português, Filosofia, Sociologia”. Ela ainda acrescentou que se identificou com Drummond porque “ele não fala só de amor, também critica a sociedade e seus costumes supérfluos, nos mostra que é possível sermos pessoas melhores”.

Ao escrever a carta, outro aluno, M.L.F.N., também demonstrou a compreensão de solidariedade:

Goiânia 14 de outubro de 2014.

Para J.

Prezado amigo J, mando por meio desta carta meus sinceros pêsames, sei que não é fácil perder um ente querido tão inesperadamente assim. Por isso venho por meio desta mandando conforto para você e toda sua família, e se possível lhe aconselhando um poema de Manuel Bandeira chamado “Balada do rei das sereias”, tenha certeza que irá ajudar a confortar o seu coração.

Melhoras!

De: M.L.F.N.

Fonte: Atividade produzida pelos pesquisados.

A carta escrita de M.L.F.N. se trata de um aluno comum que escreve a outro amigo. No entanto, M.L.F.N. foi um daqueles que apresentava problemas disciplinares e nunca estava disposto a participar das leituras e nem das atividades. A questão foi que ele ficou vislumbrado com o poema “Balada do rei das sereias”, fez perguntas, tentou entender e sentiu-se extremamente tocado pela poesia do texto. Encantou-se, enfim, com o poema.

Os textos dissertativos

Além de todos esses materiais, os textos dissertativos e os bilhetes também foram significativos para o resultado da pesquisa. Serão transcritos a seguir alguns textos e depois os bilhetes, que foram escaneados no formato de fotos.

Texto dissertativo 01

Os pensamentos

De começo eu achei meio chata, mas também eu era um pouco arrogante. Mais ao todo eu gostei e abriu mais ainda a minha mente, os autores de poemas e frases dois deles são Carlos Drummond de Andrade e Voltaire. Porque os poemas deles me fazem pensar nos meus atos do dia a dia. B.L.R.R.

Fonte: Atividade produzida pelos pesquisados.

Texto dissertativo 02

Uma nova descoberta

Ao longo do trabalho com os poetas admito ter tido dificuldade. Já que poesia não era meu forte e não gostava tanto.

Com o passar das aulas, foi uma grande descoberta, se tornou um hábito a leitura de poema, foi com atenção que comecei a perceber a essência de cada poema, de como eles são diferentes, entretanto como sem percebermos nos tira vários suspiros.

O trabalho proposto foi de grande ajuda, não apenas para um maior aprendizado, mas também para nossa descoberta. Y.R.L.

Fonte: Atividade produzida pelos pesquisados.

Texto dissertativo 03

Leitura, lâmpada para os pés

A leitura abre nossos olhos, faz tudo que estava longe ficar mais perto, como já dizia uma famosa música “faz a gente conhecer o mundo inteiro sem sair do lugar”.

Desse pequeno tempo que estudamos sobre poesias, fez despertar em mim um querer que antes não sentia. Agora que amadureci mais, perdi o interesse pela leitura, principalmente poesia e esse trabalho que foi desenvolvido na escola me deu uma luz, me abriu a mente para perceber que a vida é assim, vazia, é como se fosse uma luz para os pés.

Tenho muito a agradecer pela disposição de nos ensinar. Antes não conhecia alguns dos poetas, mas agora os conheço. Obrigada. A.A.S.L.

Fonte: Atividade produzida pelos pesquisados.

Texto dissertativo 04

Confesso que não sou muito fã de poesia, gosto muito de ler prá mim é mais que um passatempo é uma paixão, mas poesia nunca me chamou a atenção, eu deveria dar essa tarefa pro meu namorado, porque ele ama poesia. Não sei o que isso tem com a tarefa, mas teve sim alguns que me chamaram atenção, o do leite e da prostituta só que eu não lembro o nome. Me chamaram atenção porque retrata o mundo em que vivemos hoje; um homem honesto que estava trabalhando foi confundido com um bandido e acabou morto, e uma mulher que estava na rua da amargura encontrou um cara gente boa que a colocou dentro de casa, cuidou dela, ela usou de toda a boa vontade dele e depois o trocou por outros e no fim ele surtou e matou ela, isso é o que mais acontece com diversos joãos e marias da vida. Enfim o mundo está perdido. L.S.N.

Fonte: Atividade produzida pelos pesquisados.

No texto 01, B.L.R.R. disse que foi arrogante no início. Ele justificou-se, porque quando o trabalho foi iniciado, ele não quis participar, devolveu o TCLE (Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido) sem assinar e deixou claro que não faria parte da pesquisa, como já relatado em outro momento desta dissertação. Assim que a pesquisadora entrava em sala, ele saía para a biblioteca. Um dia, porém, ele não saiu e perguntou se poderia ficar de ouvinte na sala. Depois, nas aulas seguintes, B.L.R.R. não saiu da sala e começou a participar, dando opiniões coerentes acerca das leituras realizadas. Chegou o dia em que ele pediu outra cópia do TCLE para assinar porque queria fazer parte da pesquisa. Diante desse fato, foi constatado que o aluno passou a contemplar a materialidade do poema e sobre ele incidir um valor estético. Logo, a poesia, antes de tudo, despertou sensações, sentidos e sentimentos.

A aluna Y.R.L. também apresentou problemas disciplinares, mas aos poucos, como ela mesma disse, “se tornou um hábito a leitura de poema”. Além disso, ela ainda acrescenta: “comecei a perceber a essência de cada poema”. Logo, se o trabalho foi de grande ajuda, então, houve fruição bem como formação humana já que a aluna se transformou em tão pouco tempo dando mais atenção à leitura, visto que, antes, não conseguia parar em sala de aula. Por outro lado, é importante dizer que o trabalho também tem limitações. É claro que, mesmo apreciando poesia, muitos alunos continuarão sendo indisciplinados. A poesia não tem o poder transformador mágico e repentino. Houve um movimento interior, no sentido de que a poesia tem poder ativo (de realizar movimentos), mas os problemas continuam.

A.A.S.L., por sua vez, na dissertação 03, afirma que o tempo que estudou poesia “fez despertar em mim um querer que antes não sentia”, o que indica que estruturas internas foram alteradas, como se vem defendendo no decorrer deste texto.

Na dissertação 04, a aluna L.S.N. disse não gostar de poesia, mas lembra do poema “Morte do leiteiro”, de Drummond e também do poema “Tragédia brasileira”, de Bandeira. Dessa forma, na escola, urge repensar concepções e redimensionar práticas vigentes quando se trata de fruição da leitura, dado que os alunos manifestam, mesmo que inconscientemente, um desejo implícito pela arte poética.

Os bilhetes de agradecimento

Por último, o instrumento facilitador da formação foi a confecção de agradecimentos pelo trabalho desenvolvido. Essa produção não foi obrigatória e como aconteceu durante o momento de uma confraternização entre professores e alunos, foi surpreendente o interesse dos alunos ao apresentarem satisfação em escrever uma mensagem de agradecimento, conforme expostas a seguir:

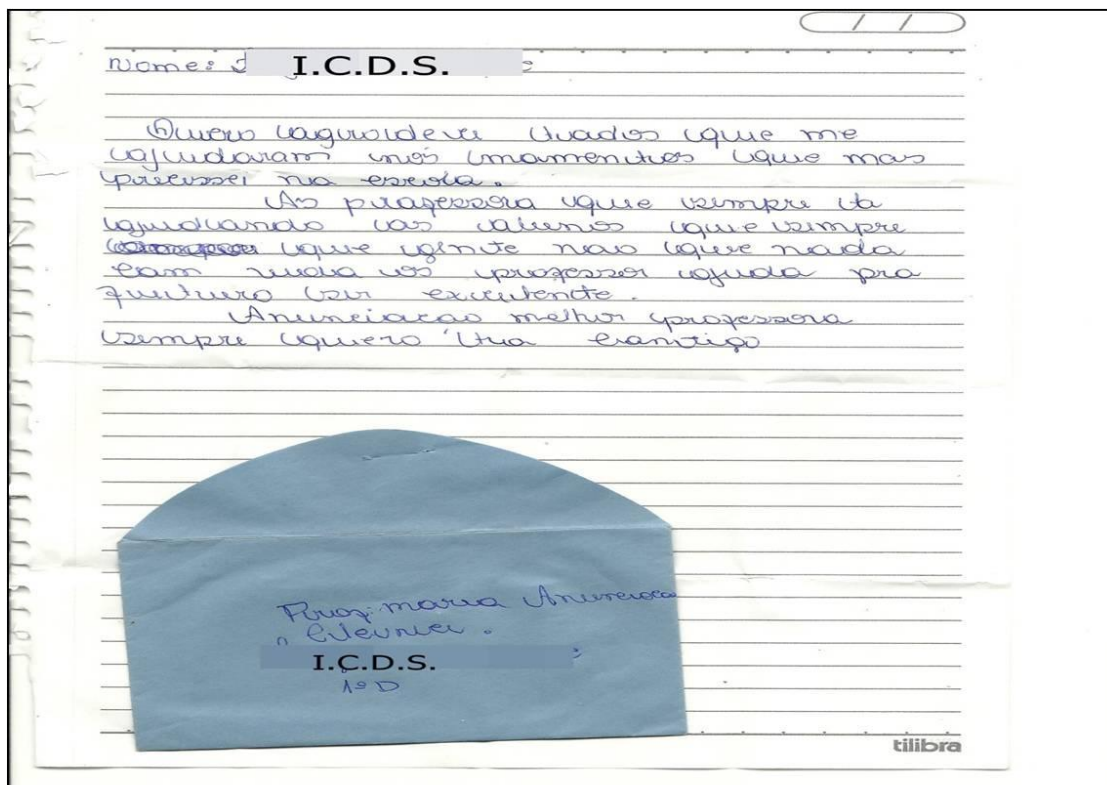


Figura 3: Bilhete de I.C.D.S.

Nesse bilhete, I.C.D.S. admite ter problemas disciplinares ao dizer “sempre que gente não quer nada com a vida os professores ajudam pra que tenhamos um futuro exuberante”. Houve uma consciência, um aprendizado, uma formação crítica.

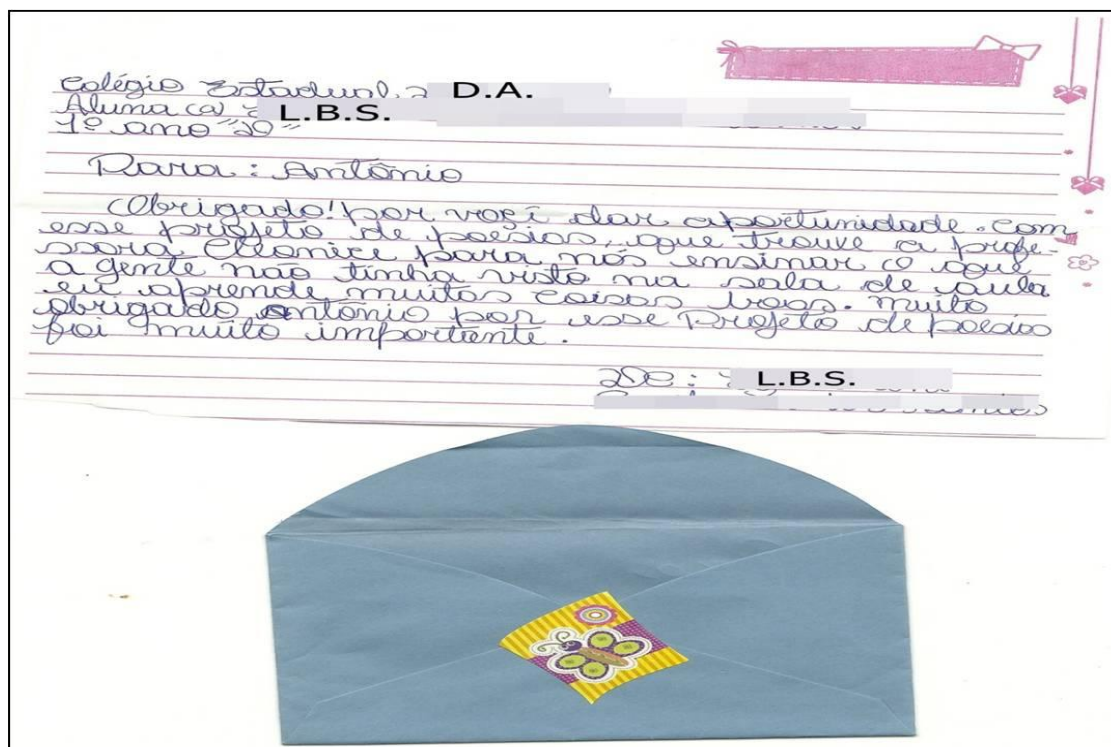


Figura 4: Bilhete de L.B.S.

Apesar dos problemas estruturais esperados nesta série, L.B.S. agradece ao vice-diretor pela oportunidade do projeto e justifica seu agradecimento.

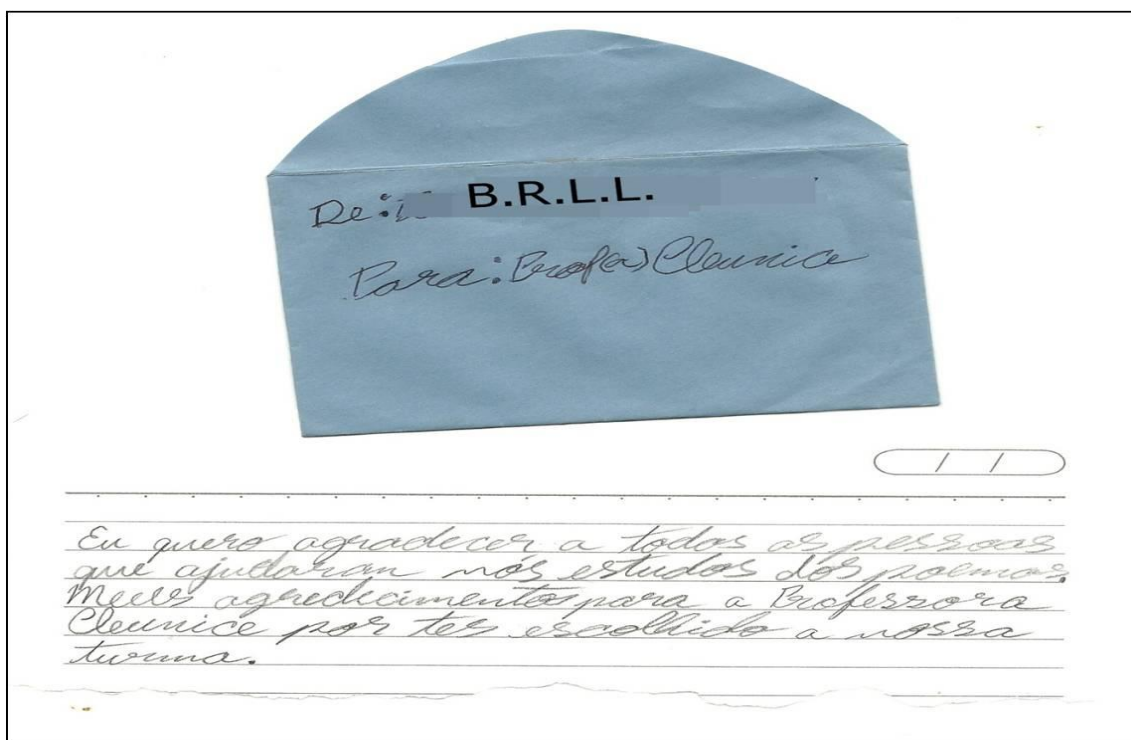


Figura 5: Bilhete de B.L.R.R.

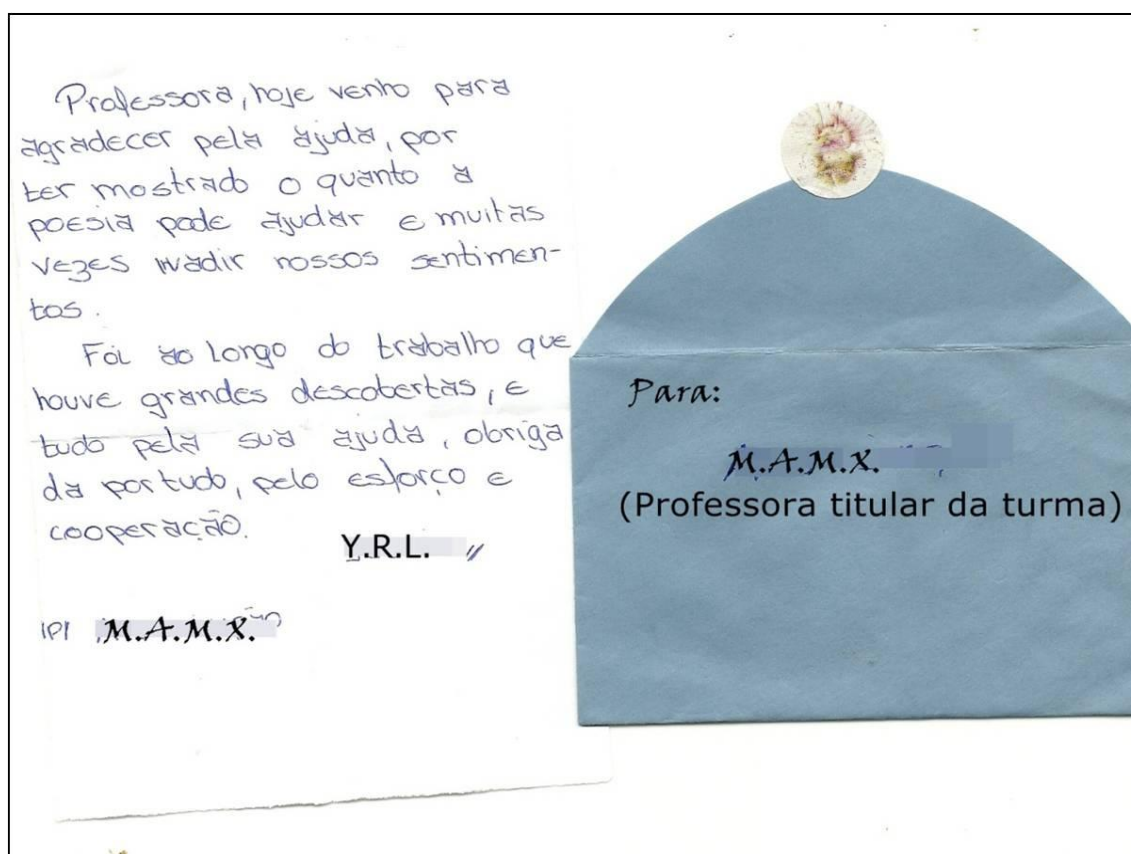


Figura 6: Bilhete de Y.R.L.

O empenho da professora titular fez muita diferença na participação dos alunos e a presença dela em todos os instantes avalizou o trabalho. Percebeu-se também que houve mudanças na professora e algo foi despertado nela. Y.R.L. contribui dizendo que “a poesia pode ajudar e muitas vezes invadir nossos sentimentos”.

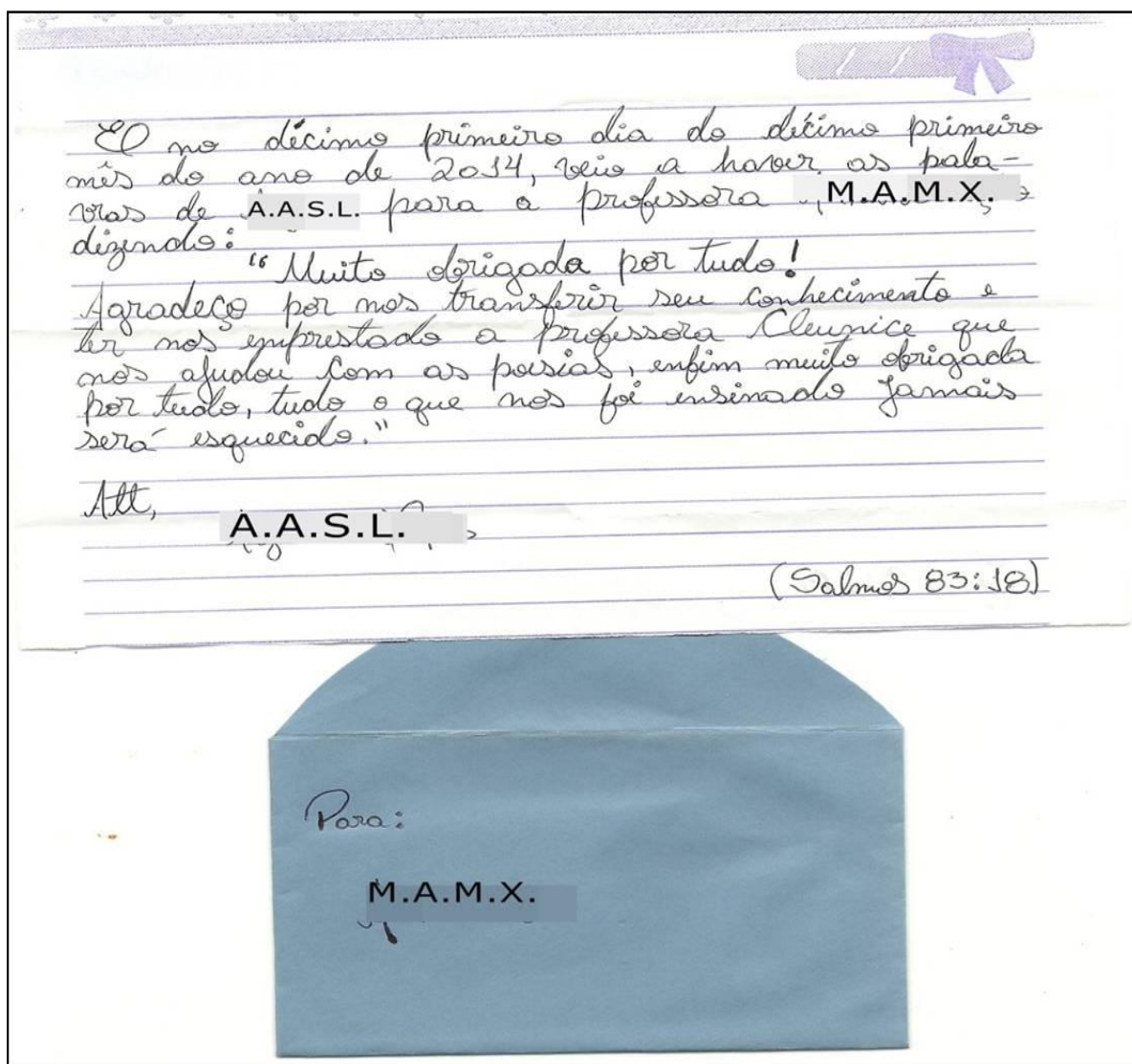


Figura 7: Bilhete de A.A.S.L.

A criatividade de A.A.S.L. confirma as várias leituras feitas e o prazer que a aluna manifestou ao ler os variados poemas e opinar sobre cada um deles, sem medo, de forma livre e tentando acertar sempre. Houve um despertar para a análise de poemas.

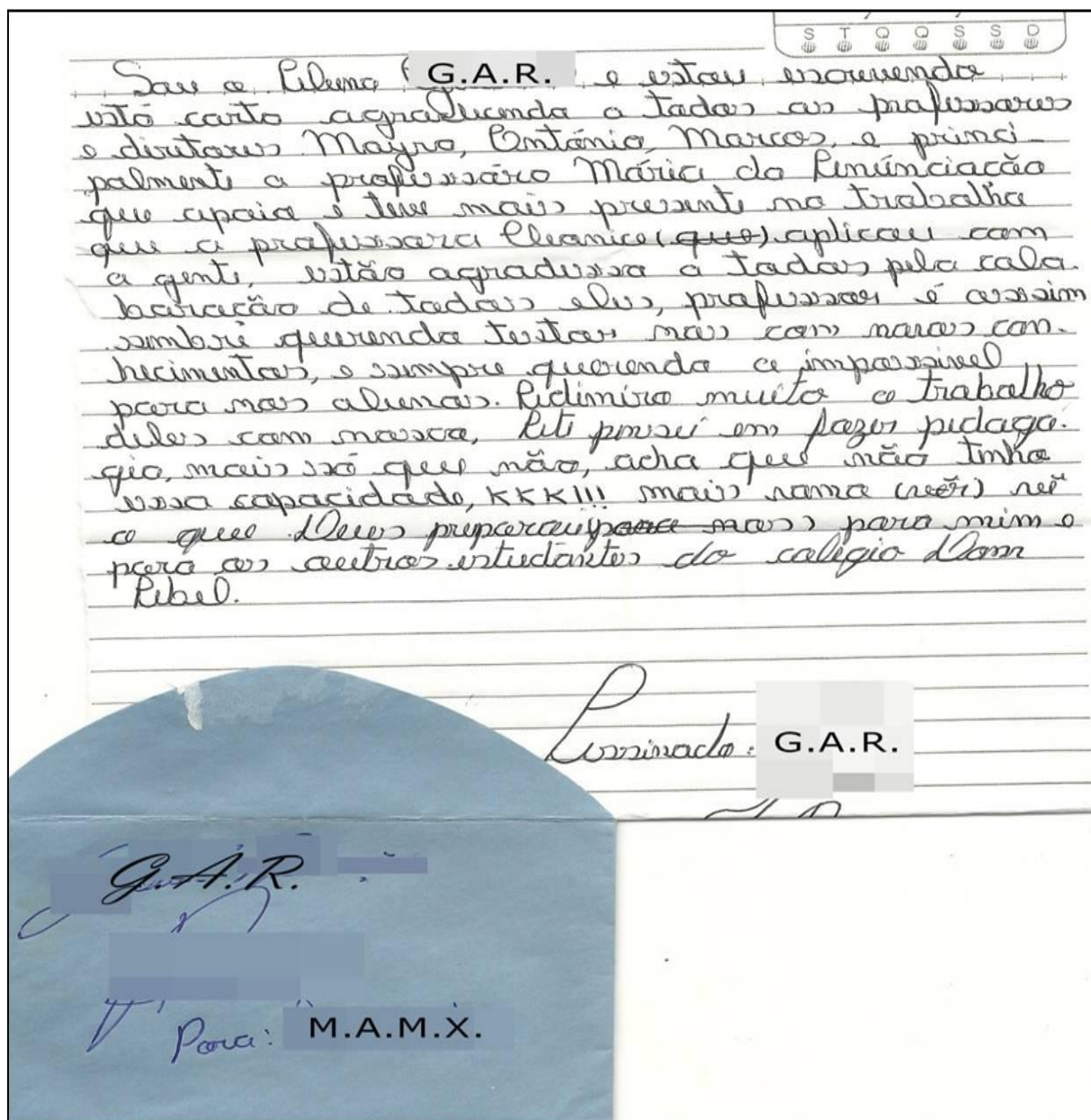


Figura 8: Bilhete de G.A.R.

Nos dias atuais, não é comum ter a admiração dos alunos e nem mesmo que eles queiram a profissão de professor. No entanto, G.A.R. manifestou esse querer.

Embora o intuito da elaboração desses bilhetes tivesse sido o de promover um agradecimento apenas, pode-se constatar quais foram as impressões dos alunos em relação à recepção por eles da poesia moderna e contemporânea brasileira por meio da experiência de leitura em sala de aula e de seus comentários quanto ao trabalho desenvolvido. Como foi possível perceber, eles gostaram do projeto e foi percebida a necessidade de mediação na leitura de poesia. Logo, é preciso criar espaços e oportunidades para que haja convívio entre poesia e leitores na sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer de toda esta dissertação procurou-se, de forma constante, responder à pergunta que fundamenta a investigação proposta: a leitura de poesia contribui para a formação humana e crítica do aluno no Ensino Médio? Ao longo da pesquisa, todas as ações concentraram-se nessa indagação, por nela haver implicações fundamentais da leitura no processo da (trans)formação humana.

Embora já tenha se tornado clichê dizer que alunos do Ensino Médio não têm contato com a poesia, que estudante não gosta de poesia, foi possível perceber, também, um outro lado. Apesar de pequena, a experiência de cinco meses de leitura de poesia em sala de aula proporcionou o contentamento da pesquisadora.

Os participantes da pesquisa, no início, não estavam acostumados com a leitura de textos poéticos. Eles faziam piadinhas, tinham dificuldades com a leitura expressiva e oral dos poemas, saíam da sala de aula, ridicularizavam alguma situação durante a leitura e outras situações desconfortáveis. Com a aplicação da sequência didática, foi descoberta pela pesquisadora uma forma de lidar com os problemas que impediam o envolvimento dos alunos com a leitura e isso foi uma espécie de sedução pela poesia. Conforme os relatos comprovam, alunos que diziam não gostar de poesia passaram a ter boa aceitação do gênero poético e também a se interessarem pela leitura.

É importante salientar também que, por meio das leituras de poesia em sala de aula, o mediador toma decisões, articula a dinâmica da sua prática e avalia a dimensão do papel que exerce diante da política educacional, ao se dispor a formar criticamente o aluno e, como consequência, a contribuir para a formação humana. Portanto, o professor, na sala de aula, deve assumir a postura de mediador, como foi bastante enfatizado neste trabalho, e ter a consciência de que ele não só faz parte desse processo como também é capaz de transformar a realidade a partir do momento em que desvela e investiga a sua própria ação dando-lhe um significado novo, de modo que as exigências sociais e a experiência de vida dos alunos contribuem para o aprimoramento da eficácia da leitura em suas diferentes dimensões.

O aporte teórico e bibliográfico foi fundamental para a execução da pesquisa. Das obras selecionadas para a prática leitora, é possível afirmar que compõem um mosaico lírico da poesia para a formação humana e crítica. Não por acaso, tratou-se disso no primeiro capítulo. Foi um capítulo em que se observaram os conceitos, as reflexões e estudos de Octavio Paz, Jorge Larrosa, Tzvetan Todorov, Antonio Candido, Regina Zilberman, Umberto

Eco, Adorno, dentre outros autores de teoria da poesia, como também de seus estudos sobre a leitura e formação do leitor. Além daqueles que foram objeto de estudo: Drummond, Leminski, Paes e Bandeira.

Com o auxílio de vários teóricos, procurou-se, no segundo capítulo, adentrar efetivamente em reflexões e conceitos acerca do leitor, da poesia e dos poetas. Buscou-se explicitar nas reflexões propostas a importância da literatura na educação do ser humano, especificamente a poesia, no sentido de formar seres humanos mais críticos, mais sensíveis à dura realidade e que superem ao máximo a fragmentação, quiçá a desumanização imposta desde o advento da modernidade.

Conforme Silva (1998, p. 102), foi preciso recuperar o significado da leitura no meio escolar, ressignificando as condições de sua realização. Para ele, é preciso trabalhar a leitura não como uma mera tarefa, que faz parte da rotina de toda e qualquer escola, mas com o propósito de recuperar o seu sentido e significado. Assim, objetivou-se, com a leitura de poesia em sala de aula, contribuir para formação de leitores competentes, capazes de compreender o que nem sempre está escrito, de estabelecer relações entre o texto que está lendo com os outros já lidos.

Nesse sentido, é possível revisitar o que diz Todorov (2009, p. 10), ao considerar que a literatura está em perigo; ele critica o ensino de literatura ao afirmar que o perigo está na forma como a literatura tem sido ofertada aos jovens, pois, desde o Ensino Fundamental até a faculdade, o aluno não mantém contato com a literatura mediante a leitura de textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária. Isto é, seu acesso à literatura é mediado pela forma “disciplinar” e institucional.

Espera-se, dessa forma, que os professores percebam a importância da presença efetiva da poesia em sala de aula para a formação integral dos alunos, visto que são eles os responsáveis pela mediação da leitura. É emergencial o ensino da leitura de diferentes gêneros textuais nas aulas, considerando os índices que apontam os números de leitores em nosso país e os dados de situação dessa leitura, conforme aponta a proposta dos PCNs.

No terceiro capítulo, a reflexão circundou o entrecruzamento da formação do leitor de poesia dentro da escola, entre as informações do estudo bibliográfico com os da pesquisa de campo.

Após essas considerações, importante se faz reiterar que a poética dos poetas trabalhados na pesquisa apresentaram-se em nível elevado. O espaço da leitura vai se apresentando como encantado e mítico a ponto de florescer o gosto pelo poético; sem

esquecer que a poesia além de possibilitar o autoconhecimento também estimula o olhar para “o outro”. Daí a importância de tocar a alma do outro e sensibilizá-lo. Portanto, não basta apenas contribuir com a formação humana do aluno, visto que transformá-lo num leitor crítico é fator preponderante e é mister que o texto se apresente para ele como uma possibilidade de reflexão e de recriação, um espaço para compartilhar suas opiniões, suas aspirações e seus sentimentos.

Pelo fato de a poesia tocar, de maneira inusitada, em temas e dramas vividos pelos alunos, tais como *amor, morte, enfrentamento de problemas, política, medos* e outros, acredita-se que o desenvolvimento da SD, considerando-se as limitações de tempo e condições de trabalho, contribuiu sim para que os alunos:

- 1) manifestassem sensibilidade em relação à dor do outro, como se pode comprovar em depoimentos sobre o poema *Morte do leiteiro*;
- 2) revelassem convicção de que a leitura dos textos, com a ajuda dos professores mediadores, contribui para darem respostas coerentes em outras disciplinas diferentes do português, como em filosofia, por exemplo, em que professora dessa disciplina ressaltou que os alunos haviam aprofundado a argumentação nas respostas dadas às atividades de filosofia.
- 3) expusessem a repulsa inicial pela poesia, devido à dificuldade que têm em relação ao domínio vocabular e, conseqüentemente, em relação à compreensão do texto; em contrapartida passassem a ler, compreender e gostar dos textos poéticos.
- 4) expusessem também que o auxílio de um leitor mais maduro, no caso o mediador, ajuda a compreender o vocabulário, a entender o texto e, assim, a gostar dele;
- 5) inserissem a poesia no rol dos tipos de textos mais apreciados por eles;
- 5) manifestassem que a poesia mudou-lhes de alguma forma o ponto de vista;
- 6) reafirmassem a orientação de pais e professores de que a leitura é fundamental.

O tom elogioso da leitura e da poesia nos diferentes tipos de dados desta pesquisa pode até revelar a reprodução, pelo aluno, dos vários discursos sobre leitura: o da mídia, o dos pais, o dos professores etc. A diferença é que eles puderam vivenciá-la de perto. Tiveram contato corpo a corpo com o texto, apreciaram cada palavra e deram significados a elas.

Se, com o trabalho, houve ou não transformação de uma realidade, é difícil medir, mesmo com os dados que comprovam, por se tratar de algo subjetivo como a formação humana. Cada aluno com seus valores e atitudes é quem poderá confirmar isso (ou não) para si mesmo. Importante, porém, saber que um deles disse em algum momento:

(14) *[a poesia] nos faz pensar nas coisas mais simples que as vezes passam despercebidas por nós.*
[A.A.S.L.]

Dessa forma, constata-se que este trabalho, como qualquer outro, possui limitações, no entanto, acredita-se que ele alcançou (trans)formação, pois o encanto está na singularidade com que a leitura de poesia se realiza, uma vez que cada leitor possui vivências, experiências, emoções únicas, diferentes e irrepetíveis e, conseqüentemente, também o seu modo de ler será ímpar, ainda que percorra caminhos bem definidos para se chegar aos sentidos do texto.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. *Palestra sobre lírica e sociedade*. In: Notas de literatura I. Tradução: Jorge de Almeida. São Paulo: Ed. 34 /Duas Cidades, 2003.

AGAMBEN, Giorgio. *Programa para uma revista*. In: *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005, p. 163.

_____. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.

AGUIAR, Vera Teixeira de e BORDINI, Maria da Glória. *Literatura e Formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião: 19 livros de poesia – 3. ed.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

_____. *A educação do ser poético*. São Paulo: Arte e Educação, 1974.

_____. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

_____. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. *A rosa do povo*. 33. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. *Sentimento do Mundo*. Rio de Janeiro, Record, 2000.

ANDRADE, Fábio Cavalcante. *A poesia brasileira atual*. In: *A transparência impossível: hermetismo e poesia brasileira*. Recife: Bagaço, 2010.

ARAÚJO, José. *Haicais Brasileirinho*. 1ª ed. São Paulo: Editoração eletrônica, 2014.

ARRIGUCCI JR, Davi. *Agora tudo é história*. Folha de São Paulo, São Paulo, 25 de jan.1998. Mais!: Poesia. P. 05-09.

_____. *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. “No mínimo, poeta.” In: José Paulo Paes, o poeta da brevidade. Revista Cult. N.º 22. São Paulo, maio de 1999.

AVERBUCK, Lúgia Marrone. *A poesia e a escola*. In: ZILBERMAN, Regina (org). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* (1975). Trad. Bernadini et al. 4. ed. São Paulo: Unesp, 1998.

BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*, volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.

_____. *Bandeira a Vida Inteira*. Editora Alumbramento, Rio de Janeiro, 1986.

_____. *Itinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

_____. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951.

BARBOSA, Rita de Cássia. *Carlos Drummond de Andrade: literatura comentada*. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

BARROS, Manoel. *O Guardador de Águas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

BERARDINELLI, Alfonso. *Da poesia à prosa*. Organização e prefácio de Maria Betânia Amoroso. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

BORDINI, M. da G. *Poesia infantil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

BORGES, J.L. *Siete noches*. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: *terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília : MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: *Ensino Médio –Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. 3. ed. Brasília: MEC, 2001.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC, 2002.

_____. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio.vol.1, Linguagens, códigos e suas tecnologias/ Secretaria de Educação Básica* – Brasília: Ministério da Educação, 2006.

Brasil/INEP. Sinopse Estatística da Educação Básica 2012. http://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/sinopses_estatisticas/sinopses_educacao_basica/sinopse_estatistica_educacao_basica_2012_11032013.zip [23.08.2013]

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CAMPOS, A. F. *A formação do leitor através do método recepcional*. In: *Cadernos de Ensino e Pesquisa da FAPA* - n. 2 - 2º Sem, Porto Alegre, 2006.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul / São Paulo: Duas cidades, 2004.

_____. *A literatura e a formação do homem*. Ciência e cultura. São Paulo. USP, 1972.

_____. *Inquietudes na poesia de Drummond*. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

_____. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: FFLCH-USP, 1993. (Terceira leitura, 2).

CEREJA, Roberto William. *O dialogismo como procedimento no ensino de literatura*. In: *Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*. São Paulo: Atual, 2005.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CRUVINEL, M. F. *A literatura no ensino médio: uma experiência do CEPAE-UFG*. Itinerários (UNESP), Araraquara, p. 123-132, 2001.

_____. *Formação do leitor: formação do sujeito*. Presença Pedagógica, v. v. 16, p. 13-19, 2010.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil: Teoria e prática*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1986.

ECO, Umberto. *A literatura contra o efêmero*. Folha de São Paulo: Caderno Mais. Domingo, 18 de fevereiro de 2001.

_____. Os limites da interpretação. (1990) T rad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2004b.

_____. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. (1994) T rad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2004c.

_____. *Sobre a literatura*. (2002) T rad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2003.

_____. *“O texto, o prazer, o consumo”* In: *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989.

_____. *Lector in fabula*. (1979) Trad. Atílio Cancian 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004a.

_____. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

_____. *O pêndulo de Foucault*. (1988) Trad. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1989.

_____. *Sobre algumas funções da literatura*. In: Ensaio sobre a literatura. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. *Os Limites da Interpretação*. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1995.

_____. *Obra Aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. *A literatura e o leitor – textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

ELIOT, T. S. *Ensaio*. Tradução de Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989.

_____. *A essência da poesia*. São Cristóvão: Arte Nova, 1972.

FRANTZ, Maria Helena. *O ensino da literatura nas séries iniciais*. Unijui, 1998.

FRIEDRICH, H. *Estrutura da lírica moderna* (da metade do século XIX a meados do século XX). 2.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

ISER, Wolfgang. *O ato de leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, v. 1.

_____. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, L.C. (Org). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e terra, [1976] 1979.

JAKOBSON, R., TYNIAŃOV, J. *Os problemas dos estudos literários e linguísticos*. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira Toledo (org.). *Teoria da literatura — formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1971.

JAUSS, Hans Robert. *A estética da recepção: colocações gerais. A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. De Sérgio Telleroli. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *Pour une esthétique de la réception*. Tradução Claude Maillard. Paris: Gallimard, 1978.

_____. *A literatura como provocação (História da Leitura como provocação literária)*. Tradução de Teresa Cruz. 1993.

_____. *O Prazer Estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis*. In: *A Literatura e o Leitor: textos de estética da recepção*. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JOSÉ, Elias. *A poesia pede passagem: um guia para levar a poesia às escolas*. São Paulo: Paulus, 2003.

KANT, I . “Resposta à pergunta: Que é esclarecimento?”. In: *Textos Seletos*. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. *Crítica da razão prática*. Trad. de Afonso Bertagnoli, Rio de Janeiro, 1967 (Clássicos de Bolso).

KLEIMAN, A. MORAES, S. *Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola*. 1999. Campinas: Mercado de Letras.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos Cognitivos da Leitura*. 2ª. ed., São Paulo: Pontes, 1992.

LAFALCE, Luiz Camilo. *Que há de lúdico no poema?* In: Revista Pandora do Brasil Nº 22 - Setembro de 2010.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 3ªed, 2003.

LAJOLO, Marisa. *Usos e abusos da literatura na escola*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

_____. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1994.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas/ 3ª Ed*. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

LEMINSKI, Paulo. *Caprichos & relaxos*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *Distraídos venceremos*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *Toda poesia*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LIMA, Luiz Costa. *Lira e antilira: Mário, Drummond, Cabral*. 2ª edição revista. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

MALARD, Letícia. 110 anos de crítica literária. Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/media/RB52%20-%20PROSA-03.pdf>; 2007 , p.115-128.

MALUF, Marina. *A reconstrução do passado*. In: *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995, p.27-89.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria;. *Fundamentos da metodologia científica*. São Paulo: Altas, 2002.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MERQUIOR, José Guilherme. *Verso Universo em Drummond*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA/SEB. *Orientações Curriculares Nacionais (ensino médio). Literatura. Ministério da Educação.* Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília, 2006.

MOISÉS, Carlos Felipe. *Literatura para quê?* (Florianópolis, Letras Contemporâneas, 1996, p. 125-140). Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/cfmo01.html>>. Acesso em: 14/11/2014.

MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária.* São Paulo: Melhoramentos, 1967.

MONTE, Marisa & LINDSAY Arto. *Marisa Monte - Cd "Memórias, Crônicas e Declarações de Amor"*. Intérprete: Marisa Monte. Estúdios de Gravação Ilha dos Sapos (Salvador-BA). Mega, c2000. 1 CD. Faixa 10.

NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores.* Porto: Ed. Porto, 1992.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos.* 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PAES, José Paulo. *Poemas para brincar.* 12ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *As aventuras de José Paulo Paes.* Leia, São Paulo, mar. 1990. Entrevista concedida a Antônio Paulo Klein, p. 31-34.

_____. *É isso ali.* 10 ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1993.

_____. *Epitáfio. Calendário perplexo.* São Paulo: Ficções, 1983.

_____. *Poesia completa.* São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Quem, eu?: um poeta como outro qualquer.* São Paulo: Atual, 1996.

_____. *Um poeta como outro qualquer.* In: MASSI, Augusto (Org.) *Artes e ofícios da poesia.* Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1991.

PARA que a juventude leia mais. *Revista Nova Escola*, Edição 204. Publicado em Agosto 2007. Disponível em:> <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/juventude-leia-mais-423892.shtml>

PAZ, Octávio. *A outra voz.* Tradução: Waldir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

_____. *Itinerário. México,* D. F: Fondo de Cultura Económica, 1993.

_____. *O arco e a Lira.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. *Os filhos do barro.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. *Signos em rotação.* Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1976.

Parâmetros Curriculares Nacionais. Vol. *Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC/ Semtec, 2002.

_____. *Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBs)*. Brasília: MEC, 1996.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. Língua portuguesa e sedução: do binômio possível nos textos de literatura infanto-juvenil. In: *Perspectiva*. Ano 17, nº 31. Florianópolis: UFSC, 1999.

PESSOA, Fernando. *Poesia de Ricardo Reis*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa. Assírio e Alvim, 2000.

PETIT, Michèle. *A arte de ler: ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: 34, 2008.

PIAGET, Jean. et al. *Abstração reflexionante*. Relações lógico-elementares e ordem das relações espaciais. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

PINHEIRO, José Hélder. *Poesia na Sala de aula*. 2. ed. João Pessoa: Ideia, 2002.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. [Disponível em: http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wpgz/wpcontent/uploads/2006/12/memoria_e_identidocial.pdf. Acesso em 20/12/2011]

QUINTANA, Mário. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar. 2006.

RODRIGUES, Adriano Duarte. *Dicionário Breve da informação e da comunicação*. Lisboa: Presença, 2000.

RODRIGUES, Neidson. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. Revista Educação e Sociedade, Campinas, nº76, v. 22, out. 2001.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SECCHIN, Antonio Carlos. Caminhos recentes da poesia brasileira. In: _____. *Poesia e desordem: escritos sobre poesia & alguma prosa*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996. p. 93-110.

SILVA, C. S. *Poesia na sala de aula e formação do leitor*. In: 17º COLE, 2009, Campinas-SP. Anais do Congresso de Leitura do Brasil. Campinas: ALB, 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Literatura e pedagogia: ponto e contraponto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. In: FAILLA, Zoara. (Org.) Retratos da leitura no Brasil, 3 ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012.

_____. *Criticidade e Leitura: ensaios*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2002.

_____. *Elementos da pedagogia da leitura*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *Literatura e pedagogia: ponto e contraponto*. São Paulo: Global, 2008.

SILVA, Jorge Luiz Barcellos da. et al. *O ensino de 5ª a 8ª série e o ensino médio: as disciplinas, as habilidades*. São Paulo: IEE-PUC-SP; SEED-AP; CEFORH- AP, 2000.

SOARES, Magda. *Letramento e Escolarização*. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2003b.

TEIXEIRA, S. *Vestibular - ritual de passagem ou barreira ritualizada*. Ciência e Cultura, Brasília, v.33, n.12, dez. 1981.

TERRA, Ernani. *Ensino de leitura com base em textos pertencentes ao repertório particular de leituras do professor*. In: LEADHY-DIOS, Cyana. *Docência da Língua Portuguesa: experiências contemporâneas*. C.L. Niterói Edições, 2008.

TODOROV, Tzevetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

_____. *Leitura e leitores*. São Paulo: Folha de São Paulo, 18 fev. 2007. Entrevista concedida a Jorge Coli.

UNESCO. Declaração Mundial sobre Educação para Todos: Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem, Jomtien, 1990. Brasília: UNESCO, 1990. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>>. – nota de tradução.

VAZ, Toninho. *Paulo Leminski – O bandido que sabia latim*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

WISNIK, José Miguel Soares. *Drummond e o mundo*. In: NOVAES, A. Poetas que pensaram o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ZILBERMAN, Regina. *Leitura em crise na escola: as alternativas do Professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

_____. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1994.

_____. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

_____. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, Regina e SILVA Ezequiel Teodoro da. *Literatura e Pedagogia: ponto e contraponto*. 2. Ed. São Paulo: Global, 2008.

_____. *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1990.

ANEXOS

Anexo 1: Sequência didática

Anexo 2: Questionário 1 e reaplicação do questionário 1

Anexo 3: Questionário 2

Anexo 4: Produto final

ANEXO 1:



Mestranda: Prof.^a Cleunice Terezinha da Silva Ribeiro

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Célia S. Silva

Turma: 1ª Série D – Turno Noturno - Ensino Médio

Colégio Estadual Dom Abel – SPL

Professora titular da turma: Prof.^a _____

SEQUÊNCIA DIDÁTICA - GÊNERO LÍRICO

OBJETIVO GERAL

- Investigar como a poesia, especialmente, a de Carlos Drummond de Andrade, de Manuel Bandeira, de José Paulo Paes e Paulo Leminski, pode contribuir para a formação humana e crítica de alunos do Ensino Médio.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Executar a presente sequência didática de leitura de poesia aplicada na sala de aula da 1ª série do Ensino Médio;
- Contribuir para a formação dos alunos leitores de poesia na sala de aula da 1ª série D – E. M.;
- Desenvolver atividades de leitura, análise interpretativa e análise crítica envolvendo poesia e humanização, poesia e criticidade;
- Investigar qual a visão dos alunos da 1ª série “D”, do Ensino Médio, sobre poesia antes do trabalho que será desenvolvido com eles, por meio da produção de um memorial sobre leitura de poesia;
- Situar os poetas: Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Paulo Leminski e José Paulo Paes em seus contextos literários;
- Analisar poemas de Carlos Drummond de Andrade, de Manuel Bandeira, de Paulo Leminski e de José Paulo Paes;
- Aplicar o primeiro questionário aos alunos, cujas perguntas se conformam com os objetivos desta investigação;
- Aplicar aos alunos da 1ª série “D” atividades de análise crítica de alguns poemas como forma de verificar se a poesia contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e como isso

ocorre.

- Problematicar o ensino de literatura na escola e a leitura de poesia na sala de aula;
- Contribuir com a formação humana e crítica do aluno de Ensino Médio;
- Motivar a leitura e a interpretação de textos poéticos como fundamentos de compreensão de mundo e construção de conhecimento e da cidadania.
- Possibilitar a vivência de emoções, o exercício da fantasia, da imaginação e da criticidade;
- Proporcionar ao indivíduo, por meio da leitura, a oportunidade de alargamento dos horizontes pessoais e culturais, garantindo a sua formação crítica e emancipadora;
- Aplicar o segundo questionário para obter informações precisas acerca do estudo realizado;
- Reaplicar o primeiro questionário, depois de desenvolvido o trabalho, para verificar se a visão dos alunos sobre poesia permaneceu inalterada ou se houve mudança;
- Produzir um *site* pedagógico para que ele seja utilizado por professores da Educação Básica como forma de apresentação de um produto final;
- Realizar o lançamento do *site* com presença de pais, alunos e da comunidade escolar após o trabalho realizado.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- Utilizar livros de poesias, bem como poemas impressos, vídeos, músicas e DVDs relacionados ao poema lido em sala;
- Ler poemas com os alunos utilizando o projetor multimídia;
- Exibir DVDs com poemas encenados;
- Espalhar banners pelos corredores da escola com poemas lidos em sala;
- Produzir com os alunos cadernos com coletâneas de poemas dos autores lidos;
- Confeccionar pequenos elementos criativos que acoplam poemas para serem lidos, como: tubos, caixas, cadernetas, baús, cadernos personalizados, bilhetes poéticos, pílulas poéticas, quadros, enfeites de paredes, diários, objetos de madeiras, sacolas poéticas e outros(uso de material reciclado).

AVALIAÇÃO

- Reuniões periódicas para acompanhamento, avaliação e planejamento de estratégias que visem o bom andamento do projeto. Tal avaliação abrangerá aplicação de questionários para percepção das mudanças ocorridas e as necessidades de ajustes.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

1- Compartilhamento da proposta de trabalho com os alunos

PRIMEIRA AULA (DIA 29/04/2014) = 2 AULAS

Inicialmente, apresentar a proposta de trabalho explícita no Projeto: A PRÁTICA DA LEITURA DE POESIA PARA A FORMAÇÃO HUMANA E CRÍTICA DO ALUNO NO ENSINO MÉDIO.

Explicação do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).

Distribuição de cópia para cada aluno levar para que os responsáveis assinem o TCLE.

Leitura do poema “CONVITE”, de José Paulo Paes, sem mencionar que é um poema ;
Questionamentos acerca do poema e do que ele significa;

Falar da diferença entre POEMA e POESIA, segundo Octávio Paz em “O Arco e a Lira” de Octavio Paz. Tradução de Olga Savary. Ed. Nova Fronteira, RJ, 1982. (Coleção Logos).

Poesia – É a linguagem que comove, encanta e desperta sentimentos, confere ao texto (seja ele em versos ou prosa) harmonia e beleza. Segundo Octávio Paz (1982), é a arte de criar com palavras, está presente no poema. É exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero. Oração, litania, epifania, presença. Exorcismo, conjuro, magia.

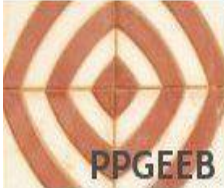
Poema – Obra literária apresentada em versos, caracterizada pela criatividade e emprego de figuras de linguagem. É a obra que se faz com a poesia e na qual há a presença do eu lírico. Paz (1982) que “ poema é via de acesso ao tempo puro, imersão nas águas originais da existência. A poesia não é nada senão tempo, ritmo perpetuamente criador”.

Questionar que tipo de texto é e qual o gênero desse poema CONVITE, de José Paulo Paes. Ouvir todas as respostas e conhecimentos prévios dos alunos. Citar que o poema em questão concebe e encara a poesia como um brinquedo. Esse brinquedo distrai e dá prazer, portanto, a poesia é como algo inusitado e é preciso sempre olhá-la como algo novo diante de nós. O próprio José Paulo Paes diz ter aprendido com Drummond e Bandeira que a poesia é revelação. É como ver as coisas do mundo pela primeira vez e de forma essencial. E o essencial, para ele, é brincar com o sentido das palavras.

Expor um breve histórico da biografia de José Paulo Paes.

Convite Poesia é brincar com palavras Como se brinca com bola, papagaio, pião De que bola, papagaio, pião De tanto brincar se gastam As palavras não: Quanto mais se brinca com elas Mais novas ficam Como a água de rio Que é água sempre nova Como cada dia que é sempre um novo dia Vamos brincar de poesia? poema de José Paulo Paes	
--	--

PAES, José Paulo. *Quem, eu?: um poeta como outro qualquer*. São Paulo: Atual, 1996.

 PPGEEB	PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA MESTRADO	 CEPAE - UFG
---	--	--

SEGUNDA AULA: (06/05/2014) 1 AULA

1º momento

Audição da música “Gentileza”, de Marisa Monte como motivação para o trabalho com a humanização e crítica;

Comentar sobre a necessidade de humanização, a importância dela e o porquê de ouvir a música GENTILEZA.

Explicitar quem foi o profeta Gentileza de que fala a música de Marisa Monte.

Gentileza

Marisa Monte

Apagaram tudo
 Pintaram tudo de cinza
 A palavra no muro
 Ficou coberta de tinta
 Apagaram tudo
 Pintaram tudo de cinza
 Só ficou no muro
 Tristeza e tinta fresca
 Nós que passamos apressados
 Pelas ruas da cidade

Merecemos ler as letras
E as palavras de gentileza
Por isso eu pergunto
A você no mundo
Se é mais inteligente
O livro ou a sabedoria
O mundo é uma escola
A vida é o circo
"Amor: palavra que liberta"
Já dizia o profeta.

MONTE, Marisa & LINDSAY Arto. *Marisa Monte - Cd "Memórias, Crônicas e Declarações de Amor"*.
Intérprete: Marisa Monte. Estúdios de Gravação Ilha dos Sapos (Salvador-BA). Mega, c2000. 1 CD. Faixa 10.

2º momento

Pedir a um dos alunos que façam a leitura do poema de Bandeira: POEMA TIRADO DE UMA NOTÍCIA DE JORNAL;

Fazer breve histórico da biografia de Manuel Bandeira.

Realizar questionamentos acerca da poesia lida e analisar com eles os aspectos: formal, semântico e linguístico.

3º momento

Ver o conhecimento prévio dos alunos acerca do poema de Bandeira.

POEMA TIRADO DE UMA NOTÍCIA DE JORNAL

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro
[da Babilônia num barracão sem número.
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

BANDEIRA, Manuel. Obras completas. V. I e II. Rio de Janeiro, 1958.

Questionar os alunos: Gênero do texto NARRATIVO POÉTICO; 3ª pessoa; falta de identidade do personagem; construção do primeiro verso (forma e figura de linguagem: aliteração do R);

Fazer um paralelo entre as características da notícia de jornal em comparação com a poesia de Bandeira.

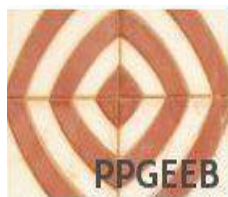
Indagar acerca do nome das coisas e falta de nome do personagem: nome do morro, do bar, da lagoa;

Incitar a leitura de um contraste entre o alto do morro e pobreza e o baixo da lagoa e riqueza.

Tarefa

Acessar a biblioteca da escola e escolher um poema de Manuel Bandeira ou de Drummond do qual tenha gostado e copiar em seu caderno. Não se esqueça de copiar também o título do poema e a bibliografia.

FIM DA SEGUNDA AULA



TERCEIRA AULA: (DIA 13/05/2014) 1 AULA

Fazer uma rápida revisão das duas primeiras aulas;

Expor sobre gêneros literários que é tema recorrente nos programas de Língua Portuguesa do 1º ano do Ensino Médio. Estudo do gênero lírico por meio do poema “E agora, José?”, de Carlos Drummond de Andrade:

José

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
Você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

E agora, José?
Sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,

sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio – e agora?

Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?

Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José!

Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja do galope,
você marcha, José!
José, para onde?

ANDRADE, Carlos Drummond. Antologia Poética – 12ª edição – Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, p. 10,11 e 12.

Visualizar o vídeo sobre o poema E AGORA, JOSÉ? (Disponível em> <https://www.youtube.com/watch?v=ZMzNIbf7wE>).

Dividir a turma em seis grupos e pedir que cada grupo leia, discuta, analise as impressões sobre o poema JOSÉ e faça uma leitura crítica do poema.

FIM DA TERCEIRA AULA



QUARTA AULA: DIA 22/05/2014 = 1 aula

Fazer uma revisão da aula anterior e relembrar o poema “José”, de Drummond;
Aplicação do primeiro questionário (ANEXO 2) aos alunos tendo em vista apenas o estudo de alguns poemas, durante a realização do projeto.

FIM DA QUARTA AULA



QUINTA AULA: DIA 27/05/2014 = 1 aula

- Leitura do poema de Drummond, “**Verbo ser**”;
- Fazer uma pequena análise do poema;
- Perguntar cada aluno (a) o que cada um (a) quer ser;
- Analisar o poema fazendo questionamentos aos alunos;
- Exibir vídeo O PODER DA VISÃO (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tMyDAjIHbK>) que expressa sentimento, decisão, entusiasmo pela vida e reflete sobre o ser e o tempo de cada um;

Verbo Ser

Que vai ser quando crescer?
 Vivem perguntando em redor. Que é ser?
 É ter um corpo, um jeito, um nome?
 Tenho os três. E sou?
 Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito?
 Ou a gente só principia a ser quando cresce?
 É terrível, ser? Dói? É bom? É triste?
 Ser; pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas?
 Repito: Ser, Ser, Ser. Er. R.
 Que vou ser quando crescer?
 Sou obrigado a? Posso escolher?
 Não dá para entender. Não vou ser.
 Vou crescer assim mesmo.
 Sem ser Esquecer.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética* – 12 ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, p. 108 e 109.

2º MOMENTO

Exercício de leitura e interpretação

Distribuir várias cópias de poemas de: Drummond, Manuel Bandeira, Paulo Leminski e José Paulo Paes para que os alunos leiam e escolham alguns deles para que sejam expostos em tamanho maior no pátio da escola.

FIM DA QUINTA AULA



SEXTA AULA: DIA 03/06/2014 = 1 aula

- Exibir os vídeos com recital dos poemas de Drummond: AMAR, QUADRILHA, POEMA DAS SETE FACES (Todos encontrados no Youtube);
- Ler tais poemas e analisá-los;
- Falar acerca do amor e dos desencontros amorosos na literatura;
- Pedir aos alunos para que escolham algumas poesias de Drummond, de Leminski, de Bandeira e de Paulo Paes para que sejam expostas nos corredores da escola em banners.

Poema de Sete Faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus,
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética* – 12a edição - Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, p. 108 e 109.

QUADRILHA

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi pra os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Nova reunião. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

2º MOMENTO:

Exercício de leitura e interpretação

Distribuir várias cópias de poemas de: Carlos Drummond, Manuel Bandeira, Paulo Leminski e José Paulo Paes para que os alunos leiam e escolham alguns deles para que sejam expostos em tamanho maior no pátio da escola.

POEMAS ESPALHADOS PELOS CORREDORES DO COLÉGIO:

Verbo Ser

Que vai ser quando crescer?
Vivem perguntando em redor. Que é ser?
É ter um corpo, um jeito, um nome?
Tenho os três. E sou?
Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito?
Ou a gente só principia a ser quando cresce?
É terrível, ser? Dói? É bom? É triste?
Ser; pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas?
Repito: Ser, Ser, Ser. Er. R.
Que vou ser quando crescer?
Sou obrigado a? Posso escolher?
Não dá para entender. Não vou ser.
Vou crescer assim mesmo.
Sem ser Esquecer.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética* – 12a edição - Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, p. 108.

Projeto:

CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA DE POESIA PARA A FORMAÇÃO
HUMANA E CRÍTICA DO ALUNO NO ENSINO MÉDIO

Colégio Estadual Dom Abel – SPL

Professora Mestranda: Cleunice Ribeiro

Turma: 1º Ano “D” E.M. - Noturno

Professora da Turma: _____

APAGAR-ME
DILUIR-ME
DESMANCHAR-ME
ATÉ QUE DEPOIS
DE MIM
DE NÓS
DE TUDO
NÃO RESTE MAIS
QUE O CHARME

PAULO LEMINSKI

LEMINSKI, Paulo. *Toda Poesia*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Projeto:

A PRÁTICA DA LEITURA DE POESIA PARA A FORMAÇÃO
HUMANA E CRÍTICA DO ALUNO NO ENSINO MÉDIO

Colégio Estadual Dom Abel – SPL

Professora Mestranda: Cleunice Ribeiro

Turma: 1º Ano “D” E.M. - Noturno

Professora da Turma: _____

Parada cardíaca

Essa minha secura
essa falta de sentimento
não tem ninguém que segure,
vem de dentro.
Vem da zona escura
donde vem o que sinto.
Sinto muito,
sentir é muito lento.

LEMINSKI, Paulo. *Toda Poesia*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Projeto:

CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA DE POESIA PARA A FORMAÇÃO
HUMANA E CRÍTICA DO ALUNO NO ENSINO MÉDIO

Colégio Estadual Dom Abel – SPL

Professora Mestranda: Cleunice Ribeiro

Turma: 1º Ano “D” E.M. - Noturno

Professora da Turma: _____

Fenomenologia da humildade

Se queres te sentir gigante, fica perto de um anão.
Se queres te sentir anão, fica perto de um gigante.
Se queres te sentir alguém, fica perto de ninguém.
Se queres te sentir ninguém, fica perto de ti mesmo.

PAES, José Paulo. *Poesia completa*. São Paulo:
Companhia das Letras, 2008 – p. 471.

Projeto:

CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA DE POESIA PARA A FORMAÇÃO
HUMANA E CRÍTICA DO ALUNO NO ENSINO MÉDIO

Colégio Estadual Dom Abel – SPL

Professora Mestranda: Cleunice Ribeiro

Turma: 1º Ano “D” E.M. - Noturno

Professora da Turma: _____

O exemplo das rosas

Uma mulher queixava-se do silêncio do amante:

- Já não gostas de mim, pois não encontras palavras para me louvar!

Então ele, apontando-lhe a rosa que lhe morria no seio:

- Não será insensato pedir a esta rosa que fale?

Não vês que ela se dá toda no seu perfume?

BANDEIRA, Manuel. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951.

Projeto:

CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA DE POESIA PARA A FORMAÇÃO
HUMANA E CRÍTICA DO ALUNO NO ENSINO MÉDIO

Colégio Estadual Dom Abel – SPL

Professora Mestranda: Cleunice Ribeiro

Turma: 1º Ano “D” E.M. - Noturno

Professora da Turma: _____

Arte de Amar

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma.

A alma é que estraga o amor.

Só em Deus ela pode encontrar satisfação.

Não noutra alma.

Só em Deus – ou fora do mundo.

As almas são incomunicáveis.

Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.

Porque os corpos se entendem, mas as almas não.

BANDEIRA, Manuel. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951.

Projeto:

CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA DE POESIA PARA A FORMAÇÃO
HUMANA E CRÍTICA DO ALUNO NO ENSINO MÉDIO

Colégio Estadual Dom Abel – SPL

Professora Mestranda: Cleunice Ribeiro

Turma: 1º Ano “D” E.M. - Noturno

Professora da Turma: _____

EPITÁFIO

(José Paulo Paes)

poeta menormenormenormenormenor
menormenormenormenormenor enorme

PAES, José Paulo. *Poesia completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Projeto:

CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA DE POESIA PARA A FORMAÇÃO
HUMANA E CRÍTICA DO ALUNO NO ENSINO MÉDIO

Colégio Estadual Dom Abel – SPL

Professora Mestranda: Cleunice Ribeiro

Turma: 1º Ano “D” E.M. – Noturno

BALADA DO REI DAS SEREIAS

O rei atirou
Seu anel ao mar
E disse às sereias:
- Ide-o lá buscar,
Que se o não trouxerdes
Virareis espuma
Das ondas do mar!

Foram as sereias,
Não tardou, voltaram
Com o perdido anel
Maldito o capricho
De rei tão cruel!

O rei atirou
Grãos de arroz ao mar
E disse às sereias:
- Ide-os lá buscar,
Que se os não trouxerdes
Virareis espuma
Das ondas do mar!

Foram as sereias
Não tardou, voltaram,
Não faltava um grão.

**Maldito capricho
De mau coração!**

**O rei atirou
Sua filha ao mar
E disse às sereias:
- Ide-a lá buscar,
Que se a não trouxerdes
Virareis espuma
Das ondas do mar!**

**Foram as sereias...
Quem as viu voltar?...
Não voltaram nunca!
Viraram espuma
Das ondas do mar.**

BANDEIRA, Manuel. Antologia Poética – 12ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

O IMPOSSÍVEL CARINHO

Escuta, eu não quero contar-te o meu desejo
Quero apenas contar-te a minha ternura
Ah se em troca de tanta felicidade que me dás
Eu te pudesse repor
- Eu soubesse repor -
No coração despedaçado
As mais puras alegrias de tua infância!
(Manuel Bandeira)

A ESTRELA

Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo
Na minha vida vazia.

Era uma estrela tão alta!
Era uma estrela tão fria!
Era uma estrela sozinha
Luzindo no fim do dia.

Por que da sua distância
Para a minha companhia
Não baixava aquela estrela?
Por que tão alta luzia?

E ouvi-a na sombra funda
Responder que assim fazia
Para dar uma esperança
Mais triste ao fim do meu dia.

BANDEIRA, Manuel. Antologia
Poética – 12ª ed. – Rio de Janeiro:
Nova Fronteira, 2001.

MEMÓRIA

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão

Mas as coisas findas
muito mais que lindas,
essas ficarão.

Inconfesso Desejo

Queria ter coragem
Para falar deste segredo
Queria poder declarar ao mundo
Este amor
Não me falta vontade
Não me falta desejo
Você é minha vontade
Meu maior desejo
Queria poder gritar
Esta loucura saudável
Que é estar em teus braços
Perdido pelos teus beijos
Sentindo-me louco de desejo
Queria recitar versos
Cantar aos quatros ventos
As palavras que brotam
Você é a inspiração

Minha motivação
Queria falar dos sonhos
Dizer os meus segretos desejos
Que é largar tudo
Para viver com você
Este inconfesso desejo

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*.
Rio de Janeiro: Record, 2001

RECEITA DE ANO NOVO

Para você ganhar belíssimo Ano Novo
cor do arco-íris, ou da cor da sua paz,
Ano Novo sem comparação com todo o tempo já vivido
(mal vivido talvez ou sem sentido)
para você ganhar um ano
não apenas pintado de novo, remendado às carreiras,
mas novo nas sementinhas do vir-a-ser;
novo
até no coração das coisas menos percebidas
(a começar pelo seu interior)
novo, espontâneo, que de tão perfeito nem se nota,
mas com ele se come, se passeia,
se ama, se compreende, se trabalha,
você não precisa beber champanha ou qualquer outra
[biritita,
não precisa expedir nem receber mensagens
(planta recebe mensagens?
passa telegramas?)

Não precisa
fazer lista de boas intenções
para arquivá-las na gaveta.
Não precisa chorar arrependido
pelas besteiras consumadas
nem parvamente acreditar
que por decreto de esperança
a partir de janeiro as coisas mudem
e seja tudo claridade, recompensa,
justiça entre os homens e as nações,
liberdade com cheiro e gosto de pão matinal,
direitos respeitados, começando
pelo direito augusto de viver.

Para ganhar um Ano Novo
que mereça este nome,
você, meu caro, tem de merecê-lo,
tem de fazê-lo novo, eu sei que não é fácil,
mas tente, experimente, consciente.
É dentro de você que o Ano Novo
cochila e espera desde sempre.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Irene no céu

Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor.

Imagino Irene entrando no céu:
— Licença, meu branco!
E São Pedro bonachão:
— Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

BANDEIRA, Manuel. *Antologia Poética* – 12ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FIM DA SEXTA AULA.



AULA DO DIA 13/08/2014 – SÉTIMA AULA = 2 aulas.

PRIMEIRO MOMENTO:

- ✓ Retomar os assuntos das aulas do semestre anterior e sobre os poemas estudados.
- ✓ Rememorar o poema de Manuel Bandeira: “Poema Tirado de uma notícia de jornal”.
- ✓ Explicar sobre poemas narrativos e a crítica social no poema.
- ✓ Ler e analisar o poema: Morte do leiteiro, de Carlos Drummond de Andrade em seu aspecto formal e semântico;
- ✓ Traçar um paralelo entre o poema e a realidade atual;
- ✓ Aplicar exercícios de interpretação do texto;



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO - CEPAE/UFG
COLÉGIO ESTADUAL DOM ABEL –SPL

Nome: _____ Turma: _____

Morte do Leiteiro

(A Cyro Novaes)

Há pouco leite no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há muita sede no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há no país uma legenda,
que ladrão se mata com tiro.
Então o moço que é leiteiro
de madrugada com sua lata
sai correndo e distribuindo
leite bom para gente ruim.
Sua lata, suas garrafas
e seus sapatos de borracha
vão dizendo aos homens no sono
que alguém acordou cedinho

e veio do último subúrbio
trazer o leite mais frio
e mais alvo da melhor vaca
para todos criarem força
na luta brava da cidade.

Na mão a garrafa branca
não tem tempo de dizer
as coisas que lhe atribuo
nem o moço leiteiro ignaro,
morador na Rua Namur,
empregado no entreposto,
com 21 anos de idade,
sabe lá o que seja impulso
de humana compreensão.
E já que tem pressa, o corpo
vai deixando à beira das casas
uma apenas mercadoria.

E como a porta dos fundos
também escondesse gente
que aspira ao pouco de leite
disponível em nosso tempo,
avancemos por esse beco,
peguemos o corredor,
depositemos o litro...
Sem fazer barulho, é claro
que barulho nada resolve.

Meu leiteiro tão sutil
de passo maneiro e leve,
antes desliza que marcha.
É certo que algum rumor
sempre se faz: passo errado,

vaso de flor no caminho,
cão latindo por princípio,
ou um gato quizilento.
E há sempre um senhor que acorda,
resmunga e torna a dormir.

Mas este acordou em pânico
(ladrões infestam o bairro),
não quis saber de mais nada.
O revólver da gaveta
saltou para sua mão.
Ladrão? se pega com tiro.
Os tiros na madrugada
liquidaram meu leiteiro.
Se era noivo, se era virgem,
se era alegre, se era bom,
não sei,
é tarde para saber.

Mas o homem perdeu o sono
de todo, e foge pra rua.
Meu Deus, matei um inocente.

Bala que mata gatuno
também serve pra furtar
a vida de nosso irmão.
Quem quiser que chame médico,
polícia não bota a mão
neste filho de meu pai.
Está salva a propriedade.
A noite geral prossegue,
a manhã custa a chegar,
mas o leiteiro
estatelado, ao relento,
perdeu a pressa que tinha.

Da garrafa estilhaçada,
no ladrilho já sereno
escorre uma coisa espessa
que é leite, sangue... não sei.
Por entre objetos confusos,
mal redimidos da noite,
duas cores se procuram,
suavemente se tocam,
amorosamente se enlaçam
formando um terceiro tom
a que chamamos aurora.

ANDRADE, Carlos Drummond de.
Antologia poética. 56ª ed. Rio de
Janeiro: Record, 2005.

Há uma bela imagem da morte do leiteiro, na qual o leite (branco) mistura-se com o sangue (vermelho) criando uma nova tonalidade (aurora).

1) Releia os seguintes versos:

"Há no país uma legenda,
que ladrão se mata com tiro."

Qual seria o sentido mais apropriado para o vocábulo "legenda"?

- a) lenda
- b) lei
- c) norma
- d) ditado popular

2) Esta legenda, proclamada na poesia de Drummond, tem correspondência com o nosso dia-a-dia? Por quê?

3) Você conhece outros ditados que se relacionam com este imaginário violento? Quais?

4) O nome do leiteiro não é mencionado:

- a) para dar a idéia de que se trata apenas de mais uma morte entre tantas outras comuns às grandes cidades.
- b) para dar um ar de mistério ao texto
- c) para não expor o nome da vítima
- d) por se tratar de um trabalhador de pouca importância social

5) O texto explora a temática do medo da violência das cidades. A expressão "luta brava da cidade" refere-se:

- a) à criminalidade, que cresce rapidamente
- b) ao desentendimento dos moradores, que se distanciam um dos outros a medida que a cidade cresce
- c) a difícil sobrevivência nas cidades, devido a competitividade nos empregos, ao estresse no trânsito, entre outros problemas
- d) a luta entre as classes sociais

6) Embora o leiteiro procurasse entregar o leite de modo a não fazer barulho, de vez em quando topava com vários obstáculos, interrompendo o silêncio. Quais são esses obstáculos?

7) O que justificou a atitude impensada do morador que atirou no leiteiro? Explique argumentando.

8) Releia esta passagem do texto:

"Quem quiser que chame médico,
polícia não bota a mão
neste filho de meu pai.
Está salva a propriedade.
A noite geral prossegue,
a manhã custa a chegar,
mas o leiteiro
estatelado, ao relento,
perdeu a pressa que tinha".

O que ela expressa?

- a) Indignação
- b) Compaixão
- c) Indiferença
- d) Displicência

9) Muitos profissionais desempenham seu trabalho e, na maioria das vezes, no entanto, nem sequer são percebidos. Esse é o caso do leiteiro em questão. Cite outros profissionais que são imprescindíveis a nossa rotina, mas que não sabemos, ao menos, o nome deles.

SEGUNDO MOMENTO:

- ✓ Leitura do poema: Tragédia Brasileira, de Manuel Bandeira;
- ✓ Questões orais sobre o poema e sobre seu gênero narrativo poético;
- ✓ Discussão sobre o preconceito e sobre a violência;
- ✓ Levantamento de argumentos em favor do personagem Misael e contra Maria Elvira; depois, argumentos contra Misael e em favor de Maria Elvira;
- ✓ Estudo da estrutura da notícia de jornal;
- ✓ Discussão acerca das notícias de jornal veiculadas nos dias atuais.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO - CEPAE/UFG
COLÉGIO ESTADUAL DOM ABEL -SPL

Nome: _____ Turma: _____

Tragédia brasileira

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade, conheceu Maria Elvira na Lapa – prostituída, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura... Dava tudo o que ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranhou logo um namorado. Misael não queria escândalo. Podia dar uma surra, um tiro, uma facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bom Sucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, Encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos...

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

BANDEIRA, Manuel. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951.



Bom trabalho

SEGUNDO MOMENTO:

Embasados na leitura do poema “Tragédia brasileira”, de Manuel Bandeira, trace um paralelo entre os dois personagens dando as características apropriadas a cada um.

Argumentos contra Misael:

Argumentos a favor de Misael:

Linguagem jurídica a ser usada no júri simulado acerca do poema Tragédia brasileira ao referir ao personagem Misael e demais presentes no tribunal:

Características de Maria Elvira:

Argumentos contra Maria Elvira:

Argumentos a favor de Maria Elvira:

Linguagem jurídica a ser usada no júri simulado acerca do poema Tragédia brasileira ao referir à personagem Maria Elvira e demais presentes no tribunal:

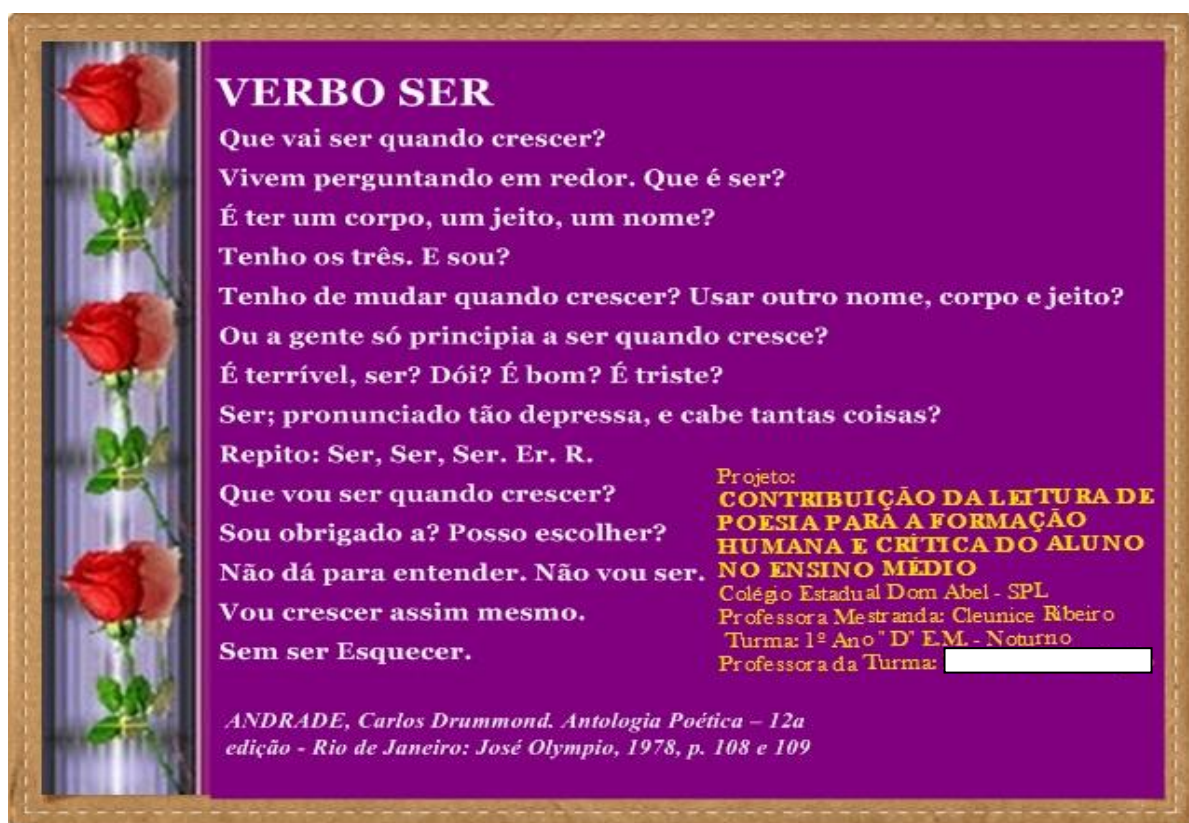
Bom trabalho !



AULA DO DIA 27/08/2014 – NONA AULA = 2 aulas

PRIMEIRO MOMENTO:

- Comentar com os alunos a atividade escrita (Produção de notícia jornalística) acerca do poema *Morte do leiteiro*, de Drummond e *Poema tirado de uma notícia de jornal*, de Manuel Bandeira.
- Realização de um júri simulado com base nos argumentos acerca dos personagens Misael e Maria Elvira.
- Reflexão sobre a leitura crítica que os alunos fizeram dos poemas durante o júri simulado.
- Leitura dos poemas que foram selecionados para os BANNERS a serem colocados nos diferentes ambientes da escola.



VERBO SER

Que vai ser quando crescer?
Vivem perguntando em redor. Que é ser?
É ter um corpo, um jeito, um nome?
Tenho os três. E sou?
Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito?
Ou a gente só principia a ser quando cresce?
É terrível, ser? Dói? É bom? É triste?
Ser; pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas?
Repito: Ser, Ser, Ser. Er. R.
Que vou ser quando crescer?
Sou obrigado a? Posso escolher?
Não dá para entender. Não vou ser.
Vou crescer assim mesmo.
Sem ser Esquecer.

Projeto:
**CONTRIBUIÇÃO DA LETTURA DE
POESIA PARA A FORMAÇÃO
HUMANA E CRÍTICA DO ALUNO
NO ENSINO MÉDIO**
Colégio Estadual Dom Abel - SPL
Professora Mestranda: Cleunice Ribeiro
Turma: 1º Ano "D" E.M. - Noturno
Professora da Turma:

ANDRADE, Carlos Drummond. *Antologia Poética* – 12ª
edição - Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, p. 108 e 109

Fenomenologia da humildade

Se queres te sentir gigante, fica perto de um anão.
 Se queres te sentir anão, fica perto de um gigante.
 Se queres te sentir alguém, fica perto de ninguém.
 Se queres te sentir ninguém, fica perto de ti mesmo.

PAES, José Paulo. Poesia completa. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 – p.471

*Colégio Estadual Dom Abel – SPL
 Professora Mestranda: Cleunice Ribeiro
 Turma: 1º Ano “ D ” E.M. - Noturno
 Professora da Turma: _____*

Projeto:
CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA DE POESIA PARA A FORMAÇÃO HUMANA E CRÍTICA DO ALUNO NO ENSINO MÉDIO

Arte de Amar

**Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma.
 A alma é que estraga o amor.
 Só em Deus ela pode encontrar satisfação.
 Não noutra alma.
 Só em Deus – ou fora do mundo.
 As almas são incomunicáveis.
 Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.
 Porque os corpos se entendem, mas as almas não.**

BANDEIRA, Manuel. Poesias completas. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951

Projeto:
CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA DE POESIA PARA A FORMAÇÃO HUMANA E CRÍTICA DO ALUNO NO ENSINO MÉDIO

Colégio Estadual Dom Abel - SPL
 Professora Mestranda: Cleunice Ribeiro
 Turma: 1º Ano " D " E.M. - Noturno
 Professora da Turma: _____





AULA DO DIA 02/09/2014 – DÉCIMA PRIMEIRA AULA = 2 aulas

Aplicar atividades I e II de análise crítica à turma para exercício contínuo da formação crítica do aluno.



Mestranda: Prof.^a Cleunice Terezinha da Silva Ribeiro

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Célia S. Silva

Turma: 1ª Série D – Turno Noturno - Ensino Médio

Colégio Estadual Dom Abel – SPL

Professora titular da turma: Prof.^a _____

Nome: _____

**Aula do dia
02/09/2014**

EXERCÍCIO DE CRÍTICA 01

Texto I:

Os Ombros Suportam O Mundo

(Carlos Drummond de Andrade)

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.

Tempo de absoluta depuração.

Tempo em que não se diz mais: meu amor.

Porque o amor resultou inútil.

E os olhos não choram.

E as mãos tecem apenas o rude trabalho.

E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.

Ficaste sozinho, a luz apagou-se,

mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.

És todo certeza, já não sabes sofrer.

E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha velhice, que é a velhice?

Teus ombros suportam o mundo

e ele não pesa mais que a mão de uma criança.

As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios

provam apenas que a vida prossegue

e nem todos se libertaram ainda.

Alguns, achando bárbaro o espetáculo,

prefeririam (os delicados) morrer.

Chegou um tempo em que não adianta morrer.

Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.

A vida apenas, sem mistificação.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. 56ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

1. Em três versos o poeta exprime sua recusa em aceitar o amor apenas do homem pela mulher. Que versos são esses?

2. Em que verso o poeta resume os grandes problemas que afligem o mundo atual?

3. Como o poeta se refere àqueles que se recusam a enfrentar a realidade que os cerca?

4. Embora sozinho e nada mais esperando da vida, o poeta parece enxergar uma luz de esperança na escuridão. Em que verso ele exprime isso?

5. Que expressão é usada pelo eu poético para sugerir que o peso dos problemas que o cercam não o abate?

6. Comente o verso: “ E o coração está seco”.

7. Concorde ou discorde do poeta justificando a sua opinião sobre o verso: “Porque o amor resultou inútil”.

-----BOM TRABALHO!



Mestranda: Prof.^a Cleunice Terezinha da Silva Ribeiro

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Célia S. Silva

Turma: 1ª Série D – Turno Noturno - Ensino Médio

Colégio Estadual Dom Abel – SPL

Professora titular da turma: Prof.^a _____

Nome: _____

Aula do dia
02/09/2014

EXERCÍCIO DE CRÍTICA 02

Texto II:

Mãos Dadas

(Carlos Drummond de Andrade)

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
Não direi suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
Não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,
A vida presente.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. 56ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

01. “Não serei o poeta de um mundo caduco”. Que sentimento tem o adjetivo caduco nesse verso? Comente.

02. Transcreva do texto o verso em que o eu lírico expressa claramente seu desejo de solidarizar-se com os homens e não de isolar-se.

03. O que há de comum entre “mundo caduco” e “mundo futuro” para que o eu lírico se recuse a cantá-lo.

04. Transcreva os versos em que o eu lírico se recusa a usar a poesia como simples expressão sentimental do seu mundo interior.

05. O poema "Mãos dadas" anuncia a utópica e festiva solidariedade humana. Como um ativista dos direitos humanos Drummond muitas vezes nega a influência do mundo moderno em sua obra, é o fugir do individual e o olhar para o coletivo e a solidariedade.

Você, como aluno de Ensino Médio, também valoriza essa solidariedade humana, ou ainda prefere o individual ao invés do coletivo e da solidariedade? Dê sua opinião citando exemplos de solidariedade humana ou de ações individuais conforme sua resposta.

BOM TRABALHO !



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO



CEPAE - UFG

DÉCIMA SEGUNDA AULA: DIA 09/09/2014 = 2 aulas

PRIMEIRO MOMENTO:

- Leitura do poema *Congresso internacional do medo*, de Carlos Drummond de Andrade.
- Fazer perguntas orais para os alunos e refletir com eles sobre a 2ª fase do Modernismo brasileiro (poesia).
- Analisar também o aspecto formal do poema;

Congresso internacional do medo

Provisoriamente não cantaremos o amor,
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,
não cantaremos o ódio porque esse não existe,
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,
depois morreremos de medo
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. 56ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SEGUNDO MOMENTO:

- Comentar sobre o medo, esse sentimento que gera desequilíbrio, angústia, dúvida, insegurança e serve, como um verdadeiro pai e seguidor, por causa do contexto social da época, pois o período que o poema foi escrito tinha um pano de fundo em clima de Guerra mundial, tumulto, morte, dor, sofrimento e muito medo. Trata-se de um medo de tal força que esteriliza os braços (estanca a força humana), pois se vive em um mundo que está em caos: com ditadores, soldados, mortes e esses fatores deixam as pessoas desequilibradas e apavoradas.



AULA DO DIA 23/09/2014 – DÉCIMA TERCEIRA AULA = 2 aulas

PRIMEIRO MOMENTO:

Retomar a leitura do poema “Os ombros suportam o mundo”, de Drummond.

Leitura do poema em voz alta.

Os ombros suportam o mundo

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.

Tempo de absoluta depuração.

Tempo em que não se diz mais: meu amor.

Porque o amor resultou inútil.

E os olhos não choram.

E as mãos tecem apenas o rude trabalho.

E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.

Ficaste sozinho, a luz apagou-se,

mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.

És todo certeza, já não sabes sofrer.

E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?

Teus ombros suportam o mundo

e ele não pesa mais que a mão de uma criança.

As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios

provam apenas que a vida prossegue

e nem todos se libertaram ainda.

Alguns, achando bárbaro o espetáculo,

preferiram (os delicados) morrer.

Chegou um tempo em que não adianta morrer.

Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.

A vida apenas, sem mistificação.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do Mundo*. Rio de Janeiro, Record, 2000.

1º MOMENTO:

- Indagar os alunos acerca dos pesos que o mundo traz para os nossos ombros; quais as pessoas que carregam o maior peso; o porquê de as pessoas carregarem esses pesos;

2º MOMENTO:

- Pedir aos alunos que concordem ou discordem das afirmações abaixo dando opiniões críticas :

No primeiro verso do poema, a experiência de vida não permite ao homem que ele se surpreenda com coisa alguma, por isso não se diz mais “meu Deus”. A experiência, aliás, parece revelar ao homem que todo sentimento é inútil, como sugere o restante da primeira estrofe e também a segunda estrofe.

3º MOMENTO:

- Explicação sobre a estrutura do memorial e lançamento da proposta da produção de um memorial de leitura de poesia.
- Ler alguns memoriais de exemplo para que os alunos se sintam instigados a produzir.



AULA DO DIA 30/09/2014 – DÉCIMA QUARTA AULA = 2 aulas

PRIMEIRO MOMENTO:

- Falar sobre o poeta Paulo Leminski e sua produção poética.
- Exibir um vídeo de notícia sobre o livro Toda Poesia, de Paulo Leminski (**Vídeo encontrado no You Tube**).
- Ler alguns poemas do referido poeta e analisá-los com os alunos por meio de perguntas orais.
- Ler aspectos formais e semânticos da poesia de Leminski;

**A IMPRESSÃO DO TEU
CORPO NO MEU**

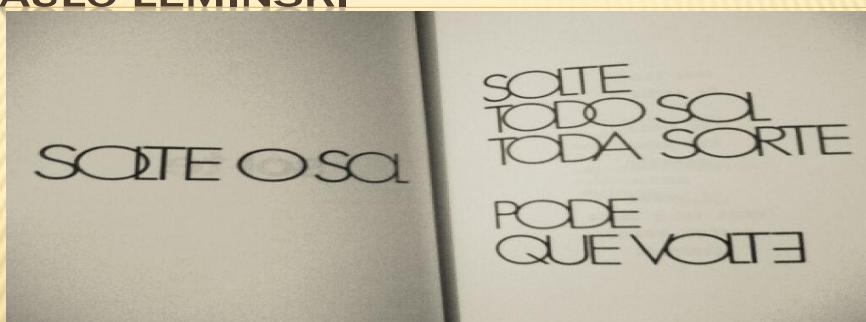
MEXE

LEMINSKI, Paulo. *Toda Poesia*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

não discuto
com o destino
o que pintar
em aassiuo

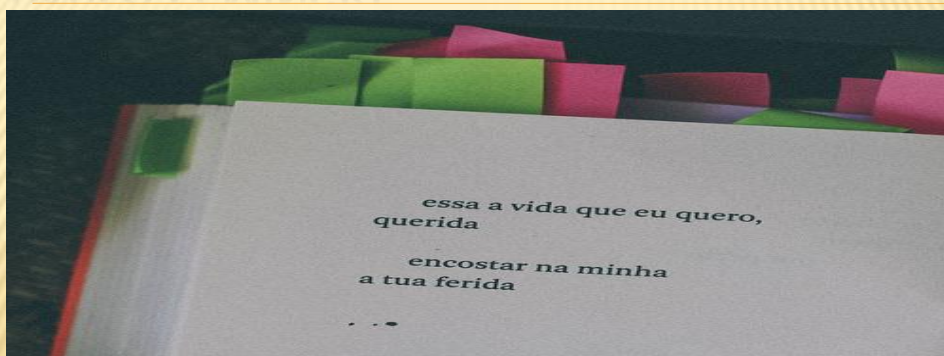
LEMINSKI, Paulo. Toda Poesia. 1ª Ed.
São Paulo: Companhia das Letras, 2013

PAULO LEMINSKI



LEMINSKI, Paulo. Toda Poesia. 1ª Ed.
São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

PAULO LEMINSKI



LEMINSKI, Paulo. Toda Poesia. 1ª Ed.
São Paulo: Companhia das Letras, 2013.



AULA DO DIA 06/10/2014 – DÉCIMA QUINTA AULA = 2 aulas

PRIMEIRO MOMENTO:

- Rememoração da aula anterior sobre Leminski.
- Falar sobre o poeta José Paulo Paes e sua produção poética.
- Ler alguns poemas do referido poeta e analisá-los com os alunos por meio de perguntas orais.

EPITÁFIO PARA UM BANQUEIRO
NEGÓCIO
EGO
ÓCIO
CIO
O

JOSÉ PAULO PAES

JOSÉ PAULO PAES

ANATOMIA DO MONÓLOGO

ser ou não ser?
er ou não er?
r ou não r?
ou não?
onã?

Os maus passos
Quem os deu na vida
Foi a arrogância
Da cabeça
A afoiteza
Das glândulas
A incurável cegueira
Do coração.
Os tropeços
Deu-os a alma
Ignorante dos buracos
Da estrada
Das armadilhas
Do mundo.

Mas não te preocupes
Que no instante final
Estaremos juntos
Prontos para a sentença
Seja ela qual for
Contra nós
Lavrada:
As perplexidades
De ainda outro lugar
Ou a inconcebível
Faz
Do Nada.

(PAES, 1996. p.68-69)

BALADA

Folha enrugada,
poeira nos livros.
A pena se arrasta
no esforço inútil
de libertação.
Nenhuma vontade,
nem mesmo desejo
na tarde cinzenta.
A árvore seca
esperando seiva
não tem paisagem.
Na frente é o deserto
coberto de pedras.
Nem sombra de oásis.
Pobre árvore seca
na tarde cinzenta!
Se houvesse um castelo
com torres e dama
de loiros cabelos,
talvez eu fizesse
algum madrigal.
Mas a dama morreu,
os castelos se foram
na tarde cinzenta.
O caminho se alonga
por entre montanhas,
por campos e vales.
Talvez me conduza
ao roteiro perdido
no fundo do mar.
Mas estou tão cansado
na tarde cinzenta!
Não sou lobo da estepe;
amo a todos os homens
e suporto as mulheres.
Contudo não posso
falar com os lábios,
amar com o sexo,
porque sinto a tortura
da tarde cinzenta!
Só me restam os livros.
Vou ficar com eles
esperando que chegue
do fundo da noite,
das sombras do tempo,
oh! imenso mar,
vem me libertar
da tarde cinzenta!

PAES, José Paulo. Os Melhores Poemas. São Paulo: Global, 2000. Seleção e organização: ARRIGUCCI JUNIOR, Davi.



AULA DO DIA 07/10/2014 – DÉCIMA SEXTA AULA = 2 aulas

PRIMEIRO MOMENTO:

- Aplicação do SEGUNDO QUESTIONÁRIO (**Anexo 3**) ;
- Leitura de cada pergunta com os alunos e explicação sobre a sinceridade das respostas.



AULA DO DIA 14/10/2014 – DÉCIMA SÉTIMA AULA = 2 aulas

PRIMEIRO MOMENTO:

- Revisão e memorização dos poemas estudados até o momento;
- Estudo da estrutura da carta;
- Falar da solidariedade e da importância de usar a leitura para ajudar as pessoas e transformarem o mundo;
- Retomar a história do personagem Gentileza e discussão sobre a solidariedade no mundo atual;
- Levantamento de alguns poemas lidos em sala e que levaram ao assunto “Solidariedade”;
- Explicar a proposta da produção de uma carta pessoal.

SEGUNDO MOMENTO:

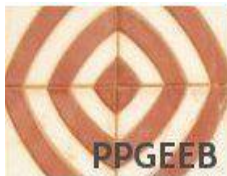
Analisar os versos de Drummond:

[...]

“Estou preso à vida e olho meus companheiros”.

[...]

*“O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas”.*



PRIMEIRO MOMENTO:

- 

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO



CEPAE - UFG

O poeta Manuel Bandeira (1984, p.19), no livro *Itinerário de Pasárgada* diz: “a poesia está em tudo – tanto nos amores como nos chinelos, tanto nas coisas lógicas como nas disparatadas”.

Escreva-lhe uma carta reconfortando-o/a. É fundamental que você indique-lhe a leitura de uma ou mais poesia para que ele/ela possa melhorar. Dentre os poetas estudados - Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Paulo Leminski e José Paulo Paes - diga qual dos poemas você indicaria ao/a seu/sua amigo/a e o porquê. Tente convencê-lo/a da importância da leitura do texto poético, já que Todorov (2009) diz que a literatura é “revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro.”

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and extend across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.



AULA DO DIA 28/10/2014 – DÉCIMA NONA AULA = 2 aulas

PRIMEIRO MOMENTO:

- Revisar o estudo da estrutura do memorial;
- Ler mais um memorial como exemplo para que os alunos entendam tal estrutura;
- Produção de memorial de leitura;



AULA DO DIA 04/11/2014 – VIGÉSIMA AULA = 2 aulas

PRIMEIRO MOMENTO:

- Continuação da produção de memorial de leitura com orientação individual a cada aluno;



AULA DO DIA 11/11/2014 – VIGÉSIMA PRIMEIRA AULA = 2 aulas

PRIMEIRO MOMENTO:

- Agradecimento aos alunos pela participação no desenvolvimento do projeto de leitura de poesia;
- Proposta de produção de um bilhete de agradecimento ao pessoal da escola pelo apoio à execução do projeto de leitura feito pelos alunos;
- Leitura de alguns poemas lidos durante o trabalho realizado;
- Confraternização entre professores, alunos e pesquisadora.



AULA DO DIA 18/11/2014 – VIGÉSIMA SEGUNDA AULA = 2 aulas

PRIMEIRO MOMENTO:

- Falar da conclusão do trabalho e da importância quanto aos resultados da pesquisa.
- Pedir aos alunos que **respondam o mesmo questionário aplicado** (ANEXO 2) pela primeira vez, ou seja, o primeiro questionário aplicado na aula 4, dia 22/05.
- Retomar com os alunos as perguntas do PRIMEIRO QUESTIONÁRIO e pedir que eles respondam verdadeiramente e com os argumentos do que estão sentindo no momento.



AULA DO DIA 25/11/2014 – VIGÉSIMA TERCEIRA AULA = 2 aulas

PRIMEIRO MOMENTO:

- Confraternização e encerramento da Sequência Didática;
- Pedir aos alunos que leiam os poemas que mais gostaram durante as aulas e que falem livremente o que o foi bom e o que poderia ter sido melhor nas aulas de leitura de poesia;
- Pedir que fiquem à vontade para que escrevam um **bilhete de agradecimento** a alguém da escola pelo trabalho executado: aulas de leitura de poesia. (Somente quem quiser escrever);
- Deixar que os alunos expressem oralmente o que quiserem durante a confraternização;
- Partilha de salgados, refrigerantes, sucos, bolos e frutas.
- Conversa informal e audição de músicas de: Marisa Monte, Toquinho, Caetano, Chico Buarque e outros.

Anexo 2: Questionário e reaplicação do questionário 1



Mestranda: Prof.^a Cleunice Terezinha da Silva Ribeiro / Orientadora: Prof.^a Dr.^a Célia S. Silva
Colégio Estadual Dom Abel – SPL / Turma: 1ª Série D – Turno Noturno - Ensino Médio
Professora titular da turma: _____
Nome: _____

Primeiro questionário para análise de dados

Caro (a) aluno (a),

Leia as questões a seguir, depois responda cada uma delas de acordo com a sua história de leitura até o presente momento.

1) De que tipo de leitura você mais gosta?

2) Qual a utilidade da leitura da literatura na sua vida diária?

3) Para você, o aluno deveria ser consultado pelo professor sobre assuntos de seu interesse sobre o que gostaria de ler antes de começar a estudar literatura? Por quê?

4) Na primeira série do Ensino Médio, o livro didático apresenta, em cada unidade, um poema referente ao conteúdo a ser explorado. Você aprecia tais poemas?

5) Com que frequência você lê poesia em sala de aula? Explique.

6) Algumas vezes você fica sem compreender o poema?

() Sim? () Não? Por quê?



Mestranda: Prof.^a Cleunice Terezinha da Silva Ribeiro /Orientadora: Prof.^a Dr.^a Célia S. Silva
Colégio Estadual Dom Abel – SPL / Turma: 1ª Série D – Turno Noturno - Ensino Médio
Professora titular da turma: _____

Nome: _____

Reaplicação do primeiro questionário para análise de dados

Caro (a) aluno (a),

Leia as questões a seguir, depois responda cada uma delas de acordo com a sua história de leitura até o presente momento.

1) De que tipo de leitura você mais gosta?

2) Qual a utilidade da leitura da literatura na sua vida diária?

3) Para você, o aluno deveria ser consultado pelo professor sobre assuntos de seu interesse sobre o que gostaria de ler antes de começar a estudar literatura? Por quê?

4) Na primeira série do Ensino Médio, o livro didático apresenta, em cada unidade, um poema referente ao conteúdo a ser explorado. Você aprecia tais poemas?

5) Com que frequência você lê poesia em sala de aula? Explique.

6) Algumas vezes você fica sem compreender o poema?

() Sim? () Não? Por quê?

Anexo 3: Segundo questionário



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO



CEPAE - UFG

Mestranda: Prof.^a Cleunice Terezinha da Silva Ribeiro / Orientadora: Prof.^a Dr.^a Célia S. Silva

Colégio Estadual Dom Abel – SPL / Turma: 1^a Série D – Turno Noturno - Ensino Médio

Professora titular da turma: _____

Nome: _____

SEGUNDO QUESTIONÁRIO

1) O trabalho com poesia, realizado em sala de aula, tem ajudado você a compreender melhor o poema?

() Sim

() Não

Por quê?

2) O que você considera que seria importante para ajudá-lo a compreender melhor os significados do poema e conseguir ser mais crítico? Cite exemplos.

3) Com relação à leitura de poemas, alguns dos analisados, em nosso trabalho, trouxe alguma contribuição para você? Ele provocou mudança em seu ponto de vista? Mexeu com suas emoções e te sensibilizou? Qual? Em que sentido?

4) Em sua opinião, a leitura de poemas, em sala de aula, tem ajudado a maioria de seus colegas, do alunado a gostar de literatura e apreciar o texto poético? Se sim, por quê?

5) Quando você lê poemas, na sala de aula ou em casa, essa leitura causa em você alguma sensação em que mereça ser relatada? Se sim, cita-a.

6) Como a poesia pode contribuir para a sua formação humana e crítica? Você consegue dizer se você ficou mais solidário, mais sensível e mais crítico? Ou você acredita que nada mudou?

7) Quais são os fatores positivos do estudo dos poetas estudados (Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Leminski e José Paulo Paes) e qual a contribuição deles para a sua formação e a de seus(as) colegas?

8) Uma das finalidades da arte em geral e da arte poética na educação é de propiciar uma relação mais consciente do ser humano no mundo, contribuindo para a formação de pessoas mais abertas ao sensível, mais críticas, criativas e passíveis de atuar na transformação da sociedade. Você concorda ou discorda dessa afirmação? Por quê?

“O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.”
(Carlos Drummond de Andrade - In: Sentimento do Mundo,1940) .

ANEXO 4:

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
NA EDUCAÇÃO BÁSICA

PRODUTO FINAL:

SITE <http://formacao-de-leitores-literarios.webnode.com//> ELABORADO PARA A
FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO A PARTIR DO PROJETO

A PRÁTICA DA LEITURA DE POESIA PARA A FORMAÇÃO HUMANA E
CRÍTICA DO ALUNO NO ENSINO MÉDIO

Cleunice Terezinha da Silva Ribeiro
Orientadora Prof.^a Dr.^a Célia Sebastiana Silva

Goiânia
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
NA EDUCAÇÃO BÁSICA

CLEUNICE TEREZINHA DA SILVA RIBEIRO

PRODUTO FINAL:

SITE <http://formacao-de-leitores-literarios.webnode.com//> ELABORADO PARA A
FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO A PARTIR DO PROJETO

A PRÁTICA DA LEITURA DE POESIA PARA A FORMAÇÃO HUMANA E CRÍTICA
DO ALUNO NO ENSINO MÉDIO

GOIÂNIA
2015

CLEUNICE TEREZINHA DA SILVA RIBEIRO

PRODUTO FINAL:

SITE <http://formacao-de-leitores-literarios.webnode.com//> ELABORADO PARA A
FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO A PARTIR DO PROJETO

A PRÁTICA DA LEITURA DE POESIA PARA A FORMAÇÃO HUMANA E CRÍTICA DO
ALUNO NO ENSINO MÉDIO

Produto final apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE-UFG), como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Letras e Literatura na área de concentração: Ensino na Educação Básica.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Célia Sebastiana Silva

GOIÂNIA
2015

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O produto final desse trabalho de dissertação de mestrado resultou na produção de um *site* para contribuir com a formação de leitores literários. Este material é o produto final da pesquisa de dissertação de mestrado profissional. Ele foi realizado no Colégio Estadual Dom Abel – SPL (Setor Pedro Ludovico) de maio a novembro de 2014.

Durante esse período, foi investigado como a prática de leitura de poemas pode contribuir para a formação humana e crítica do aluno no Ensino Médio. Logo, por meio de uma sequência didática, de questionários e de leitura diária, aplicados na sala da 1ª série do Ensino Médio, foi possível criar o *site* FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS com o intuito de promover um material de pesquisa a professores, mediadores de leitura, dinamizadores de biblioteca, alunos, pais e outros.

O site possui estrutura simples e de fácil acesso. Cada parte foi descrita de forma detalhada e contém o material usado na pesquisa. Espera-se com isso que as sugestões abordadas nesse material possam ajudar mediadores a proporcionarem uma melhor dinamização e fruição de leitura a seus alunos e facilitar seu trabalho como professor.

Página inicial com apresentação da proposta do site

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

FORMAÇÃO DE LEITORES DE... x +

formacao-de-leitores-literarios.webnode.com//

Pesquisar

página inicial mapa do site rss imprimir

Crie um site com webnode

LEITOR, SEJA BEM-VINDO!



FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Página inicial

- Sobre nós
- Contate-nos
- Notícias
- Galeria de fotos
- Livro de visitas
- VÍDEOS
- Produtos
- Nossa equipe
- FAQ - Perguntas Frequentes
- Calendário de eventos
- FÓRUM



Leitor e mediador de leitura, atenção!

- Este site tem o objetivo de apresentar a proposta de "Contribuição da leitura de poesia para a formação humana e crítica do aluno no Ensino Médio" porque isso estabelece um desafio que potencializa a leitura como condição importante para a formação do educando como leitor.

- O texto literário não pode assumir papel secundário nas aulas, uma vez que uma prática voltada tão somente para leitura de fragmentos de textos ou de resumo de obras não

Este site foi criado com Webnode. **Crie um grátis para você também!** e propõe defender, pode desenvolver ações que colaborem para a evolução do pensamento crítico,

webnode

PT 18:48 14/07/2015

Portanto, entre e leia! Aceite sugestões, adapte aulas e leve a leitura aos que dela precisam.

[illegible]

Este site foi criado com Webnode. [Crie um grátis para você também!](#)

webnode

Crie um site com **webnode**

Galeria de fotos: Página inicial

Você gosta de que gênero?

ROMANCE (0)

POESIA (1)

HISTÓRIA EM QUADRINHOS (0)

TEXTOS JORNALÍSTICOS (0)

CRÔNICA (0)

CONTO (0)

Total de votos: 1

ENQUETE

Você é professor mediador?

SIM (1)

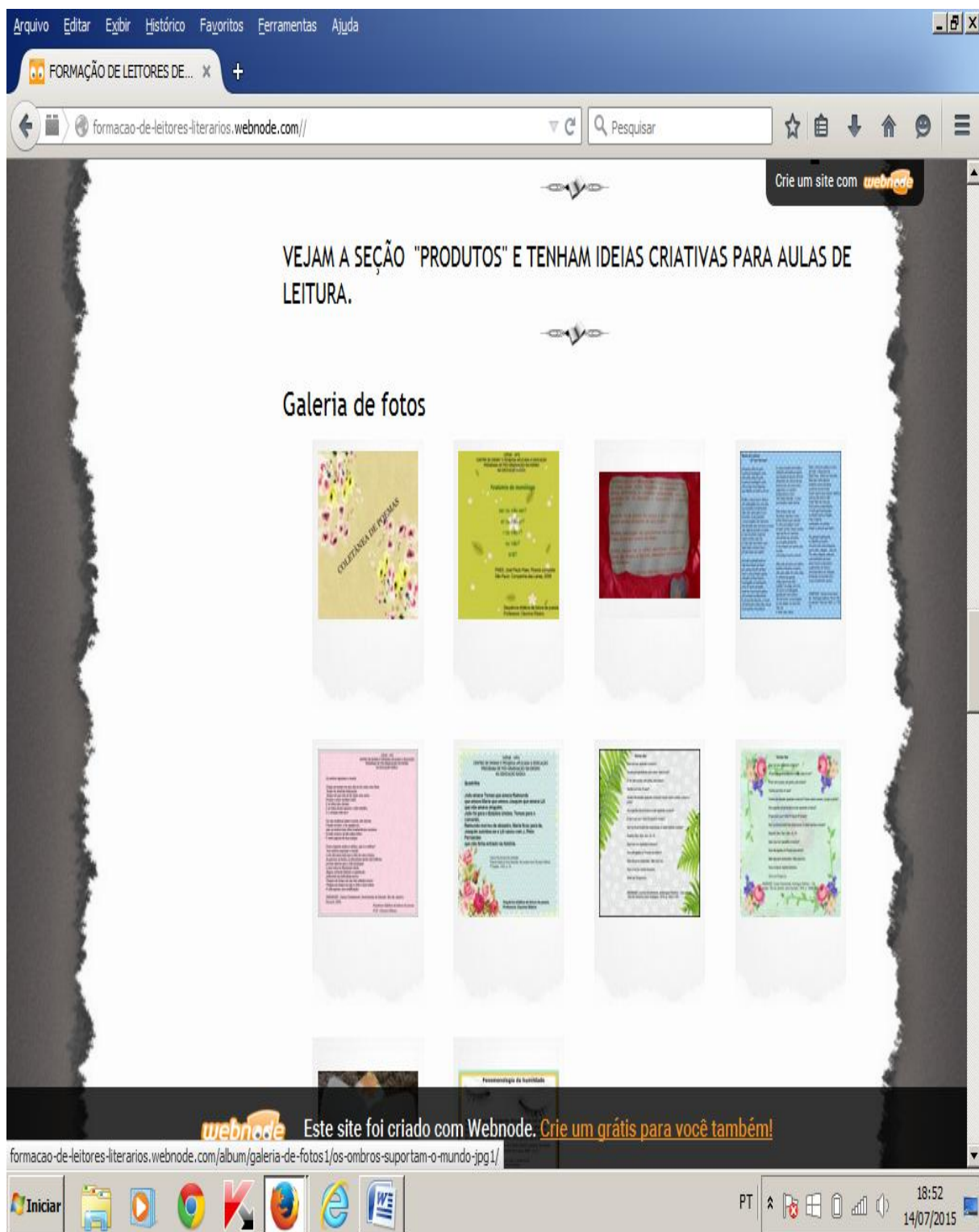
NÃO (0)

Total de votos: 1

The gallery displays four book covers:

- VERBO SER**: A purple cover with white text and a small illustration of a person.
- Formosidade da Insatisfação**: A black cover with white text and a small illustration of a person.
- A arte do Amor**: A white cover with blue text and a small illustration of a person.
- O QUE QUER DIZER**: A green cover with white text and a small illustration of a person.

www.webnode.com.br/?utm_source=bar&utm_medium=content-pt-br-web&utm_campaign=signature



Página de informação sobre os instrumentos existentes no site.

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

FORMAÇÃO DE LEITORES DE... x +

formacao-de-leitores-literarios.webnode.com//

Pesquisar

Crie um site com **webnode**

Notícias

CARO VISITANTE, BEM-VINDO!

09/04/2015 01:25

ESTE SITE É UM INSTRUMENTO PEDAGÓGICO PARA LEITURA DE POEMAS E PESQUISAS ACERCA DA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO. HÁ UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE LEITURA QUE CONTRIBUÍRÁ COM APLICAÇÃO DESSA LEITURA EM SALA DE AULA. SEJA BEM-VINDO E APROVEITE!

CONTEÚDOS DO SITE

09/04/2015 01:24

ESTE SITE FOI LANÇADO COM O OBJETIVO DE PROMOVER A LEITURA LITERÁRIA ENTRE PROFESSORES, ALUNOS, PAIS E QUAISQUER PESSOAS QUE DELE QUISEREM FAZER USO. PORTANTO, O VISITANTE ENCONTRARÁ POEMAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, MANUEL BANDEIRA, PAULO LEMINSKI E JOSÉ PAULO PAES. ALÉM DISSO, HÁ TAMBÉM UMA...

Produtos

IDEIAS CRIATIVAS PARA LEITURAS QUE VÃO ALÉM DOS LIVROS

Nas fotos, a seguir, há ideias criativas de materiais produzidos pelo mediador de leitura e pelos alunos para incentivo à leitura por prazer. Há uma necessidade da relação corpo a corpo com o texto no exercício da leitura. A razão de ser dos produtos/lembrancinhas é que haja primordialmente a...



PAINÉIS DE BILHETES AFETIVOS APÓS LEITURA DE POESIA EM SALA DE AULA

A CONSTRUÇÃO DO PAINEL DE BILHETES FUNCIONA DA SEGUINTE FORMA: O professor mediador de leitura lê com os alunos vários poemas. Depois, propõe à turma que elabore um bilhete a um poeta de seu gosto. O bilhete deve conter versos, fragmentos, frases do poema lido, o nome do poeta...

webnode Este site foi criado com Webnode. [Crie um grátis para você também!](#)

Iniciar

PT 18:53 14/07/2015

PRODUTOS DO SITE:

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

FORMAÇÃO DE LEITORES DE... x +

formacao-de-leitores-literarios.webnode.com//

Pesquisar

Crie um site com **webnode**

Produtos

IDEIAS CRIATIVAS PARA LEITURAS QUE VÃO ALÉM DOS LIVROS

Nas fotos, a seguir, há ideias criativas de materiais produzidos pelo mediador de leitura e pelos alunos para incentivo à leitura por prazer. Há uma necessidade da relação corpo a corpo com o texto no exercício da leitura. A razão de ser dos produtos/lembrancinhas é que haja primordialmente a...



PAINÉIS DE BILHETES AFETIVOS APÓS LEITURA DE POESIA EM SALA DE AULA

A CONSTRUÇÃO DO PAINEL DE BILHETES FUNCIONA DA SEGUINTE FORMA: O professor mediador de leitura lê com os alunos vários poemas. Depois, propõe à turma que elabore um bilhete a um colega da sala ou da escola. Tal bilhete deve conter versos, fragmentos, estrofes do poema lido, o nome do poeta ...



Sequência didática de leitura de poesia: uma experiência leitora

Mestranda: Prof.^a Cleunice Terezinha da Silva Ribeiro Orientadora: Prof.^a Dr.^a Célia S. Silva
Turma: 1ª Série D - Turno Noturno - Ensino Médio Colégio Estadual Dom Abel - SPL Professora titular da turma: Prof.^a _____ SEQUÊNCIA DIDÁTICA - GÊNERO...



webnode Este site foi criado com Webnode. [Crie um grátis para você também!](#)

PT 18:57 14/07/2015

Seção “SOBRE NÓS” : Informações acerca do projeto , do objetivo e do uso do site.

Pesquisadora: Profª. Cleunice Ribeiro

CEPAE - UFG
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Poesia

O que eu pediria à escola, se não me faltassem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas, e depois como veículo de informação, ação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo, criativo, que se identifica basicamente com sensibilidade poética. (DRUMMOND, 1974).

ANDRADE, Carlos Drummond. A educação do ser poético. São Paulo: Arte e Educação, 1974.

webnode Este site foi criado com Webnode. Crie um grátis para você também!

História do projeto

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

Bem vindo à Webnode - form... WEBNODE :: Sobre nós :: Leit... +

cms.formacao-de-leitores-literarios.webnode.com/sobre-nos/ Pesquisar

Projeto: Leitor, seja bem-vindo! Upgrade para Premium ? Ajuda X Fechar

Texto e Imagens

História do projeto

A leitura do poema, como texto literário, merece uma atenção especial dada a enorme contribuição que ele pode trazer para a formação do ser humano e contribuir para a formação cultural e pessoal do leitor, à medida que a linguagem poética eleva-se como um dos mais adequados instrumentos didáticos que revela um mundo mais crítico e sensível para os adolescentes e os aproxima da leitura literária. O jovem tem certa inquietude ao saber o que se quer dele. Entretanto, essa inquietude é necessária à prática da pesquisa.

O corpus de análise escolhido para a intervenção em sala de aula foi a produção poética de dois poetas modernos, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, e de dois contemporâneos, José Paulo Paes e Paulo Leminski. A escolha desses quatro poetas se deve ao fato de que, numa linguagem cotidiana e esteticamente bem elaborada, eles desenvolvem poemas que tocam os dramas humanos, muitos deles vividos pelos adolescentes em formação.

Assim, ao pretender contribuir para a formação de leitores de poesia na sala de aula, e nesse âmbito, desenvolver estudos teóricos sobre a relação entre poesia e humanização, poesia e criticidade, estabeleceu-se como metodologia a elaboração/execução de uma sequência didática de leitura de poesia aplicada em uma sala de aula do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Dom Abel – SPL, no município de Goiânia.

Para a realização da Intervenção Pedagógica com a leitura de poesia, foram desenvolvidas aulas de leitura de poesia, por meio de tal sequência didática previamente planejada e foram aplicados questionários para que houvesse a comprovação ou não da contribuição da poesia.

Dessa forma, toda a equipe da Unidade Escolar foi mobilizada e empenhou-se na execução do projeto, juntamente com a pesquisadora.

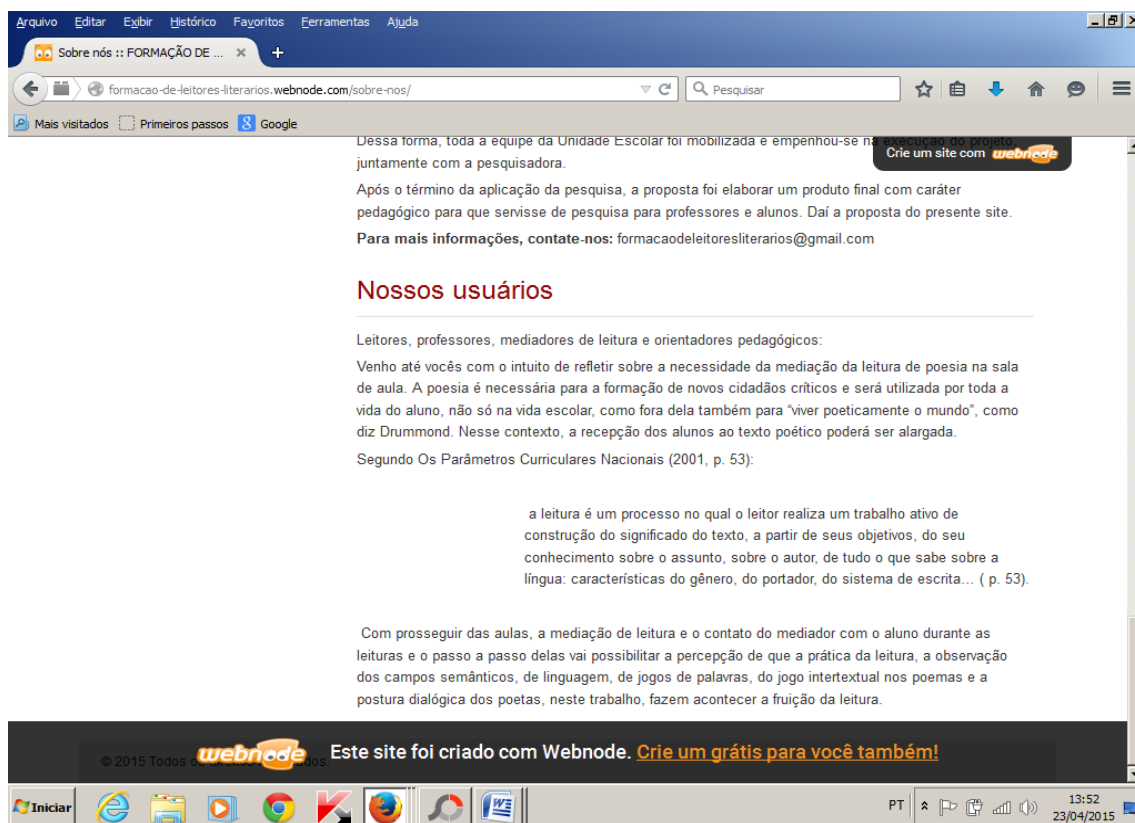
Após o término da aplicação da pesquisa, a proposta foi elaborar um produto final com caráter pedagógico para que servisse de pesquisa para professores e alunos. Daí a proposta do presente site.

Para mais informações, contate-nos: formacaodeleitoresliterarios@gmail.com

Salvar ou Fechar

NOSSOS USUÁRIOS

leitura literária. O jovem tem



Informações sobre contato, sendo: O Centro de pesquisa CEPAE, a pesquisadora e a orientadora do projeto.



O livro de visitas funciona como controle para ver quem visitou e estabelecer contato, bem como ver os comentários dos visitantes e as respostas aos FAQs.

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

Livro de visitas :: LEITOR, SE... x +

formacao-de-leitores-literarios.webnode.com/livro-de-visitas/ Pesquisar

Crie um site com **webnode**

[Página inicial](#) [Livro de visitas](#)

Livro de visitas

Olá
data: 01/05/2015 | de: **Leosmar Aparecido da Silva**
Olá, Cleunice.

Parabéns pelo site. Está maravilhoso. Vai ajudar muitos professores a planejarem suas aulas.

[responder](#)

Re:Olá
data: 02/05/2015 | de: **Cleunice Ribeiro**
Oi, Leosmar.

Agradeço pela visita e pela valiosa avaliação. Sua opinião é importante para nós.
Obrigada!

[responder](#)

Novo comentário

Nome

Assunto

Comentarário

ENVIAR

CONTATO

FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS
(62)85440885
formacaodeleitoresliterarios@gmail.com

ENQUETE

Você gosta de que gênero?

[ROMANCE \(0\)](#)

webnode Este site foi criado com Webnode. [Crie o seu de graça agora!](#)

Iniciar

PT 19:00 14/07/2015

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

Livro de visitas :: LEITOR, SE... x +

formacao-de-leitores-literarios.webnode.com/livro-de-visitas/ Pesquisar

Crie um site com **webnode** ENVIAR

Você gosta de que gênero?

ROMANCE (0)
 POESIA (1)
 HISTÓRIA EM QUADRINHOS (0)
 TEXTOS JORNALÍSTICOS (0)
 CRÔNICA (0)
 CONTO (0)

Total de votos: 1

ENQUETE

Você é professor mediador?

SIM (1)
 NÃO (0)

Total de votos: 1

Enquete

De que tipo de leitura você mais gosta?

POESIA (1)
 ROMANCE (0)
 CRÔNICA (0)
 HISTÓRIA EM QUADRINHO (0)

Total de votos: 1

webnode Este site foi criado com Webnode. [Crie o seu de graça agora!](#)

formacao-de-leitores-literarios.webnode.com/servers/poll/?con=1&poll=200000005&answer=2000000010

Iniciar

PT 19:00 14/07/2015

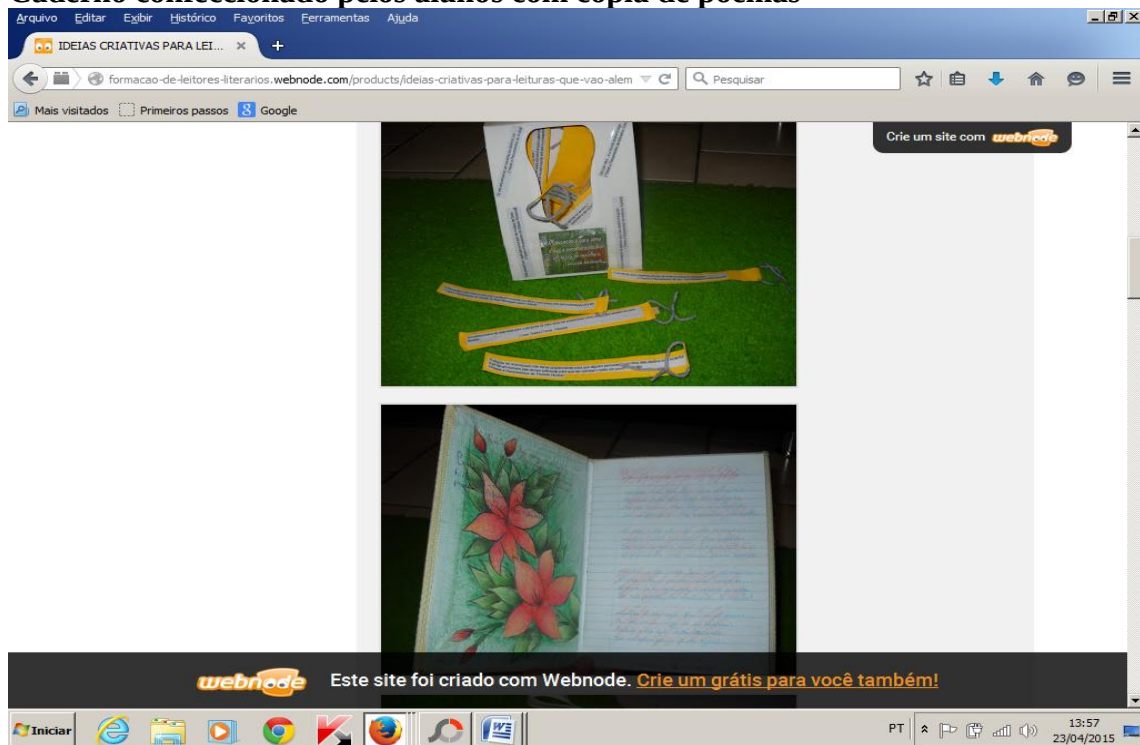
A seção “PRODUTOS” é uma das que mais possibilitará a pesquisa dos mediadores de leitura porque há a SEQUÊNCIA DIDÁTICA aplicada na pesquisa, há também INSTRUMENTOS PEDAGÓGICOS DE LEITURA confeccionados de forma criativa com poemas retirados de livros e todos com referência bibliográfica (o que não é comum em muitos blogs).

Também o PAINEL DA AFETIVIDADE, uma experiência não exposta na sequência didática, mas que incentiva a leitura.

The screenshot shows a web browser window with the address bar displaying 'formacao-de-leitores-literarios.webnode.com/produtos/'. The website has a dark theme with a sidebar on the left containing links like 'Página inicial', 'Sobre nós', 'Contate-nos', 'Notícias', 'Galeria de fotos', 'Livro de visitas', 'VÍDEOS', 'Produtos' (highlighted), 'Nossa equipe', 'FAQ - Perguntas Frequentes', 'Calendário de eventos', and 'FÓRUM'. Below the sidebar is a 'CONTATO' section with the text 'FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS (62)85440885 formacaodeleitoresliterarios@gmail.com' and an 'ENQUETE' section asking 'Você gosta de que gênero?' with 'ROMANCE (0)' selected. The main content area is titled 'Produtos' and contains three articles: 1. 'IDEIAS CRIATIVAS PARA LEITURAS QUE VÃO ALÉM DOS LIVROS' with a photo of a hand holding a small bottle. 2. 'PAINÉIS DE BILHETES AFETIVOS APÓS LEITURA DE POESIA EM SALA DE AULA' with a photo of a table covered with colorful cards. 3. 'Sequência didática de leitura de poesia: uma experiência leitora' with a photo of a notebook and a pen. The footer includes a 'webnode' logo, the text 'Este site foi criado com Webnode. Crie o seu de graça agora!', and the URL 'formacao-de-leitores-literarios.webnode.com/products/paineis-de-bilhetes-afetivos-apos-leitura-de-poesia-em-sala-de-aula/'. The browser's taskbar at the bottom shows the date '14/07/2015' and time '19:02'.

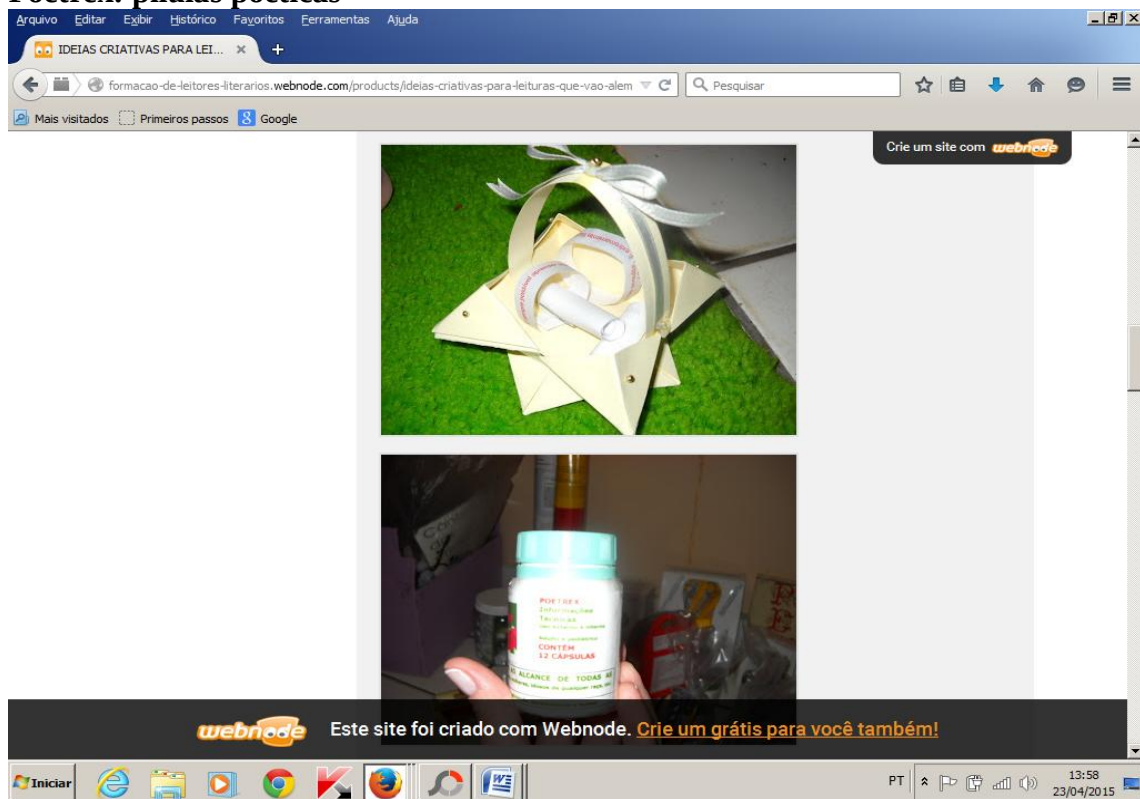
Caixa com textos e tiras poéticas.

Caderno confeccionado pelos alunos com cópia de poemas

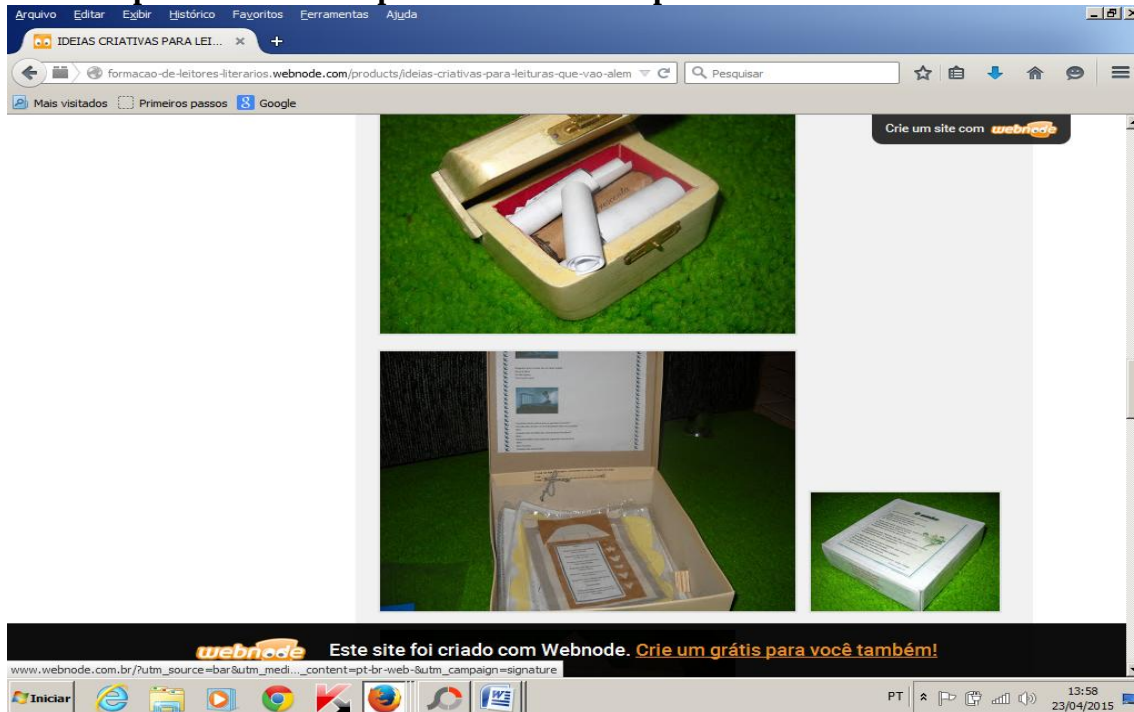


Cesta literária: tiras poéticas em uma cesta de origami

Poetrex: pílulas poéticas



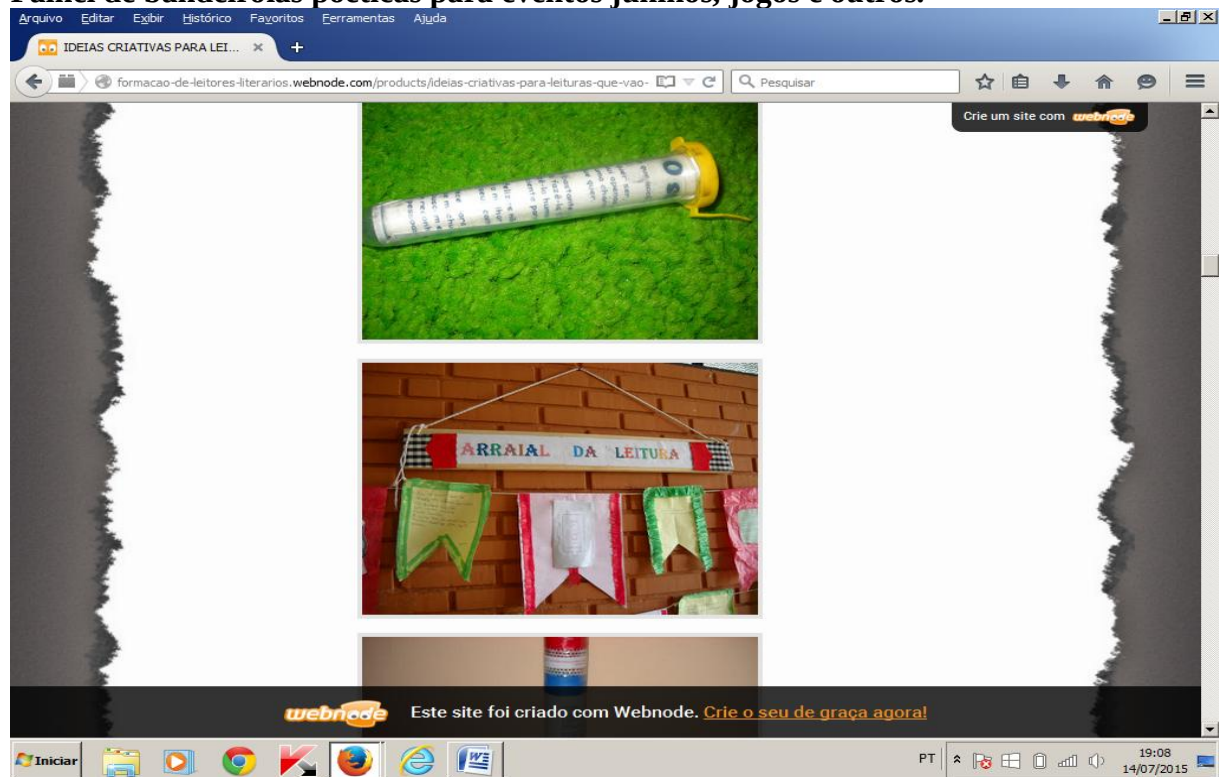
Baú literário: tiras com pequenos poemas
Caixa com poemas plastificados
Presente poético: Caixa de presente com textos poéticos



Castelo literário: produto confeccionado em madeira com pequeno poema
Cesta literária confeccionada por aluno

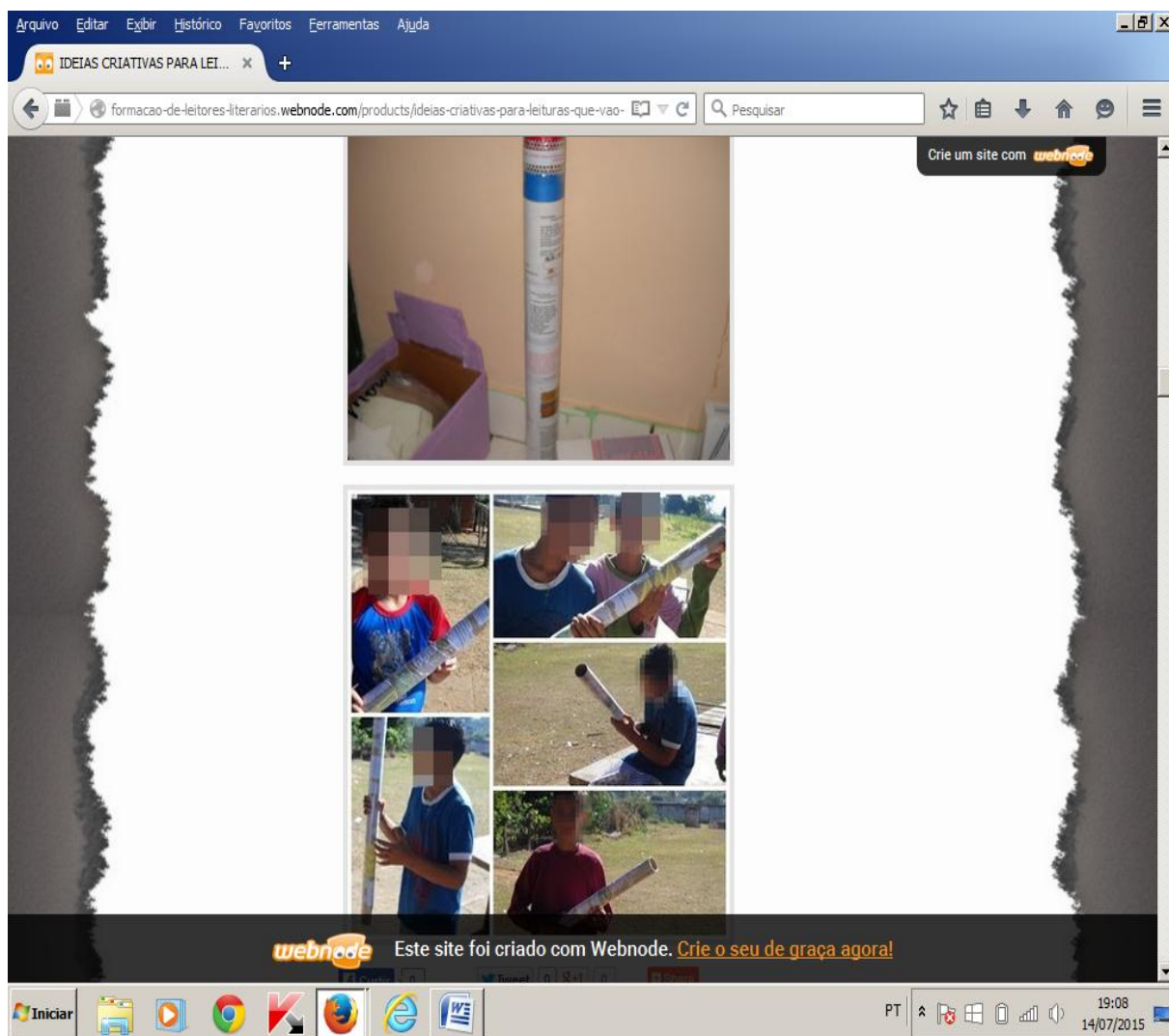


**Tubo poético para guardar doce de jujuba, chicletes, balas, goma de mascar e outros.
Painel de bandeirolas poéticas para eventos juninos, jogos e outros.**



**Porta guardanapos com textos poéticos para eventos.
Tubo grande confeccionado com vários poeminhas para guardar mapas, para sala de leitura e várias outras ideias.**





A seção PRODUTOS guarda muitas ideias criativas (expostas com fotos no *site*) e que não foram printadas aqui. O carrinho literário, por exemplo, é uma delas. Esse carrinho foi adaptado com uma caixa de madeira em cima de um carrinho de carregar mala. Nessa caixa há vários mimos com poemas a serem lidos e levados para a sala de aula, lidos e usados de forma criativa pelo mediador de leitura.

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

IDEIAS CRIATIVAS PARA LET... x +

formacao-de-leitores-literarios.webnode.com/products/ideias-criativas-para-leituras-que-vao- Pesquisar

O carrinho de poemas funciona da seguinte forma: LEVE UM POEMA

Entra-se nas salas de aulas com uma música instrumental. Depois, lê-se algum poema retirado na hora, explica quem é o poeta e fala-se sobre o poema lido. Passa-se o carrinho para que cada aluno pegue um poema, leia e fale ou pergunte sobre o poema escolhido.

No carrinho contém vários instrumentos pedagógicos como: baú, poetrex (pilula poética), vidro poético, caderno com de coletânea de poemas, enfeites, tubo com poemas e doces e uma variedade de mimos que incentivarão a leitura de poesias.

Crie um site com webnode



Leve um poema

Leve um verso breve
nada do seu mundo
que tira você do primeiro
e te devolve
diferente, bem diferente

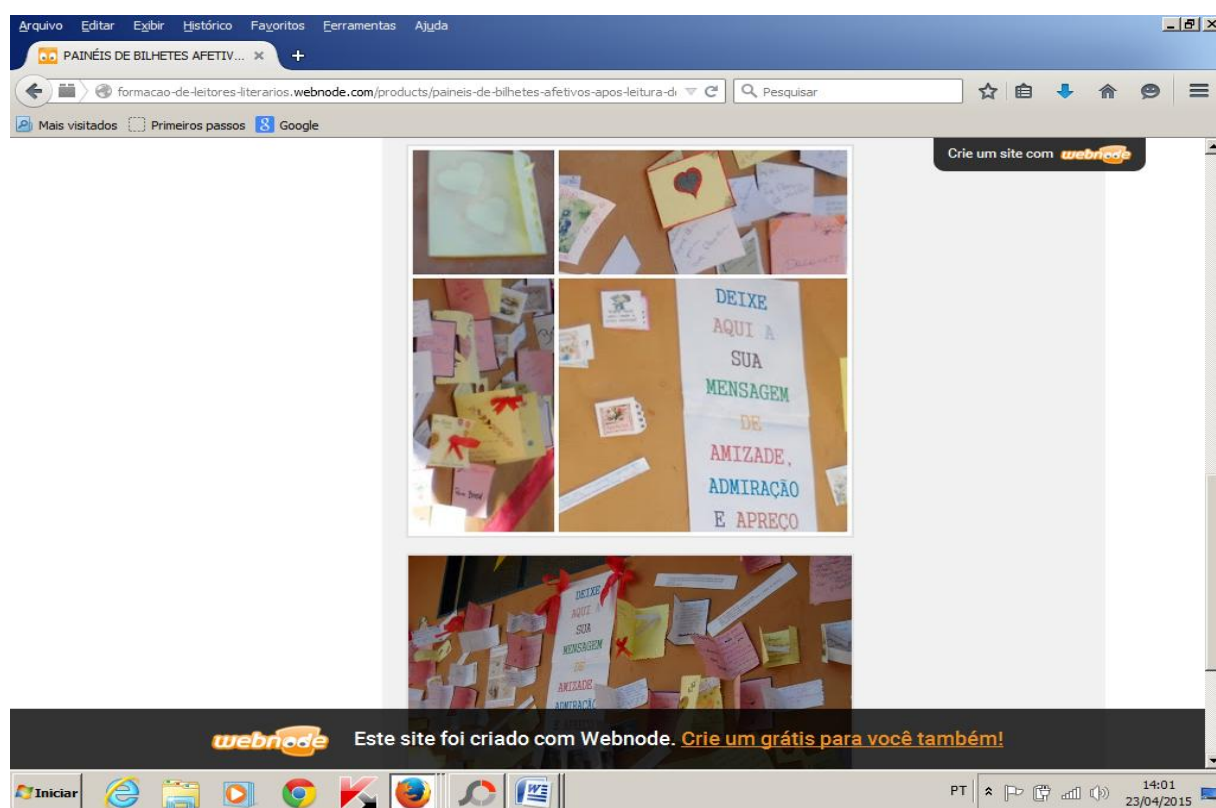
webnode Este site foi criado com Webnode. Crie o seu de graça agora!

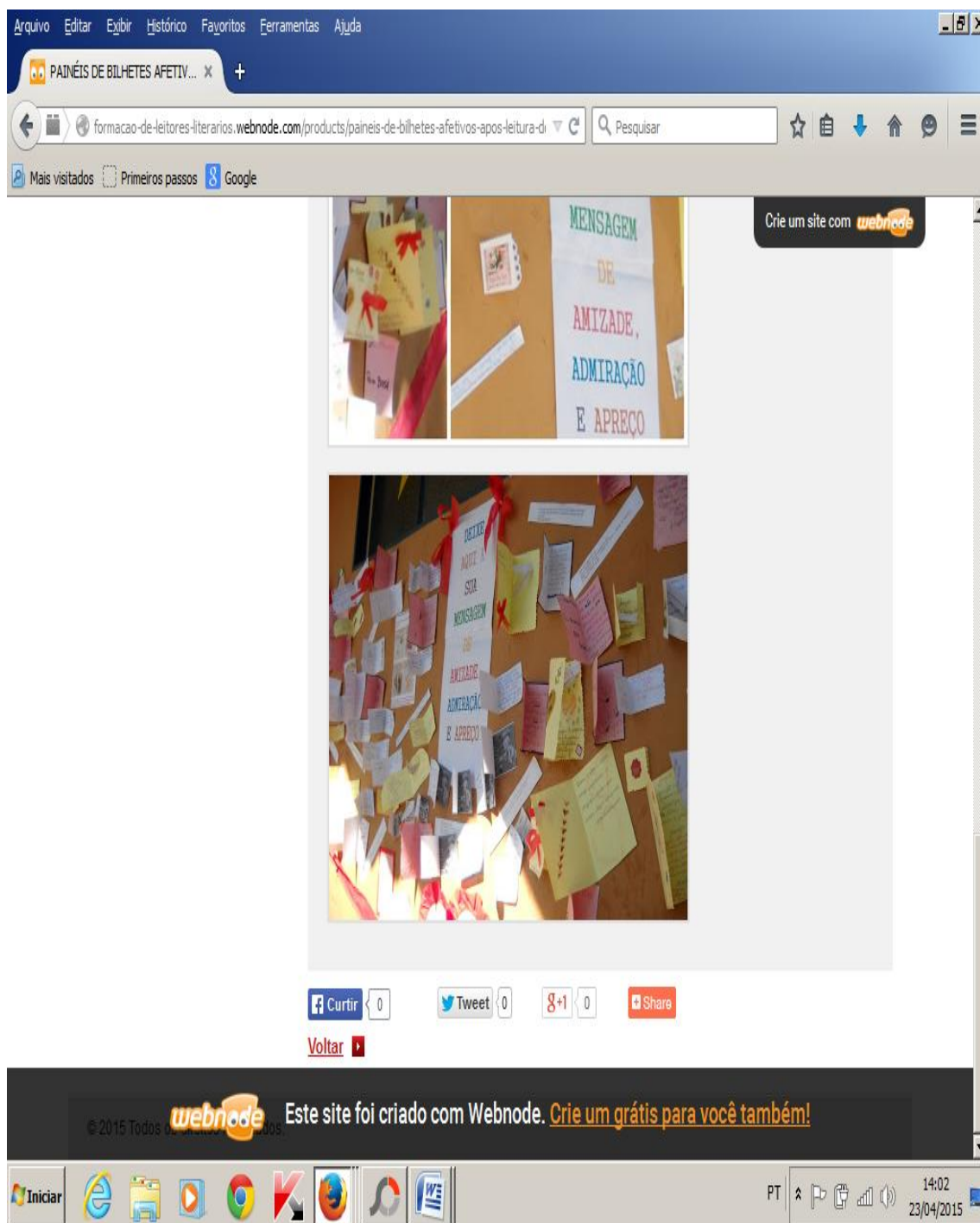
Iniciar

PT 19:12 14/07/2015

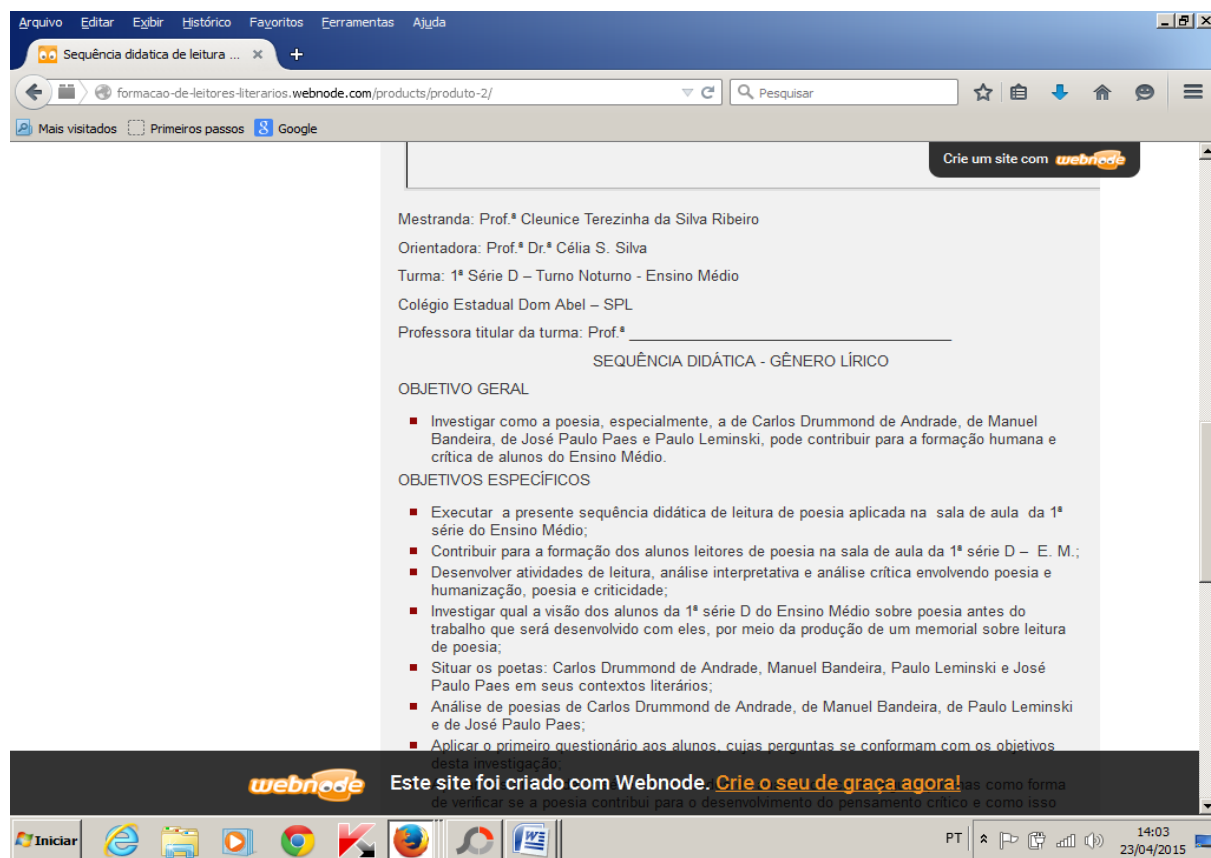
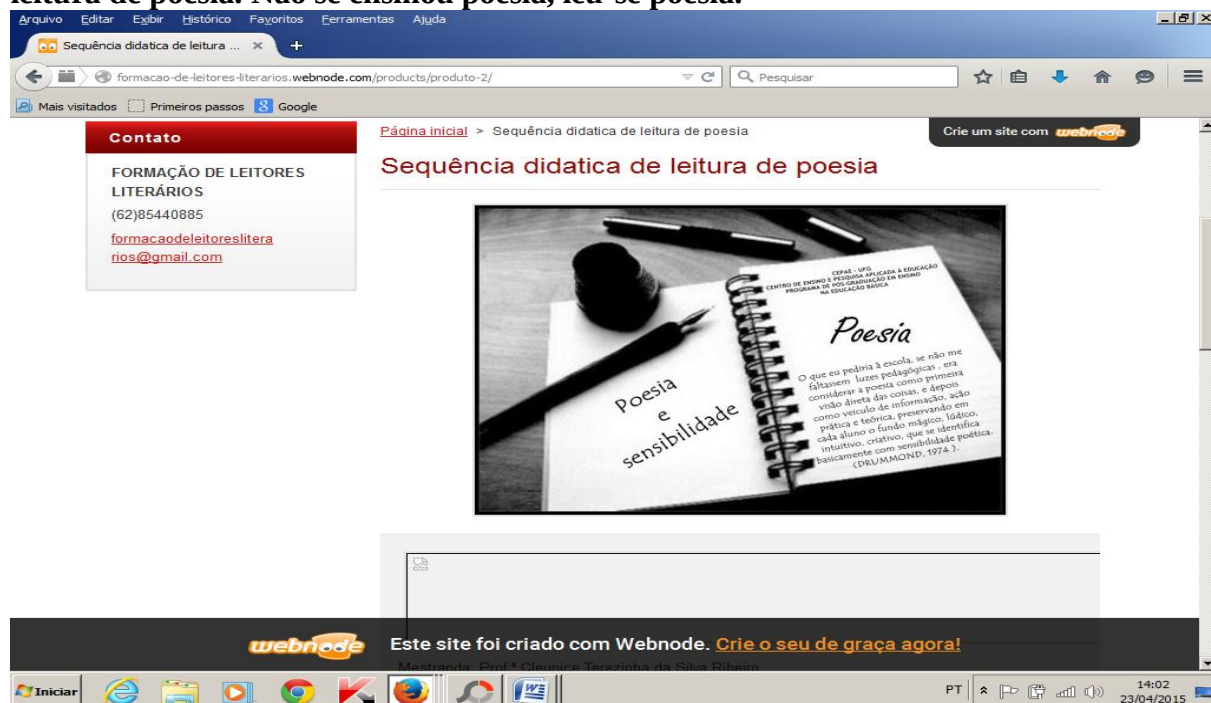
Para visitar a página, clique: <http://formacao-de-leitores-literarios.webnode.com/products/ideias-criativas-para-leituras-que-vao-alem-dos-livros/>

Painel da afetividade com bilhetes de alunos a colegas, professores, equipe gestora e outros. O aluno escreve o bilhete citando o poema lido e dizendo o porquê de ofertar tal poema à pessoa.





Sequência didática de leitura de poesia servirá para mediadores de leitura e professores. Nela há o passo a passo de toda uma experiência em sala de aula com a leitura de poesia. Não se ensinou poesia, leu-se poesia.



Sequência didática de leitura ... x

formacao-de-leitores-literarios.webnode.com/products/produto-2/ Pesquisar

Mais visitados Primeiros passos Google

- Situar os poetas: Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Paulo
- Paulo Paes em seus contextos literários;
- Análise de poesias de Carlos Drummond de Andrade, de Manuel Bandeira, de Paulo Leminski e de José Paulo Paes;
- Aplicar o primeiro questionário aos alunos, cujas perguntas se conformam com os objetivos desta investigação;
- Aplicar aos alunos da 1ª série "D" atividades de análise crítica de alguns poemas como forma de verificar se a poesia contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e como isso ocorre.
- Problematizar o ensino de literatura na escola e a leitura de poesia na sala de aula;
- Contribuir com a formação humana e crítica do aluno de Ensino Médio;
- Motivar a leitura e a interpretação de textos poéticos como fundamentos de compreensão de mundo e construção de conhecimento e da cidadania.
- Possibilitar a vivência de emoções, o exercício da fantasia, da imaginação e da criticidade;
- Proporcionar ao indivíduo, por meio da leitura, a oportunidade de alargamento dos horizontes pessoais e culturais, garantindo a sua formação crítica e emancipadora;
- Produzir um segundo memorial, depois de desenvolvido o trabalho, para verificar se a visão dos alunos sobre poesia permaneceu inalterada ou se houve mudança;
- Aplicar o segundo questionário para obter informações precisas acerca do estudo realizado;
- Produzir um site pedagógico para que ele seja utilizado por professores da Educação Básica como forma de apresentação de um produto final;
- Realizar o lançamento do site com presença de pais, alunos e da comunidade escolar após o trabalho realizado.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- Utilizar livros de poesias, bem como poemas impressos, vídeos, músicas e DVDs relacionados ao poema lido em sala;
- Ler poemas com os alunos utilizando o projetor multimídia;
- Exibir DVDs com poemas encenados;
- Espalhar banners pelos corredores da escola com poemas lidos em sala;
- Produzir com os alunos cadernos com coletâneas de poemas dos autores lidos;
- Confeccionar pequenos elementos criativos que acojam poemas para serem lidos, como: quadros, enfeites de paredes, diários, objetos de madeiras, sacolas poéticas e outros.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- Utilizar livros de poesias, bem como poemas impressos, vídeos, músicas e DVDs relacionados ao poema lido em sala;
- Ler poemas com os alunos utilizando o projetor multimídia;
- Exibir DVDs com poemas encenados;
- Espalhar banners pelos corredores da escola com poemas lidos em sala;
- Produzir com os alunos cadernos com coletâneas de poemas dos autores lidos;
- Confeccionar pequenos elementos criativos que acojam poemas para serem lidos, como: tubos, caixas, cadernetas, baús, cadernos personalizados, bilhetes poéticos, pilulas poéticas, quadros, enfeites de paredes, diários, objetos de madeiras, sacolas poéticas e outros.

AVALIAÇÃO

- Reuniões periódicas para acompanhamento, avaliação e planejamento de estratégias que visem o bom andamento do projeto. Tal avaliação abrangerá aplicação de questionários para percepção das mudanças ocorridas e as necessidades de ajustes.

Crie um site com **webnode**

Este site foi criado com Webnode. **Crie o seu de graça agora!**

www.webnode.com.br/?utm_source=bar&utm_medium=footer&utm_content=pt-br-web-&utm_campaign=signature

PT 14:03 23/04/2015

Curir 0 Tweet 0 +1 0 Share

Voltar

webnode Este site foi criado com Webnode. **Crie o seu de graça agora!**

PT 14:04 23/04/2015

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

Sequência didática de leitura ... X +

formacao-de-leitores-literarios.webnode.com/products/produto-2/ Pesquisar

SEQUÊNCIA DIDÁTICA (Início)

1- Compartilhamento da proposta de trabalho com os alunos

PRIMEIRA AULA (DIA 29/04/2014) = 2 AULAS

Inicialmente, apresentar a proposta de trabalho explícita no Projeto: CONTRIBUIÇÃO DA LEITURA DE POESIA PARA A FORMAÇÃO HUMANA E CRÍTICA DO ALUNO NO ENSINO MÉDIO

Explicação do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido)

Distribuição de cópia para cada aluno levar para que os responsáveis assinem o TCLE.

Leitura do poema " CONVITE ", de José Paulo Paes, sem mencionar que é um poema ;

Questionamentos acerca do poema e do que ele significa;

Refletir sobre o aspecto formal do poema; Falar da diferença entre POEMA e POESIA, segundo Octávio Paz em "O Arco e a Lira". Tradução de Olga Savary. Ed. Nova Fronteira, RJ, 1982. (Coleção Logos)

Poesia – É a linguagem que comove, encanta e desperta sentimentos, confere ao texto (seja ele em versos ou prosa) harmonia e beleza. Segundo Octávio Paz(1982),é a arte de criar com palavras, está presente no poema. É exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero. Oração, litania, epifania, presença. Exorcismo, conjuro, magia.

webnode Este site foi criado com Webnode. [Crie o seu de graça agora!](#)

Poesia – Obra literária apresentada em versos, caracterizada pela criatividade e emprego de figuras de linguagem. É a obra que se faz com a poesia e na qual há a presença do eu lírico. Paz(1982) que " poema é via de acesso ao tempo puro, imersão nas águas originais da existência. A poesia não é nada senão tempo, ritmo perpetuamente criador."

Questionar que tipo de texto é, qual o gênero desse poema CONVITE, de José Paulo Paes. Ouvir todas as respostas e conhecimentos prévios dos alunos. Citar que o poema em questão concebe e encara a poesia como um brinquedo. Esse brinquedo distrai e dá prazer, portanto, a poesia é como algo inusitado e é preciso sempre olhá-la como algo novo diante de nós. O próprio José Paulo Paes diz ter aprendido com Drummond e Bandeira que a poesia é revelação. É como ver as coisas do mundo pela primeira vez e de forma essencial. E o essencial, para ele, é brincar com o sentido das palavras.

Expor um breve histórico da biografia de José Paulo Paes.

POEMA: CONVITE

Poesia
é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.

Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.

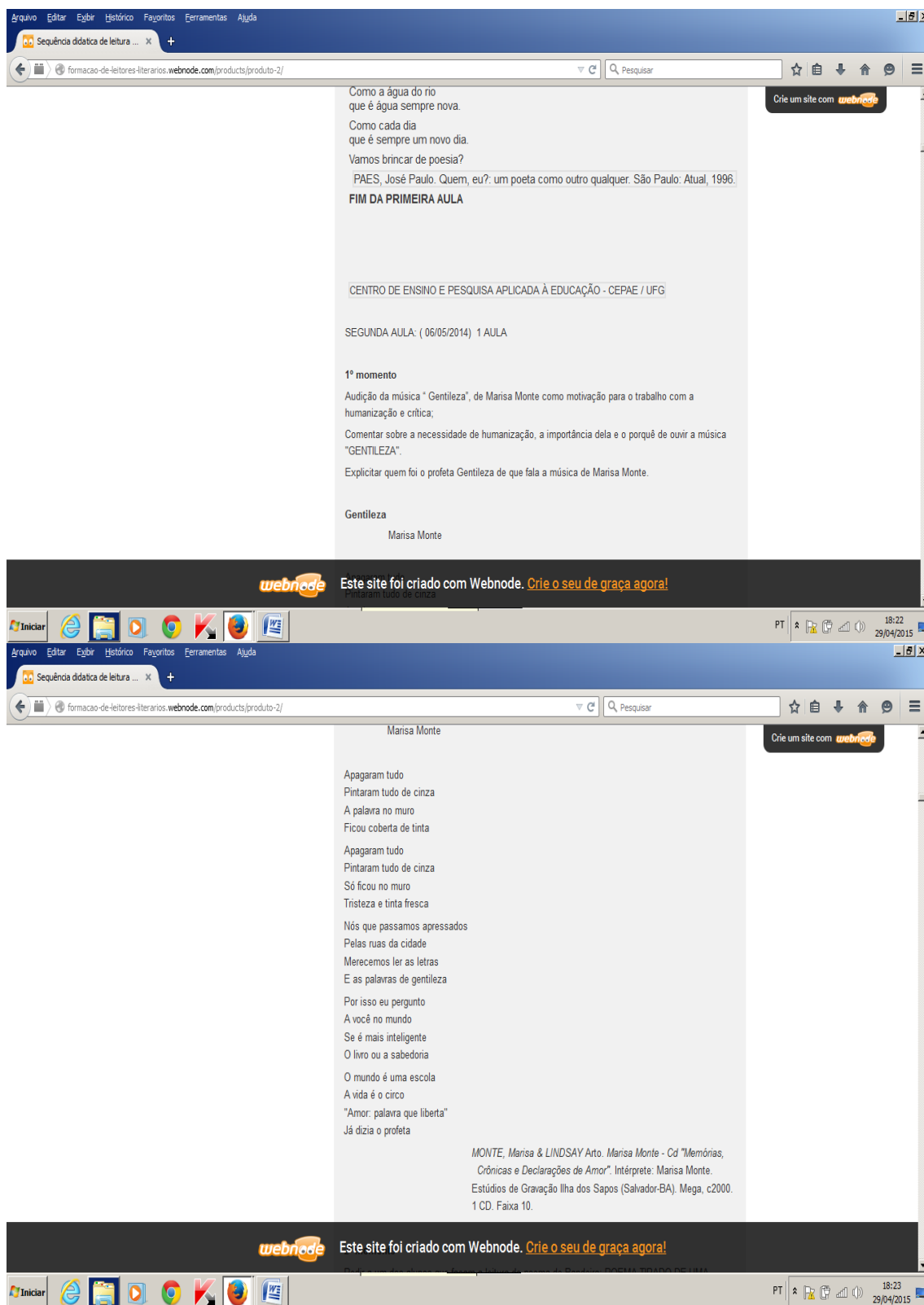
As palavras não:
quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.

webnode Este site foi criado com Webnode. [Crie o seu de graça agora!](#)

www.webnode.com.br/?utm_source=bar&utm_medium=footer&utm_content=pt-br-web-&utm_campaign=signature

PT 18:20 29/04/2015

PT 18:21 29/04/2015



Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

Sequência didática de leitura ... X +

formacao-de-leitores-literarios.webnode.com/products/produto-2/ Pesquisar

Crie um site com **webnode**

2º momento

Pedir a um dos alunos que façam a leitura do poema de Bandeira: POEMA TIRADO DE UMA NOTÍCIA DE JORNAL;

Fazer breve histórico da biografia de Manuel Bandeira.

Realizar questionamentos acerca da poesia lida e analisar com eles os aspectos: formal, semântico e linguístico do poema.

POEMA TIRADO DE UMA NOTÍCIA DE JORNAL

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro
[da Babilônia num barracão sem número.

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

BANDEIRA, Manuel. Obras completas. V. I e II. Rio de Janeiro, 1958.

3º momento

Ver o conhecimento prévio dos alunos acerca do poema de Bandeira.

Questionar os alunos: Gênero do texto NARRATIVO POÉTICO; 3ª pessoa; falta de identidade do personagem; construção do primeiro verso (forma e figura de linguagem: alteração do R);

Este site foi criado com Webnode. [Crie o seu de graça agora!](#)

Formação de leitores literários

webnode

PT 18:24 29/04/2015

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

Sequência didática de leitura ... X +

formacao-de-leitores-literarios.webnode.com/products/produto-2/ Pesquisar

Crie um site com **webnode**

Fazer um paralelo entre as características da notícia de jornal em comparação como poema de Bandeira.

Indagar acerca do nome das coisas e falta de nome do personagem: nome do morro, do bar, da lagoa;

Incitar a leitura de um contraste entre o alto do morro e pobreza e o baixo da lagoa e riqueza.

Tarefa

Acessar a biblioteca da escola e escolher um poema de Manuel Bandeira ou de Drummond do qual tenha gostado e copiar em seu caderno. Não se esqueça de copiar também o título do poema e a bibliografia.

FIM DA SEGUNDA AULA

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO - CEPAE / UFG

TERCEIRA AULA: (DIA 13/05/2014) 1 AULA

Fazer uma rápida revisão das duas primeiras aulas;

Expor sobre gêneros literários que é tema recorrente nos programas de Língua Portuguesa do 1º ano do Ensino Médio. Estudo do gênero lírico por meio do poema "E agora, José?", de Carlos Drummond de Andrade:

José
E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, José?

webnode

Este site foi criado com Webnode. [Crie o seu de graça agora!](#)

PT 18:25 29/04/2015

Sequência didática de leitura ... X +

formacao-de-leitores-literarios.webnode.com/products/produto-2/ Pesquisar

Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja do galope,
você marcha, José!
José, para onde?

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Antologia Poética* – 12ª edição – Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, ps. 10, 11 e 12.

Visualizar o vídeo sobre o poema E AGORA, JOSÉ? (Disponível em> <https://www.youtube.com/watch?v=ZMzNlbf7wE>)

Dividir a turma em seis grupos e pedir que cada grupo leia, discuta, analise as impressões sobre o poema JOSÉ e faça uma leitura crítica do poema.

FIM DA TERCEIRA AULA

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO - CEPAE / UFG

QUARTA AULA: DIA 22/05/2014 = 1 aula

Fazer uma revisão da aula anterior e relembrar o poema "José", de Drummond;

Aplicação do primeiro questionário (TRANSCRITO ABAIXO) aos alunos tendo em vista apenas o estudo de alguns poemas, durante a realização do projeto.

webnode Este site foi criado com Webnode. [Crie o seu de graça agora!](#)

webnode Este site foi criado com Webnode. [Crie o seu de graça agora!](#)

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO - CEPAE / UFG

Mestranda: Prof.ª Cleunice Terezinha da Silva Ribeiro / Orientadora: Prof.ª Dr.ª Célia S. Silva

Colégio Estadual Dom Abel – SPL / Turma: 1ª Série D – Turno Noturno – Ensino Médio

Professora titular da turma: _____

Nome: _____

Primeiro questionário para análise de dados

Caro (a) aluno (a),

Leia as questões a seguir, depois responda cada uma delas de acordo com a sua história de leitura até o presente momento.

1) De que tipo de leitura você mais gosta?

2) Qual a utilidade da leitura da literatura na sua vida diária?

3) Para você, o aluno deveria ser consultado pelo professor sobre assuntos de seu interesse sobre o que gostaria de ler antes de começar a estudar literatura? Por quê?

4) Na primeira série do Ensino Médio, o livro didático apresenta, em cada unidade, um poema referente ao conteúdo a ser explorado. Você aprecia tais poemas?

5) Com que frequência você lê poesia em sala de aula? Explique.

6) A quais versos você não conseguiu compreender o poema?

A sequência didática continua até a 33ª aula.

(ACESSAR: <http://formacao-de-leitoresliterarios.webnode.com/products/produto-2/>)

Paulo Leminski (Booktrailer de Toda poesia).mp4 (6612442)

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

VÍDEOS :: LEITOR, SEJA BEM... x +

formacao-de-leitores-literarios.webnode.com/blog/

Pesquisar

gênero?

ROMANCE (0)

POESIA (1)

HISTÓRIA EM QUADRINHOS (0)

TEXTOS JORNALÍSTICOS (0)

CRÔNICA (0)

CONTO (0)

Total de votos: 1

ENQUETE

Você é professor mediador?

SIM (1)

NÃO (0)

Total de votos: 1

O mundo é grande - Drummond - FlipZona

Este site foi criado com Webnode. [Crie um grátis para você também!](#)

19:15 14/07/2015

POEMA EM VÍDEO DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
O mundo grande - Drummond - FlipZona.mp4 (4,9 MB)

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

VÍDEOS :: LEITOR, SEJA BEM... x +

formacao-de-leitores-literarios.webnode.com/blog/

Pesquisar

Mapa

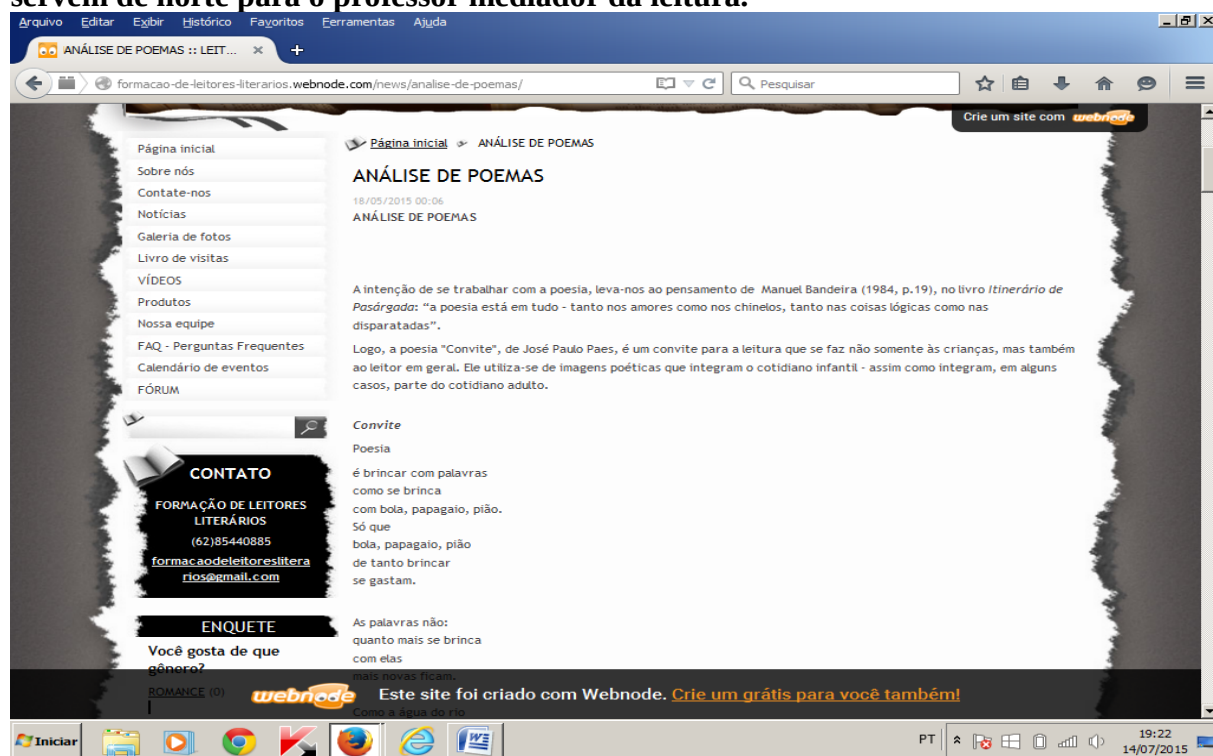
CHACALDAS R. D. D. Dados cartográficos ©2

Arnaldo Antunes lê Paulo Leminski (Booktrailer de "Toda poesi...

Este site foi criado com Webnode. [Crie um grátis para você também!](#)

19:17 14/07/2015

A seção **ANÁLISE DE POEMAS** contempla a leitura e análise de alguns poemas que servem de norte para o professor mediador da leitura.



Para acessar as análises na íntegra, o acesso é pelo endereço:

<http://formacao-de-leitores-literarios.webnode.com/faq-perguntas-frequentes/analise-de-poemas/>



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética – 12a edição - Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, p. 108 e 109.*

_____. *Antologia Poética*. 56ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

_____. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. *Sentimento do Mundo*. Rio de Janeiro, Record, 2000. 1ª Edição 1940.

BANDEIRA, Manuel. *Obras completas*. V. I e II. Rio de Janeiro, 1958.

_____. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: *Ensino Médio –Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

LEMINSKI, Paulo. *Caprichos & relaxos*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *Distraídos venceremos*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *Toda poesia*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MONTE, Marisa & LINDSAY Arto. *Marisa Monte - Cd "Memórias, Crônicas e Declarações de Amor"*. Intérprete: Marisa Monte. Estúdios de Gravação Ilha dos Sapos (Salvador-BA). Mega, c2000. 1 CD. Faixa 10.

PAES, José Paulo. *Poemas para brincar*. 12ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *Poesia completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Prosas seguidas de Odes mínimas*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2002.

PAZ, Octávio. *O arco e a Lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.